O CONDENADO

Bernard Cornwell

autor das trilogias AS CRÔNICAS DE ARTUR e A BUSCA DO GRAAL



RedHood Comics

RECORD

"... TODO ESCRITOR AMBICIONA DESCOBRIR A FÓRMULA DO INGLÊS BERNARD CORNWELL" — Época

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



- CAPA
- ROSTO
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 01
- CAPÍTULO 02
- CAPÍTULO 03
- CAPÍTULO 04
- CAPÍTULO 05
- CAPÍTULO 06
- CAPÍTULO 07
- NOTA HISTÓRICA

Conversão e Formatação
https://www.facebook.com/juliocwmaciel

O C O N D E N A D O

BERNARD CORNWELL

{Título desta tradução portuguesa: Pena Capital}

tradução

Margarida Viegas

PRÓLOGO

SIR HENRY FORREST, banqueiro e vereador do município de Londres, quase sentiu o estômago chegar-lhe à boca ao entrar no Press Yard, devido ao horrível fedor, pior do que o das emanações fétidas dos esgotos que confluíam em Fleet Ditch para lançar o seu conteúdo no Tamisa. Era um fedor das profundas dos infernos, que tresandava a ponto de fazer arder os olhos e cortar o fôlego a uma pessoa, levando sir Henry a recuar involuntariamente e a tapar o nariz com o lenço, contendo a respiração por receio de desatar a vomitar.

O guia de sir Henry soltou uma risada.

– Já nem reparo no cheiro, senhor – disse –, mas suponho que deve ser a modos que mau como a morte, mesmo mau como a morte. Cuidado com estes degraus, senhor, tenha cuidado.

Afastando cautelosamente o lenço do nariz, sir Henry teve de fazer um esforço para falar.

– Porque é que chamam a isto Press Yard?

– Em tempos que já lá vão, senhor, era aqui que se prensavam os prisioneiros. A gente amassava-os, meu senhor. Esmagávamo-os com pedras bem pesadas, senhor, para convencê-los a dizer a verdade.

Hoje em dia já não fazemos isso, o que é pena, porque assim teimam em mentir como miseráveis indianos, senhor, como capachos da índia. O guia, que era um dos guardas da prisão, um homem gordo vestido com bragas de cabedal e um gibão enodoado, e munido de um sólido cacete, riu-se.

– Não há aqui um único homem ou mulher culpados, senhor, na, se o senhor lhes for perguntar!

Sir Henry aplicava-se a manter um ritmo de respiração lento, a fim de evitar a inalação dos insalubres miasmas da imundície, suor e podridão.

– Existe alguma espécie de instalações sanitárias neste lugar?

- perguntou.

- Muito modernas, sir Henry, muito modernas. Fossas sanitárias do melhor em Newgate, meu senhor. Estragamos-os com mimos, palavra de honra, mas não passam de bestas imundas, senhor, autênticas bestas. Emporcalham o seu próprio ninho, é isso que fazem, emporcalham o seu próprio ninho.

Depois de fechar e aferrolhar o portão gradeado por onde tinham acedido ao pátio, o guarda elucidou:

- Os prisioneiros circulam em liberdade no Press Yard entre o nascer e o pôr do Sol, excepto nos feriados e em dias especiais como o de hoje, senhor. - Acompanhou estas palavras com um sorriso significativo, para dar a entender a sir Henry que se tratava de uma piada. - Vão ter de aguardar até o assunto ficar resolvido, e, entretanto, se tiver a bondade de dirigir-se para o seu lado esquerdo, senhor, poderá juntar-se a Mr. Brown e aos demais cavalheiros na Sala de Reuniões.

- A Sala de Reuniões? - indagou.

- É onde os prisioneiros se reúnem entre o nascer e o pôr do Sol, meu senhor - explicou o guarda -, excepto em dias feriados ou especiais como o de hoje, e, se o senhor se dignar olhar para a sua esquerda, aquelas janelas que ali vê são as das salgadeiras.

No fundo do pátio, muito estreito e comprido, sir Henry avistou quinze janelas gradeadas:

pequenas, sombrias, sobrepostas em três pisos, rasgadas nas paredes das celas a que chamavam "salgadeiras". Embora não tivesse a menor ideia da origem de tal designação, nem vontade alguma de interrogar o guarda a esse respeito, não fosse o homem irromper de novo em sarcasmos grosseiros, sir Henry sabia que as quinze "salgadeiras" eram também conhecidas por "salas de visita do diabo" e "antecâmaras do inferno". Eram as celas dos condenados à morte em Newgate. Um desses infelizes, cujos olhos não passavam de vagos pontos brilhantes por detrás das espessas grades, retribuiu o olhar de sir Henry, que se apressou a voltar costas enquanto o guarda tratava de empurrar a pesada porta da Sala de Reuniões.

– Muito obrigado ao senhor, sir Henry, muito, muito obrigado – agradeceu, curvando-se e levando a mão à testa, quando sir Henry lhe entregou um xelim em paga dos seus préstimos como guia pelos labirínticos corredores da prisão.

Sir Henry fez a sua entrada na Sala de Reuniões, onde foi acolhido pelo director da prisão, William Brown, uma criatura de aspecto lúgubre, careca e com uma queixada forte. A seu lado, com um sorriso melífluo, postava-se um robusto sacerdote, envergando uma peruca antiquada, uma sotaina e uma sobrepeliz bastante suja, ornada com bandas de Genebra. – Permita-me que vos apresente o nosso ordinário, o reverendo doutor Horace Cotton – disse o director da prisão. – Sir Henry Forrest.

Sir Henry tirou o chapéu.

– Um vosso servidor, doutor Cotton.

– Às vossas ordens, sir Henry – replicou untuosamente o reverendo, fazendo uma vénia profunda.

Uma peruca à moda antiga, formada por três rolos de velo branco, emoldurava-lhe o rosto pálido.

Tinha um furúnculo purulento na face esquerda, e, como defesa contra o fedor da prisão, usava ao pescoço um pequeno ramalhete odorífero, emergindo das bandas de Genebra.

– Sir Henry encontra-se aqui em missão oficial – explicou o director ao capelão.

– Ah! – exclamou o doutor Cotton, abrindo muito os olhos em sinal de admiração pelas delícias da tarefa que aguardava sir Henry. – E trata-se da vossa primeira visita deste género?

– A primeira, de facto – concedeu sir Henry.

– Estou convicto de que a achareis muito edificante, sir Henry – afirmou o capelão.

– Edificante! – O termo soou aos ouvidos de sir Henry como pouco apropriado.

– Muitas almas têm sido conquistadas para Cristo por este processo assegurou com firmeza o doutor Cotton –

indubitavelmente conquistadas para Cristo! - Sorriu, curvando-se em seguida numa vénia cerimoniosa, enquanto o director da prisão se afastava, conduzindo sir Henry ao encontro dos outros seis visitantes ali reunidos para degustar o tradicional pequeno-almoço de Newgate. O último elemento do grupo chamava-se Matthew Logan e dispensava apresentações, uma vez que ele e sir Henry eram amigos de longa data e ambos vereadores da cidade de Londres, sendo, nessa qualidade, considerados como convidados de honra, atendendo a que o conselho municipal superintendia oficialmente à prisão de Newgate. O director e o capelão, cujos ordenados eram estabelecidos pelo conselho municipal, apressaram-se a servir café aos dois cavalheiros, que porém declinaram a Oferta, preferindo Logan dar o braço a sir Henry e encaminhar-se com ele para junto da lareira, onde poderiam falar a bom recato, diante dos tições incandescentes e das cinzas fumarentas.

– Tens a certeza de que queres levar isto até ao fim? - perguntou solicitamente Logan ao amigo. - Estás pálido como a morte.

Sir Henry era um homem bem-parecido, alto, esbelto e aprumado, com uma expressão de inteligência e enfado estampada no rosto. Banqueiro rico e respeitado. A sua cabeleira prematuramente prateada - cumprira há poucos dias o seu quinquagésimo aniversário - conferia-lhe uma aparência distinta; porém, naquele momento, postado em frente da lareira da Sala de Reuniões dos presos, parecia um homem envelhecido, frágil, emaciado e doente.

– É o efeito da hora matutina, Logan - desculpou-se -, nunca estou no meu melhor ao romper do dia.

– Claro - ripostou Logan, fingindo acreditar na explicação do amigo -, mas nem toda a gente tem ânimo para suportar esta experiência, embora deva dizer que o pequeno-almoço que se lhe segue é excelente. Rins à diabo. Já vou na minha décima ou décima primeira visita, e nunca tive razões de queixa do pequeno-almoço. Como passa Lady Forrest?

– A Florence está bem, obrigado.

– E a tua filha?

– A Eleanor há-de certamente sobreviver às suas atribulações – respondeu secamente sir Henry. – Que se saiba, nunca ninguém morreu de males de amor.

– Excepto na versão dos poetas...

– Que se danem os poetas, Logan – redarguiu sir Henry, com um sorriso. Estendeu as mãos na direcção da lareira que, quase apagada, aguardava que lhe reanimassem o fogo. Os prisioneiros tinham deixado os seus potes e panelas empilhados de ambos os lados, e, entre as cinzas, distinguiase um montão de cascas de batata, enegrecidas e encarquilhadas.

– Pobre Eleanor – prosseguiu sir Henry –, se dependesse só de mim, deixava-a casar-se à sua vontade, mas a Florence nem quer ouvir falar de tal, e suponho que tem razão.

– As mães costumam ser mais entendidas nesses assuntos – comentou Logan num tom animador, e, nesse momento, o surdo rumor das conversas que decorriam na sala cessou abruptamente, e todas as atenções se voltaram para uma porta gradeada que se abrira de rompante, com uma estridente chiadeira. Durante o curto intervalo entre duas batidas de coração, ninguém surgiu na soleira, e toda a assistência pareceu conter a respiração; mas, logo de seguida, antecedido pelo som de uma respiração ofegante, materializou-se à vista um homem, carregando um sólido saco de couro. Nada na sua aparência justificava o arquejo que precedera a sua aparição. Tratava-se de pessoa corpulenta, de face avermelhada, envergando perneiras castanhas, calções pretos e uma casaca igualmente preta, abotoada de alto a baixo, que lhe comprimia excessivamente o estômago protuberante. Ao deparar-se com a ilustre assembleia ali reunida, tirou da cabeça o seu surrado chapéu castanho, mas não cumprimentou ninguém, e também nenhum dos presentes na Sala de Reuniões manifestou qualquer sinal de reconhecimento da sua chegada.

– Aquele ali – sussurrou Logan ao ouvido de sir Henry – é Mr. James Botting, mais conhecido por Jemmy.

– O peticionário? – inquiriu brandamente sir Henry.

– Em pessoa.

Sir Henry conteve um arrepio e tratou de recordar a si próprio que as pessoas não devem ser julgadas pela sua aparência exterior, embora fosse difícil deixar de reprovar uma fealdade tão excessiva como a de James Botting, cujo rosto, desfigurado por verrugas, quistos e cicatrizes, fazia lembrar uma posta de carne crua. Da sua vasta calva pendia uma coroa de fiapos de cabelo acastanhado que lhe tombavam sobre o colarinho puído, e, a intervalos de poucos segundos, as feições contraíam-se-lhe num esgar nervoso que deixava à mostra uma dentadura amarelada e gengivas podres. Com o seu enorme par de mãos, afastou um banco de uma mesa, para cima da qual arremessou a sua mala de couro. Desafivelou os fechos da mala e, consciente dos olhares dos silenciosos visitantes pousados na sua pessoa, extraiu dele oito novelos de fina corda branca, que desenrolou meticulosamente sobre a mesa, formando linhas rectas equidistantes umas das outras.

Em seguida, com ares de prestidigitador, retirou do saco quatro sacos de algodão branco, com cerca de um pé quadrado cada um, que dispôs junto das fieiras de corda. Por fim, após lançar um olhar em redor para certificar-se de que continuava a ser observado, exibiu quatro grossas cordas feitas de cânhamo entrançado, cada qual com cerca de dez ou doze pés de comprimento, que apresentavam numa das extremidades um nó escorregadio, e na outra um gancho bem preso. James Botting colocou as cordas sobre a mesa e recuou um passo.

– Bom-dia, meus senhores – cumprimentou bruscamente.

– Oh, Botting! – respondeu William Brown, o director da prisão, num tom que dava a entender que só naquele momento reparara na presença de Botting. – Uma boa manhã também para si.

– Por sinal que bem agradável, senhor – replicou Botting. – Receei que fosse chover, tanto me doíam as articulações dos cotovelos, mas afinal não há uma única nuvem no céu. Continuamos só com os quatro clientes previstos, senhor?

– Apenas esses quatro, Botting.

– Atraíram uma boa multidão, senhor, lá isso conseguiram, uma

boa multidão.

– Óptimo, excelente – disse o director distraidamente, para logo retomar a conversa com um dos seus convidados do pequeno-almoço.

Sir Henry voltou-se para o seu amigo Logan:

– O Botting sabe o motivo por que nos encontramos aqui?

– Espero bem que não. – Logan, banqueiro tal como sir Henry, esboçou uma careta. – Se soubesse, era capaz de estragar tudo.

– Estragar tudo, como?

– Que melhor do que a sua ignorância para provarmos que precisa de um assistente? – elucidou Logan, sorrindo.

– Recorda-me de quanto lhe pagamos.

– Dez xelins e seis pence por semana, para além dos emolumentos. A mão milagrosa, claro, mas também as roupas e as cordas.

– Emolumentos? – indagou sir Henry, perplexo. Logan tornou a sorrir.

– Assistimos ao decurso da operação até determinada altura, sir Henry, mas depois retiramo-nos para consumir os nossos rins à diabo, e, mal desaparecemos de vista, Mr. Botting convida o povo a vir tocar na mão do falecido. É crença comum que semelhante prática serve para curar tumores, e, tanto quanto sei, ele cobra um xelim e seis pence por cada tratamento. Quanto às roupas dos condenados e às cordas: bem, as roupas vende-as a madame Tussaud, ou, caso ela não esteja interessada, como recordações preciosas; as cordas, corta-as aos bocados que vai apregoando pelas ruas. Acredita em mim, Mr. Botting não sofre de penúria. Já muitas vezes pensei que deveríamos leiloar a função de carrasco pelo lance mais alto, em vez de pagarmos um salário a esses vilões.

Sir Henry virou-se para mirar o escalavrado rosto de Botting.

– No entanto, parece que a mão milagrosa não tem servido de muito ao próprio carrasco, pois não?

– O homem não é propriamente um espectáculo agradável à vista concordou Logan com um sorriso.

E depois, erguendo a mão: – Estás a ouvir?

De facto, um grande clamor chegava aos ouvidos de sir Henry. Entretanto, a sala tornara a mergulhar no silêncio, e ele sentiu-se trespassado por um arrepio de horror. Simultaneamente, desprezou-se a si próprio pela vanidade que o levara a comparecer àquele pequeno-almoço, e sobressaltou-se quando, de repente, a porta que dava para o Press Yard se escancarou.

Um novo guarda penetrou na sala. Após fazer uma espécie de continência ao director, postou-se ao pé de um pequeno estrado de madeira colocado no chão. Empunhava um portentoso martelo, cuja função intrigava sir Henry, que não tinha porém vontade alguma de fazer perguntas; e, logo de seguida, os convidados que se encontravam mais perto da porta desataram a tirar os chapéus perante a aparição do delegado da Coroa e do delegado-adjunto, que surgiram na entrada, conduzindo um cortejo de prisioneiros para a Sala de Reuniões. Tratava-se de três homens e de uma jovem. Esta, ainda mal saída da adolescência, estava pálida e com as feições contraídas de aflição e medo.

– Brandy, meus senhores? – ofereceu um dos subordinados do director, dirigindo-se a Matthew Logan e a sir Henry.

– Obrigado – disse Logan, pegando em dois cálices e estendendo um deles a sir Henry. – É um péssimo brandy – informou num sussurro –, mas uma boa medida de precaução. Ajuda a acalmar as entranhas, entendes?

De súbito, o sino da prisão começou a tocar. Ao som das badaladas, a rapariga estremeceu. Em seguida, o guarda mandou-a assentar um pé sobre a bigorna de madeira, a fim de poder cortar-lhe as correntes que lhe algemavam as pernas. Sir Henry, que há muito se abstraíra do fedor do cárcere, sorveu um golo de brandy e receou não conseguir aguentá-lo no estômago. Experimentou uma espécie de tontura e um sentimento de irrealidade. Quando o guarda desfez, à martelada, os elos da primeira algema, sir Henry pôde observar que o tornozelo da rapariga ostentava um debrum de chagas.

– O outro pé, rapariga – exigiu o guarda.

O sino continuava a badalar, e não pararia até os quatro corpos ficarem despedaçados. Sir Henry apercebia-se do tremor das suas mãos.

– Ouvi dizer que, na semana passada, estavam a pagar sessenta e três xelins por alqueire de trigo em Norwich – disse, em voz exageradamente alta.

Logan não despegava os olhos da trémula rapariga.

– Roubou o colar da patroa.

– Ah sim?

– Um colar de pérolas. Deve tê-las vendido uma a uma, porque o colar nunca foi encontrado. O fulano que se lhe segue na fila é um salteador de estradas. Pena que não seja o Hood, não achas?

Bem, mais dia, menos dia, ainda haveremos de ver o Hood a balançar na forca. Os outros dois assassinaram um merceeiro em Southwark. Com que então, sessenta e três o alqueire? Até admira que as pessoas continuem a comer.

A rapariga, movendo-se desajeitadamente, por se ter desabituado de caminhar sem correntes nas pernas, afastou-se da bigorna improvisada, arrastando os pés. Começou a chorar, e sir Henry voltoulhe costas.

– Com que então, rins à diabo?

– O director serve sempre rins à diabo nos dias de enforcamento esclareceu Logan –, é já uma tradição.

O martelo quebrou as correntes das pernas do salteador, o sino voltou a badalar, e James Botting intimou a moça a aproximar-se.

– Mantém-te sossegada, rapariga. Se quiseres, bebe aquilo. Bebe o que quiseres – disse-lhe, apontando para um jarro cheio de brandy colocado sobre a mesa, ao lado dos novelos de cordel meticulosamente dispostos. A rapariga entornou parte do conteúdo, devido ao tremor das mãos, mas engoliu o resto de um trago e depois deixou escapar a caneca de estanho, que ribombou contra

as lajes do chão. Começou a pedir desculpa pelo descuido, mas Botting interrompeu-a. - Braços para baixo, rapariga - ordenou-lhe - braços colados ao corpo.

– Nunca roubei nada! - gemeu ela.

– Calma, minha filha, calma. - O reverendo Cotton viera ter com ela e pousara-lhe uma mão sobre o ombro. - Deus é o nosso refúgio e a nossa força, jovem, e deves entregar-te a ele com toda a tua fé - recomendou, afagando-lhe o ombro. Ela envergava um vestido de algodão azul pálido com um decote descaído, e os dedos do sacerdote comprimiam e acariciavam a pele branca deixada à mostra. - O Senhor está sempre presente para acudir-nos nas horas de aflição - prosseguiu o sacerdote, imprimindo-lhe, com a pressão dos dedos, marcas rosadas na brancura da pele -, e servirte- á de consolo e guia. Arrependes-te dos teus infames pecados, minha filha?

– Não roubei nada!

Sir Henry forçou-se a respirar fundo.

– Sempre te livraste daqueles títulos de dívida brasileiros? - perguntou a Logan.

– Passei-os à firma dos Drummond - confirmou Logan -, estou-te tão grato pelo aviso, Henry, infinitamente grato.

– É à Eleanor que deves agradecer - afirmou sir Henry -, foi ela que reparou numa notícia publicada num jornal de Paris, e que dela extraiu as devidas conclusões. Tenho uma filha muito inteligente.

– Que pena aquele namoro - deplorou Logan, de olhos fitos na rapariga condenada, que gritava a plenos pulmões enquanto Botting lhe amarrava os cotovelos atrás das costas com um pedaço de corda, num laço tão apertado que a dor mal a deixava respirar. Botting reagiu aos seus gritos com um sorriso maldoso, e apertou ainda mais a corda. Em consequência, a moça dobrou-se para a frente, projectando os seios contra o frágil tecido do seu pobre vestido. O reverendo Cotton debruçou-se sobre ela, soprando-lhe o bafo morno contra a face.

– Deves arrepender-te, filha, deves mesmo arrepender-te.

– Não fiz aquilo! – protestou ela, arquejando, com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto contraído de dor.

– Mãos para cima, rapariga! – intimou Botting. Quando, penosamente, ela ergueu as mãos, ele pegou-lhe num dos pulsos e enrolou-lhe em volta um outro pedaço de corda, que em seguida atou ao outro pulso. Agora ela estava com os cotovelos amarrados atrás das costas, e os pulsos atados pela frente.

Mas Botting tinha-lhe amarrado tão firmemente os cotovelos, que, naquela posição, e por mais que esticasse a corda, não conseguiu unir-lhe os pulsos, tendo por conseguinte de contentar-se com mantê-los ligados.

– Está a magoar-me! – gemeu ela.

– Então, Botting? – interveio o director.

– Não faz parte das minhas funções amarrá-la – rosnou Botting. No entanto, abrandou ligeiramente a pressão da corda que esmagava os pulsos da rapariga, que se desfez em mudos e patéticos acenos de gratidão.

– Era capaz de ser bem bonitinha – comentou Logan –, depois de levar um bom banho.

Sir Henry estava muito entretido a contar as panelas empilhadas junto da lareira. Nada daquilo lhe parecia real. Deus me acuda – pensou –, que Deus me acuda.

– Jemmy! – O salteador, com as pernas já soltas das correntes, interpelava o carrasco com um sorriso escarninho.

– Chega aqui, rapaz – ripostou Botting, ignorando o à-vontade do outro. – Bebe isto, e depois encosta os braços ao corpo.

O ladrão depositou uma moeda sobre a mesa, ao lado do jarro de brandy.

– Para ti, Jemmy.

– És um bom rapaz – disse o carrasco, em tom suave. A moeda destinava-se a assegurar que os braços do salteador não seriam atados num laço excessivamente apertado, e que Botting se aplicaria a infligir-lhe uma morte tão rápida quanto possível.

– A Eleanor garante-me que já se recompôs do desgosto daquele namoro – prosseguiu sir Henry, ainda de costas voltadas para os presos –, mas não acredito nela. Anda muito infeliz. Disso não me restam dúvidas. Mas olha que, às vezes, chego a pensar que se trata de pura teimosia.

– Teimosia?

– Tenho a impressão de que o afecto dela por Sandman se intensificou bastante desde o rompimento.

– Ele era um jovem muito decente – observou Logan.

– Ele é um jovem muito decente – corrigiu sir Henry.

– Mas muito escrupuloso em relação a faltas – comentou Logan.

– Dizes bem, faltas – concordou sir Henry. Estava agora de olhos pregados no chão, esforçando-se por ignorar os mansos soluços da rapariga. – O jovem Sandman é boa pessoa, um excelente tipo, na verdade, mas hoje em dia sem quaisquer perspectivas de vida. Sem futuro algum! E a Eleanor não pode ligar-se pelo casamento a uma família caída em desgraça.

– Claro que não – concordou Logan.

– Ela insiste que sim, mas também outra coisa não seria de esperar da Eleanor – prosseguiu sir Henry. – E, embora Rider Sandman não tenha disso a menor culpa, o facto é que ficou sem um tostão. Absolutamente sem tostão.

Logan franziu o sobrolho, em sinal de estranheza.

– Com certeza que recebe pelo menos a pensão de reforma militar? Sir Henry abanou a cabeça.

– Vendeu a sua patente de oficial e consagrou esse dinheiro ao sustento da mãe e da irmã.

– Ele sustenta a mãe? Essa mulher horrorosa? Pobre Sandman – riu-se Logan, baixinho. – Mas não devem faltar a Eleanor outros pretendentes?

– Muito pelo contrário – retorquiu sir Henry em tom lúgubre –, até fazem bicha à nossa porta, Logan, mas a Eleanor encontra-lhes

defeitos a todos.

– Para isso tem ela muito jeito – ironizou Logan, porém sem malícia, porque estimava a filha do amigo, a despeito de considerá-la excessivamente mimada. Sem dúvida que Eleanor era inteligente e culta – até em demasia –, mas, no seu entender, isso não justificava que a deixassem andar à rédea solta. – Apesar de tudo, decerto que não tardará muito a casar?

– Decerto que não – replicou sir Henry com uma nota de azedume na voz, atendendo a que era do conhecimento geral que a filha, além de bela, proporcionaria ao futuro marido um generoso dote oferecido pelo pai. Era esse, aliás, um dos motivos pelos quais sir Henry se sentia por vezes inclinado a consentir no casamento dela com Rider Sandman, mas a mãe da jovem nem queria ouvir falar de tal. Florence ambicionava para Eleanor um título de nobreza, e Rider Sandman, para além de não possuir nenhum, encontrava-se agora arruinado, pelo que o casamento entre o capitão Sandman e Miss Forrest estava absolutamente fora de questão. Sir Henry foi arrancado às suas meditações sobre o futuro da filha por um grito da ré, tão estridente e angustiado que se voltou de chofre para averiguar o motivo, verificando então que James Botting lhe passara em torno dos ombros uma das grossas cordas entrançadas, que a moça tentava desesperadamente sacudir, como se aquela juta de Bridport estivesse ensopada em ácido.

– Quieta, menina – recomendou o reverendo Cotton, abrindo o seu livro de orações e recuando um passo, afastando-se dos quatro presos que já se encontravam todos manietados.

– Estas funções nunca competiram ao carrasco! – protestou James Botting, antes de o capelão iniciar a sua leitura do serviço de defuntos. – O trabalho de cortar as correntes e amarrar os condenados sempre foi feito no pátio – no pátio – pelo funcionário da forca! Nunca coube ao carrasco manietá-los!

– O que ele quer dizer é que essa parte costuma ser levada a cabo pelo seu adjunto – murmurou Logan.

– Pelos vistos, ele sabe a razão por que nos trouxe aqui hoje – comentou sir Henry. Entretanto, o delegado e o delegado-adjunto,

ambos envergando longas togas e as correspondentes insígnias, ambos munidos dos seus bastões com ponta de prata, e ambos manifestamente satisfeitos pela forma correcta como os presos haviam sido preparados, encaminharam-se para o director, que se inclinou perante eles numa vénia solene, entregando em seguida um papel ao magistrado.

– "Eu sou a Ressurreição e a Vida" – recitava em voz altissonante o reverendo Cotton – "aquele que crê em Mim continuará a viver para além da morte."

O delegado da Coroa deitou uma vista de olhos ao papel, e, com um aceno de aprovação, guardou-o numa algibeira da sua toga debruada a peles. Até àquele momento, os quatro condenados tinham estado a cargo do director da prisão de Newgate, mas agora pertenciam ao delegado do município de Londres, que, após as formalidades da praxe, se dirigiu a sir Henry, de mão estendida e com um sorriso de boas-vindas.

– Veio tomar o pequeno-almoço connosco, sir Henry?

– Vim em cumprimento dos meus deveres – ripostou rispidamente sir Henry –, mas muito me apraz encontrá-lo, Rothwell.

– Não deve perder o pequeno-almoço – recomendou o magistrado, enquanto o capelão continuava a recitar a litania de defuntos. – Servem uns excelentes rins à diabo.

– Para comer um bom pequeno-almoço não precisava de sair de casa redarguiu sir Henry. – Não, vim aqui porque Botting requisitou os serviços de um assistente, e considerámos que, antes de ratificarmos a despesa, convinha averiguarmos por nós próprios se tal pretensão se justifica. Já conhece Mr. Logan?

– As minhas relações com o senhor vereador remontam de há longa data – esclareceu o delegado, apertando a mão a Logan. – A vantagem de dar ao homem um assistente – continuou, dirigindo-se a sir Henry em voz baixa – é que, assim, ficaremos a dispor de um sucessor já bem treinado. Além disso, se algo correr mal no cadafalso, dois homens sempre valem mais que um. Muito gosto em vêlo, sir Henry, e também a si, Mr. Logan.

– Recompondo a expressão do rosto, voltou-se para Botting. – Tudo a postos, Botting?

– Tudo a postos, senhor, perfeitamente a postos – garantiu Botting, recolhendo da mesa os quatro sacos brancos e enfiando-os numa algibeira.

– Podemos conversar ao pequeno-almoço – sugeriu o delegado a sir Henry. – Rins à diabo! Sentilhes o aroma na panela mal aqui entrei. Extraiu um cebolão do respectivo bolso e carregou na mola para abrir-lhe a tampa. – Já são horas de ir andando, parece-me, horas de ir andando.

O delegado encabeçou o cortejo que, saindo da Sala de Reuniões, atravessou o estreito Press Yard.

Com uma mão em torno do pescoço da rapariga, o reverendo Cotton guiava-lhe os passos, continuando a entoar em voz alta as preces fúnebres – as mesmas que, na véspera, recitara na capela para os condenados. Os quatro haviam sido levados para o célebre Black Pew (Banco Negro), onde, postados em redor do caixão pousado sobre a mesa, tinham ouvido o capelão ler-lhes o seu próprio serviço fúnebre, e, em seguida, pregar-lhes que estavam prestes a ser punidos pelos seus pecados, conforme a vontade de Deus, à qual nenhum homem ou mulher podia eximir-se. Esmerara-se a pintar o quadro das chamas do inferno que os aguardavam e dos diabólicos tormentos que, naquele preciso instante, lhes estavam já a ser preparados, levando a rapariga e dois dos assassinos a desfazer-se em lágrimas. A galeria da capela regurgitava de curiosos que haviam pago um xelim e seis pence por cabeça para gozar o espectáculo daquelas quatro almas condenadas, assistindo à sua própria missa de finados.

À passagem do cortejo, os presos das celas que davam para o Press Yard romperam num berreiro de protestos e adeuses. Sir Henry sobressaltou-se com a barulheira e estranhou distinguir uma voz feminina entre o coro de injúrias.

– Não me digam que se misturam homens e mulheres nas mesmas celas? – indagou.

– Hoje em dia já não – elucidou Logan. Depois, seguindo a direcção do olhar do amigo, acrescentou:

– Calculo que aquela ali não seja uma prisioneira, mas sim uma dama da noite. Costumam pagar aos guardas uma espécie de suborno para poderem vir aqui ganhar a vida.

– Suborno? Santo Deus! – Sir Henry parecia realmente chocado. – E nós permitimos isso?

– Nós fechamos os olhos a isso – esclareceu Logan calmamente –, partindo do princípio de que, na prisão, mais vale ter prostitutas do que sarilhos.

Entretanto, o delegado da Coroa levara o cortejo a descer um lance de degraus de pedra até um túnel nos subterrâneos da prisão, que desembocava na Antecâmara. A dado ponto desse sombrio corredor, passaram por uma cela vazia, cuja porta se encontrava aberta.

– É ali que passam a sua última noite – elucidou Logan, apontando para a cela. A jovem condenada mal se sustinha nas pernas; um dos guardas agarrou-a pelo cotovelo para lhe apressar o passo.

– "Viemos a este mundo sem nada" – ecoava a voz do reverendo Cotton entre as húmidas paredes de granito do túnel – "e decerto que nada dele levaremos connosco. Deus nos deu, Deus nos levou, bendito seja o Seu nome."

– Não roubei nada! – gritou intempestivamente a rapariga.

– Calma, miúda, calma – grunhiu o director. Todos os seus homens estavam enervados. Contavam com a cooperação dos prisioneiros, e aquela rapariga encontrava-se à beira da histeria.

– "Senhor, permite-me conhecer o meu fim" – rezava o ordinário –, "e o número dos meus dias."

– Por favor! – suplicou a rapariga. – Não, não, por favor!

Um segundo guarda acorreu a ampará-la, não fosse ela desmaiar e ter de ser transportada até ao fim do túnel, mas ela lá conseguiu aguentar-se, avançando aos tropeções.

– Se resistem demasiado – explicou Logan a sir Henry – amarram-nos a uma cadeira e enforcam-nos assim mesmo, mas devo dizer que há imenso tempo que não assisto a um caso desses,

embora me recorde de que Langley foi uma vez obrigado a recorrer a esse expediente.

– Langley?

– O antecessor de Botting.

– Já antes assististe a este espectáculo? – quis saber sir Henry.

– Bastantes vezes – admitiu Logan. – E tu?

– Nunca. Encarei a missão de hoje como o mero cumprimento de um dever.

Ao observar os prisioneiros subindo os degraus que partiam do fim do túnel, sir Henry desejou não ter vindo. Jamais tinha assistido a uma morte violenta. Rider Sandman, o seu ex-futuro genro, assistira a muitas, nos seus tempos de militar, e sir Henry apreciaria a companhia do jovem naquele momento. Sempre gostara de Sandman. Lastimava o opróbrio que recaíra sobre a sua família.

As escadas conduziam à antecâmara, um átrio cavernoso que dava para uma rua chamada Old Bailey. A porta para a rua era conhecida por Portal dos Devedores, mas, embora se encontrasse aberta, a luz do dia não penetrava no interior, porque o cadafalso fora montado precisamente defronte. O clamor da populaça abafava agora as badaladas do sino da prisão, mas, entretanto, o sino da Igreja do Santo Sepulcro, situada no extremo oposto da rua de Newgate, começara a tocar o dobre de finados.

– Meus senhores! – O delegado da Coroa, que, naquele ponto dos acontecimentos, presidia ao cerimonial matutino, dirigia-se aos seus convidados para o pequeno-almoço. – Subindo os degraus do palanque, encontrareis, à esquerda e à direita, cadeiras à vossa disposição. Apenas vos peço a gentileza de deixardes as duas da frente desocupadas para nosso uso.

Ao transpor o altaneiro arco do Portal dos Devedores, sir Henry deparou-se com a sombria fossa subjacente ao patíbulo, e começou a imaginar como se sentiria uma pessoa postada diante e por debaixo de um estrado assente em grosseiras estacas de madeira. Uns panejamentos pretos ocultavam, pela frente e pelos

lados, o tabuado do estrado, pelo que apenas se infiltrava um pouco de luz através das frinchas das pranchas que sustentavam a plataforma superior do patíbulo. À direita de sir Henry, uma escada de madeira elevava-se na penumbra, inflectindo repentinamente para a esquerda, para finalmente desembocar num camarote coberto por um toldo, do lado traseiro do cadafalso. Tanto a escada como o estrado apresentavam um aspecto tão sólido que se tornava difícil ter em mente que o cadafalso apenas era erguido no dia anterior às execuções, e desmantelado imediatamente a seguir. O toldo destinava-se a preservar os distintos convidados de eventuais intempéries, mas, naquele dia, o sol matutino brilhava tão intensamente em Old Bailey que sir Henry pestanejou no momento em que, após dar a volta às escadas, acedeu ao camarote.

O aparecimento dos convidados de honra foi acolhido com um estrondoso aplauso. Não porque a identidade deles importasse fosse a quem fosse, mas porque a sua chegada prenunciava a vinda dos condenados. Aglomerara-se uma multidão em Old Bailey. Todas as janelas que davam para rua transbordavam de gente, e não faltava quem se empoleirasse nos telhados.

– Dez xelins – disse Logan.

– Dez xelins? – Sir Henry sentia-se mais uma vez perplexo.

– É quanto custa o aluguer de uma janela – informou Logan –, a menos que se trate da execução de um criminoso célebre, porque, nesse caso, o preço pode subir a dois ou até três guinéus. – Apontou para uma taberna situada no lado oposto da rua, exactamente fronteira ao cadafalso. – As janelas mais caras são ali as do Magpie and Stump, porque têm uma esplêndida vista para a fossa onde eles tombam – acrescentou, rindo-se à socapa. – O dono aluga binóculos a quem queira vê-los a morrer mais de perto. Mas, evidentemente, o melhor posto de observação é o nosso.

Sir Henry teria preferido instalar-se na obscuridade das últimas filas do camarote, mas Logan ocupara já um dos assentos da frente, de modo que se limitou a sentar-se a seu lado.

O terrível clamor da turba chocalhava-lhe na cabeça. Decididamente, pensou, era o mesmo que encontrar-se num palco de teatro. Experimentava simultaneamente angústia e uma espécie

de fascínio. Tanta gente! De todos os lados se erguiam rostos de olhar fito na estrutura oculta pelos panos negros. O patíbulo da forca, mesmo em frente do camarote coberto, media trinta pés de comprimento por quinze de largura, e era encimado por uma trave comprida, que ia do tecto do camarote até à extremidade oposta do estrado. Na face inferior da trave tinham sido aparafusados ganchos negros de ferro, como os usados nos talhos, e contra ela encostava-se um escadote.

O aparecimento dos delegados, nas suas solenes vestes debruadas com peles, foi ironicamente acolhido por uma segunda salva de aplausos.

Entretanto, sir Henry sentara-se numa rígida cadeira de madeira, pequena para o seu tamanho e exasperadoramente desconfortável.

– Vão começar pela rapariga – informou Logan.

– Porquê?

– Porque é ela que esta gente veio aqui ver – explicou Logan. Obviamente, a situação divertia-o, o que deixou sir Henry perplexo, meditando sobre quão pouco realmente sabemos acerca dos nossos amigos. Voltou a desejar que Rider Sandman se encontrasse ali, por se lhe afigurar que aquele oficial do exército não aprovaria uma tal banalização da morte. E daí... Também era possível que o ofício de Sandman o tivesse couraçado contra o espectáculo da violência.

– Deveria consentir que ele a desposasse – afirmou.

– Que estás para aí a dizer? – Logan foi forçado a elevar o tom de voz, porque, naquele momento, a turba exigia num grande clamor a comparência dos condenados.

– Nada – retorquiu sir Henry.

– "Os meus lábios permanecerão selados" – recitava o reverendo Cotton em crescendo, à medida que ia subindo as escadas atrás da rapariga – "enquanto tiver diante dos meus olhos os renegados de Deus."

Primeiro emergiu um carcereiro, depois a rapariga, que vencia

os degraus com dificuldade, porque as suas pernas não se tinham ainda acostumado a funcionar sem grilhetas. Tropeçou no último degrau, e o guarda teve de ampará-la para evitar que caísse.

Foi então que a multidão a viu. "Tirem os chapéus! Tirem os chapéus!" O berreiro começou pelas filas da frente e as mais afastadas fizeram coro. Não era inspirado por um sentimento de respeito, mas sim porque os chapéus altos do público mais próximo tapavam a vista aos de trás. A massa humana ululava em uníssono, de forma esmagadora, e uma vaga de pessoas projectou-se para a frente, levando o prefeito da Polícia e os seus homens encarregados de proteger o cadafalso a erguer os seus bastões e lanças. Sir Henry sentiu-se cercado pelo ruído e pelos milhares de pessoas de goelas escancaradas, aos gritos. Havia tantas mulheres como homens na multidão. Avistou uma respeitável matrona inclinada sobre um telescópio, numa das janelas do Magpie and Stump. A seu lado, um homem comia pão com ovos estrelados. Uma outra mulher munira-se de binóculos de ópera. Um vendedor de pastéis havia instalado a sua banca num vão de porta. Pombos, milhafres e pardais revoluteavam em círculos no céu, alarmados pelo fragor. Com o espírito zonzo, sir Henry reparou subitamente nos quatro caixões abertos que se encontravam junto do cadafalso. Eram feitos de madeira de pinho, resinosa e mal aplainada. A rapariga tinha a boca aberta, e o seu rosto, anteriormente pálido, apresentava-se agora vermelho e desfigurado. As lágrimas corriam-lhe pelas faces enquanto Botting, segurando-lhe o cotovelo de passarinho, a arrastava até às pranchas centrais do estrado. Essas pranchas constituíam um alçapão, e rangiam sob o peso de ambos. Quando Botting a colocou debaixo da trave, no extremo da plataforma, a rapariga tremia da cabeça aos pés, de respiração entrecortada. Depois de instalá-la no devido lugar, Botting retirou da algibeira um saco de algodão e colocou-lho sobre os cabelos, como se fosse um chapéu. Ela reagiu ao toque dele com um grito e contorceu-se, numa tentativa de escapar-lhe, mas, entretanto, o reverendo Cotton pousou-lhe uma mão no braço e o carrasco pegou na corda que ela trazia sobre os ombros e trepou pela escada improvisada. A sua compleição forte fazia os degraus estalarem de forma alarmante. Pela estreita fenda do seu olhinho de pálpebras ramelosas, examinou um dos grandes ganchos

negros de carniceiro, e logo tornou a descer atabalhoadamente, corado e arquejante.

– Preciso de um assistente, ou acham que não? – trovejou. – Não está certo. Um tipo tem sempre um assistente. Não se retorça, menina! Parta como uma cristã!

Fitou a rapariga nos olhos ao apertar-lhe o laço em torno do pescoço. Ajustou o nó corredio debaixo da sua orelha esquerda, e em seguida deu um ligeiro puxão à corda, como que para certificar-se de que aguentaria o peso da moça. Ela suspirou ao sentir o puxão, e depois gritou quando Botting lhe pôs as mãos no cabelo.

– Quieta, rapariga! – rosnou ele, antes de puxar o saco de algodão para baixo, cobrindo-lhe o rosto.

– Quero ver! – berrou ela. Sir Henry fechou os olhos.

– "Porque mil anos sob o Teu olhar não são mais que o dia de ontem"

– o ordinário elevava a voz para poder fazer-se ouvir acima do crescente clamor da turba. O segundo condenado, o salteador de estradas, já se encontrava agora sobre o patíbulo e Botting colocou-o ao lado da rapariga, enfiou-lhe o saco de pano pela cabeça e subiu a escada para fixar a corda.

– "Ensinai-nos a contar o número dos nossos dias" – entoava o reverendo Cotton numa toada monótona – "para que possamos encaminhar os nossos corações para a sabedoria."

– Ámen – disse sir Henry fervorosamente, até com excessivo fervor...

– Aqui tens – Logan deu uma cotovelada a sir Henry, cujos olhos permaneciam fechados, e estendeu-lhe um frasco. – Excelente brandy. De contrabando.

O salteador de estradas tinha flores na botoeira. Fez uma vénia à multidão que o aplaudia, mas a sua bravata era forçada, já que, conforme sir Henry notou, as pernas do homem tremiam e não cessava de torcer as mãos atadas.

– Cabeça erguida, minha querida – recomendou à rapariga a

seu lado.

Havia crianças entre a assistência. Uma miúda, que não podia ter mais de seis anos, encavalitava-se sobre os ombros do pai, chuchando no polegar. O público aplaudia a chegada de cada novo condenado. Um grupo de marujos, com longos rabos-de-cavalo cor de alcatrão, instava Botting a abaixar o vestido da rapariga.

– Mostra-nos as mamas dela, Jemmy! Vá lá, fá-las saltar cá para fora!

– Isto acaba num instante – disse o salteador à moça –, e depois tu e eu estaremos entre os anjos, miúda.

– Não roubei nada! – guinchou a rapariga.

– Admiti a vossa culpa! Confessai os vossos pecados! – exigia o reverendo Cotton aos quatro condenados, agora postados em fila sobre o alçapão. A rapariga era a que se encontrava mais afastada de sir Henry, e tremia da cabeça aos pés. Todos tinham o rosto coberto por sacos e nós corredios em redor do pescoço. – Ide ter com Deus de coração puro! – pregava-lhes o ordinário. – Purificai a vossa consciência, humilhai-vos perante o Senhor!

– Vá lá, Jemmy! – gritou um dos marinheiros. – Arranca o vestido à galdéria!

A assistência mandou-o calar, na esperança de poder escutar algumas palavras finais.

– Não fiz nada de mal! – berrou a rapariga.

– Vai para o inferno, seu grande filho da mãe – rosnou um dos assassinos para o ordinário.

– Encontramo-nos no inferno, Cotton! – disse o carrasco ao padre.

– Está na hora, Botting! – O delegado da Coroa queria ver o caso despachado, e, assim, Botting dirigiu-se apressadamente para as traseiras do patíbulo, onde se curvou para puxar por uma tranqueta de madeira do tamanho de um ferrolho, fixada numa das pranchas. Sir Henry retesou-se, mas nada aconteceu.

– A tranqueta – elucidou tranquilamente Logan – não passa de

um ferrolho. Ele vai ter de ir lá abaixo para destravar o alçapão.

Sir Henry não respondeu. Encolheu-se para o lado quando Botting roçou por ele, a caminho de descer as escadas situadas nas traseiras do pavilhão. Agora, apenas os quatro condenados e o ordinário se encontravam expostos à luz do Sol. O reverendo Cotton postava-se entre os caixões, a boa distância da porta do alçapão.

– "Pois quando provocamos a Vossa ira temos os dias contados" recitava –, "e o nosso tempo chega ao fim, como se mais não tivesse sido do que uma fábula mal contada."

– Porco filho da mãe, Cotton! – bradou o salteador. O corpo da rapariga oscilava, e, sob o fino algodão que lhe ocultava o rosto, sir Henry podia ver que ela não parava de abrir e fechar a boca.

Entretanto, o carrasco sumira-se sob o estrado e escalava com dificuldade as traves que sustentavam o patíbulo, em direcção à corda fixada na viga que selava a abertura do alçapão.

– "Volvei de novo para nós o Vosso olhar, Senhor!" – o reverendo Cotton erguia uma das mãos para as alturas e elevava a sua voz aos céus.

– "Compadecei-Vos dos vossos servos no seu último momento."

Botting puxou a corda e o rectângulo de madeira moveu-se, mas sem deslizar por completo. Sem se dar conta de que sustinha a própria respiração, sir Henry viu a abertura do alçapão começar a desviar-se. A rapariga soluçava e esbarrondou-se nas pernas, tombando sobre a porta do alçapão ainda meio fechada. A turba emitiu um uivo colectivo, que se desvaneceu ao compreender que os corpos não haviam caído; Botting deu então um fortíssimo puxão à corda, as tábuas deslizaram e o alçapão abriu-se sob os pés dos quatro condenados. Foi uma queda ligeira, de uns cinco ou seis pés de altura, que não matou nenhum deles.

– Era mais rápido quando se usava a carreta em Tyburn – comentou Logan, debruçando-se para a frente – mas assim conseguimos uma maior dose de Morris.

Sir Henry não precisou de perguntar a Logan o que queria ele

dizer com aquilo. Os quatro condenados contorciam-se, pulavam e retorciam-se. Estavam a executar um bailado Morris no cadafalso, sujeitos ao baraço, em cambalhotas letais ao compasso dos sufocantes, letais, asfixiantes movimentos de desespero perante a morte iminente. Botting, oculto no poço do patíbulo, saltou para o lado quando os intestinos da rapariga se esvaziaram. Sir Henry nada viu, porque continuava de olhos fechados, e nem sequer os abriu quando a multidão irrompeu em tonitruante regozijo no momento em que Botting, servindo-se dos cotovelos amarrados do salteador como um estribo, se alçou para encavalitar-se sobre os ombros do homem, qual sapo negro, a fim de apressar-lhe a morte. É que o salteador tinha subornado Botting para que ele lhe proporcionasse uma morte rápida, e Botting mantinha-se fiel ao compromisso.

– "Prestai atenção, revelar-vos-ei um mistério." – O ordinário ignorava o sorridente Botting, que se aferrava como uma monstruosa corcunda nas costas do moribundo. – "Nem todos nós poderemos cair no sono eterno" – recitava –, "mas todos nós nos transformaremos num instante, no tempo de um abrir e fechar de olhos."

– O primeiro já se foi – disse Logan, ao ver Botting desprender-se das costas do cadáver –, e agora sinto-me a morrer de fome, juro por Deus, que grande apetite!

Três dos quatro dançavam ainda, mas cada vez mais debilmente. O defunto salteador de estrada balançava-se, com a cabeça pendente, enquanto Botting puxava pelos tornozelos da rapariga. Sir Henry sentia o cheiro de excrementos, fezes humanas, e, de repente, não aguentando mais o espectáculo, desceu aos tropeções as escadas do patíbulo, rumo ao fresco e sombrio refúgio de pedra da antecâmara. Aí vomitou, e, em seguida, tratou de recuperar o fôlego e aguardou, escutando o clamor da multidão e o rangido das tábuas do cadafalso, até ser altura de ir tomar o pequenoalmoço.

Rins à diabo. Conforme a tradição.

CAPÍTULO 01

RIDER SANDMAN levantou-se tarde naquela manhã de segunda-feira, porque lhe tinham pago sete guinéus para alinhar com onze de sir John Hart contra uma equipa do Sussex, havendo um prémio de cem guinéus a repartir pelos vencedores, e Sandman havia marcado sessenta e três pontos na primeira partida e trinta e dois na segunda - resultados apreciáveis sob qualquer ponto de vista -, mas, mesmo assim, o "onze" de sir John perdera. Isto acontecera no sábado, e Sandman, observando os seus companheiros de jogo a baterem à toa em bolas bem colocadas, chegara à conclusão de que o desafio estava viciado. Os corretores de apostas perdiam em grande, porque se previa uma vitória fácil para a equipa de sir John - sobretudo porque o famoso Rider Sandman jogava do seu lado - mas, entretanto, houvera alguém a apostar em força no "onze" do Sussex, que acabou por ganhar o jogo por um innings e quarenta e oito pontos. Corria o boato de que tinha sido sir John a apostar contra a sua própria equipa, e o facto de sir John não conseguir olhar a direito para Sandman tornava esse boato credível.

Posto isto, o capitão Rider Sandman regressara a Londres a pé. Fê-lo por recusar-se a partilhar uma carruagem com homens que haviam aceitado um suborno para perder uma partida. Adorava o críquete, era excelente nesse jogo, certa vez - feito famoso! - chegara a marcar cento e catorze pontos pela selecção inglesa contra a selecta equipa do marquês de Canfield, e os apreciadores daquele desporto eram capazes de percorrer muitas milhas para ver o capitão Rider Sandman, exmembro do 52." Regimento de infantaria de Sua Majestade, manobrar a bola com a sua pá.

Mas, como abominava subornos, detestava a corrupção, e, além disso, possuía um temperamento irascível, tinha-se travado de razões com os seus traiçoeiros companheiros de equipa, de modo que, quando nessa noite os outros foram dormir na aprazível mansão de sir John, preparando-se para regressar a Londres na manhã seguinte no conforto de uma carruagem, Sandman não fizera uma coisa nem a outra. Era demasiado orgulhoso para isso.

Orgulhoso e pobre. Não podia dar-se ao luxo de pagar o bilhete da diligência, nem sequer a simples espórtula de um carreteiro, porque, na sua fúria, tinha atirado com a maquia recebida pela sua participação no jogo à cara de sir John, o que, conforme era forçado a admitir, fora uma estupidez, atendendo a que ganhara aquele dinheiro honestamente; mas, mesmo assim, parecia-lhe sujo. De modo que decidira regressar a casa a pé, acomodando-se na noite de sábado sobre uma meda de feno algures perto de Hickstead, e marchando todo o dia de domingo, até a sola direita quase se desprender da bota. Quando, já noite avançada, chegara ao beco onde morava, Drury Lane, atirara com o seu equipamento de críquete para o chão do quarto alugado numas águas-furtadas, despira-se por completo, tombara no estreito catre e adormecera instantaneamente. Dormia ainda no momento em que o alçapão se abrira em Old Bailey e os urras da multidão haviam levado milhares de pássaros espavoridos a bater as asas sobre o fumarento céu londrino. Às oito e meia, Sandman estava ainda mergulhado no país dos sonhos. Sonhava, remexia-se e suava. Gritou num pânico incoerente, enquanto aos seus ouvidos ribombava o tropel de cascos e o estrondo dos disparos de mosquetes e canhões, e, ante o seu olhar atordoado, os sabres e as espadas se entrechocavam, e, desta vez, o sonho ia terminar com a cavalaria a romper as magras fileiras dos casacas vermelhos, mas, afinal, o tropel descambou num rumor de passos nas escadas e numa breve pancada contra a frágil porta das águas-furtadas. Abriu os olhos, lembrou-se de que já não era militar, e, antes de poder reagir, já Sally Hood se encontrava no interior do quarto. Por um instante, Sandman ainda julgou que aquela irrupção de um par de olhos brilhantes, um vestido de chita e uma cabeleira dourada era também um sonho, mas Sally desatou a rir.

– Rás me partam, acordei-o. Por amor de Deus, desculpe! Virou-se, preparando-se para sair.

– Não faz mal, Miss Hood – atalhou Sandman, tacteando à procura do relógio. Suava em bica. – Que horas são?

– O sino de São Giles acabou de bater as oito e meia.

– Oh, meu Deus! – Sandman não podia acreditar que se tinha deixado dormir até tão tarde. Não havia qualquer motivo especial

para levantar-se, mas o hábito de acordar cedo tornara-se parte integrante da sua natureza. Sentou-se na cama, e, apercebendo-se de que estava nu, puxou o magro cobertor até ao queixo. - Está ali um roupão pendurado na porta, Miss Hood, teria a gentileza de o alcançar?

Sally não teve dificuldade em encontrar o roupão.

– É que estou atrasada - adiantou, à laia de explicação para a sua invasão do quarto -, o meu irmão já arrancou, arranjei um trabalho, e preciso de alguém para apertar-me os colchetes do vestido, tá a ver?

Voltou-se, exibindo uma boa quantidade de costas a descoberto.

– Teria pedido a Mrs. Gunn para apertá-los - prosseguiu Sally - só que hoje é dia de forca e ela está à janela a assistir. Só Deus sabe o que conseguirá ver, atendendo a que é meio cega e completamente bêbada, mas gosta a valer dum bom enforcamento e, na idade dela, num lhe restam lá muitos prazeres. Esteja à vontade, já pode levantar-se, estou com os faróis fechados.

Sandman ergueu-se do leito cautelosamente, porque havia apenas uma pequena zona no seu exíguo quarto das águas-furtadas onde podia manter-se de pé sem bater com a cabeça nas traves do tecto.

Era um homem de elevada estatura, cerca de 1,85 metros, com cabelo de oiro pálido, olhos azuis e um rosto comprido e ossudo. Não possuía um tipo de beleza convencional - as linhas da face eram demasiado duras para poder ser classificado de belo -, mas havia no seu semblante uma expressão de compreensão e bondade que não permitiam esquecê-lo facilmente. Pegou no roupão e apertoulhe o cinto.

– Disse que arranjou trabalho? - perguntou a Sally. - Coisa boa, espero?

– Ne bem o que eu queria - ripostou a moça -, porque nim é na coberta. – A coberta?

– O palco, Capitão - elucidou ela. Intitulava-se actriz e talvez o fosse, embora Sandman nunca tivesse visto grandes provas disso,

uma vez que, tal como ele, Sally vivia na fronteira da respeitabilidade, onde aparentemente era mantida pelo irmão, um jovem muitíssimo misterioso, com estranhos horários de trabalho. - Mas o trabalho num é mau - prosseguiu - e é decente.

- Não duvido - disse Sandman, sentindo instintivamente que Sally não estava interessada em falar do assunto, e perguntando aos seus botões porque se mostraria ela tão reservada a respeito de um trabalho respeitável, enquanto, por seu turno, Sally se interrogava sobre os motivos que levariam Sandman, obviamente um cavalheiro, a viver num quarto alugado numas águas-furtadas do Wheatsheaf Tavern, no beco londrino de Drury. Andava na mó de baixo, disso não restavam dúvidas, mas, mesmo assim, porquê o Wheatsheaf? Talvez não conhecesse nada de melhor. O Weatsheaf era notoriamente um coito de foras-da-lei, um albergue familiar para ladrões de todos os tipos, desde carteiristas a arrombadores de cofres, passando por assaltantes especializados em lojas ou residências, ao passo que o capitão Rider Sandman se afigurava a Sally como a honestidade em pessoa. Mas não deixava de ser, em sua opinião, um homem bem simpático. Tratava-a como se ela fosse uma senhora, e, embora só se tivessem falado duas ou três vezes, ao cruzar-se de passagem nos corredores da hospedaria, ela notara nele uma espécie de simpatia - a suficiente para se atrever a invadir-lhe a privacidade naquela manhã de segunda-feira.

- E quanto ao senhor, capitão? - indagou. - Tem trabalho?

- Ando à procura de emprego, Miss Hood - respondeu Sandman, com inteira verdade; o problema era que não conseguia encontrar nenhum. Era demasiado velho para se tornar aprendiz de um ofício, não dispunha das qualificações necessárias para uma carreira nas áreas judicial ou financeira, e tinha a pele demasiado fina para aceitar um posto de capataz de escravos nas ilhas da cana-deaçúcar.

- Ouvi dizer que é jogador de críquete - prosseguiu Sally.

- Sou, sim.

- E um jogador famoso, segundo o meu irmão.

- Disso já não tenho tanta certeza - redarguiu Sandman, com

modéstia.

– Mas pode ganhar dinheiro à conta disso, não é verdade?

– Não o suficiente para as minhas necessidades – respondeu Sandman, reflectindo que tal possibilidade só se apresentava durante o Verão, e, mesmo assim, na condição de acomodar-se a corrupção e subornos.

– E temos aqui um pequeno problema. Faltam alguns colchetes.

– E porque nunca chego a cunsertá-los – admitiu Sally –, de modos que faça o melhor que puder.

Estava de olhos fitos na cornija da lareira, sobre a qual se empilhava um monte de cartas cujas bordas desgastadas sugeriam que haviam sido remetidas há longo tempo. Inclinando-se ligeiramente para a frente, conseguiu discernir que o envelope do topo estava dirigido a uma Miss Qualquer Coisa, não percebeu o nome, mas a palavra "devolvido" revelou-lhe que o capitão havia sido rejeitado pela amada e as suas cartas recambiadas. Pobre capitão Sandman, pensou Sally.

– E em certos pontos – continuou Sandman –, há colchetes mas não há ilhozes.

– É por isso que trouxe isto comigo – acudiu Sally, lançando um esfiapado lenço de seda sobre os ombros. – Passe-o através das falhas, Capitão. Ponha-me decente.

– De maneira que esta manhã vou visitar algumas pessoas conhecidas – prosseguiu Sandman, em resposta à pergunta inicial dela –, a ver se me arranjam emprego, e, à tarde, vou ceder à tentação.

– Oooh! – exclamou Sally, torcendo o pescoço para lhe sorrir, com os olhos azuis a cintilar. – Tentação?

– Vou assistir a uma partida de críquete no campo da artilharia.

– Ne coisa que me tentasse a mim – afirmou Sally –, e a propósito, capitão, se está com ideias de descer para o pequeno-almoço é melhor despachar-se, porque não vai sobrar uma migalha depois das nove.

– Ai não? – indagou Sandman, embora, na verdade, não tivesse qualquer intenção de dar-se ao luxo de tomar o pequeno-almoço na estalagem, que ficava muito acima das suas possibilidades.

– O sheaf está sempre à cunha nos dias de enforcamento em Newgate – explicou Sally –, porque o pessoal gosta de tomar o pequeno-almoço antes de voltar à sua vida, percebe? A cena abre-lhes o apetite. Foi para lá que o meu irmão arrancou. Vai sempre até ao Old Bailey quando a corda entra em acção. Gostam de o ver por ali.

– Quem é que gosta?

– Os amigos dele. De um modo geral, costuma conhecer algum dos desgraçados que põem a baloiçar, topa?

– A baloiçar?

– Os enforcados, capitão. Enforcados, baloiçantes, dependurados, esticados, amigos do Jack Ketch.

Praticantes da versão Newgate da dança Morris, bailarinos do palco do Jemmy Botting, namorados da corda. Se quer viver aqui, capitão, vai ter de aprender o calão da malta.

– Estou a ver que sim – concordou Sandman, e mal tinha começado a tapar os buracos do vestido com o lenço quando Dodds, o moço de recados da estalagem, se introduziu na abertura da porta e esboçou um sorriso de gozo ao encontrar Sally Hood no quarto do capitão Sandman e o capitão Sandman, todo desgrenhado e envergando apenas um velho roupão no fio, a compor-lhe o vestido.

– Ainda te entra mosca se não fechas essa maldita goela – disse Sally a Dodds –, e ele não me está a fazer a corte, seu estuporzinho pinga-amores. Está só a apertar-me os colchetes do vestido porque tanto o meu irmão como a tia Gummy foram assistir à cena da pendura. Que é onde tu acabarás por ir parar se houver o raio de justiça neste mundo.

Ignorando a tirada, Dodds estendeu a Sandman um papel lacrado.

– Carta para o senhor, capitão.

– Obrigado pela gentileza – agradeceu Sandman, debruçando-se sobre a sua roupa dobrada, à procura de um penny. – Espera um instante – disse ao rapaz que, na verdade, não se mostrava nada inclinado a partir sem gorjeta.

– Não lhe dê peva! – protestou Sally. Desviou a mão de Sandman e arrancou a carta a Dodds. – Esta amostra de capacho esqueceu-se, não foi? Não veio o raio de carta nenhuma esta manhã! Há quanto tempo?

Dodds olhou para ela de má catadura.

– Chegou na sexta – acabou por admitir.

– Quando o raio de uma carta chega à sexta-feira tu entrega-la na sexta-feira, c'um raio! Vá, agora dá às patas e vai impingir tretas para outro lado! – ralhou ela, batendo com a porta nas costas do rapaz. – Preguiçoso de um raio. Deviam era pregar com ele em Newgate, c'um raio, e obrigá-lo a dançar a música do patíbulo. Era a maneira de lhe esticar aquele raio de pescoço preguiçoso.

Sandman concluiu a tarefa de passar o lenço de seda pelas falhas dos colchetes, e, posto isso, recuou um passo e fez um sinal de aprovação.

– A menina está encantadora, Miss Hood.

– Acha que sim?

– Pode ter a certeza – garantiu Sandman. As tonalidades do vestido de Sally, verde pálido estampado com centáureas azuis, condiziam na perfeição com a sua cútis cor de mel e com os caracóis do cabelo, tão doirado como o do próprio Sandman. Era uma linda rapariga, dotada de límpidos olhos azuis, uma pele sem marcas de bexigas e um sorriso contagioso. – Esse vestido fica-lhe mesmo a matar – acrescentou ele.

– É o único que tenho mais ou menos em condições – informou ela –, de modo que não tem outro remédio se não servir. Obrigada. – Retinha na mão a carta. – Agora feche os olhos, dê três voltas sobre si próprio, e depois diga em voz alta o nome da sua amada antes de a abrir.

Sandman sorriu.

– E o que é que ganho com isso?

– Sorte para boas notícias, capitão – respondeu ela ansiosamente –, notícias boas.

Dirigiu-lhe um sorriso e desapareceu.

Sandman ficou a escutar o som dos passos dela descendo as escadas, e, em seguida, pôs-se a examinar a carta. Tratar-se-ia de alguma resposta aos seus diversos pedidos de emprego? O papel era indubitavelmente de superior qualidade, e a caligrafia cuidada e elegante. Introduziu um dedo na dobra, prestes a quebrar o lacre, mas, de súbito, deteve-se. Apesar de sentir-se um perfeito idiota, fechou os olhos, deu três voltas sobre si mesmo, e proferiu em voz alta o nome da sua amada:

"Eleanor Forrest." Depois abriu os olhos, quebrou o lacre vermelho e desdobrou o papel. Leu e releu a carta, tentando decidir no seu íntimo se as notícias que continha seriam ou não realmente boas.

Sua excelência o visconde Sidmouth apresentava os seus melhores cumprimentos ao capitão Rider Sandman e solicitava-lhe o obséquio de uma entrevista logo que o capitão Sandman se encontrasse disponível, de preferência a seguir ao almoço, no gabinete de Lord Sidmouth. Agradecia-se uma resposta tão breve quanto possível, dirigida a Mr.

Sebastian Witherspoon, secretário particular de Lord Sidmouth.

A primeira reacção instintiva de Sandman foi a de considerar que tais notícias deviam ser más, que o seu pai teria extorquido dinheiro ao visconde Sidmouth, tal como a tantos outros, e que agora o digno Lord se lhe dirigia para reclamar os seus direitos sobre as patéticas sobras da fortuna dos Sandman. No entanto, não fazia sentido. Tanto quanto Rider Sandman sabia, o seu pai jamais travara relações com Lord Sidmouth, facto que, a verificar-se, teria apregoado aos quatro ventos, atendendo à sua atracção pela companhia de gente importante. E havia poucos homens mais importantes do que o excelentíssimo Henry Addington, primeiro visconde de Sidmouth, em tempos Primeiro-Ministro da Grã-

Bretanha e actualmente titular da pasta dos Assuntos Internos no governo de Sua Majestade.

Porque seria então que o ministro do Interior desejava encontrar-se com Rider Sandman?

Só havia uma maneira de descobrir a resposta.

Portanto, Sandman vestiu a sua camisa mais limpa, usou a mais suja para polir as suas botas esfoladas, escovou o casaco, e, disfarçando assim a penúria sob o traje de cavalheiro que realmente era, foi ao encontro de Lord Sidmouth.

O visconde Sidmouth era um homem de traços finos. Lábios finos, cabelo fino, nariz fino, um fino maxilar que se afunilava até um fino queixo de fuinha, um olhar tão caloroso como uma pederneira finamente afiada, e uma voz fininha, precisa, seca e nada amistosa. Chamavam-lhe "o Doutor", uma alcunha desprovida de quaisquer conotações de simpatia ou afecto, mas no entanto apropriada, atendendo à frieza clínica e ríspida do seu trato. Mantivera Sandman à espera durante duas horas e um quarto, facto de que, porém, dificilmente poderia culpar o ministro do Interior, dado que se apresentara no gabinete sem marcação prévia. Agora, enquanto uma varejeira zumbia contra uma das altas janelas, Lord Sidmouth lançava, por trás da sua secretária, um olhar sombrio ao visitante.

– O senhor foi-me recomendado por sir John Colborne.
Sandman inclinou a cabeça em sinal de assentimento, mas nada disse.

Nada havia a dizer. A um canto do gabinete, um relógio de pé alto fazia um tiquetaque ruidoso.

– Esteve com o batalhão de sir John em Waterloo – prosseguiu Sidmouth –, não é verdade?

– Estive sim, meu senhor.

Sidmouth emitiu um grunhido surdo, como se não aprovasse inteiramente os homens de Waterloo, o que, reflectiu Sandman, bem podia ser o caso, uma vez que a Grã-Bretanha parecia agora dividida entre os que haviam combatido os franceses e os que se tinham deixado ficar em casa. Sandman suspeitava que estes

últimos experimentavam um sentimento de inveja, desforrando-se por isso a insinuar - oh, com tamanha subtileza! que haviam sacrificado a galante oportunidade de uma aventura além fronteiras em prol da necessidade de assegurar a prosperidade do país. Embora as guerras contra Napoleão tivessem terminado havia já dois anos, a divisão permanecia; contudo, sir John Colborne devia desfrutar de alguma influência junto do governo, para que Sandman se encontrasse agora naquele gabinete sob sua recomendação.

– Sir John informou-me de que anda à procura de uma ocupação, verdade? - indagou o ministro.

– Sou forçado a isso, senhor.

– Forçado? - Sidmouth acentuou a palavra. - Forçado? Mas está certamente a meio soldo? E meio soldo não me parece um subsídio insignificante, ou estarei enganado?

A pergunta foi formulada com azedume, como se sua excelência reprovasse por completo a ideia de se pagarem pensões a homens aptos a angariar o seu próprio sustento.

– Não tenho direito à meia soldada, meu senhor - afirmou Sandman. Havia vendido a sua patente e, por ser tempo de paz, recebera por ela menos do que esperara, embora o bastante para arrendar uma casa para a mãe.

– Não dispõe de rendimentos próprios? - perguntou Sebastian Witherspoon, o secretário particular do ministro do Interior, da sua cadeira instalada ao lado da secretária do patrão.

– Alguns - retorquiu Sandman, decidindo que seria provavelmente melhor não revelar que os seus magros rendimentos provinham do críquete, uma vez que o visconde Sidmouth não tinha cara de quem apreciasse semelhante coisa. - Não os suficientes - emendou a mão -, e boa parte do que ganho vai para a liquidação das dívidas menores do meu pai. Dívidas a fornecedores - apressou-se a acrescentar, não fosse o ministro convencer-se de que ele andava a tentar pagar as enormes quantias devidas a credores ricos.

Witherspoon franziu o semblante.

– De acordo com a lei, Sandman - afirmou -, não é responsável

pelas dívidas do seu pai.

– Sou responsável pela reputação da minha família – replicou Sandman. Lord Sidmouth emitiu um grunhido de escárnio, que tanto podia traduzir menosprezo pela reputação de Sandman como uma reacção irónica aos seus manifestos escrúpulos – ou ainda, mais provavelmente, um remoque acerca do progenitor de Sandman, que, confrontado com a ameaça de exílio ou prisão devido às suas dívidas maciças, se havia suicidado, desgraçando assim o seu nome e deixando a mulher e a família na ruína. O ministro lançou um longo e severo olhar de inspecção a Sandman, desviando-o em seguida para a varejeira que zumbia contra a janela. O tiquetaque do relógio de pé alto ressoava cavamente. Fazia calor no gabinete, e Sandman sentia-se incomodado pelo suor que lhe ensopava a camisa. Como o silêncio se prolongasse, suspeitou de que o ministro ponderava os prós e os contras de oferecer um emprego ao filho de Ludovic Sandman. Ouviam-se carruagens a rolar na rua, por debaixo das janelas. O tropel era ruidoso. Por fim, Lord Sidmouth decidiu-se.

– Preciso de uma pessoa para desempenhar certa tarefa – disse, ainda de olhar fixo na janela –, mas devo preveni-lo de que não se trata de um emprego permanente. De modo algum permanente.

– É mesmo tudo menos permanente – reforçou Witherspoon. Sidmouth fez uma carranca ao auxílio do secretário.

– O cargo é absolutamente temporário – afirmou, indicando com um gesto um grande cesto à altura da cintura de um homem, plantado sobre a alcatifa que revestia o soalho e atafulhado de papéis:

alguns enrolados, outros dobrados e selados com lacre, e uns poucos com aspecto oficial, inerente ao facto de se encontrarem atados com fitas vermelhas.

– O que ali vê, capitão, são petições – elucidou Lord Sidmouth, num tom que dava a entender como odiava as ditas. – Os réus condenados podem apelar para o Conselho Real para efeitos de clemência, ou, até, de um perdão total. É uma prerrogativa que lhes assiste, capitão, e todas as petições desse género, provenientes da

Inglaterra e de Gales, vêm parar a este gabinete. Chegam-nos perto de duas mil por ano! Até parece que não há condenado à morte que não consiga apresentar uma petição em sua defesa, e é preciso lê-las todas. São todas lidas, não é verdade, Witherspoon?

O secretário de Sidmouth, um jovem bochechudo, de olhar penetrante e modos sofisticados, assentiu.

– Sem dúvida que recebem todas a devida atenção, meu senhor. Seria grave desleixo da nossa parte ignorar tais apelos.

– Sem dúvida um grave desleixo – confirmou Sidmouth compungidamente –, e, quando o crime não é demasiado horrendo, Capitão, e há pessoas respeitáveis dispostas a testemunhar em favor dos réus, somos capazes de oferecer clemência. Podemos, por exemplo, comutar uma sentença de morte numa de deportação.

– Vós em pessoa, meu senhor? – perguntou Sandman, impressionado pelo plural empregue por Sidmouth.

– As petições são dirigidas ao Rei – explicou o ministro –, mas a responsabilidade da resposta compete a este gabinete. As minhas decisões são depois ratificadas pelo Real Conselho Privado, e garanto-lhe, capitão, que "ratificadas" é o termo certo. Nunca sofrem contestação.

– Claro que não! – Witherspoon parecia divertido com a mera hipótese.

– Sou eu que decido – declarou Sidmouth em tom truculento. – O meu departamento tem, entre outras responsabilidades, a de decidir quais os réus que vão ser enforcados e quais os que escaparão.

Há centenas de criaturas na Austrália, capitão, que ficaram a dever a vida a este gabinete.

– E estou absolutamente certo, excelência – atalhou Witherspoon untuosamente –, de que a gratidão deles não tem limites.

Ignorando a intervenção do seu secretário, Sidmouth atirou a Sandman uma petição enrolada e atada com a fita oficial.

– E de vez em quando – prosseguiu –, muito de vez em quando,

aparecem-nos petições que nos levam a investigar o assunto mais a fundo. Nessas raras ocasiões, capitão, nomeamos um investigador, mas não é coisa que nos agrade.

Fez uma pausa, convidando tacitamente Sandman a indagar dos motivos que justificavam a relutância do Ministério da Administração Interna em nomear investigadores, mas Sandman fingiu nem reparar, ocupando-se a desatar imediatamente a fita do rolo.

– Antes de ser condenada à morte – explicou no entanto o ministro –, a pessoa, homem ou mulher, foi julgada e considerada culpada por um tribunal. Não compete ao governo de Sua Majestade investigar factos já anteriormente apreciados em sede própria. Não faz parte da nossa política, capitão, minar a autoridade judicial, mas, de vez em quando, em raríssimos casos, procedemos a investigações. Essa petição é justamente um desses casos.

Sandman desenrolou a petição, redigida a tinta castanha sobre papel ordinário e amarelado. "Deus é minha testemunha" – leu – "de que o acusado é bom rapaz e nunca poderia ter morto Lady Avebury, porque, conforme Deus sabe, nem conseguiria fazer mal a uma mosca". A carta alongava-se na mesma ordem de ideias, mas Sandman não pôde acabar de lê-la porque o ministro recomeçara a falar.

– Este assunto – elucidou Lord Sidmouth – diz respeito a Charles Corday. Trata-se de um nome fictício. Como pode verificar, a petição foi remetida pela própria mãe, que assina Cruttwell, mas o rapaz parece ter adoptado um nome francês, sabe Deus porquê. Foi condenado pelo assassínio da condessa de Avebury. Presumo que se recorde do caso?

– Receio que não, Excelência – retorquiu Sandman. Nunca se interessara especialmente por crimes, jamais comprara os relatórios de Newgate ou lido as notícias dos jornais acerca de condenados célebres e das suas infâmias.

– Não há qualquer mistério na história – garantiu o ministro. – Aquele canalha violou e apunhalou a condessa de Avebury e merece absolutamente a forca. Qual é a data marcada? – voltou-se para consultar Witherspoon.

– De hoje a uma semana, senhor – respondeu Witherspoon.

– Se não há mistério algum, senhor – perguntou Sandman – porquê investigar os factos?

– Porque a peticionária, Maisie Cruttwell – Sidmouth pronunciou o nome como se lhe ardesse na língua – é costureira de Sua Majestade a rainha Carlota, e Sua Majestade condescendeu gentilmente em interessar-se pelo caso.

O tom de voz de Lord Sidmouth dava claramente a entender que de boa vontade teria estrangulado a consorte do rei Jorge III pela sua gentileza.

– É minha responsabilidade e dever, como leal súbdito, certificar-me de que tudo foi devidamente investigado e assegurar a Sua Majestade que não resta a menor dúvida acerca da culpa daquele canalha. Escrevi portanto a Sua Majestade para informá-la de que vou nomear um investigador para reexaminar os factos, a fim de certificá-la de que, no presente caso, está realmente a ser feita justiça.

Sidmouth adiantou toda esta explicação num tom de voz entediado, mas, no final, apontou um dedo ossudo a Sandman.

– Pergunto-lhe se está disposto a aceitar esse cargo de Investigador, capitão, e se compreende o que se espera de si.

Sandman fez um aceno afirmativo.

– Pretendeis tranquilizar a rainha, senhor, e fazer tudo o que está ao vosso alcance para confirmar a culpa do réu.

– Nada disso! – bradou Sidmouth, com genuína fúria. – Para mim, a culpa do réu está inteiramente comprovada. O tal Corday, seja qual for o nome por que decidiu aprestar-se, foi condenado na sequência de um processo judicial absolutamente legítimo. É a rainha que precisa de ser tranquilizada.

– Compreendo – disse Sandman. Witherspoon inclinou-se para a frente na cadeira.

– Desculpe a pergunta, capitão, mas não terá o senhor inclinações radicais?

– Radicais?

– Não tem quaisquer objecções contra a forca?

– Para um violador e assassino? – Sandman parecia indignado. – Claro que não!

Era uma resposta bastante honesta, apesar de, na verdade, Sandman nunca ter meditado muito acerca da forca. Jamais tinha posto os olhos numa, embora soubesse que havia um patíbulo em Newgate, outro na margem sul do rio, em Horsemonger Lane, e um em cada cidade da Inglaterra e do País de Gales onde existisse um tribunal. De vez em quando ouvia protestos contra o excessivo recurso à pena capital, ou a estupidez de enforcar um aldeão faminto só porque roubara um cordeiro de cinco xelins; mas conhecia pouca gente empenhada em acabar para sempre com o nó corredio. A forca servia como elemento dissuasor, como punição e como exemplo. Era uma coisa necessária.

Fazia parte da máquina da civilização e protegia os cidadãos respeitadores da lei contra os malfeitores.

Satisfeito com a reacção indignada de Sandman, Witherspoon esboçou um sorriso.

– Não estava propriamente convencido de que o senhor fosse um radical – redarguiu em tom apaziguador –, mas é sempre melhor certificarmo-nos.

– Portanto – disse Lord Sidmouth, lançando um olhar ao relógio – aceita trabalhar para nós como investigador?

Contava com uma resposta imediata, porém Sandman hesitou; não por falta de vontade de aceitar o cargo, mas porque duvidava das suas aptidões para investigador criminal. Por outro lado, pensando bem, quem disporia das qualificações apropriadas? Lord Sidmouth tomou erradamente a sua hesitação por relutância.

– O cargo não vai dar-lhe grande trabalho – garantiu, impaciente. O canalha é indubitavelmente culpado, apenas pretendemos acalmar os escrúpulos femininos da rainha. Prefere receber ao mês ou ao dia? – Após uma pausa, acrescentou, em tom escarninho: – Ou receia que a missão interfira com o seu críquete?

Como Sandman precisava de um salário mensal, engoliu os insultos.

– Claro que aceito o cargo, excelência. Com muita honra. Witherspoon levantou-se da cadeira, assinalando o fim da audiência, e o ministro fez um aceno de despedida.

– Witherspoon fornecer-lhe-á as credenciais necessárias. Passe bem, senhor. – Às suas ordens, excelência. – Sandman acompanhou estas palavras com uma vénia, mas o ministro ocupava-se já de outros assuntos.

Sandman acompanhou o secretário até uma antecâmara, onde um escrivão se afadigava sobre a sua mesa de trabalho.

– As suas credenciais estarão prontas e oficializadas com o sinete dentro de instantes – disse Witherspoon – mas, entretanto, tenha a bondade de sentar-se.

Sandman, que trouxera consigo a petição Corday, aproveitou para lê-la agora de uma ponta à outra, mas pouco mais informação extraiu daquelas linhas cheias de erros. Era óbvio que a mãe do réu, que assinara de cruz o apelo, se limitara a ditar a alguém um incoerente pedido de clemência, garantindo que o filho era um excelente rapaz, perfeitamente inofensivo e muito cristão. Contudo, abaixo destas alegações, liam-se duas notas demolidoras. "Horrendo" – rezava o primeiro – "o homem é culpado de um crime infame"; "Que a Lei siga o seu curso" – aconselhava o segundo, numa caligrafia intrincada. Sandman estendeu a petição a Witherspoon.

– Quem escreveu estas notas?

– A segunda é a decisão do ministro – esclareceu Witherspoon escrita sem prévio conhecimento do interesse de Sua Majestade no caso. A primeira? Essa foi escrita pelo juiz que proferiu a sentença.

Faz parte das nossas normas de rotina remeter as petições para o juiz responsável, antes de tomarmos qualquer decisão. No presente caso, trata-se de sir John Silvester. Conhece-o?

– Receio bem que não.

– É o supremo magistrado de Londres, e, como facilmente

deduzirá desse facto, um juiz extremamente experiente. O último homem a permitir um grosseiro erro de justiça no seu tribunal.

Entregando um documento ao escrivão, Witherspoon interrogou Sandman:

– O seu nome vai figurar na credencial, como é óbvio. Alguma particularidade ortográfica?

– Nenhuma – respondeu Sandman. Enquanto o escrivão apunha o seu nome no documento, tornou a ler a petição, mas não descortinou nela argumentos contra os factos estabelecidos. Maisie Cruttwell proclamava a inocência do seu filho, não apresentando porém qualquer prova dessa sua convicção.

Em vez disso, apelava para a misericórdia do rei.

– Porque recorreram a mim? – perguntou Sandman a Witherspoon. Quero dizer, decerto que já anteriormente nomearam outros investigadores? Não cumpriram satisfatoriamente a tarefa?

– Mr. Talbot era inteiramente satisfatório – respondeu Witherspoon, à procura do sinete que autenticaria o documento –, mas morreu.

– Oh.

– De ataque cardíaco – prosseguiu Witherspoon –, um incidente trágico. E porque o escolhemos a si?

Porque, conforme o ministro o informou, o senhor foi-nos recomendado.

Continuava a vasculhar o conteúdo de uma gaveta, em busca do sinete.

– Um primo meu esteve em Waterloo – prosseguiu – um hussardo, o capitão Witherspoon.

Conheceu-o?

– Não, lamento.

– Morreu.

– Lastimo muito.

– Talvez tenha sido o melhor que podia acontecer-lhe –

comentou Witherspoon, no momento em que finalmente encontrou o sinete. – Passava a vida a dizer que tinha medo do fim da guerra. Duvidava de que a paz lhe trouxesse qualquer interesse na vida.

– Era um receio muito comum entre os militares – reconheceu Sandman.

– Este documento – afirmou Witherspoon, agora ocupado a aquecer uma tira de cera sobre a luz de uma vela – confirma que o senhor prossegue investigações oficiais para o Ministério do Interior, e solicita a cooperação de todos que interrogar, embora não os obrigue a tal. Tome boa nota desta distinção, capitão, é muito importante. Não temos o direito legal de exigir cooperação – derramou um pouco da cera derretida sobre a carta, imprimindo em seguida a marca do sinete sobre a mancha rubra –, portanto limitamo-nos a solicitá-la. Agradeço que me devolva este documento uma vez terminada a sua investigação. Quanto à maneira de conduzi-la, capitão... sugiro que não se esforce demasiado. Não resta qualquer dúvida acerca da culpa do homem. Corday é um violador, um assassino e um mentiroso, e a única coisa que nos falta é arrancar-lhe uma confissão. Encontrá-lo-á em Newgate, e, se o pressionar devidamente, não duvido de que acabará por confessar o seu brutal crime, e a sua missão ficará assim terminada.

Estendeu a carta a Sandman.

– Espero receber notícias suas muito em breve. Aguardamos um relatório escrito, mas, de preferência, sucinto.

Subitamente, recolheu a carta, para dar mais ênfase à frase seguinte:

– Acima de tudo, capitão, não queremos complicações. O que esperamos de si é um relatório sumário que permita ao meu senhor garantir à rainha a inexistência de qualquer fundamento para um perdão, a fim de todos podermos esquecer de vez este maldito caso.

– E se o homem não confessar? – indagou Sandman.

– Obrigue-o – instou Witherspoon veementemente. – De qualquer forma, vai acabar na forca, capitão, quer nos apresente ou

não o seu relatório. Só que seria conveniente tranquilizarmos Sua Majestade acerca da culpabilidade do canalha antes de o executarmos.

– E se ele estiver inocente?

A mera sugestão deixou Witherspoon horrorizado.

– Como poderia isso acontecer? Já foi considerado culpado!

– Claro que sim – replicou Sandman, pegando na credencial e enfiando-a no bolso do casaco. – Sua excelência – tartamudeou – referiu-se a emolumentos.

Sandman detestava falar de dinheiro, um assunto tão impróprio para cavalheiros; mas a sua penúria era igualmente imprópria.

– Com certeza – assentiu Witherspoon. – Costumávamos pagar vinte guinéus a Mr. Talbot, mas dificilmente recomendaria a mesma tarifa no presente caso. O assunto é de tal forma trivial que não justifica mais que um cheque de quinze guinéus. Para onde hei-de enviar-lhos?

Consultou o seu bloco-notas, e pareceu chocado.

– É mesmo este o endereço? O Wheatsheaf? Em Drury Lane?

– Exactamente – confirmou Sandman, constrangido. Tinha a consciência de que Witherspoon merecia uma explicação, dado que o Wheatsheaf era um notório antro de bandidos, mas Sandman desconhecia-lhe essa reputação quando lá fora alugar um quarto, e não se sentia na obrigação de justificar-se perante Witherspoon.

– O senhor lá sabe – retorquiu Witherspoon, em tom duvidoso. Sandman hesitou. Não era de forma alguma um cobarde, tinha até de facto uma fama de bravura, mas tal fama havia sido conquistada no fragor das batalhas, e o passo seguinte requeria todas as suas reservas de coragem.

– Mencionou um cheque, Mr. Witherspoon, mas não acharia preferível remeter-me dinheiro? Há que contar com despesas inevitáveis...

A voz sumiu-se-lhe, porque nem para salvar a própria vida conseguiria improvisar que tipo de despesas seriam essas.

Tanto Witherspoon como o escrivão olharam para Sandman como se ele tivesse acabado de abaixar as calças.

– Dinheiro? – perguntou Witherspoon, siderado. Sandman apercebeu-se de que corava.

– Pretendem que o assunto se resolva rapidamente – disse – e podem surgir contingências que impliquem gastos. Não posso prever exactamente que tipo de contingências, mas...

Encolheu os ombros, e a voz voltou a sumir-se-lhe.

– Prendergast – Witherspoon dirigia-se ao escrivão, mas não tirava os olhos de Sandman – faça o favor de ir ao escritório de Mr. Hodge, apresente-lhe os meus cumprimentos e peça-lhe que nos adiante quinze guinéus.

– Fez uma pausa, sem desfitar Sandman. – Em moeda.

O dinheiro lá apareceu, foi entregue, e Sandman saiu do Ministério do Interior com as algibeiras a transbordar de ouro. Diabos levem a pobreza, pensou, mas devia a renda no Wheatsheaf e havia já três dias que não comia uma refeição decente.

Caramba, quinze guinéus! Podia dar-se ao luxo de uma refeição, um pouco de vinho e uma tarde de críquete. A visão era aliciante, mas Sandman não era homem para fugir aos seus compromissos. O cargo de investigador do Ministério dos Assuntos Internos podia ser temporário, mas, se despachasse rapidamente aquele primeiro inquérito, era bem possível que Lord Sidmouth viesse a encarregá-lo de outras missões mais lucrativas – uma perspectiva tão desejável que, por ela, valia a pena abdicar da refeição e do vinho, e adiar a partida de críquete.

Porque havia um criminoso a entrevistar e uma confissão a obter.

E Sandman tratou de ir buscá-la.

Em Old Bailey, uma viela em forma de funil que se ia estreitando desde Newgate Street até Lugate Hill, o patíbulo estava a ser desmontado. O pano de baeta negra que havia revestido o estrado já se encontrava dobrado e arrumado numa pequena carroça, e dois homens ocupavam-se a trazer para baixo a pesada

trave de onde as quatro vítimas haviam pendido. As primeiras folhas com a descrição das execuções e dos crimes que as tinham motivado estavam a ser apregoadas e vendidas a um penny por exemplar aos restos da turba matinal que tinham ficado para ver James Botting puxar os quatro cadáveres da fossa da forca e instalá-los na borda do alçapão, retirando-lhes os laços de corda dos pescoços e depositando-os em seguida nos respectivos caixões. Nessa altura, uma meia dúzia de espectadores havia subido ao cadafalso para tocar com uma mão dos defuntos nas suas chagas, pústulas ou tumores.

Por fim, os caixões haviam sido levados para o interior da prisão, mas ainda havia quem não arredasse pé, só para assistir à desmontagem do cadafalso. Dois vendedores apregoavam aquilo que diziam ser bocados das cordas fatais. Magistrados de peruca e toga negra azafamavam-se entre o Lamb Inn, o Maggie and Stump e os pátios do Tribunal que havia sido construído ao lado da prisão.

A rua tinha voltado a ser aberta ao trânsito, de modo que Sandman se viu obrigado a esquivar-se entre carroças, carruagens e carretas para conseguir alcançar o portão da prisão, onde contara deparar-se com guardas e ferrolhos, mas em vez disso encontrou um porteiro fardado postado ao cimo das escadas e dúzias de pessoas a entrar e a sair. As mulheres carregavam embrulhos de comida, bebés e garrafas de gim, cerveja ou rum. Crianças corriam de um lado para o outro aos berros, enquanto que dois empregados de avental, do Maggie and Stump, transportavam refeições quentes em tabuleiros de madeira para os prisioneiros que podiam pagar-lhes os serviços.

– Vossa senhoria procura alguém? – O porteiro, notando o embaraço de Sandman, rompera pela multidão para ir ao seu encontro.

– Procuro Charles Corday – explicou Sandman, e, notando a perturbação do porteiro, acrescentou que vinha da parte do Ministério do Interior.

– O meu nome é Sandman – adiantou, capitão Sandman, e sou o investigador oficial de Lord Sidmouth. – Mostrou-lhe a credencial ornada do impressionante selo do Ministério.

– Ah! – o porteiro não se mostrou nada interessado no documento. O senhor é então o substituto de Mr. Talbot, que a sua alma repouse em paz. Um autêntico cavalheiro, meu senhor.

Sandman guardou a carta.

– Talvez deva apresentar primeiro os meus cumprimentos ao governador?

– Director, Mr. Brown é o director da prisão, senhor, e não lhe ficará grato pelos seus cumprimentos, pelo simples motivo de que não são necessários. Basta-lhe entrar por aí dentro, senhor, e avistar-se com o preso. Mr. Talbot, Deus lhe tenha a alma em descanso, costumava levá-los para uma das salgadeiras vazias para ter uma conversinha com eles. – O porteiro fez um sorriso de mofa, acompanhado do gesto de um soco imaginário. – Era dos bons para sacar a verdade, lá isso era Mr. Talbot. Homem enorme, aliás, mas isso também o senhor. Como disse que se chama o seu sujeito?

– Corday.

– Condenado à morte, não é? Nesse caso, vossa senhoria irá dar com ele no Press Yard. Traz consigo algum auxiliar, senhor?

– Um auxiliar?

– Uma pistola, senhor. Não? Há cavalheiros que o fazem, embora as armas não sejam recomendáveis neste lugar, senhor, dado que os malandros conseguem por vezes levar a melhor sobre uma pessoa e fisgá-las. E permite-me um conselho, senhor? – O porteiro, cujo hálito tresandava a rum, voltou-se e agarrou Sandman pela lapela, a fim de dar mais peso às suas palavras seguintes. – Ele vai dizer-lhe que está inocente, senhor. Não há aqui um único homem culpado, nem um só! Se lhes perguntar, claro. Todos eles juram pela vida das mãezinhas que não foram eles, mas foram. Todos, sem excepção. – Arreganhou a dentuça num sorriso e largou o casaco de Sandman. – Tem um relógio, senhor? Ah sim? Olhe que não convém levar consigo nada que possa ser roubado.

Vou guardá-lo neste armário, senhor, bem fechado à chave e sob a minha vigilância. Virando aquela esquina, senhor, dará com

umas escadas. Desça-as, meu senhor, siga pelo túnel e não repare no cheiro. Preste é atenção às suas costas!

Este último aviso visava toda a gente do átrio, porque quatro serventes, acompanhados por três guardas armados de bastões, transportavam naquele momento um singelo caixão de madeira através da porta da prisão.

– É a rapariga que esticou esta manhã – confidenciou o porteiro a Sandman. – Vão levá-la aos cirurgiões. Esses cavalheiros gostam muito de dissecar raparigas novas, lá isso gostam. Desça as escadas, senhor, e guie-se pelo seu nariz.

O cheiro a corpos mal lavados trouxe à memória de Sandman os aquartelamentos em Espanha a transbordar de casacas-vermelhas exaustos, e o fedor tornou-se cada vez mais repulsivo à medida que foi avançando pelo túnel de lajes de pedra de onde partia um novo lance de escadas conduzindo a uma sala de guarda, contígua a um maciço portão gradeado que dava para o Press Yard. Dois carcereiros, ambos armados de porretes, guardavam o portão.

– Charles Corday? – respondeu um deles à pergunta de Sandman sobre onde encontrar o prisioneiro.

– Não tem nada que errar. Se não estiver no pátio é porque está na sala de reuniões – informou, apontando para uma porta aberta no lado oposto do pátio. – Parece uma fraldisqueira, é por isso que não pode falhá-lo.

– Uma fraldisqueira?

O homem abriu os ferrolhos do portão.

– Tem um estuporado ar de rapariga, senhor – esclareceu desdenhosamente. – Camarada seu, talvez?

– Esboçou um sorriso, que se apagou no instante em que Sandman se virou para encará-lo. – Não estou a vê-lo no pátio, senhor – tendo sido soldado, o carcereiro endireitou-se instintivamente e assumiu uma pose respeitosa ante o olhar de Sandman –, de modo que deve estar na sala de reuniões. Por aquela porta ali, senhor.

O Press Yard era um pátio estreito, entalado entre altas e

húmidas paredes de edifícios. A pouca luz que lá chegava provinha de uma cobertura gradeada no muro que dava para a rua de Newgate, junto do qual um grupo de prisioneiros, facilmente identificáveis pelas correntes nos pés, recebiam as suas visitas. Crianças brincavam em torno de um esgoto a céu aberto. Um cego, sentado perto das escadas, falava consigo mesmo, coçando as feridas dos seus tornozelos acorrentados. Um bêbado, igualmente acorrentado, dormia enquanto uma mulher - obviamente a esposa - chorava em silêncio a seu lado. Tomando Sandman por um visitante rico, estendeu-lhe a mão de pedinte.

– Tenha piedade de uma pobre mulher, sua senhoria, por favor tenha piedade.

Sandman dirigiu-se à sala de reuniões, que consistia numa divisão ampla, cheia de mesas e bancos.

Achas de carvão ardiam sob uma vasta grelha, aquecendo panelas dependuradas de um suporte com ganchos. Duas mulheres atarefavam-se a remexer o conteúdo das panelas, manifestamente destinado a meia dúzia de sujeitos sentados em redor de uma das compridas mesas. O único guarda presente, um rapaz novo armado de um bastão, estava também sentado à mesa, partilhando com os demais uma garrafa de gim, mas as risadas cessaram abruptamente com a entrada de Sandman. O silêncio instalou-se então nas outras mesas, enquanto uns quarenta ou cinquenta pares de olhos se fixavam no recém-chegado. Alguém cuspiu para o chão. Havia qualquer coisa em Sandman, talvez a sua elevada estatura, que indicava autoridade, e aquele não era o tipo de sítio onde a autoridade fosse bem recebida.

– Corday! - clamou Sandman, adoptando a voz de comando característica de um oficial do exército.

– Venho à procura de Charles Corday!

Não recebeu qualquer resposta.

– Corday! - chamou de novo.

– Senhor? - A voz que se elevou era trémula e provinha do recanto mais afastado e obscuro da sala.

Sandman abriu caminho entre as mesas, ao encontro de uma

patética figura humana agachada contra a parede do fundo. Charles Corday era muito jovem, não aparentando mais de dezassete anos, magro até à debilidade, e, com o seu rosto mortalmente pálido, emoldurado por longas madeixas louras, parecia de facto efeminado. Tinha pestanas compridas, o lábio superior tremia-lhe, e uma nódoa negra marcava-lhe uma das faces.

– Charles Corday? – Sandman experimentou uma aversão instintiva contra o jovem, que lhe parecia excessivamente frágil e com demasiada pena de si próprio.

– O próprio, senhor. – O braço direito de Corday era sacudido por convulsões.

– Ponha-se de pé – ordenou Sandman. Corday pestanejou ante o tom de comando, mas obedeceu, vacilando porque as correntes dos pés se lhe enterraram nos tornozelos. – Sou um enviado pelo ministro do Interior – explicou Sandman –, e preciso de um sítio para falar consigo a sós. Talvez possamos usar as celas. O caminho para lá parte daqui? Ou do pátio?

– Do pátio, senhor – respondeu Corday, apesar de mal parecer ter entendido o resto das palavras de Sandman.

Sandman conduziu Corday na direcção da porta.

– É o teu namorado, Corday? – escarneceu um homem de muletas. Veio dar-te um abraço de adeus, não é? – Os outros presos desataram a rir, mas Sandman, como oficial experimentado que era, sabia quando ignorar insubordinações e continuou a andar tranquilamente, até ouvir um grito de Corday.

Voltando-se para trás, viu que um indivíduo de grenha oleosa e barba por fazer agarrava Corday pelos cabelos, como que por uma trela.

– Estava a falar contigo, Charlie! – disse o homem. – Puxou-lhe pelo cabelo, fazendo o rapaz gritar outra vez. – Beija-nos, Charlie – exigiu o homem – vá lá, dá-nos um beijinho!

As mulheres sentadas à mesa riram-se da aflição de Corday.

– Larga-o – disse Sandman.

– Não dás ordens aqui, palhaço – grunhiu o homem da barba

por fazer. - Aliás ninguém dá ordens aqui, acabaram-se as ordens até o Jemmy nos vir buscar, portanto podes dar o fora, trouxa, põe-te a andar.

O homem interrompeu-se subitamente, soltando um estranho guincho.

- Não! - berrou. - Oh não!

Rider Sandman sempre sofrera de um temperamento violento. Sabia-o, e tentava combatê-lo. Na vida do dia-a-dia adoptava um tom de branda determinação e um excesso de cortesia, socorria-se da racionalidade e reforçava-a com orações, por temer conscientemente os efeitos do seu mau feitio, mas nem toda a racionalidade, a oração e a cortesia juntas chegavam para debelar os seus rompantes de fúria. Os seus soldados sabiam que existia um diabo no capitão Sandman. Um autêntico diabo, logo um homem que não convinha contrariar, porque a sua ira irrompia tão súbita e violentamente como os relâmpagos e trovões de uma tempestade de Verão. E além disso de elevada estatura e enorme força - a suficiente para elevar nos ares o preso mal barbeado e atirá-lo contra a parede com tamanho ímpeto que a cabeça lhe ressaltou das pedras. Depois o homem voltou a gritar quando Sandman lhe desferiu um violento murro nas partes baixas.

- Disse-te para o largares - a voz de Sandman soou como um chicote. - Não ouviste o que eu disse?

Serás surdo ou só um maldito estupor de atrasado mental? - Esbofeteou o homem uma e outra vez, com os olhos a faiscar e a voz a ferver com a promessa de piores violências. - Diabos te levem!

Tomas-me por alguma espécie de tolo? - Sacudiu o homem. - Responde-me!

- Senhoria - acabou por conseguir dizer o homem da barba mal feita.

- Responde-me! Raios te partam! - Sandman agarrou a garganta do preso com a mão direita e começou a estrangular a criatura, agora incapaz de articular palavra. Instalara-se um absoluto silêncio na sala de reuniões. O homem, de olhos fitos nos

olhos pálidos de Sandman, sufocava.

O carcereiro, tão apavorado pela violência da ira de Sandman como todos os prisioneiros presentes, cruzou nervosamente a sala.

– Senhor? Está a estrangulá-lo, senhor.

– Estou mas é a matá-lo – rosnou Sandman.

– Meu senhor, por favor acalme-se, senhor.

Caindo subitamente em si próprio, Sandman soltou o prisioneiro.

– Se não consegues ser educado – sugeriu à meia sufocada criatura mais vale ficares calado.

– Ele não volta a incomodá-lo, senhor – atalhou o guarda ansiosamente –, garanto-lhe que não.

– Venha, Corday – ordenou-lhe Sandman, abandonando a sala. A sua saída foi acolhida com um suspiro de alívio.

– Quem raio era aquele? – conseguiu perguntar o amachucado prisioneiro mau grado a dor da garganta.

– Nunca lhe tinha posto a vista em cima.

– Não tinha direito nenhum de atacar-me! – protestou o condenado, e os compinchas rosnaram em seu apoio, embora nenhum deles se arriscasse a seguir Sandman para debater o assunto.

Sandman conduziu um aterrado Corday através do Press Yard, até ao lance de escadas que levava às quinze salgadeiras. As cinco do piso inferior estavam todas a ser usadas por prostitutas, e Sandman, ainda com o sangue a ferver, nem se deu ao trabalho de pedir desculpa por interromperlhes o trabalho, limitando-se a bater com as portas e a continuar a subir as escadas, até dar com uma cela vaga.

– Para aqui – ordenou a Corday, e o assustado jovem apressou-se a entrar. Sandman encolheu-se perante o fedor prevalecente naquela parte mais antiga da cadeia, que sobrevivera às labaredas do motim de Lord Gordon. O resto da prisão ficara reduzido a cinzas, mas aquela zona apenas ficara chamuscada, e as

salgadeiras mais pareciam masmorras medievais do que celas modernas. Havia no chão um tapete de corda, obviamente destinado a servir de colchão, cobertores para cinco ou seis homens empilhavam-se a eito debaixo da alta janela de grades, e a um canto via-se um bacio por despejar.

– Sou o capitão Rider Sandman – anunciou, apresentando-se de novo a Corday –, e fui encarregado pelo ministro do Interior de investigar o seu caso.

– Porquê? – Corday, que se afundara sobre a pilha de coberturas, teve de reunir toda a sua energia para formular a pergunta.

– A sua mãe tem certas relações – retorquiu sucintamente Sandman, ainda quente das recentes emoções.

– A Rainha interveio em minha defesa? – indagou Corday, esperançoso.

– Sua Majestade solicitou uma confirmação da sua culpa – elucidou Sandman, enfadado.

– Mas eu não sou culpado! – protestou Corday.

– Já foi julgado e condenado – replicou Sandman –, portanto a sua culpa está fora de questão. – Tinha a consciência de estar a ser insuportavelmente pretensioso, mas queria terminar aquela desagradável entrevista o mais depressa possível, para poder ir ao seu críquete. Pensou que iriam ser os quinze guinéus mais rápidos que ganhara em toda a sua vida, porque não conseguia imaginar aquela desprezível criatura a resistir às suas exigências de uma confissão. Corday apresentava um aspecto patético, efeminado, e parecia prestes a desfazer-se em lágrimas. As roupas que usava, embora em desalinho, eram elegantes e da última moda: calção preto, meias brancas, camisa branca de folhos e colete de seda azul; mas não tinha gravata nem casaco. Pelas contas de Sandman, aquelas peças de vestuário eram bem mais dispendiosas do que quaisquer artigos do seu próprio guarda-roupa, o que só contribuiu para reforçar a sua aversão a Corday, cuja voz nasalada e monocórdica apresentava um sotaque denunciador de aspirações a subida na escala social. Um arrivistazinho hipócrita, tal foi a impressão instintiva de Sandman; um fedelho mal saído da casca, e

já a macaquear as maneiras e costumes dos seus superiores.

– Não fiz nada! – protestou de novo Corday, desatando depois a chorar. Os soluços sacudiam-lhe os ombros estreitos e as lágrimas corriam-lhe pelas faces pálidas.

Sandman mantinha-se no limiar da cela. Evidentemente que o seu antecessor arrancara confissões aos presos à pancada, mas não conseguia imaginar-se a si próprio nesse papel. Não era um método honroso nem admissível, o que implicava que teria de convencer aquele desgraçado a dizer a verdade por via da persuasão, mas, antes do mais, impunha-se fazê-lo parar com a choradeira.

– Porque é que usa o nome de Corday – perguntou, na esperança de distraí-lo –, se o apelido da sua mãe é Cruttwell?

Corday fungou.

– Não há nenhuma lei contra isso.

– E eu disse que havia?

– Sou um pintor retratista – afirmou Corday com petulância, como se precisasse de reassegurar-se a si próprio a tal respeito –, e os clientes preferem fazer-se retratar por pintores com nomes franceses.

O apelido Cruttwell não tem classe nenhuma. O senhor encomendaria o seu retrato a um tal Cruttwell, se em vez disso pudesse recorrer aos serviços de Monsieur Charles Corday?

– Você é pintor? – Sandman não conseguia ocultar o seu espanto.

– Sou, sim! – Com os olhos avermelhados do choro, Corday encarou Sandman com beligerância, antes de voltar a recair na sua prostração. – Fui aprendiz de sir George Phillips.

– É um artista de sucesso – observou Sandman em tom de escárnio –, apesar do seu prosaico nome inglês. E sir Thomas Lawrence também não me soa muito francês ao ouvido.

– Pensei que a mudança de nome poderia ajudar – disse Corday amuado. – Em que é que isso importa?

– A sua culpa é que importa – declarou Sandman rispidamente –, e, mais que não fosse, poderia apresentar-se perante a face do seu Criador de consciência tranquila se decidisse confessar.

Corday fitou Sandman como se o seu visitante estivesse louco.

– Sabe de que é que sou culpado? – acabou por perguntar. – Sou culpado de ter desejado subir na escala social. Sou culpado de ser um pintor competente. Sou culpado de ser um raio de pintor muito melhor do que aquele maldito sir George Phillips, e sou culpado, meu Deus, e a que ponto!, de ser estúpido, mas não matei a condessa de Avebury! Não a matei!

Embora Sandman não simpatizasse com o rapaz, sentiu o perigo de deixar-se persuadir por ele, de modo que resolveu fortalecer-se a si próprio recordando as palavras de aviso do porteiro junto dos portões da prisão.

– Quantos anos tem? – perguntou.

– Dezoito – foi a resposta de Corday.

– Dezoito – repetiu Sandman como um eco. – Deus há-de apiedar-se da sua juventude – garantiu. – Todos nós cometemos erros quando somos novos, e você fez coisas terríveis, mas cabe a Deus avaliar a sua alma e a esperança ainda não está perdida. Não está condenado ao fogo do inferno; basta-lhe confessar e pedir perdão a Deus.

– Perdão de quê? – replicou Corday em tom de desafio. Sandman ficou tão desmoralizado que nem disse palavra.

De olhos vermelhos e faces lívidas, Corday ergueu o olhar para o alto da estatura de Sandman.

– Olhe para mim – pediu –, pareço-lhe um homem com a força suficiente para violar e matar uma mulher, ainda que quisesse fazê-lo? Tenho esse género de aspecto?

Não tinha. Sandman foi forçado a admiti-lo, pelo menos com os seus botões, dado que Corday era uma criatura débil e insignificante, delgada e magra, que voltava agora a mergulhar no choro.

– Vocês são todos iguais! – gemeu. – Ninguém quer ouvir!

Ninguém se importa! Desde que haja alguém para enforcar, ninguém se rala!

– Pára com essa choradeira, raios te partam! – rosnou Sandman, arrependendo-se imediatamente por ter cedido ao seu temperamento. – Peço desculpa – acrescentou entredentes.

Estas duas últimas palavras provocaram em Corday um assomo de perplexidade. Parou de chorar, olhou para Sandman e contraiu o rosto.

– Não fiz aquilo – disse suavemente –, não fiz aquilo.

– Então o que é que se passou? – perguntou Sandman, desprezando-se a si próprio por ter perdido o controlo da entrevista.

– Eu andava a pintá-la – explicou Corday. – O conde de Avebury queria um retrato da esposa e convidou sir George para executá-lo.

– Ele convidou sir George mas era você que andava a pintá-lo? indagou Sandman com cepticismo.

Ao fim e ao cabo, Corday não passava de um garoto de dezoito anos, enquanto que sir George Phillips era considerado como o único sério rival de sir Thomas Lawrence.

Corday suspirou, como se Sandman estivesse a mostrar-se deliberadamente obtuso.

– Sir George bebe – esclareceu em tom de desdém. – Começa com uma caneca ao pequeno-almoço e continua a emborcar até à noite, o que implica que as mãos lhe tremam. Portanto, ele bebe e eu pinto.

Sandman recuou para o corredor para fugir ao fedor do balde de dejectos por despejar colocado na cela. Ponderou se não estaria a ser demasiado crédulo, uma vez que Corday lhe parecia curiosamente credível.

– Pintava-a no estúdio de sir George? – perguntou, não porque isso lhe interessasse, mas para preencher o silêncio – Não – elucidou Corday. – O marido queria o retrato pintado no quarto de dormir da esposa, de modo que era aí que eu a pintava. Tem

alguma ideia da trabalheira que isso envolve? Uma pessoa tem de carregar para lá o cavalete e a tela, e giz, e tintas de óleo, e trapos, e lápis, e oleados, e taças para misturar cores, e mais trapos ainda. De qualquer forma, o conde de Avebury estava disposto a pagar por tudo isso.

– Quanto?

– O que quer que sir George conseguisse sacar-lhe. Oitocentos guinéus? Novecentos? A mim ofereceu-me cem. – Corday parecia amargurado com semelhante espórtula, que no entanto a Sandman se afigurava uma fortuna.

– É habitual pintar um retrato no quarto de dormir de uma senhora? indagou Sandman, genuinamente admirado. Não lhe custava imaginar que uma mulher gostasse de ver-se representada numa sala de visitas ou debaixo da copa de uma árvore num grande jardim banhado pelo Sol, mas o quarto parecia-lhe uma escolha bastante perversa.

– Era suposto tratar-se de um retrato de boudoir – explicou Corday, e, embora o termo fosse novo para Sandman, entendeu o seu significado.

– Estão muito na moda – prosseguiu Corday –, porque, nos tempos que correm, todas as senhoras desejam parecer-se com a Paulina Bonaparte de Canova.

Sandman franziu o sobrolho.

– Está a baralhar-me.

Perante tamanha ignorância, Corday ergueu aos céus um patético olhar de apelo.

– O escultor Canova – elucidou – executou uma estátua da irmã do imperador que granjeou enorme sucesso e agora todas as beldades da Europa desejam ser representadas numa pose idêntica. A mulher está reclinada num canapé, com uma maçã na mão esquerda e a cabeça apoiada na direita. – Para grande embaraço de Sandman, Corday mimou a dita pose.

– A nota dominante – prosseguiu o jovem – é que a mulher se encontra nua da cintura para cima. E, aliás, também um bom bocado

da cintura para baixo.

– Então a condessa estava nua enquanto você a pintava?

– Não. – Corday hesitou, mas acabou por encolher os ombros. – Foi-lhe ocultado que seria pintada nua, de modo que envergava uma camisa e um roupão matinal. No final teríamos de recorrer a um modelo no estúdio para pintar-lhe as mamas.

– Então ela não sabia? – Sandman mal podia acreditar.

– O marido queria um retrato – retorquiu Corday com impaciência –, e queria-a nua no retrato, mas, ciente de que ela recusaria, mentiu-lhe. Ela não se importava de fazer um retrato de boudoir, mas não estava disposta a despir-se diante de fosse quem fosse, de modo que nos preparávamos para falsificar o quadro e eu estava justamente a começar os preliminares, o esboço e os matizes. Traços a carvão sobre a tela com uns ligeiros toques de cor; o colorido da coberta da cama, o papel de parede, a tez e os cabelos de sua senhoria. Grande cabra me saiu.

Sandman sentiu uma vaga de esperança, porque as últimas quatro palavras tinham sido malévolas, exactamente como ele esperaria que um assassino se referisse à sua vítima.

– Não gostava dela?

– Gostar dela? Desprezava-a! – cuspiu Corday. – Era uma mulher de má fama disfarçada de senhora!

– Queria ele dizer com isto que se tratava de uma cortesã, de uma prostituta de alto coturno. – Um belo rabo, mais nada! – prosseguiu, rebaixando-a selvaticamente na escala. – Mas o simples facto de não gostar dela não faz de mim um violador e um assassino. Além disso, passa-lhe realmente pela cabeça que uma mulher como a condessa de Avebury consentisse ficar a sós com um pintor aprendiz? Usava uma aia como chaperon durante todo o tempo em que eu lá estava. Como poderia eu tê-la violado ou assassinado?

– Estava presente uma aia? – perguntou Sandman.

– Claro que sim – reafirmou Corday, escarninho – uma feia cabra chamada Meg.

Sandman encontrava-se agora totalmente confuso.

– E, segundo presumo, Meg testemunhou no seu julgamento?

– Meg desapareceu – replicou Corday em tom cansado – e é por isso que vão enforcar-me. – Fitou Sandman de frente. – Não acredita em mim, pois não? Julga que estou a inventar toda esta história.

Mas havia uma aia, o nome dela era Meg, esteve sempre lá, e, quando chegou a altura do julgamento, não pôde ser encontrada em parte nenhuma. – Proferiu esta tirada em tom de desafio, mas, de repente, foi-se abaixo e recomeçou a chorar.

– Acha que isto faz sofrer? – perguntou. – Garanto-lhe que sim. Que remédio!

Sandman fixou o olhar nas lajes do chão.

– Onde era a casa?

– Em Mount Street – respondeu Corday, arquejante e soluçando mesmo à saída de...

– Eu sei onde fica Mount Street – interrompeu Sandman com um ligeiro excesso de brusquidão.

Sentia-se embaraçado pelas lágrimas de Corday, mas prosseguia no seu interrogatório, agora inspirado por genuína curiosidade. – E admite que se encontrava em casa da condessa no dia em que ela foi assassinada?

– Estive lá mesmo antes de ela ser assassinada! – afirmou Corday. Havia umas escadas nas traseiras, destinadas aos criados, e alguém bateu à porta que lhes dava acesso. Uma pancada especial, um sinal, e a condessa ficou muito agitada e insistiu para que eu saísse imediatamente. Portanto, Meg fez-me descer pela escadaria da frente e acompanhou-me à porta. Tive de deixar lá todo o meu equipamento de trabalho, as tintas, as telas, tudo, e isso convenceu a polícia de que eu era culpado. De modo que, passada uma hora, vieram prender-me no estúdio de sir George.

– Quem mandou chamar os guardas? Corday encolheu os ombros em sinal de ignorância.

– Meg? Outra criada?

– E os guardas foram encontrá-lo no estúdio de sir George. Onde fica?

– Em Sackville Street. Por cima da loja dos joalheiros Gray. Corday pousou os olhos avermelhados em Sandman.

– Tem uma faca?

– Não.

– Porque, se tiver uma, suplico-lhe que ma dê. Dê-ma! Prefiro cortar os pulsos a continuar aqui! Não fiz nada, absolutamente nada! E, no entanto, sou espancado e ofendido todo o santo dia, e daqui a uma semana enforcam-me. Para quê esperar uma semana? No inferno já eu estou. Estou no inferno!

Sandman pigarreou.

– Por que não fica antes aqui, nas celas? Pelo menos estaria sozinho.

– Sozinho? Não ficaria sozinho por mais de dois minutos! Estou mais seguro lá em baixo, onde, pelo menos, há testemunhas. Corday limpou os olhos com a manga da camisa. – O que vai fazer agora?

– Agora? – Sandman estava perplexo. Tinha contado ouvir uma confissão e em seguida regressar ao Wheatsheaf para escrever um respeitoso relatório. Em vez disso, sentia-se confuso.

– Disse que o ministro o encarregou de proceder a investigações. Então, vai fazê-las? – Corday encarava-o com uma expressão de desafio, mas em seguida soçobrou. – O senhor não se importa.

Ninguém se importa!

– Tratarei de investigar – ripostou Sandman asperamente, e, de súbito, não conseguindo suportar mais o fedor, as lágrimas, a miséria, deu meia volta e correu escadas abaixo. Uma vez alcançada a atmosfera mais arejada do Press Yard, foi por um momento acometido pelo pânico de que os carcereiros não destrancassem o portão que o conduziria ao túnel, mas claro que o

fizeram.

O porteiro abriu com a chave o armário, de onde retirou o relógio de Sandman, um Breguet com caixa de oiro que lhe tinha sido oferecido por Eleanor. Sandman tinha tentado devolver-lho juntamente com as cartas, mas ela recusara aceitar fosse o que fosse de volta.

– Encontrou o seu sujeito, senhor? – indagou o porteiro.

– Encontrei-o, sim.

– E ele impingiu-lhe uma bela história, disso não me restam dúvidas casquinou o porteiro. – Uma linda treta, ei? São capazes de iludir qualquer um, senhor, com aquelas arengas. Mas há uma maneira simples de saber quando um sujeito está a dizer mentiras, senhor, uma maneira muito simples.

– Agradecia que me informasse qual – replicou Sandman.

– Quando falam, senhor, é assim que ficamos a saber quando mentem. Falam, logo mentem. – O porteiro considerava isto uma excelente piada e sufocava ainda de riso quando Sandman desceu as escadas até ao Old Bailey.

Ficou ali especado na calçada, alheio à multidão que circulava em seu redor. Sentia-se conspurcado pela prisão. Premiu a mola da tampa do Breguet e verificou que já passava das duas e meia da tarde; perguntou a si próprio que teria sido feito do seu dia. Eleanor mandara gravar na face interior da tampa a inscrição To Rider, in aeternam, e essa promessa palpavelmente falsa não contribuiu para melhorar o seu estado de espírito. Voltou a fechar a tampa no momento em que um trabalhador lhe gritou que prestasse atenção. O alçapão, o pavilhão e as escadas do cadafalso haviam sido desmantelados, e o tapume entrelaçado que envolvera a plataforma estava a ser deitado abaixo, com algumas tábuas a caírem perigosamente perto de Sandman. Um carroceiro que tentava fazer avançar uma grande carreta de tijolos chicoteava as montadas até lhes escorrer sangue dos flancos, muito embora os cavalos não pudessem romper por entre o emaranhado de veículos que atravancava a rua.

Sandman acabou por guardar o relógio no respectivo bolsinho

e encaminhou-se na direcção norte.

Sentia-se intimamente dividido. Corday havia sido declarado culpado e no entanto, apesar de Sandman não experimentar o menor rasgo de simpatia por ele, considerava a sua história credível.

Sem dúvida que o porteiro tinha razão acerca do facto de todos os inquilinos de Newgate estarem persuadidos da sua própria inocência, mas Sandman não era completamente ingénuo. Havia comandado um batalhão de soldados com extrema perícia e considerava-se capaz de distinguir quando um homem estava a dizer a verdade. E, caso Corday estivesse inocente, os quinze guinéus que lhe pesavam nos bolsos não seriam rápida nem facilmente ganhos.

Chegou à conclusão de que precisava de um conselho.

Portanto, tratou de ir assistir a uma partida de críquete.

CAPÍTULO 02

SANDMAN CHEGOU a Bunhill Row mesmo antes de os relógios da cidade baterem as três, com o estrépito das badaladas a abafar momentaneamente os sons da batida da pá na bola, pelos urros e dos aplausos dos espectadores. Parecia uma grande multidão, e, a avaliar pelos gritos, um bom desafio. O guarda do portão fez-lhe sinal para entrar.

– Não vou cobrar-lhe os seus seis pence, capitão.

– Mas devia, Joe.

– Pois, pois, e o senhor devia estar a jogar, capitão. – Joe Mallock, porteiro do campo de críquete da Artilharia, tinha em tempos sido lançador para os melhores clubes de Londres, até as dores nas articulações o terem obrigado a desistir, e lembrava-se muito bem de um dos seus últimos jogos, em que um jovem oficial ainda mal saído da escola o trucidara ao longo de todo o campo de jogo de New Road em Marylebone. – Há demasiado tempo que não vemos a sua pá, capitão.

– Ora, o meu melhor tempo já passou.

– O seu melhor tempo já passou, rapaz? Diz que o seu melhor tempo já passou e ainda nem tem trinta anos! Trate mas é de entrar em campo. Pelas últimas notícias que ouvi, a equipa de Inglaterra só tinha conseguido marcar cinquenta e cinco pontos com quatro jogadores por "queimar".

Precisam de si lá dentro!

Um rouco clamor de zombaria acolheu um lance falhado no momento em que Sandman se dirigia para a cerca. O "onze" do marquês de Canfield estava a jogar contra um "onze" de Inglaterra e um dos seusfielders, tendo falhado a intercepção de uma bola fácil, era agora alvo do escárnio da multidão.

– Mãos de manteiga! – berravam-lhe. – Atirem-lhe com um balde! Sandman deitou um olhar ao quadro dos resultados e verificou que a Inglaterra, no seu segundo innings, tinha apenas sessenta pontos de vantagem e ainda lhe restavam quatro wickets

por derrubar. A maior parte da assistência apoiava a equipa inglesa, e um forte aplauso saudou uma bela jogada que lançou a bola em alta velocidade até ao extremo oposto do campo. O lançador da marquesa, um gigante barbudo, cuspiu na relva e depois ergueu o olhar para o céu azul como se fosse surdo ao rumor da multidão. Sandman observou o batedor, de seu nome Budd, dirigir-se ao wicket e alisar um pedaço de turfa já bastante aplanado.

Sandman deambulou por entre as carruagens estacionadas junto da cerca. O marquês de Canfield, de cabelo e barba brancos, e resguardada num landau atrás de um telescópio, dirigiu a Sandman um ligeiro aceno, para logo desviar deliberadamente o olhar. Há um ano, antes da tragédia do pai de Sandman, o marquês tê-lo-ia saudado efusivamente, insistido em trocar com ele algumas impressões e pedido para ele se juntar à sua equipa, mas agora o nome Sandman caíra em desgraça e o marquês tratava abertamente de cortar relações. Mas logo de seguida, de um ponto mais afastado da cerca e à laia de compensação, uma mão agitou-se vigorosamente do interior de uma outra carruagem e uma voz impetuosa lançou uma saudação.

– Rider! Chega aqui! Rider!

A mão e a voz pertenciam a um jovem alto e espalhafatoso, pateticamente magro, muito ossudo e delgado, trajando um fato preto surrado e fumando um cachimbo de barro que derramava um rasto de cinza sobre o seu colete e casaco. O seu cabelo ruivo clamava por um par de tesouras, dado que caía em farripas sobre o seu rosto narigudo e flamejava por cima do amplo colarinho antiquado.

– Abaixa os degraus da carruagem – ordenou a Sandman –, vem aqui para dentro. Chegas vergonhosamente atrasado. Heydell marcou trinta e quatro pontos no primeiro innings, e por sinal muito bem marcados. Como vais, meu caro amigo? Fowkes está a lançar razoavelmente, embora algo inseguro na linha lateral. Budd lá vai manobrando a sua pá, e a criatura que acaba de entrar em campo é um tal Fellowes, a cujo respeito nada sei. Tu devias estar a jogar. Por outro lado, parecesme pálido. Andas a alimentar-te como deve ser?

– Eu como – replicou Sandman –, e tu?

– Deus vela por mim, na Sua imensa sabedoria, Ele vela por mim. O reverendo Lord Alexander Pleydell voltou a reclinar-se no seu assento – Reparei que o meu pai te ignorou.

– Fez-me um aceno de cabeça.

– Um aceno? Ah! Que bondade a sua. É verdade que jogaste para sir John Hart?

– Joguei e perdi – disse Sandman amargamente. – Estavam subornados – Meu caro Rider! Avisei-te acerca de sir John! O homem é a ganância em pessoa. Só quis que tu jogasses para que toda a gente se convencesse de que a equipa dele era incorruptível, e o estratagema funcionou, não é verdade? Só espero que te tenha pago algo que se veja, porque deve ter arrecadado uma bela maquia à conta da tua ingenuidade. Apetece-te um chá? Oh, claro que sim. Acho que vou dizer ao Hughes que nos traga chá e bolos da barraca de Mrs. Hillman, de acordo? Budd parece em excelente forma como sempre, não achas? Que grande batedor! Alguma vez pegaste no bastão dele?

É uma clava, um cacete! Oh, boa jogada, sim senhor! Bela batida! Não os poupe, cavalheiro, não os poupe! – Estava a apoiar a Inglaterra e aplicava-se a fazê-lo ruidosamente, a fim de que o pai, cuja equipa se opunha à inglesa, o ouvisse bem. – Fantástico, senhor, belo lance! Hughes, meu caro, onde se meteu?

Hughes, o lacaio de Lord Alexander, abeirou-se da carruagem.

– Meu senhor?

– Cumprimenta o capitão Sandman, Hughes, e parece-me que poderíamos arriscar um bule do chá de Mrs. Hillman, não achas? E talvez um pouco do seu bolo de alperce? – Sua senhoria depositou algumas moedas nas mãos do seu servidor. – O que é que dizem agora os corretores, Hughes?

– Estão fortemente a favor do "onze" do vosso pai, meu senhor. Lord Alexander adiantou mais duas moedas ao seu lacaio.

– O capitão Sandman e eu próprio apostamos um guinéu cada um na vitória da Inglaterra.

– Não posso dar-me a semelhante luxo – protestou Sandman – e, aliás, detesto apostar dinheiro no críquete.

– Não seja pretensioso – recomendou Lord Alexander – não estamos a comprar os jogadores, apenas a arriscar algum numerário com base na nossa avaliação dos seus méritos. Estás realmente pálido, Rider, terás contraído alguma doença? Cólera, talvez? Peste? Tísica, possivelmente?

– Febre da prisão.

– Meu querido amigo! – Lord Alexander parecia horrorizado. – Febre da prisão? Por amor de Deus, senta-te. – A carruagem balançou quando Sandman se sentou defronte do amigo. Tinham frequentado o mesmo colégio, onde se haviam tornado amigos inseparáveis e onde Sandman, excelente em todos os desportos e, portanto, considerado como um dos heróis da escola, sempre protegera Alexander dos fanfarrões para quem o pé boto de sua senhoria constituía motivo de ridículo. Lord Alexander, que era o segundo filho do marquês de Canfield, tinha em seguida rumado a Oxford, onde, no primeiro ano em que tais distinções foram atribuídas, recebeu dois primeiros prémios.

– Não me digas que foste parar à prisão – disse Lord Alexander a Sandman, agora em tom reprovador.

Sandman sorriu e mostrou ao amigo a carta do Ministério do Interior, passando em seguida a descrever-lhe a sua tarde, muito embora o seu relato fosse constantemente interrompido pelas exclamações de entusiasmo ou desdém motivadas pela partida de críquete, geralmente proferidas através de uma boca cheia do bolo de alperce de Mrs. Hillman, que sua senhoria ia reduzindo a uma chuva de migalhas que se juntavam aos salpicos de cinza no colete. Mantinha ao lado dele no assento um saco cheio de cachimbos de barro e, mal um se entupia, retirava outro e acendia-o com a pederneira. As faíscas arrancadas recaíam-lhe no casaco ou sobre os assentos de couro da carruagem, onde, ou eram apagadas, ou se deixavam esmorecer naturalmente enquanto sua senhoria puxava mais fumaças.

– Devo dizer – comentou após escutar a história de Sandman – que me parece altamente improvável que o jovem Corday seja

culpado.

– Mas ele foi julgado!

– Meu caro Rider! Meu querido, querido Rider! Rider, Rider, Rider. Rider! Alguma vez assististe às sessões do Old Bailey? Claro que não, tens andado demasiado ocupado a castigar os franceses, meu desgraçado. Mas não me restam dúvidas de que, no espaço de uma semana, aqueles quatro juizes despacham cem casos. Cinco por cabeça e por dia? Muitas vezes até mais. Aquela gente não vai a julgamento, Rider, são mas é arrastados de Newgate através do túnel, chegam à sala do tribunal encadeados pela luz, são abatidos como bois e arrastados dali para fora com algemas! Não se trata de fazer justiça!

– Mas dispõem de advogados de defesa, certamente!

Lord Alexander encarou Sandman com uma expressão chocada.

– Aquelas sessões não são os teus tribunais marciais, Rider. Isto é a Inglaterra! Que advogado se dará ao trabalho de defender um jovem sem um tostão acusado de roubar carneiros?

– Corday não é um jovem sem tostão.

– Mas aposto que também não é rico. Santo Deus, Rider, a mulher foi encontrada nua, numa poça de sangue, com a faca da paleta dele enfiada no pescoço.

Sandman, entretido a observar os rebatedores devolvendo prestamente um lance na sequência de uma jogada inábil que atirara com a bola para o fundo da linha, sentiu-se divertido ao verificar que o amigo conhecia os pormenores do crime de Corday, o que indicava que, quando não se encontrava imerso em volumes de filosofia, teologia ou literatura, Lord Alexander se dedicava à leitura dos folhetos populares que descreviam os mais violentos crimes cometidos em Inglaterra.

– Estás então a sugerir que Corday é culpado – deduziu Sandman.

– Não, Rider, estou a sugerir que parece ser culpado. Há uma boa diferença. E, em qualquer sistema de justiça respeitável,

deveríamos dispor de meios para distinguir entre a aparência e a realidade da culpa. Mas não é o que se passa no tribunal de sir John Silvester. O homem é uma besta, uma besta totalmente desprovida de consciência. Oh, boa tacada, Budd, boa tacada! Corre, homem, corre! Não percas tempo! - Sua senhoria pegou num novo cachimbo e desatou a lançar fogo a si próprio. - O sistema é todo ele pernicioso - afirmou entre duas baforadas.

- Aviltante! Condenam uns cem tipos à forca, e depois só matam uns dez, porque os restantes vêem a pena comutada. E como é que se consegue uma comutação de pena? Muito simples, basta convencer o nobre da região, ou o vigário, ou um aristocrata qualquer, a assinar a petição. Mas, e se não se conhece nenhuma destas notabilidades? Então vai-se parar à forca. Morre-se enforcado.

Grande tolo! Grande tolo! Viste aquilo? O Fellowes apanhou com a bola, valham-me os céus! A meio da perna! Fechou os olhos e balouçou a pá! Devia ser enforcado. Compreendes como a coisa funciona, Rider? A sociedade, quer dizer, as pessoas respeitáveis como tu e eu - bem, pelo menos tu - engendrou uma maneira de manter as classes inferiores sob controlo. Mantemo-los na dependência da nossa generosidade e da nossa amável condescendência. Condenamo-los ao patíbulo, depois poupamo-los e esperamos que eles se sintam muito gratos. Gratos! É aviltante. - Lord Alexander estava agora completamente exaltado. Torcia as longas mãos uma na outra, e o seu cabelo, já desgraçadamente esguedelhado, emaranhava-se numa grenha ainda mais revolta. - Aqueles malditos tories fitou Sandman, incluindo-o na acusação - completamente pervertidos! - Franziu o rosto por segundos, depois ocorreu-lhe uma bela ideia. - Tu e eu, Rider, vamos assistir a um enforcamento!

- Não!

- Faz parte dos teus deveres, meu caro. Agora que te tornaste num funcionário deste regime opressivo, cumpre-te tomar conhecimento de quanta brutalidade está reservada a essas almas inocentes. Vou escrever ao director de Newgate a pedir-lhe que nos seja a ambos concedido acesso privilegiado à próxima execução. Oh, uma mudança de lançador. Este fulano tem fama de

saber imprimir uma curvatura muito astuciosa ao movimento da bola. Vens cear comigo esta noite?

– Em Hampstead?

– Em Hampstead, claro – retorquiu Lord Alexander – é lá que vivo e como, Rider.

– Nesse caso, não posso ir.

Lord Alexander suspirou. Tinha-se esforçado muito por convencer Sandman a instalar-se em sua casa e Sandman havia-se sentido tentado a aceitar, porque o pai de Lord Alexander, não obstante desaprovar intensamente das inclinações radicais do filho, providenciava-lhe um generoso rendimento que permitia ao radical desfrutar de uma carruagem, estábulos, criados e uma biblioteca excepcional; mas Sandman chegara à conclusão de que passar mais do que umas poucas horas na companhia do seu amigo redundava invariavelmente em amargas discussões. Era preferível, infinitamente preferível, conservar a sua independência.

– Vi a Eleanor no passado sábado – informou Lord Alexander com a sua habitual falta de tacto.

– Espero que se encontrasse de boa saúde?

– Suponho que sim, mas creio que me esqueci de perguntar. De qualquer forma, para quê fazer semelhantes perguntas? Parecem tão redundantes. Obviamente, não estava moribunda, tinha bom aspecto, então porquê perguntar-lhe pela saúde? Recordas-te dos Princípios de Paley?

– É um livro? – perguntou Sandman, sendo recompensado com um olhar incrédulo. – Não o li – apressou-se a acrescentar.

– O que é que tens andado a fazer na vida? – indagou Lord Alexander, como que a pô-lo à prova. – Vou emprestar-te o livro, mas só para ficares a conhecer a vileza dos argumentos que são adiantados em defesa do cadafalso. Acreditas – Lord Alexander sublinhou o ponto seguinte espetando a haste do seu cachimbo em Sandman – que Paley chega ao extremo de desculpabilizar o enforcamento de inocentes com base na tese peregrina de que a pena capital é uma necessidade, que não se podem evitar erros neste mundo imperfeito, e que o sofrimento dos não culpados

serve, portanto, para tornar mais segura a sociedade em geral? A execução de inocentes constitui, pois, um sacrifício inevitável, embora talvez lastimoso. Deviam ter enforcado Paley por isto!

– Ele era um homem da igreja, se bem me lembro? – comentou Sandman, enquanto aplaudia um subtil corte de bola que levou um interceptador a desatar a correr até à linha de delimitação de Chiswell Street – Claro que era um homem da igreja, mas que tem isso a haver para o caso? Eu sou sacerdote, e será que isso confere força divina aos meus argumentos? Às vezes tornas-te absurdo. – Lord Alexander quebrara a haste do seu cachimbo ao aguilhoar com ele o amigo, e agora precisava de acender outro. – Tenho de reconhecer que Thomas Jefferson sustenta exactamente o mesmo ponto de vista, claro, mas acho o seu raciocínio mais elegante que o de Paley.

– O que só quer dizer – atalhou Sandman – que, como Jefferson é um dos teus heróis, não pode estar enganado.

– Espero ter maior capacidade de discernimento do que isso – replicou Lord Alexander, melindrado – e até tu próprio tens de admitir que Jefferson baseia as suas convicções em ideais políticos.

– O que só as torna mais reprováveis – insistiu Sandman – e tu estás a arder.

– Pois estou – reconheceu Lord Alexander, tratando de apagar o fogo no seu casaco. – Agora me lembro que a Eleanor perguntou por ti.

– Verdade?

– Não foi isso que acabei de dizer-te? E eu respondi-lhe que não tinha dúvidas de que te encontravas em excelente forma. Oh, bela batida, cavalheiro, bela batida. Budd dá umas pancadas quase tão fortes como as tuas! Encontrámo-nos no Egyptian Hall. Havia lá uma palestra acerca de...

– interrompeu-se, franzindo o cenho enquanto mirava os batedores valham-me os céus, esqueci-me por completo da razão por que lá fui, mas a Eleanor estava lá com o Dr. Vaux e a mulher. Santo Deus, aquele homem é um idiota!

– Vaux?

– Não, o novo batedor! Não faz sentido abanar a pá à toa! Acerta na bola, homem, acerta-lhe, é para isso que a pá serve! A Eleanor tinha um recado para ti.

– Um recado para mim? – O coração de Sandman disparou. O seu noivado com Eleanor bem podia estar cancelado, mas ele continuava apaixonado por ela. – O que era?

– Boa pergunta, o que era? – Lord Alexander tentou concentrar-se. Escapou-se-me da memória, Rider, escapou-se-me por completo. Valha-me Deus, também não podia ter sido importante. Não tinha importância alguma. E quanto à condessa de Avebury... – Estremeceu, obviamente incapaz de emitir qualquer opinião acerca da mulher assassinada.

– O que me dizes de sua senhoria? – perguntou Sandman, ciente de que não valia a pena insistir na olvidada mensagem de Eleanor.

– Sua senhoria! Ah ah! – a exclamação de Lord Alexander foi proferida em tom suficientemente alto para atrair a atenção de uma centena de espectadores. – Aquela desavergonhada! – acrescentou, antes de recordar-se da sua condição de eclesiástico. – Pobre mulher, agora decerto transferida para um lugar mais ameno. Se houvesse alguém que a quisesse ver morta, acho que deveria ser o marido.

O desgraçado mal pode levantar a cabeça com o peso dos cornos!

– Pensas que o conde a matou? – perguntou Sandman.

– Eles estavam de relações cortadas, Sandman, não será isso um indício? – De relações cortadas?

– Pareces surpreendido. Pode saber-se porquê? Dir-se-ia que metade dos maridos de Inglaterra estão de relações cortadas com as respectivas esposas. A situação dificilmente poderá qualificar-se de invulgar.

Sandman estava surpreendido porque seria capaz de jurar que Corday lhe dissera que tinha sido o conde a encomendar o retrato

da esposa, mas por que motivo o faria se estivessem desavindos?

– Tens a certeza de que estão separados?

– Sei-o da melhor fonte – retorquiu Lord Alexander em tom defensivo. – Sou amigo do filho do conde, Christopher de seu nome, por sinal um homem muito cordial. Frequentava Brasenove quando eu me encontrava em Trinity.

– Cordial? – estranhou Sandman. Era um adjectivo curioso.

– Oh, muitíssimo! – reforçou Alexander com veemência. – Lembro-me de que se formou com extrema distinção, e depois foi estudar para a Sorbonne com Lasalle. A sua especialidade é a etimologia.

– Insectos?

– Palavras, Rider, palavras. – Lord Alexander revirou os olhos perante a ignorância de Rider. – O estudo da origem das palavras. Não se trata de uma especialidade séria, sempre foi essa a minha opinião, mas Christopher meteu na cabeça que havia muito trabalho a desenvolver nessa área. A defunta era madrasta dele, claro.

– Ele falou-te acerca dela?

– Nós conversávamos sobre assuntos sérios – explicou Alexander com uma nota de reprovação na voz –, mas, naturalmente, no decurso de qualquer relacionamento, acabam por vir à baila trivialidades. Não morriam de amores uns pelos outros naquela família, isso posso garantir-te. Pai com desprezo pelo filho, pai com ódio à mulher, mulher abominando o marido, e filho amargamente revoltado contra ambos. Devo dizer que o conde e a condessa de Avebury constituíam uma excelente lição prática sobre os perigos da vida familiar. Oh, bela batida! Magnífica pancada!

Bravo rapaz! Fantástico lance! Corre, corre!

Sandman aplaudiu o batedor, e em seguida bebeu o último golo do seu chá.

– Fiquei surpreendido ao ouvir que o figurão e a condessa se encontravam de más relações – afirmou – porque Corday alega que foi o figurão quem encomendou o retrato. Por que haveria de fazê-

lo, se estavam separados?

– Terás de perguntar-lho a ele – ripostou Lord Alexander – se bem que o meu palpite, por pouco que valha, é o de que Avebury, apesar de ciumento, continuava enamorado dela. Ela era uma notória beldade e ele um notório pateta. Repara bem, Rider, que não estou a fazer qualquer acusação.

Apenas constato que, se alguém quisesse ver a dama morta, bem poderia ser o marido, embora duvide de que ele fosse capaz de assestar-lhe o golpe fatal por suas próprias mãos. Até mesmo o Avebury tem juízo suficiente para contratar alguém para fazer-lhe o trabalho sujo. Além de que é um mártir da gota. Oh, bem jogado! Bem jogado! Dêem-lhes forte, dêem-lhes forte!

– O filho continua em Paris?

– Já regressou. Vejo-o de tempos a tempos, embora não sejamos agora tão íntimos como nos tempos de Oxford. Olha-me para aquilo! A brincarem com a pá! Não adianta de nada fazer festas às bolas!

– Podias apresentar-mo?

– Ao filho de Avebury? Acho que sim.

O jogo terminou pouco depois das oito, quando a equipa da marquesa, necessitando apenas de noventa e três pontos para ganhar, se deixou ir abaixo. Essa derrota agradou a Lord Alexander, mas levou Sandman a desconfiar de que, mais uma vez, o suborno deturpara o resultado de um jogo. Não podia prová-lo, e Lord Alexander troçou da suspeita e nem de tal quis ouvir falar quando Sandman tentou recusar os seus ganhos da aposta.

– Claro que tens de aceitá-los – insistiu Lord Alexander. – Continuas instalado no Wheatsheaf?

Sabes que é um coito de bandidos?

– Agora já sei – reconheceu Sandman.

– Porque é que não vamos cear lá? Sempre poderei aprender alguma gíria demótica, embora, tanto quanto sei, toda a gíria seja demótica. Hughes? Vai buscar os cavalos e diz ao William que vamos para Drury Lane.

"Coito" era o termo de calão que designava os circuitos do crime londrino, e também o rótulo associado à respectiva gíria. Ninguém "roubava" uma bolsa, o que se fazia era uma "ligeireza limpeza", ou "arrancar o caroço", ou "aliviar um excesso de peso". A prisão era um "trilho de carneiros" ou uma "choça", Newgate chamava-se a "Estalagem da Cabeça do Rei" e os seus guardas "artistas de variedades". Um ladrão competente era uma "luminária" e a sua vítima um "carola da mamã". Lord Alexander foi classificado como um "carola da mamã", mas de excepcional categoria. Aprendeu todo o vocabulário da gíria, pagou cada nova palavra com cerveja e gim, e só partiu já bem passada a meia-noite, justamente na altura em que Sally Hood regressava a penates, de braço dado com o irmão e ambos ansiosos por uma bebida, passando então diante de Lord Alexander que se encontrava encostado à sua carruagem - encantado por ter aprendido que se tratava na realidade de uma "chiadeira rolante", e os respectivos lampiões um par de "faroleiras".

Estava agarrado a uma das rodas para aguentar-se de pé quando Sally apressou o passo à sua frente.

Contemplou-a de boca aberta.

- Estou apaixonado, Rider - declarou, em voz excessivamente alta. Sally lançou por cima do ombro a Sandman um sorriso deslumbrante.

- Não estás apaixonado, Alexander - disse Sandman com firmeza. Lord Alexander manteve os olhos postos em Sally até ela desaparecer pela porta do Wheatsheaf.

- Estou apaixonado - insistiu. - Fui atingido pela seta de Cupido. Estou enamorado. Sou um homem fatalmente apaixonado.

- O que tu és é um sacerdote muito bêbado, Alexander.

- Sou um sacerdote muito bêbado apaixonado. Conheces a dama? Podes arranjar maneira de apresentar-ma? - Cambaleou no encalço de Sally, mas o seu pé boto escorregou nas pedras da calçada, e estatelou-se ao comprido. - Insisto, Rider! - articulou, estendido no chão. - Insisto em apresentar os meus respeitos à senhora. Quero casar com ela.

Na verdade estava tão bêbedo que não conseguia pôr-se de pé, mas Sandman, Hughes e o cocheiro lá conseguiram enfiar sua senhoria na sua carruagem e em seguida, com os lampiões reluzindo na noite, avançou aos solavancos para norte.

Na manhã seguinte chovia, e toda a cidade de Londres parecia de mau humor. Sandman estava a contas com uma dor de cabeça, uma barriga em tumulto, e a imagem de Lord Alexander cantando a balada da forca que lhe haviam ensinado na taberna.

E agora a caminho do inferno vou direito, direito, E não seria da nossa parte bem feito, bem feito, Se para lá vamos morar, para lá morar Que maldito seja o nosso olhar. A canção tinha-se alojado na cabeça de Sandman e ele não conseguiu livrar-se dela enquanto se barbeava, nem quando em seguida tratou de fazer o seu chá em cima do fogo da sala das traseiras, onde era permitido aos hóspedes ferver água. Sally entrou de rompante, com o cabelo em desalinho, mas o vestido já abotoado. Serviu-se de uma caneca de água e ergueu-a num brinde trocista.

– Ao pequeno-almoço! – disse a Sandman, e depois sorriu. – Ouvi dizer que estava muito alegre ontem à noite?

– Bom-dia, Miss Hood – gemeu Sandman. Ela riu-se.

– Quem era aquele fulano aleijado que estava consigo?

– É um amigo íntimo meu – esclareceu Sandman –, o reverendo Lord Alexander Pleydell, segundo filho do marquês e da marquesa de Canfield.

Sally ficou parada a olhar para Sandman.

– Está a gozar comigo.

– Garanto-lhe que não.

– Ele disse que estava apaixonado por mim. Sandman tinha esperado que ela não tivesse ouvido.

– E decerto que esta manhã, Miss Hood, quando já estiver sóbrio, continuará ainda apaixonado por si.

Sally riu-se do tacto com que Sandman apresentara o caso.

– Ele é realmente um sacerdote? Não se veste como tal.

– Tomou ordens quando saiu de Oxford – explicou Sandman – mas estou convencido de que o fez para aborrecer o pai. Ou talvez, na altura, pretendesse integrar o corpo docente do colégio. Mas nunca procurou nenhum modo de vida. Não precisa de uma paróquia nem de emprego de qualquer espécie, porque é bastante rico. Diz que anda a escrever um livro, mas nunca vi qualquer sinal disso.

Sally bebeu a sua água, cujo sabor lhe provocou uma careta.

– Um sacerdote rico e aleijado? – Reflectiu por um momento, depois esboçou um sorriso travesso. – É casado?

– Não – respondeu Sandman, evitando acrescentar que Alexander passava a vida a apaixonar-se por cada linda caixeirinha que se lhe deparava no caminho.

– Bem, podia arranjar muito pior do que um pároco escavacado, não é verdade? – disse Sally, para logo em seguida suspirar ao ouvir o relógio bater as nove. – Deus do céu, estou atrasada. Este mariconço para quem trabalho gosta de começar cedo. – Desatou a correr.

Sandman envergou o sobretudo e dirigiu-se para Mount Street. Alexander tinha-o instado a investigar, portanto era isso que iria fazer. Dispunha de seis dias para descobrir a verdade, e decidiu que começaria pela criada desaparecida, Meg. Se ela existisse – e naquela manhã húmida Sandman sentia-se bastante céptico em relação à história de Corday – poderia pôr fim às suas perplexidades, confirmando ou negando a versão do pintor. Apressou-se a subir a New Bond Street, mas ao aperceber-se, com um sobressalto, que teria de passar diante da casa de Eleanor em Davies Street, e desejando evitar que alguém pensasse que estava a ser intrometido, evitou essa eventualidade fazendo um longo desvio, e assim chegou, encharcado até aos ossos, à residência de Mount Street onde o crime fora cometido.

Não era difícil identificar a residência londrina do conde de Avebury, porque, mesmo com aquele mau tempo e apesar da escassez de peões, uma vendedora de jornais encontrava-se agachada sob um oleado, esforçando-se por apregoar a sua mercadoria precisamente diante do local do crime. – A história de

um assassínio, senhoria - dirigiu-se a Sandman -, custa só um penny. Orrível crime, senhor.

– Dê-me lá um. - Sandman aguardou enquanto ela extraía o folheto do seu saco de oleado, e em seguida subiu a escadaria e bateu à porta principal. As portadas das janelas encontravam-se fechadas, mas isso não queria dizer nada. Havia muitas famílias que, sem meios para abandonar Londres na estação morta, mantinham as persianas fechadas a fim de darem a entender que haviam partido para o campo. No entanto, dir-se-ia que a casa se encontrava realmente vazia, porque as pancadas de Sandman na porta não obtiveram qualquer resposta.

– Não está ninguém em casa - informou a vendedora de jornais ninguém ficou cá depois do assassínio. - Um varredor de rua, atraído pelo matraquear de Sandman na porta, aproximou-se da casa e confirmou igualmente que se encontrava vazia.

– Mas esta é de facto a residência do conde de Avebury? - indagou Sandman.

– Esta mesmo, senhor, sim, meu senhor. - O varredor, um rapaz de cerca de dez anos, esforçava-se por sacar uma gorjeta. - E está vazia, senhor.

– Trabalhava aqui uma criada chamada Meg - prosseguiu Sandman. Conhecia-la?

O varredor abanou a cabeça.

– Não conhecia aqui ninguém, excelência.

Outros dois rapazes, a quem pagavam para removerem o esterco de cavalo das ruas, tinham-se juntado ao varredor.

– Desapareceu - comentou um deles.

Um guarda-nocturno, carregado com o seu equipamento de vigilância, pôs-se a contemplar Sandman com um ar apalermado, mas sem interferir; e, nesse preciso momento, a porta da frente da casa mais próxima abriu-se e uma mulher de meia-idade, mal arranjada, apareceu no patamar.

Estremeceu à vista da chuva, lançou um olhar nervoso à pequena multidão aglomerada diante da porta do vizinho, e tratou

de abrir um guarda-chuva.

– Minha senhora! – bradou Sandman. – Minha senhora!

– Senhor? – O trajo da mulher indicava tratar-se de uma empregada doméstica, talvez uma governanta.

Sandman furou por entre a sua reduzida audiência e tirou o chapéu.

– Desculpe-me, minha senhora, mas o visconde Sidmouth encarregou-me de investigar os tristes acontecimentos que aqui tiveram lugar. – Fez uma pausa e a mulher fitou-o pasmada, enquanto a chuva escorria pelas varetas do seu guarda-chuva, embora parecesse impressionada pela referência a um visconde – motivo, aliás, pelo qual Sandman o introduzira na conversa. – É verdade, minha senhora – continuou Sandman – que havia naquela casa uma criada chamada Meg?

A mulher virou-se para trás, para a porta fechada da casa de onde saíra, como que à procura de oportunidade de fuga, mas acabou por fazer um sinal afirmativo.

– Havia sim, senhor, havia lá uma Meg.

– Sabe onde ela se encontra agora?

– Foram-se todos embora, senhor, para fora, senhor. Não ficou aqui ninguém.

– Mas para onde foram?

– Julgo que para o campo, senhor. – Fez uma vénia a Sandman, esperando, obviamente, que isso o convencesse a afastar-se.

– Para o campo?

– Foram-se embora, senhor. E o conde, senhor, tem uma residência no campo, perto de Marlborough, senhor.

Não sabia mais nada. Sandman pressionou-a, mas, quanto mais a interrogava, menos certa ela parecia acerca do que já lhe havia contado. Na verdade, apenas tinha a certeza de uma coisa: que todo o pessoal da condessa – cozinheiros, lacaios, cocheiros e criadas – tinham partido, e ela supunha, embora não tivesse a certeza, que deveriam ter ido para a residência de campo do conde,

perto de Marlborough.

– Foi o que eu lhe disse – comentou um dos varredores – foram todos imbora.

– Sua senhoria a condessa foi imbora – interveio o guarda-nocturno, desatando a rir –, chegou a sua hora e foi imbora.

– Leia tudo acerca do caso – sugeriu com optimismo a ardina. Parecia óbvio que pouco mais havia a descobrir em Mount Street, de modo que Sandman resolveu abandonar o local. Pelos vistos, Meg existira de facto; mas isso apenas confirmava parte da história de Corday, dado que ele poderia ter cometido o assassínio numa altura em que a aia se encontrasse fora do quarto. Sandman recordou-se da segurança com que o porteiro de Newgate assegurara que todos os delinquentes mentiam, e perguntou aos seus botões se não estaria a ser imperdoavelmente ingénuo ao pôr em causa a culpabilidade de Corday. Ao fim e ao cabo, o maldito jovem havia sido julgado e condenado, e, por mais que Lord Alexander amesquinhasse a justiça britânica, Sandman sentia dificuldade em ser assim tão crítico. Tinha passado quase toda a década anterior a combater pelo seu país contra uma tirania que Lord Alexander aplaudia. Um retrato de Napoleão ornava uma das paredes dos aposentos do amigo, ao lado dos de George Washington e de Thomas Paine. Tanto quanto Sandman se apercebia, nada do que fosse inglês agradava a Lord Alexander, que dava preferência a tudo o que viesse do estrangeiro, e nem todo o sangue derramado na guilhotina chegaria alguma vez para convencê-lo de que liberdade e igualdade eram incompatíveis, uma noção que, para Sandman, era límpida como água. Dir-se-ia, portanto, que estavam condenados a discordar. Lord Alexander Pleydell lutaria sempre pela igualdade, enquanto que Sandman acreditava na liberdade, e era inconcebível para Sandman que um inglês nascido livre não lograsse obter um julgamento justo; no entanto, a sua própria nomeação para investigador apontava exactamente para essa possibilidade.

Seria mais cómodo pensar que Corday era um mentiroso, mas o facto é que Meg indubitavelmente existia e a sua existência lançava uma sombra de dúvida sobre a até então inabalável crença de Sandman na justiça britânica.

Caminhava para leste pelos jardins de Burlington, revolvendo na cabeça estas ideias perturbadoras e mal se dando conta do ranger das carruagens esparramando lama através da chuva, quando reparou que o fundo da rua se encontrava bloqueado pelas carretas e andaimes de uma obra, de modo que virou na Sackville Street, onde foi forçado a desviar-se para a valeta devido a uma pequena multidão que se aglomerava debaixo do toldo da joalharia Gray. A maior parte das pessoas estava apenas a abrigar-se da chuva, mas algumas entretinham-se a admirar os rubis e safiras de um magnífico colar que se encontrava em exposição na montra, dentro de um estojo dourado. Gray. O nome trazia algo à memória de Sandman, pelo que parou no meio da rua e se pôs a mirar o andar sobranceiro ao toldo.

– Está farto desta maldita vida? – rosnou um carroceiro para Sandman, puxando pelas rédeas.

Sandman ignorou a criatura. Corday afirmara que o estúdio de sir George Phillips ficava ali, mas Sandman não conseguia descortinar nada através das janelas sobranceiras à joalharia. Voltou a subir para a calçada, e, de um dos lados da loja, descortinou uma entrada claramente independente do negócio dos joalheiros, embora sem placa alguma reveladora de quem vivia ou fazia negócio por detrás daquela porta pintada de um verde brilhante e equipada com uma reluzente maçaneta de bronze. Um mendigo perneta, com o rosto desfigurado por pústulas, sentava-se no patamar.

– Uma moeda para ajudar para um antigo soldado, senhor?

– Onde é que combateu?

– Em Portugal, senhor, em Espanha e em Waterloo. – O mendigo deu uma pancadinha no coto. – Perdi a perna em Waterloo, cavalheiro. Passei por tudo aquilo, senhor, lá isso passei.

– Qual era o seu regimento?

– Servi na artilharia, senhor. Como atirador, senhor. – Parecia agora mais nervoso.

– Em que batalhão e companhia?

– No oitavo batalhão, senhor. – O mendigo estava agora

nitidamente inquieto e a sua resposta não soava convincente.

– Em que companhia? – perguntou Sandman. – E como se chamava o comandante?

– Deixe-me em paz – resmungou o homem.

– Não passei muito tempo em Portugal – informou Sandman – mas combati por toda a Espanha e estive em Waterloo. – Ergueu a aldraba da maçaneta e bateu com força. – Passámos por maus bocados em Espanha – prosseguiu – mas Waterloo foi de longe o pior e tenho uma grande simpatia por todos que lá combateram. – Voltou a bater com a aldraba. – Mas sou capaz de enfurecer-me, enfurecer-me à sério – a cólera subia dentro dele – com homens que proclamam que lá lutaram sem sequer lá terem posto os pés! Chateia-me como um raio!

O mendigo arrastou-se dali para fora para escapar à fúria de Sandman, e, nesse preciso instante, a porta verde abriu-se e um pagem negro, dos seus treze ou quatorze anos, recuou perante a face furibunda de Sandman. Devia ter calculado que semelhante expressão prenunciava sarilhos, porque tentou imediatamente fechar a porta, mas Sandman conseguiu introduzir a sua bota na abertura. Por detrás do jovem avistava-se um pequeno mas elegante átrio, e, partindo dele, umas escadas estreitas.

– É aqui o estúdio de sir George Phillips? – perguntou Sandman. O pagem, que envergava uma libré surrada e uma peruca desesperadamente carecida de ser empoada, empurrou a porta, mas não conseguiu levar a melhor contra a superior força de Sandman.

– Se não tem entrevista marcada – disse o rapaz – não pode ser recebido.

– Tenho uma entrevista marcada.

– Deveras? – O rapaz, apanhado de surpresa, largou a porta, levando Sandman a dar um passo em falso quando ela se escancarou de repente.

– Tem mesmo entrevista marcada? – repetiu o jovem.

– Venho para uma entrevista – anunciou Sandman

pomposamente da parte do visconde Sidmouth.

– Quem é, Sammy? – trovejou uma voz no andar de cima.

– Diz que vem da parte do visconde Sidmouth.

– Então fá-lo subir! Trá-lo cá para cima! Não somos tão orgulhosos que nos recusemos a pintar políticos. Apenas cobramos bastante mais a esses estupores.

– Deseja tirar o casaco, senhor? – indagou Sammy, curvando-se numa vénia perfunctória perante Sandman.

– Fico com ele.

Sandman introduziu-se no átrio, que era minúsculo, mas no entanto forrado com um moderno papel de parede às riscas e decorado com um pequeno lustre. Os ricos patronos de sir George tinham direito a ser acolhidos por um pagem de libré numa entrada atapetada, mas, à medida que Sandman subia as escadas, verificou que toda aquela elegância era prejudicada por um intenso odor a terebintina, e que o aposento de cima, concebido para ser tão requintado como o átrio, havia sido invadido pela sujidade e pelo desleixo. O aposento era supostamente um salão destinado à exibição dos quadros de sir George e a aliciar potenciais clientes a encomendarlhe os seus retratos, mas havia-se tornado numa espécie de sala de despejos para obras semi-acabadas, por onde se espalhavam paletas incrustadas de tinta seca, um pastel de caça – deixado ao abandono e consumido de bolor – pincéis velhos, trapos, e uma pilha de vestuário masculino e feminino. Um segundo lance de escadas conduzia ao andar do topo e Sammy indicou a Sandman que o subisse.

– Deseja café, meu senhor? – perguntou, desaparecendo por detrás do reposteiro de uma porta, que obviamente ocultava uma cozinha. – Ou chá?

– Um chá seria bem-vindo.

O tecto do andar superior tinha sido removido para abrir a comprida sala às vigas do sótão, e haviam sido rasgadas clarabóias no telhado, de modo que Sandman experimentava a sensação de estar a subir em direcção à luz. A chuva fustigava as telhas e pingava a tal ponto para o interior que se tornara necessário

espalhar baldes por todo o estúdio. Um bojudo fogão preto dominava o centro do aposento, embora de momento, a sua única função fosse a de servir como mesa onde pousava uma garrafa de vinho e um copo. Perto do fogão, um cavalete suportava uma tela maciça, enquanto que um oficial da marinha posava com um marujo e uma mulher sobre um estrado colocado no canto mais afastado da sala. A mulher deu um grito ao avistar Sandman, apressando-se a cobrir-se com um pano pardacento que cobria a mesinha de chá diante da qual se sentava o oficial da marinha. Era Sally Good. Sandman, com o chapéu molhado na mão direita, inclinou-se perante ela. A rapariga empunhava um tridente, envergava um capacete de bronze e pouco mais. Na verdade, conforme Sandman verificou, não tinha absolutamente mais nada vestido, apesar de as suas ancas e coxas se encontrarem parcialmente ocultas por um escudo oval de madeira onde a bandeira nacional havia sido sumariamente esboçada a carvão. Sandman compreendeu que ela era Britannia.

– Está a regalar os olhos – disse o homem postado ao pé do cavalete nas mamas de Miss Hood. E por que não? No capítulo de mamas, estas são esplêndidas, a quinta-essência das tetas.

– Olá, capitão. – Sally cumprimentou Sandman em voz sumida.

– Um seu servidor, Miss Hood – replicou Sandman, tornando a fazer-lhe uma vénia.

– Deus Todo-Poderoso! – bradou o pintor. – Veio ver-me a mim ou à Sally?

Era um homem enorme, gordo como uma pipa, com uma larga queixada, um nariz intumescido e uma barriga que repuxava uma camisa ornamentada com folhos, e manchada de tinta. O seu cabelo branco estava preso num barrete apertado, do género dos que costumavam usar-se debaixo das perucas.

– Sir George? – inquiriu Sandman.

– Às suas ordens, senhor. – Sir George tentou fazer uma vénia, mas era tão gordo que apenas conseguiu dobrar-se ligeiramente na zona que lhe fazia as vezes de cintura, o que não o impediu, porém, de esboçar um gesto elegante com o pincel que tinha na mão, revoluteando-o como se fosse um leque fechado. – É bem-vindo a

esta casa – disse – desde que venha fazer uma encomenda. Cobro oitocentos guinéus por um retrato de corpo inteiro, seiscentos da cintura para cima, e não pinto cabeças a menos que esteja a morrer de fome, o que deixou de me acontecer desde 1799. Foi o visconde Sidmouth que o encarregou de cá vir?

– Ele não deseja ser retratado, sir George.

– Então pode desandar daqui para fora! – ripostou o pintor. Sandman ignorou a sugestão, e, em vez disso, pôs-se a examinar o estúdio, preenchido por uma tremenda amálgama de estátuas de gesso, reposteiros, trapos atirados para o chão e telas semi-acabadas. – Oh, não se incomode, ponha-se perfeitamente à-vontade – barafustou sir George, que, em seguida, gritou para o andar de baixo: – Sammy, seu estupor de preto, onde pára o chá?

– Está a ferver! – gritou Sammy por seu turno.

– Despacha-te com isso! – Sir George pousou então a paleta e os pincéis. Estava flanqueado por dois jovens, ambos ocupados a pintar ondas sobre a tela, e Sandman deduziu que seriam os seus aprendizes. A tela propriamente dita era de grandes proporções, com pelo menos dez pés de largura, e exibia um rochedo solitário num mar raiado pelo sol, sobre o qual flutuava uma frota ainda só meio pintada. Um almirante sentava-se no topo do rochedo, ladeado por um jovem bem parecido, vestido como um marujo, e por Sally Hood, despida como Britannia. O motivo pelo qual o almirante, o marinheiro e a deusa tinham ficado encalhados naquele rochedo isolado não era particularmente óbvio e Sandman não gostaria de perguntá-lo, mas entretanto reparou que o oficial que estava a posar como almirante não podia ter mais de dezoito anos, e, no entanto, envergava um uniforme debruado a ouro, onde brilhavam duas condecorações de pedras preciosas. Esse pormenor deixou o coração de Sandman a bater de perplexidade por um segundo, até reparar que a manga vazia do braço direito do jovem se encontrava presa por um alfinete ao peitilho da casaca. – Como o autêntico Nelson está morto – elucidou sir George, que acompanhara as deambulações do olhar de Sandman e a partir daí deduzira o curso dos seus pensamentos – temos de desenvencilhar-nos o melhor possível com Master Corbett, aqui presente, e faz ideia de qual é a tragédia da vida do jovem Master

Corbett? É que está de costas voltadas para Britannia, de modo que é todos os dias obrigado a sentar-se aqui horas seguidas, ciente de que um dos mais apetitosos pares de mamas nuas de toda cidade de Londres se encontra menos de meio metro atrás da sua orelha esquerda, e que não pode vê-las. Ah! E por amor de Deus, Sally, pára de te esconderes.

– Não está a pintar – retorquiu Sally –, portanto posso tapar-me. – Tinha largado o pano pardacento que transformava a mesinha de chá num rochedo e trocara-o pelo seu casaco de andar na rua.

Sir George pegou no pincel.

– Agora estou a pintar – bufou.

– Tenho frio – queixou-se Sally.

– Ficaste de repente demasiado emproada para condescenderes em mostrar-nos as tetas, é isso? – rosnou George, virando-se em seguida para Sandman. – Ela contou-lhe a história acerca do tal Lord? Um que ficou perdido de amores por ela? Não tarda que todos estejamos a fazer-lhe vénias e a desunhar-nos por causa dela, não é verdade? Sim, grandiosa dama, mostra-nos as tuas mamas, alteza. – Riu-se, e ambos os aprendizes sorriram de troça.

– Ela não lhe mentiu – atalhou Sandman. – Sua senhoria existe, conheço-o bem, está realmente enamorado de Miss Hood, e é riquíssimo. Rico que chegue e sobre para lhe encomendar uma dúzia de retratos, sir George.

Sally lançou-lhe um olhar de pura gratidão, enquanto que sir George, desconcertado, mergulhava o pincel nas tintas da sua paleta.

– Então quem diabo é o senhor? – perguntou a Sandman. – Para além de ser um emissário de Sidmouth?

– Chamo-me capitão Rider Sandman.

– Marinha, exército, milícia, guarda real, ou um cargo de fictício? A maioria das patentes são-no, nos tempos que correm.

– Estive no exército – disse Sandman.

– Podes destapar-te – explicou sir George a Sally – porque o capitão foi soldado, o que significa que viu muito mais mamas do que eu.

– Não viu as minhas – teimou Sally, aconchegando o casaco contra o peito.

– De onde é que a conhece? – perguntou sir George a Sandman, num tom desconfiado.

– Estamos alojados na mesma hospedaria, sir George. Sir George resmungou:

– Nesse caso, ou ela vive acima do que merece neste mundo, ou o senhor vive abaixo da sua condição. Larga esse casaco, estúpida cabra.

– Tenho vergonha – confessou Sally, corando.

– Ele já viu pior do que tu sem roupa – comentou sir George asperamente, e em seguida recuou um passo para observar o quadro. – "A Apoteose de Lord Nelson", acredita? E está a perguntar a si próprio, decerto, porque é que não pus uma venda no olho deste mariconço? Não lhe está a fazer confusão?

– Não – respondeu Sandman.

– É porque ele nunca usou uma venda no olho, fique sabendo. Nunca! Pintei-o por duas vezes ao vivo. Às vezes usava um bocado de tecido verde transparente sobre o olho, mas nunca uma venda, portanto não teremos nenhuma nesta obra-prima encomendada por suas excelências os Lords do almirantado. Não suportavam aquele sujeito incómodo enquanto ele era vivo, agora querem-no pendurado nas suas paredes. Mas o que realmente pretendem pendurar nos painéis da sala, capitão Sandman, são as mamas da Sally Hood. Sammy, seu estupor de preto! Que diabo andas a maquinar aí em baixo? Estás a cultivar as malditas folhas do chá? Trazme brandy! – Lançou a Sandman um olhar penetrante – Então, afinal o que quer de mim, capitão?

– Falar de Charles Corday.

– Oh, pelas cinco chagas de Cristo – blasfemou sir George, fitando Sandman com um ar beligerante.

– Charles Corday? – pronunciou-lhe o nome em tom agoirento. – Refere-se a Charlie Cruttwell, aquele pequeno principiante?

– Que agora se autodenomina Charles Corday, esse mesmo.

– Não importa peva o nome com que ele se intitula – observou sir George – de qualquer forma vão esticar-lhe aquele pescoço magricela na próxima segunda-feira. Estou a pensar em ir assistir. Não é todos os dias que um homem tem a oportunidade de ver um dos seus próprios aprendizes ser enforcado, o que é, aliás, uma pena. – Deu uma palmada num dos jovens que se aplicava laboriosamente a pintar as ondas orladas de espuma branca, e depois lançou um olhar carrancudo aos seus três modelos. – Por amor de Deus, Sally, as tuas tetas são o meu ganha-pão. Agora trata de posar para aquilo que te pago!

Sandman voltou cortesmente as costas quando ela tirou o casaco.

– O ministro do Interior – informou – encarregou-me de investigar o caso Corday.

Sir George deu uma gargalhada.

– A mãe dele tem andado a choramingar junto da rainha, é isso?

– Precisamente.

– Que sorte a do nosso Charlie por ter semelhante mãe. Quer saber se ele cometeu o crime?

– Ele diz-me que não.

– Claro que lhe diz que não – replicou sir George desdenhosamente. Não seria lá muito natural que lhe fosse oferecer uma confissão de mão beijada, pois não? Mas, por mais estranho que pareça, é provável que esteja a dizer a verdade. Pelo menos no que respeita à violação.

– Ele não a violou?

– Poderia tê-lo feito – respondeu sir George, ao mesmo tempo que aplicava com o pincel ligeiros toques que iam conferindo magicamente vida ao rosto de Sally, sob o capacete. – Poderia tê-

lo feito, mas, nesse caso, teria ido contra a sua própria natureza. – sir George lançou a Sandman um malicioso olhar de revés. – Monsieur Corday é um sodomita, capitão. – Riu-se perante a expressão estampada no rosto de Sandman. – Enforcam uma pessoa por semelhante delito, de modo que não faz grande diferença a Charlie ser culpado ou inocente do assassínio, pois não? É indubitavelmente culpado de sodomia, portanto merece a forca. Merecem-na todos. Maricas de uma figa. Eu enforcava-os a todos, embora não pelo pescoço.

Sammy, despojado da casaca de libré e da peruca, trouxe para cima uma bandeja contendo algumas chávenas desirmanadas, um bule de chá e uma garrafa de brandy. O rapaz serviu chá a sir George e a Sandman, mas apenas sir George foi contemplado com um cálice de brandy.

– Terão o vosso chá daqui a pouco – anunciou sir George aos seus três modelos –, quando eu estiver despachado.

– Tem a certeza? – perguntou-lhe Sandman.

– Acerca de eles irem beber o seu chá? Ou acerca de Charlie ser um sodomita? Claro que tenho a certeza, raios. A Sally e a uma dúzia como ela podiam ir tirando a roupa até ficarem nuas em pêlo que ele nem se dava ao trabalho de olhar, mas passava a vida a tentar pôr as patas em cima aqui do jovem Sammy, não era, Sammy?

– Disse-lhe para desamparar a loja – afirmou Sammy.

– E fizeste tu muito bem – aprovou sir George. Pousou o pincel e engoliu um trago de brandy. – E deve estar intrigado, capitão, acerca do motivo que me levou a admitir um nojento sodomita neste templo de arte, não é verdade? Bem, vou elucidá-lo. É que Charlie era bom. Realmente bom. – Serviu-se de mais brandy, bebeu metade do cálice, e em seguida voltou a concentrar-se na tela. – Desenhava maravilhosamente, capitão, tinha o traço do jovem Kafael. Possuía o dom, o que é mais do que posso dizer deste par de toscos. – Deu uma palmada no segundo aprendiz. – Não, Charlie era mesmo bom. Era capaz de pintar tão bem como desenhava, o que significava que eu podia confiarlhe a pintura da carnação, e não apenas das roupagens e adereços. Dentro de um ou

dois anos teria iniciado uma carreira por conta própria. O retrato da condessa? Está para ali, pode vê-lo se quiser avaliar até que ponto ele era bom. - Apontou para algumas telas sem moldura, que se empilhavam contra uma mesa ajoujada com uma profusão de jarros, recipientes com pasta, facas, pilões de almofarizes e frascos de tinta de óleo. - Procura-o, Barney - ordenou sir George a um dos seus aprendizes. - É tudo obra dele, capitão - prosseguiu sir George - porque ainda não tinha chegado ao ponto em que o meu talento se tornaria necessário.

– Não teria sido capaz de terminá-lo sozinho? - perguntou Sandman, sorvendo o seu chá, que era uma excelente mistura de gunpowder e chá verde.

Sir George desatou a rir.

– O que é que ele lhe contou, capitão? Não, deixe-me adivinhar. Charlie disse-lhe que eu já não estou capaz de dar conta do recado, não foi? Disse-lhe que eu era um bêbado, de modo que tinha de ser ele a pintar a dama. Não foi isto que lhe contou?

– Exactamente - admitiu Sandman. Sir George pareceu divertido.

– Estuporzeco mentiroso. Merece ser enforcado por isso.

– Então porque é que o deixou pintar a condessa?

– Reflicta no assunto - sugeriu sir George. - Sally, ombros para trás, cabeça erguida, mamilos espetados, assim é que é, rapariga. És a Britannia, dominas malditas ondas, não és nenhuma desgraçada puta de Brighton aos tropeções na vida.

– Porquê? - insistiu Sandman.

– Porque - respondeu sir George, fazendo uma pausa para dar mais uma pincelada - andávamos a intrujar a senhora, capitão. Estávamos a pintá-la vestida, mas, quando a tela voltasse para aqui, iríamos pô-la nua. Era o que o conde queria e era o que Charlie teria feito. Mas, quando um homem pede a um pintor que pinte a sua mulher despida, e há um considerável número deles que o faz, fica-se com a absoluta certeza de que o retrato nunca será exibido. Imagina um homem a pendurar tal quadro na sua saleta, a fim de excitar os amigos? Claro que não. Será que o apresentará na

sua residência londrina para efeitos de edificação da sociedade? Também não. Pendura-o no seu quarto de vestir ou no seu escritório, onde, para além dele, ninguém poderá vê-lo. E que vantagem tiro eu disso? Quando pinto um quadro, capitão, quero que Londres inteira fique embasbacada diante dele.

Quero que toda a gente faça bicha na minha escada suplicando-me que lhes pinte um quadro semelhante, o que significa que não se lucra nada com nus de beldades sociais. Eu pinto os quadros rentáveis, o Charlie encarregava-se dos retratos de boudoir. - Recuou um pouco e franziu o sobrolho ao jovem que fazia de marujo. - Estás a pegar nesse remo de uma maneira completamente errada. Talvez devesse pôr-te nu. No papel de Neptuno.

– Voltou-se e olhou de revés para Sandman. - Porque é que não me lembrei disso antes? Daria um excelente Neptuno, capitão. Tem uma bela figura. Quer fazer-me o favor de tirar a roupa e de se colocar diante de Sally? Arranjávamos-lhe um tridente para empunhar, bem erguido. Tenho para aí algures um tridente. Usei-o para a Apoteose do Conde de S. Vicente.

– Quanto paga? - perguntou Sandman.

– Cinco guinéus por dia - retorquiu sir George, estarrecido com a reacção do outro.

– A mim não me paga tanto! - protestou Sally.

– Porque não passas de uma mulher! - vociferou sir George, voltando em seguida o olhar para Sandman. - Então, que me diz?

– Que não - respondeu Sandman, ficando depois muito quieto e calado. O aprendiz continuava a revolver as telas, e, de súbito, Sandman deteve-o. - Deixe-me ver aquela - disse, apontando para um retrato de corpo inteiro.

O aprendiz retirou-a do monte e colocou-a sobre uma cadeira, de forma a fazer incidir a luz de uma das clarabóias sobre o quadro, que representava uma jovem sentada a uma mesa, com a cabeça emproada numa pose que roçava a arrogância, sem contudo chegar a tanto. Tinha a mão direita pousada sobre uma pilha de livros, enquanto que a esquerda segurava uma ampulheta. O seu

cabelo cor de fogo estava penteado ao alto, revelando um pescoço longo e delgado, ornado de um colar de safiras. Trajava um vestido azul e prateado, com rendas brancas no decote e nos pulsos. Os seus olhos fitavam com audácia o espectador, reforçando a sugestão de arrogância porém atenuada pela ligeira impressão de que se encontrava prestes a sorrir.

– Bem – disse sir George com entoação reverente –, essa senhora aí é uma jovem de grande inteligência. E toma cuidado com a tela, Barney, vai ser envernizada esta tarde. Gosta dela, capitão?

– É... – Sandman fez uma pausa, à procura da palavra certa para lisonjear sir George. – É maravilhosa – disse, desajeitadamente.

– Sem a menor dúvida – replicou sir George em tom entusiástico, desviando-se da inacabada apoteose de Nelson para admirar a jovem, cujo cabelo cor de fogo puxado para cima deixava a descoberto uma testa alta e ampla, complementada por um nariz direito e comprido e uma boca generosa e grande. Havia sido pintada numa sala de estar atafulhada, contra uma parede atestada de retratos ancestrais que sugeriam a descendência de uma família muito antiga, embora, na realidade, o pai fosse filho de um boticário e a mãe – que, segundo a voz corrente, casara abaixo da sua condição – filha de um pároco. – Miss Eleanor Forrest – elucidou sir George – Tem o nariz demasiado comprido, o queixo demasiado aguçado, os olhos mais afastados do que o permitido pelas convenções de beleza, o cabelo lamentavelmente vermelho e a boca demasiado cheia, e, no entanto, o conjunto é extraordinário, não acha?

– Acho, sim – ripostou Sandman fervorosamente.

– Porém, entre todas as qualidades da jovem – prosseguiu sir George, que abandonara por completo o tom jocoso e falava agora com genuíno calor – a que mais admiro é a inteligência. Receio que venha a desperdiçar-se com o casamento.

– Deveras? – Sandman teve lutar consigo mesmo para impedir que a voz lhe traísse os sentimentos.

– Segundo as últimas notícias que ouvi – informou sir George, que entretanto devolvera as suas atenções a Nelson – está

comprometida como futura Lady Eagleton. Creio mesmo que o retrato é um presente para ele, e no entanto Miss Eleanor é de longe demasiado inteligente para se casar com um pateta como o Eagleton - resmungou sir George. - Um desperdício - Eagleton? - Sandman sentiu-se como se uma mão gelada lhe apertasse o coração. Seria esse o conteúdo da mensagem que Lord Alexander esquecera? Que Eleanor estava noiva de Lord Eagleton?

- Lord Eagleton, herdeiro do conde de Bridport é um chato. Um grande chato, capitão, um autêntico chato, e eu detesto chatos. Será que a Sally Hood vai realmente tornar-se numa grande dama? Santo Deus, a Inglaterra está entregue à bicharada. Espeta-as para fora, querida, ainda não pertencem à nobreza e é por elas que o almirantado está a pagar bom dinheiro. Barney, encontra a condessa.

O aprendiz continuou a vasculhar as telas. O vento soprava em rajadas, fazendo ranger as vigas do tecto. Sammy despejou dois dos baldes para onde a chuva pingava, arremessando o conteúdo pela janela traseira e provocando um coro de protestos lá em baixo. Sandman olhou pela janela da frente, para além do toldo da joalharia Gray, até aos confins de Sackville Street. Eleanor estaria realmente para casar? Não a via há mais de seis meses, e achava bem possível. A mãe dela, pelo menos, andava sobre brasas para conduzir a filha a um altar, de preferência um altar aristocrático, porque Eleanor estava já com vinte e cinco anos e em breve seria incluída no rol das solteironas na prateleira. Dana-te à vontade, pensou Sandman, mas esquece-a.

- É este, senhor - Barney, o aprendiz, interrompeu-lhe o curso dos pensamentos, colocando um retrato inacabado diante do quadro de Eleanor. A senhora condessa de Avebury, senhor.

Outra beldade, considerou Sandman. A pintura encontrava-se ainda num estado muito incipiente, contudo era estranhamente impressionante. A tela havia sido enquadrada, e em seguida fora nela desenhada a carvão a figura de uma mulher reclinada num leito encimado por um dossel de abas inclinadas. Corday tinha depois pintado fragmentos do papel de parede, do tecido do dossel do leito, da colcha, do tapete, e do rosto da mulher. Pintara-lhe ao de leve o cabelo, fazendo-o parecer revolto, como se a condessa

se encontrasse sob um vendaval no campo, em vez de no seu próprio quarto em Londres; e, apesar de o resto da tela não apresentar praticamente qualquer outra cor, o efeito conseguia ser empolgante e cheio de vida.

– Oh, ele sabia pintar, o nosso Charlie, lá isso sabia. – Sir George, limpando as mãos a um trapo, viera mirar o quadro. A sua voz denotava reverência, enquanto o olhar denunciava um misto de admiração e inveja. – É um diabito cheio de recursos, não acha?

– O retrato está parecido?

– Oh, sim – assegurou sir George, com um vigoroso aceno afirmativo – muito parecido. Ela era deslumbrante, capitão, uma mulher capaz de dar a volta à cabeça de qualquer homem, mas não passava disso. Tinha vindo da sarjeta, capitão. Não era diferente da nossa Sally. Era uma dançarina da ópera.

– Eu sou uma actriz – declarou Sally enfaticamente.

– Actriz, dançarina da ópera, prostituta, é tudo a mesma coisa – rosnou sir George – e o Avebury cometeu uma loucura ao desposá-la: Deveria tê-la mantido como amante, mas jamais casar com ela.

– Este chá está frio como o demónio – queixou-se Sally. – Abandonara o estrado e tinha retirado o capacete.

– Vai jantar, minha filha – condescendeu sir George –, mas trata de estares aqui de volta às duas em ponto. Já terminou o seu assunto comigo, capitão?

Sandman assentiu. Estava a observar o retrato da condessa. O seu vestido fora apenas esboçado, presumivelmente porque se destinava a ser eliminado, mas o rosto, tão original como fascinante, estava quase pronto.

– Disse-me, não é verdade – indagou Sandman – que foi o conde de Avebury quem encomendou o retrato?

– Disse-o de facto – confirmou sir George – e é verdade.

– Mas ouvi dizer que ele e a esposa se encontravam desavindos? estranhou Sandman.

– Tanto quanto sei, era esse o caso – comentou sir George displicentemente, e depois soltou uma gargalhada maldosa. – Não há dúvida de que ela o encornava. A dama tinha uma fama notória, capitão, mas não propriamente de alimentar os pobres e consolar os aflitos. – Estava ocupado a enfiar um casaco de modelo antiquado, com punhos amplos, bandas largas e botões dourados. – Sammy! – gritou para as escadas –, vou comer o pastel de caça aqui em cima! E um pouco desse guisado, se ainda não tiver bolor. E podes abrir outro dos nove claretes. – Arrastou-se até á janela e franziu o cenho à vista da chuva que fustigava o fumo de um milhar de chaminés.

– Porque é que um homem separado da mulher haveria de despender uma fortuna com o retrato dela?

– Os costumes mundanos, capitão – afirmou sir George pomposamente – até para mim são um mistério. Como diabo hei-de saber? Terá de dirigir a pergunta a sua excelência o corno. Creio que vive perto de Marlborough, mas tem a reputação de ser um misantropo, de modo que desconfio que a sua jornada será em vão. Por outro lado, talvez não haja mistério nenhum no caso. Talvez quisesse vingar-se dela? Pendurá-la de mamas ao léu na parede seria uma espécie de vingança, não lhe parece?

– Acha que sim?

Sir George casquinou de gozo.

– Ninguém preza tanto o seu elevado estatuto como uma prostituta promovida à nobreza, capitão.

Assim sendo, por que não recordar à galdéria aquilo que o título lhe proporcionou? Mamas, mamas, mamas. Se não fossem as suas esplêndidas mamas e as suas longas pernas, a estas horas estaria ainda a cobrar dez xelins por noite. Mas será que o pequeno sodomita do Charlie a matou? Tenho as minhas dúvidas, capitão. Tenho mesmo as mais sérias dúvidas, mas nem por isso me ralo muito. O pequeno Charlie começava a querer sair da casca, por isso não lastimarei demasiado vê-lo a contorcer-se na ponta de uma corda. Ah! – esfregou as mãos ao ver surgir o criado no cimo das escadas, carregado com uma pesada bandeja. – O meu jantar! Desejo-lhe um bom dia, capitão. Espero ter-lhe sido útil.

Sandman não tinha bem a certeza de que sir George lhe tivesse sido de grande utilidade, a menos que aumentar a confusão que lhe ia na cabeça pudesse considerar-se um bom serviço, mas, por agora, sir George dava a entrevista por terminada e Sandman foi dispensado.

Portanto, foi-se embora. E a chuva caía cada vez com mais força.

– O estupor daquele gordo nunca nos oferece de jantar! – queixou-se Sally. Estava sentada diante de Sandman numa taberna em Piccadilly Street, onde, inspirados pelo jantar de sir George, partilhavam uma travessa de guisado: uma mistura fria de carne assada, anchovas, ovos cozidos e cebolas. – Empanturra-se à farta, olá se empanturra – prosseguiu Sally – e acha por bem deixar-nos a nós a estourar de fome. – Arrancou um naco ao rolo de pão, deitou mais azeite na travessa e sorriu timidamente a Sandman. – Fiquei tão embaraçada quando entrou ali.

– Não tinha razão para isso – respondeu Sandman. Ao sair do estúdio de sir George, convidara Sally a acompanhá-lo e ambos tinham corrido através da chuva até se abrigarem no Three Ships, onde ele tinha pago o guisado e um grande jarro de cerveja com algum do dinheiro que o ministério do Interior lhe adiantara.

Sally deitou sal na travessa, e em seguida remexeu vigorosamente a mistela.

– Promete que não conta a ninguém? – perguntou, ansiosa.

– Claro que não.

– Eu sei que não é um verdadeiro trabalho de actriz – declarou – e não gosto nada de ter aquele maldito a mirar-me o dia inteiro, mas sempre é papel.

– Papel?

– Dinheiro.

– É realmente papel – concordou Sandman.

– E eu não devia ter dito nada acerca do seu amigo – prosseguiu Sally – porque depois senti-me tão tola.

– Refere-se a Lord Alexander?

– Sou mesmo maluca, não sou? – disse ela, sorrindo-lhe.

– Claro que não.

– Sou, sou – afirmou ela fervorosamente –, mas não quero fazer este tipo de trabalho para sempre.

Estou com vinte e dois anos e preciso de encontrar alguma saída agora, não é verdade? E não me importava nada de conhecer um Lord autêntico.

– Quer casar-se? Ela fez um sinal afirmativo, encolheu os ombros, e depois cortou a meio um dos ovos cozidos.

– Não sei bem – admitiu. – Quer dizer, quando a vida corre bem, corre mesmo bem. Há dois anos parecia que nunca me faltava trabalho. Fiz de criada de uma bruxa numa peça acerca de um rei qualquer escocês, um bastardo – franziu a testa, tentando recordar-se do nome, mas acabou por abanar a cabeça em sinal de desistência –, depois fui bailarina num espectáculo acerca de um rei preto que foi morto na índia e que também era bastardo, mas agora, nestes dois ou três últimos meses? Nada! Nem sequer há trabalho nos Jardins de Vauxhaul!

– O que é que fazia aí?

Sally fechou os olhos enquanto pensava.

– Tabbel – arriscou –, tabbler?

– Tableau vwants?

– Isso mesmo! No Verão passado, fui uma deusa durante três meses. Punha-me no alto de uma árvore a tocar harpa, e o "papel" não era mau. Depois arranjei uma vaga no Astley, a trabalhar com os cavalos bailarinos, que deu para me aguentar durante o Inverno, mas agora não há absolutamente nada, nem sequer para os lados do Strand! – Referia-se aos novos teatros que ofereciam mais música e bailado do que os dois mais antigos, em Drury Lane e Covent Garden. – Mas agora vou actuar em breve num espectáculo privado.

– Privado? – estranhou Sandman.

– Um sujeito rico quer que a miúda dele seja actriz, topa? Então aluga um teatro na época baixa e paga-nos para cantarmos e dançarmos, e paga a uma audiência para aplaudir, e paga a escribas para escreverem acerca dela nos jornais como se fosse a próxima Vestris. Quer vir assistir? É na quintafeira à noite em Covent Garden, e como é um espectáculo de uma só noite não tem de pagar bilhete, compreende?

– Se puder, vou lá – prometeu Sandman.

– Do que eu preciso mesmo – explicou Sally – é de entrar para uma companhia de teatro, e bem podia consegui-lo, se estivesse disposta a facilitar. Sabe o que isso significa? Claro que sabe. E aquele estupor – sacudiu a cabeça, referindo-se a sir George Phillips – pensa que sou uma dessas, mas não sou!

– Nunca pensei isso de si.

Nota: tabbler, Conforme se verifica na linha seguinte, a maneira como ela se referia a tablau vwants, (em francês no original), ou seja, quadros vivos – representações de cenas clássicas muito em voga na época Aliás, Sandman também não articula correctamente a expressão, usando o singular tableau em vez do plural tableaux – Nesse caso, é o raio do único homem que não pensou. – Sorriu-lhe. Bem, o senhor e o meu irmão.

Jack mataria fosse quem fosse que dissesse que eu era uma rapariga fácil.

– Grande Jack – elogiou Sandman. – Gosto bastante do seu irmão.

– Toda a gente gosta do Jack – garantiu Sally.

– Não é que o conheça muito bem, claro – comentou Sandman – mas parece bem simpático. – Nas poucas ocasiões em que Sandman se cruzara com o irmão de Sally, tinha-lhe parecido um homem confiante, de modos afáveis. Bastante popular, presidia a uma mesa bem fornecida no bar do Wheatsheaf, e era extraordinariamente bem-parecido, atraindo uma multidão de raparigas. Era também misterioso, e ninguém na hospedaria sabia ao certo de que é que ele vivia, embora fosse certamente algo bastante compensador, dado que ele e Sally ocupavam dois quartos

espaçosos no primeiro andar do Wheatsheaf. – Em que é que se ocupa o seu irmão? – resolveu Sandman perguntar a Sally, que lhe devolveu um olhar muito estranho.

– Não, a sério – insistiu – o que é que ele faz? É que tem uns horários muito esquisitos.

– Não sabe quem ele é?

– Deveria saber?

– É o Robin Hood – afirmou Sally, desatando a rir ao ver a expressão estampada na cara de Sandman. – O meu Jack é esse mesmo – garantiu o Robin Hood.

– Santo Deus – murmurou Sandman.

Robin Hood era a alcunha de um salteador de estrada procurado por toda a polícia de Londres. A recompensa para quem o entregasse ascendia a mais de cem libras, e estava em constante ascensão.

Sally encolheu os ombros.

– No fundo, é um palerma. Passo a vida a dizer-lhe que vai acabar os seus dias dançando na corda ao som da música do Jemmy Botting, mas ele não me dá ouvidos. E a verdade é que cuida de mim.

Bem, até certo ponto. Com o Jack é sempre tudo ou nada, e quando está bem abonado entrega toda a massa às namoradas. Mas é bom para mim, bom de verdade, e nunca permitiria que alguém me fizesse mal. – Passou-lhe uma sombra pela face. – Não vai contar a ninguém, pois não?

– Claro que não!

– Quer dizer, toda a gente da estalagem sabe quem ele é, mas ninguém aqui seria capaz de denunciálo.

– Nem eu tão-pouco – garantiu-lhe Sandman.

– Nem tal me passaria pela cabeça – replicou Sally, e a seguir sorriu-lhe.

– E então que me conta a seu respeito?

O que é que quer da vida?

Sandman, surpreendido ao ver-se assim interrogado, reflectiu por momentos.

– Suponho que quero a minha antiga vida de volta.

– A guerra? Voltar a ser soldado? – Havia reprovação na voz de Sally.

– Não. Apenas o luxo de não ter de preocupar-me acerca da maneira de arranjar o próximo xelim.

Sally riu-se.

– Toda a gente quer isso. – Deitou mais azeite e vinagre na travessa; e remexeu o conteúdo. – Com que então teve dinheiro em tempos, é isso?

– Era o meu pai que o tinha. Era um homem muito rico, mas fez alguns investimentos errados, pediu demasiado dinheiro emprestado, arriscou e perdeu. Então forjou umas letras e apresentou-as no banco de...

– Letras? – Sally não entendia.

– Instruções de pagamento – explicou Sandman – é claro que foi uma estupidez, mas suponho que estava desesperado. Depois tentou levantar algum dinheiro para fugir para França, mas descobriram que tinha forjado os documentos e viu-se confrontado com a ameaça de prisão. Tê-lo-iam enforcado, só que deu um tiro nos miolos antes de a polícia chegar.

– Q'orror, meu Deus! – disse Sally, fitando-o intensamente.

– De modo que a minha mãe perdeu tudo. Agora vive em Winchester com a minha irmã mais nova e eu tento sustentá-las. Pago a renda, trato das contas, esse género de coisas. – Encolheu os ombros.

– Porque é que elas não trabalham?

– Não conseguem habituar-se à ideia – retorquiu Sandman, e Sally repetiu-lhe as palavras, embora em surdina. Apenas esboçou as palavras com os lábios, e Sandman riu-se. – Tudo isto aconteceu há cerca de um ano prosseguiu ele –, e, por essa altura,

já eu tinha abandonado o exército. Ia casar-me.

Até já tínhamos escolhido uma casa em Oxfordshire, mas claro que, quando fiquei sem um tostão, impediram-na de casar-se comigo. – Porquê?

– Porque a mãe dela nunca lhe permitiria casar com um indigente.

– Porque também é pobre? – quis saber Sally.

– Muito pelo contrário – explicou Sandman. – O pai dela tinha-se comprometido a abonar-lhe um rendimento de seis mil por ano. O meu pai tinha-me prometido ainda mais, mas, claro, desde que faliu... – Sandman encolheu os ombros, sem se dar ao trabalho de terminar a frase.

Sally contemplava-o de olhos escancarados.

– Seis mil? – perguntou. – Libras? – Limitou-se a suspirar esta última palavra, incapaz de compreender o alcance de semelhante riqueza.

– Libras – confirmou Sandman.

– Com seiscentos demónios! – O choque foi suficientemente forte para levá-la a parar de comer por uns instantes, mas depois lembrou-se da fome que tinha e voltou a mergulhar na travessa. – Continue lá a sua história – disse-lhe, à laia de encorajamento.

– Depois fiquei a viver com a minha mãe e a minha irmã por algum tempo, mas a situação não era viável. Não havia trabalho para mim em Winchester, de modo que, no mês passado, vim para Londres.

Sally achou a ideia divertida.

– Pelos vistos, nunca antes na vida tinha trabalhado?

– Fui um bom soldado – disse Sandman suavemente.

– Calculo que, em certo sentido, isso seja considerado trabalho – concedeu Sally de má vontade. – Perseguiu uma perna de galinha entre o guisado. – Mas o que é que pretende fazer agora?

Sandman fitou o tecto manchado de fumo.

– Apenas trabalhar – respondeu evasivamente. – Não fui preparado para fazer fosse o que fosse. Não sou advogado nem padre. Fui professor no Winchester College durante dois períodos – calou-se, estremecendo face à recordação – e depois pensei tentar a sorte com os mercadores de Londres.

Contratam homens para tomarem conta das suas propriedades. Plantações de tabaco e de açúcar.

– No estrangeiro? – inquiriu Sally.

– Sim – respondeu Sandman com brandura. Tinha de facto recebido uma proposta de emprego como encarregado de uma plantação de açúcar em Barbados, mas a informação de que o cargo implicava a supervisão de escravos forçara-o a recusar. A mãe tinha escarnecido dos seus escrúpulos, acusando-o de fraqueza, mas Sandman sentia-se satisfeito com a sua decisão.

– Mas agora já não precisa de ir para o estrangeiro – observou Sally uma vez que está a trabalhar para o ministro do Interior.

– Receio que seja apenas um emprego temporário.

– Livrar pessoas do patíbulo? Isso não tem nada de temporário. Se quer saber a minha opinião, é mesmo um maldito emprego a tempo inteiro. – Chupou com os dentes a carne agarrada ao osso da galinha. – Mas vai conseguir arrancar o Charlie à hospedaria da cabeça do rei?

– Conhece-o?

– Encontrei-me com ele uma vez – esclareceu ela, com a boca cheia de galinha – e o gordo do sir George tem razão. É paneleiro.

– Paneleiro? Deixe estar, calculo o que seja. E acha que ele está inocente?

– Claro que está inocente como o raio! – exclamou ela veementemente.

– Foi considerado culpado – observou Sandman calmamente.

– No tribunal do Old Bailey? Quem era o juiz?

– Sir John Silvester – informou Sandman.

– Rás partam! O Black Jack? – Sally mostrava-se sarcástica. –

É um estupor. Garanto-lhe, capitão, que há dúzias de almas inocentes na sepultura à conta do Black Jack. E o Charlie está inocente. Tem mesmo de estar. É um paneleiro, de acordo? Não saberia o que fazer com uma mulher, quanto mais violá-la! Além disso, quem quer que a tenha matado desfê-la à pancada, e o Charlie é só pele osso, nunca teria forças para um trabalhinho desses. Bem, viu-o, não o viu? Pareceu-lhe que ele seria capaz de rasgar-lhe a garganta? O que é que diz aí? - Apontou para o jornal de um penny que Sandman retirara do bolso e alisara sobre a mesa. No cabeçalho figurava um mal impresso esboço de uma cena de enforcamento, que, pretendendo aludir à iminente execução de Charles Corday, representava um homem encapuzado, de pé em cima de uma carreta sob o cadafalso. - Usam sempre esta imagem - disse Sally -, bem gostaria que arranjassem uma nova. Já nem sequer se usa a carreta! Desanda daqui, trouxa! - As três últimas palavras foram disparadas contra um homem bem vestido que se aproximara dela, lhe fizera uma vénia e se preparava para falar. Afastou-se com uma expressão de pânico. - Sei muito bem o que ele quer - explicou Sally a Sandman.

Sandman ficara alarmado com a explosão dela, mas, perante a explicação, desatou a rir e voltou a examinar o jornal.

– Segundo o que aqui diz, a condessa estava nua quando a encontraram. Nua e encharcada em sangue.

– Foi apunhalada, não foi?

– Está aqui escrito que acharam a faca do Corday espetada na garganta dela.

– Ele não podia tê-la apunhalado com isso - afirmou Sally terminantemente. - Não é afiada. É uma...

nem sei como se chama. Uma coisa para misturar tintas, que não serve para estrafegar.

– Estrafegar?

– Cortar a garganta.

– Portanto, é um instrumento metálico usado na paleta - admitiu Sandman -, mas diz aqui que ela foi apunhalada doze vezes nas... - Hesitou.

– Nas mamas – atalhou Sally. – É o que dizem sempre quando se trata de mulheres. Nunca são esfaqueadas noutras partes do corpo, sempre nas tetas. – Abanou a cabeça. – Ora isso não me parece nada coisa de paneleiro. Porque é que ele havia de despi-la, quanto mais matá-la? Quer um pouco mais? – Empurrou a travessa na direcção dele.

– Não, obrigado. Coma você.

– Eu era capaz de comer o raio de um cavalo. – Desviou o prato para o lado e colocou simplesmente a travessa na sua frente. – Não – disse, após um momento de reflexão –, ele não fez aquilo, é impossível. – Voltou a deter-se, de rosto franzido, e Sandman, intuindo que ela estava a debater consigo mesma se deveria ou não contar-lhe qualquer coisa mais, teve o bom senso de ficar calado.

Ela olhou-o de frente, como que para avaliar se realmente gostava ou não dele, e acabou por encolher os ombros. – Ele mentiu-lhe com quantos dentes tem na boca – afirmou, serenamente.

– O Corday?

– Não! Sir George! Ouvi-o dizer-lhe que o conde queria que lhe pintassem o retrato da mulher, mas não é verdade.

– Não queria?

– Eles estiveram a falar disso ontem – disse Sally com determinação ele e um amigo, só que ele julga que eu não ouço. Fico para ali parada a apanhar frio e ele fala como se eu não passasse de um par de mamas. – Serviu-se de mais cerveja. – Não foi o conde que ordenou a pintura do retrato. Sir George contou isso ao amigo, pode crer, e depois voltou-se para mim e disse-me: "Não estás a ouvir esta conversa, Sally Hood." Teve o descaramento de dizer isto mesmo!

– Ele mencionou quem tinha afinal encomendado o quadro? Sally fez um sinal afirmativo.

– O quadro foi encomendado por um clube, só que ele dava cabo de mim se soubesse que eu lhe contei, porque tem um medo de morte daqueles estupores.

– Foi um clube que encomendou o retrato?

– Sim, um desses clubes privados de cavalheiros, como o Boodles ou o Whites, mas não foi nenhum desses, tem um nome esquisito. O Clube Semáforo? Não, também não se chama assim. Sema?

Serra? Não sei. Qualquer coisa a ver com anjos.

– Anjos? – estranhou Sandman.

– Anjos – confirmou Sally. – Semáforo? Qualquer coisa do género.

– Serafins?

– Isso mesmo! – Estava imensamente impressionada por Sandman ter atinado com o nome. – O Clube dos Serafins.

– Nunca ouvi falar.

– É suposto ser realmente privado – esclareceu Sally – quer dizer, mesmo exclusivo! E fica bem perto daqui. Em St. James Square, portanto os membros têm de ter muito dinheiro. Demasiado ricos para mim, essa é que é essa.

– Sabe alguma coisa desse clube?

– Muito pouco – disse Sally – mas pediram-me uma vez para ir lá, só que não fui porque não sou esse tipo de actriz.

– Mas para que é que o Clube dos Serafins quereria o retrato da condessa? – perguntou Sandman.

– Vá-se lá saber – respondeu Sally.

– Terei de ir perguntar-lhes. Ela pareceu alarmada.

– Não lhes diga que eu lhe contei! Sir George matava-me! E eu preciso daquele trabalho, percebe?

– Não vou dizer-lhes que foi você que me contou – prometeu-lhe ele e, de qualquer forma, não acredito que tenham sido eles a matá-la.

– Então como é que vai descobrir quem a matou?

Era uma boa pergunta, pensou Sandman, e resolveu dar-lhe

uma resposta honesta.

– Não sei – reconheceu tristemente. – Quando o ministro me encarregou de investigar o caso, julguei que só precisaria de ir a Newgate e fazer algumas perguntas. O tipo de interrogatório a que às vezes submetia um ou outro dos meus soldados. Mas não se trata de nada disso. Tenho de descobrir a verdade nem sequer sei por onde começar. Nunca na minha vida fiz nada de parecido. De facto, nem sequer conheço ninguém que alguma vez tenha desempenhado esse tipo de funções. Portanto, suponho que terei de fazer perguntas, não é? Vou falar com toda a gente, perguntar o que me vier à cabeça, e, entretanto, espero encontrar a criada.

– Que criada?

Sandman falou-lhe então de Meg, e de como tinha ido à casa de Mount Street e o tinham informado de que todo o pessoal se fora embora.

– Talvez os tenham mandado para a residência de campo do conde admitiu – ou então foram pura e simplesmente despedidos.

– Pergunte aos criados – aconselhou Sally. – Pergunte a todos os outros criados da rua e das ruas mais próximas. Algum há-de saber qualquer coisa. Sabe-se tudo através dos mexericos dos criados.

Oh, Deus meu, são já estas horas? – O relógio da taberna acabava de bater as duas. Sally agarrou no casaco, pegou no último naco de pão e largou a correr.

Quanto a Sandman, continuou sentado no seu lugar e voltou a ler o jornal. Não o esclareceu de quase nada, mas deu-lhe tempo para pensar.

E tempo para perguntar a si mesmo para que é que um clube privado, um clube particularmente exclusivo e dotado de um nome angelical, quereria o retrato de uma dama da sociedade nua.

Reflectiu que estava na altura de descobrir o motivo. Estava na altura de fazer uma visita aos Serafins.

Tinha parado de chover, embora o ar desse a sensação de estar pegajoso e as pedras da calçada de St.

James Street reluzissem como se tivessem levado uma camada de verniz.

O fumo de incontáveis chaminés era arrastado para baixo por um vento gélido, criando espirais de fuligem e cinza semelhantes a neve escura. Duas luxuosas carruagens rangiam colina acima, ultrapassando uma terceira que havia perdido uma roda. Um grupo de homens oferecia conselhos acerca da viatura descambada, enquanto o cocheiro passeava para trás e para a frente os cavalos, uma vigorosa parelha de baios bem combinados.

Dois bêbados, vestidos à última moda, amparavam-se um ao outro ao mesmo tempo que se inclinavam perante uma dama que, tão elegantemente trajada como os seus admiradores, se saracoteava rua abaixo empunhando um guarda-chuva enrolado. Ignorou os bêbados, da mesma forma que não prestou atenção alguma aos comentários obscenos que lhe dirigiam a partir das janelas dos clubes de cavalheiros. Sandman calculou que não fosse uma autêntica senhora, porque nenhuma mulher respeitável alguma vez poria os pés em St. James Street. Ao aproximar-se dele, lançou-lhe um olhar sugestivo e Sandman levou cortesmente a mão ao chapéu, mas cedeu-lhe o lado interior do passeio e prosseguiu o seu caminho.

– Material forte, demasiado forte para si, hem? – gritou a Sandman um homem postado a uma janela.

Sandman ignorou a zombaria. Pensa correctamente, disse consigo mesmo, pensa como deve ser, e, para se ajudar a si mesmo a alcançar esse objectivo, parou na esquina de King Street e pôs-se a contemplar o palácio de St. James, como se aqueles tijolos antigos pudessem servir-lhe de inspiração. Por que motivo – perguntou a si próprio – iria ele dirigir-se ao Clube dos Serafins?

Porque, se Sally não estivesse enganada, era dali que partira a encomenda do retrato da condessa assassinada; mas, e daí? Sandman começava a suspeitar que o quadro não tinha absolutamente nada a haver com o assassínio. Se Corday estivesse a dizer a verdade, o assassino era quase de certeza a pessoa que interrompera o pintor quando alguém batera à porta das traseiras, só que Sandman não tinha a mais vaga ideia de quem poderia ter

sido. Então, porquê ir ao Clube dos Serafins? Porque, reflectiu, o misterioso clube havia obviamente conhecido a defunta, tinha investido uma maquia extravagante num retrato dela, e, sem que a nobre dama disso suspeitasse, o retrato destinava-se a exibi-la nua - o que sugeria que um dos membros do clube ou tinha sido amante dela ou visto as suas propostas rejeitadas, e tanto o amor como a rejeição conduziam ao ódio, e o ódio levava ao assassínio, e semelhante curso de pensamentos voltou a despertar em Sandman a dúvida sobre se afinal de contas o quadro estaria ou não relacionado com o crime. Era tudo muito confuso, extremamente confuso, e ele não estava a chegar a parte alguma por tentar reflectir correctamente sobre o caso, de modo que recomeçou a andar.

Nada assinalava a localização do Clube dos Serafins, mas um varredor que ia passar indicou a Sandman uma casa de janelas com venezianas, situada no lado oriental da praça. Sandman atravessou-a e, ao chegar perto do clube, viu uma carruagem atrelada a quatro cavalos parada na curva fronteira. A carruagem estava pintada de azul-escuro e ostentava nas portinholas escudos vermelhos brasonados com anjos de vestes douradas, em pleno voo. Era evidente que a carruagem acabava de recolher um cliente, porque arrancou mal Sandman se encaminhou para a porta, pintada de um azul lustroso e sem qualquer placa de identificação. Uma corrente doirada pendia do estreito alpendre, e, ao ser puxada, fez soar uma sineta estridente no interior do edifício. Sandman preparava-se para tocar uma segunda vez quando reparou num lampejo de luz a meio da porta e verificou que um discreto orifício havia sido rasgado na madeira colorida de azul. Calculou que alguém estivesse a observá-lo, de modo que olhou para trás até ouvir um ferrolho ser corrido. Um segundo ferrolho rangeu, depois uma chave rodou na fechadura e, por fim, a porta foi aberta com relutância por um empregado fardado com uma libré às riscas pretas e amarelas, como uma abelha.

- Tem a certeza, senhor - perguntou, após um breve silêncio - de que veio bater à porta certa? - A palavra "senhor" não foi pronunciada numa entoação de respeito, mas antes como uma mera formalidade.

– É aqui o Clube dos Serafins?

O empregado hesitou. Era um homem alto, provavelmente com uma diferença de apenas um ou dois anos de idade em relação a Sandman, e ostentava um rosto tostado pelo sol, marcado pela violência e endurecido pela experiência. Um homem brutal mas bem parecido, pensou Sandman, e com um aspecto competente.

– Esta é uma residência particular – declarou firmemente o sujeito.

– Pertencente, segundo creio, ao Clube dos Serafins – atalhou bruscamente Sandman –, com o qual tenho assuntos a tratar. – Agitou-lhe diante da cara a carta do ministro do Interior. – Missão governamental acrescentou, e, sem esperar por resposta, passou ao lado do empregado e penetrou num átrio de pé alto, elegante e dispendiosamente decorado. O chão consistia numa imitação de tabuleiro de xadrez formada por reluzentes quadrados de mármore preto e branco, e de mármore era também o revestimento da lareira onde ardia um fogo pouco vivo, cuja elevada cornija era emoldurada por um friso dourado de querubins, ramos de flores e folhas de acanto. Do vão da escada pendia um candelabro cujos braços deviam sustentar pelo menos cem velas, de momento apagadas. Quadros de tons sombrios ornavam as paredes brancas. Uma observação sumária revelou a Sandman que se tratava de paisagens e marinhas, sem uma única senhora despida à vista.

– O governo, senhor, não tem qualquer motivo para interferir connosco, absolutamente nenhum – asseverou o empregado grandalhão. Parecia surpreendido pelo facto de Sandman ter ousado ultrapassá-lo e, à laia de retaliação, mantinha a porta ostensivamente aberta, num convite a Sandman para que se fosse embora. Dois outros empregados, ambos enormes e ambos envergando a mesma libré amarela e negra, tinham aparecido de uma sala ao lado para encorajar a partida do indesejável visitante. Sandman desviou o olhar dos recém-chegados para o empregado mais alto e reparou que a boa aparência do homem era prejudicada por pequenas cicatrizes pretas na sua face direita. A maior parte das pessoas mal teria reparado nas cicatrizes, que não passavam de minúsculas pintas escuras sob a pele, mas Sandman adquirira o hábito de procurar vestígios de pólvora na cara dos homens.

– Que regimento? – perguntou-lhe.

O rosto do empregado contraiu-se num meio sorriso.

– O 1º dos Guardas de Infantaria, senhor.

– Combati a seu lado em Waterloo – disse Sandman. Enfiou a carta no bolso do casaco, e em seguida despiu o sobretudo encharcado, que, juntamente com o chapéu, atirou para um cadeirão dourado. – É capaz de ter razão – admitiu – quase de certeza que o governo não tem nada de meter o nariz aqui, mas suponho que preciso de ouvir isso da parte de um responsável do clube. Existe algum secretário? Um presidente? Um comité?

– Sandman encolheu os ombros. – Peço desculpa, mas o governo é como os dragões franceses. Se não os arrumamos logo à primeira, o que acontece é que regressam com forças redobradas à segunda.

O empregado alto ficou entalado entre o seu dever para com o clube e o sentimento de camaradagem em relação a um soldado ao lado de quem combatera, mas a lealdade ao Clube dos Serafins acabou por levar a melhor. Largou a porta de entrada e dobrou os dedos das mãos, como que a preparar-se para uma luta.

– Lamento, senhor – insistiu – mas a única coisa que vão dizer-lhe é que marque uma entrevista.

– Nesse caso, ficarei aqui à espera até que me digam isso mesmo replicou Sandman. Dirigiu-se para junto do fogo que ardia baixo na lareira e estendeu as mãos para aquecê-las. – A propósito, chamome Sandman e venho da parte de Lord Sidmouth.

– Não é permitido esperar, senhor – informou o empregado. – Mas, se o senhor o desejar, pode deixar o seu cartão de visita numa salva em cima da mesa.

– Não tenho cartões de visita – anunciou alegremente Sandman.

– Está na altura de ir-se embora – disse o empregado, e, desta vez, em lugar de tratar Sandman por "senhor", avançou para o visitante com uma determinação gélida.

– Não há problema, sargento Berrigan – atalhou uma voz suave

nas costas de Sandman. - Mr.

Sandman pode ser recebido.

- Capitão Sandman - corrigiu Sandman, voltando-se. Deu de caras com um peralvilho todo aperaltado, um autêntico beau. Era um homem alto e extraordinariamente belo, trajando um casaco preto com botões de bronze, uns calções tão apertados que corriam o risco de rebentar-lhe nas coxas, e um par de reluzentes botas altas. Um peitilho engomado ornava-lhe a camisa branca muito simples, emoldurada pela gola do casaco a tal ponto erguida que quase lhe tapava as orelhas. O cabelo preto, cortado muito curto, enquadrava uma face pálida tão finamente barbeada que a pele branca parecia rebrilhar. A expressão do rosto era divertida e inteligente, e o indivíduo usava um monóculo com um fino aro de ouro, através do qual examinou Sandman por um instante, antes de fazer-lhe uma ligeira vénia de cortesia.

- Capitão Sandman - disse, acentuando suavemente a primeira palavra - apresento-lhe as minhas desculpas. Deveria tê-lo reconhecido. Vi-o marcar cinquenta pontos em Martingale e Bennet no ano passado. É uma pena que não nos tenha beneficiado com as suas proezas em qualquer dos campos de jogo londrinos este ano. A propósito, chamo-me Skavadale, Lord Skavadale. Tenha a bondade de acompanhar-me à biblioteca - convidou, apontando para uma sala atrás de si. - Sargento, faz-me o favor de pendurar o casaco do capitão? No bengaleiro ao pé da lareira, não acha? E o que é que gostaria de tomar como bebida reconfortante, capitão? Café? Chá? Vinho aquecido com canela e especiarias? Brandy de importação?

- Café - disse Sandman. Sentiu um aroma de alfazema ao passar por Lord Skavadale.

- Está um dia perfeitamente horrendo, não é verdade? - perguntou Skavadale ao seguir atrás de Sandman para a biblioteca. - E ontem esteve tão bom. Como pode verificar, hoje mandei acender as lareiras, não tanto para aquecer as salas como para afastar a humidade. - A biblioteca era um amplo e bem proporcionado aposento, onde um fogo generoso ardia na vasta lareira enquadrada pelas altas estantes. Uma dúzia de cadeirões

encontrava-se espalhada pela biblioteca, mas Skavadale e Sandman eram os seus únicos ocupantes.

– A maior parte dos nossos membros encontra-se no campo nesta época do ano – referiu Skavadale para explicar o vazio da sala – mas eu fui obrigado a vir à cidade por causa de um assunto de negócios. Bastante aborrecido, receio. – Sorriu. – E o que traz a si por cá, capitão?

– Nome esquisito este, Clube dos Serafins? – replicou Sandman, ignorando a pergunta.

– Deu uma vista de olhos à biblioteca, mas nada encontrou de despropositado. O único quadro patente era um retrato de corpo inteiro pendurado em cima da cornija da lareira, representando homem magro, de feições atraentes e licenciosas, com uma profusa cabeleira encaracolada que lhe descia abaixo dos ombros. Envergava uma casaca cintada feita de seda florida, com rendas na gola e nos pulsos, e cruzava-lhe o peito uma larga faixa de onde pendia uma espada cujo punho se assemelhava a um cesto.

– John Wilmont, segundo conde de Rochester – elucidou Skavadale. Conhece a sua obra?

– Sei que foi um poeta – respondeu Sandman – e um libertino.

– Sorte a do homem que reúne essas duas qualidades – replicou Skavadale com um sorriso. – Foi de facto um poeta, de espírito superior e um talento raro, e consideramo-lo como o nosso modelo. O serafim é um ente superior, na verdade o de estatuto mais elevado entre a legião dos anjos. Trata-se de uma ligeira presunção da nossa parte.

– Superior a simples mortais como o resto de nós? – perguntou Sandman acidamente.

Lord Skavadale mostrava-se tão cortês, tão perfeito e autoconfiante que lhe causava irritação.

– Apenas tentamos superar-nos a nós próprios – retorquiu Skavadale amenamente – como estou certo de que o senhor procura fazer no críquete ou em qualquer outra actividade a que se dedique, o que me recorda, capitão, que estou em falta consigo por ainda não lhe ter oferecido a oportunidade de dizer-me de que

actividade se trata no presente caso.

A oportunidade teve de ser adiada por momentos, devido à entrada de um empregado carregando uma bandeja de prata sobre a qual se viam chávenas de porcelana e uma cafeteira igualmente de prata. Nem Lord Skavadale nem Sandman falaram enquanto o café era servido, e, no silêncio reinante, Sandman ouviu uma estranha chiadeira intermitente que parecia provir de uma sala próxima. Depois detectou o som de choques metálicos e compreendeu que se tratava de uma sessão de esgrima e que a tal chiadeira era produzida pelo deslizar dos sapatos dos praticantes sobre um chão coberto de giz.

– Sente-se, por favor – convidou Skavadale quando o empregado acabou de reavivar o fogo e abandonou a sala –, e diga-me o que pensa do nosso café.

– Charles Corday – articulou Sandman, instalando-se numa cadeira. Lord Skavadale pareceu ficar perplexo, mas em seguida sorriu.

– Deixou-me confuso por um segundo, capitão. Charles Corday, claro, o jovem condenado pelo assassínio da condessa de Avebury. O senhor é realmente um homem misterioso. Terá a bondade de dizer-me por que motivo referiu o nome dele?

Sandman sorveu um golo de café. O pires ostentava um brasão representando um anjo doirado voando contra um escudo vermelho. Era exactamente a mesma insígnia que vira pintada na portinhola da carruagem, excepto que, neste caso, o anjo estava completamente nu.

– O ministro do Interior – esclareceu Sandman – encarregou-me de investigar as circunstâncias da condenação de Corday.

Skavadale ergueu uma sobrancelha.

– Porquê?

– Porque existem dúvidas acerca da sua culpabilidade – respondeu Sandman, tendo o cuidado de omitir que o ministro não partilhava de tais dúvidas.

– É reconfortante saber que o nosso governo se dá a tantos

trabalhos para proteger os seus súbditos - comentou Skavadale piamente -, mas porque é que esse assunto o trouxe até nós, capitão?

– Porque sabemos que o retrato da condessa de Avebury foi encomendado pelo Clube dos Serafins - afirmou Sandman.

– Essa agora, terá mesmo sido? - indagou Skavadale serenamente. - Considero isso notável. - Abaixou-se para apoiar-se no guarda-fogo, cujo topo era revestido a couro, usando de mil cautelas para evitar crestar o casaco ou os calções. - O café vem de Java - informou - e, na minha opinião, é bastante bom. Não concorda?

– O que torna o caso mais interessante - prosseguiu Sandman - é que a encomenda do retrato pressupunha que a senhora fosse representada nua.

Skavadale esboçou um meio sorriso.

– Isso indica um espírito muito desportivo da parte da condessa, não lhe parece?

– Apesar de não ser suposto ela estar informada dessa circunstância.

– Bem, eu nunca... - Skavadale conclui a cínica observação articulando cuidadosamente as palavras, mas, a despeito do sarcasmo, os seus olhos escuros ostentavam uma expressão astuta e não parecia absolutamente nada surpreendido. Pousou o monóculo sobre uma mesa, e em seguida beberricou o seu café. - Posso perguntar-lhe, capitão, como é que esses extraordinários factos chegaram ao seu conhecimento?

– Um homem confrontado com a perspectiva do cadafalso pode tornar-se muito aberto.

– Está a informar-me de que Corday lhe contou tudo isso? - replicou Sandman, fugindo à pergunta.

– Estive com ele ontem.

– Esperemos que a iminência da morte o leve a dizer a verdade - desejou Skavadale. - Confesso que nada sei do assunto. É possível que um dos nossos membros tenha encomendado o

retrato, mas, alas, não fui consultado a tal respeito. Porém, não posso deixar de me interrogar: que importa isso? De que modo interfere com a culpa do jovem?

– Fala em nome do Clube dos Serafins, não é verdade? – inquiriu Sandman, fugindo de novo à pergunta. – É o secretário? Ou um administrador?

– Não temos nada de tão reles como administradores. Nós, os membros, somos em número reduzido e consideramo-nos todos como amigos. Temos de facto ao nosso serviço um homem que trata da contabilidade, mas que não dispõe de qualquer poder de decisão. As decisões tomamo-las nós em conjunto, como amigos e iguais.

– Nesse caso, se o Clube dos Serafins resolvesse encomendar um retrato – insistiu Sandman – o senhor estaria a par do assunto.

– Com certeza – ripostou Skavadale veementemente – e por isso posso garantir-lhe que tal retrato não foi encomendado pelo clube. Mas, tal como já lhe disse, é possível que um dos membros o tenha feito a título particular.

– O conde de Avebury é membro do clube? – perguntou Sandman. Skavadale hesitou.

– Na verdade, capitão, não me é possível divulgar a identidade dos nossos membros. Trata-se de um clube privado. Mas creio não incorrer numa perigosa indiscrição ao afirmar-lhe que o conde de Avebury não nos honra com a sua companhia.

– Conhecia a condessa? – indagou Sandman. Skavadale sorriu.

– Claro que sim, capitão. Muitos de nós fomos manifestar-lhe a nossa adoração perante o seu túmulo, porque era uma senhora dotada de divinal beleza e todos sentimos extremamente a sua morte. Extremamente, de facto. – Pousou a sua chávena de café meio cheia sobre uma mesinha e levantou-se. – Receio, capitão, que a sua visita tenha sido em vão. Asseguro-lhe que o Clube dos Serafins nada tem a ver com a encomenda do retrato, e receio que Mr. Corday lhe tenha fornecido informações incorrectas. Posso acompanhá-lo à porta?

Sandman ergueu-se. Não obtivera qualquer dado útil e tinha a

sensação de ter feito figura de parvo, mas, nesse preciso instante, uma porta escancarou-se ruidosamente nas suas costas, e, ao voltar-se, verificou que uma das estantes tinha um fundo falso de lombadas de livros de couro que se abria como uma porta, e que na soleira se postava um jovem apenas vestido de calções e camisa, com um florete de esgrima na mão e uma expressão agastada no rosto.

– Julguei que ias correr com este palerma, Johnny – dirigia-se a Skavadale – mas, afinal, nada feito.

Skavadale esboçou um sorriso doce como mel.

– Permite-me que te apresente o capitão Sandman, o célebre jogador de críquete. Este cavalheiro é Lord Robin Halloway.

– Jogador de críquete? – Lord Halloway ficou baralhado por momentos. – Julguei que fosse o lacaio do Sidmouth.

– Também – confirmou Sandman.

Reagindo ao tom belicoso de Sandman, Lord Robin meneou o estilete que trazia na mão. Nada tinha dos modos corteses de Skavadale. Segundo a avaliação de Sandman, estava no princípio da casa dos vinte, e era tão alto e bem-parecido como o amigo, mas, enquanto que Skavadale era moreno e sombrio, Holloway era todo ele doirado. Tinha o cabelo louro, usava anéis de ouro nos dedos e uma corrente de ouro ao pescoço. Passou a língua pelos lábios e quase ergueu a sua espada.

– Então o que é que o Sidmouth quer de nós? – perguntou. – O assunto do capitão Sandman já estava encerrado – disse Skavadale com firmeza.

– Vim aqui fazer perguntas acerca da condessa de Avebury – esclareceu Sandman.

– Lá está no seu túmulo, palerma, morta e sepultada – replicou Holloway. Um segundo homem apareceu por detrás dele, empunhando igualmente um florete, embora Sandman suspeitasse, tendo em conta a simplicidade das suas calças e casaco, que se tratava de um empregado do clube, talvez o seu mestre de armas. A divisão que ficava para além da falsa estante era uma sala de esgrima, como se comprovava pela quantidade de espadas e sabres

e pelo chão duro e liso de madeira. - Como disse que era o seu nome? - perguntou Holloway a Sandman.

– Não disse - respondeu Sandman -, mas chamo-me Sandman, Rider Sandman.

– O filho de Ludovic Sandman? Sandman inclinou a cabeça.

– O próprio.

– O diabo do homem burlou-me - afirmou Lord Robin. Os seus olhos ligeiramente protuberantes desafiavam Sandman. - Ficou a dever-me dinheiro!

– Um assunto a ser tratado pelos teus advogados, Robin. - Lord Skavadale mostrava-se apaziguador.

– Seis mil malditos guinéus - continuou Lord Robin Holloway - e, agora que o raio do seu pai enfiou uma bala entre os olhos, não nos pagam a dívida! Então, o que tenciona fazer acerca disso, palerma?

– O capitão Sandman já estava de saída - disse Lord Skavadale com firmeza, pegando em Sandman pelo cotovelo.

Sandman sacudiu-o.

– Tomei a meu cargo saldar algumas das dívidas do meu pai - disse a Lord Robin. Sandman estava a ferver de cólera, mas não o deixava transparecer na expressão do rosto e mantinha um tom de voz respeitoso. - Ando a tratar de pagar o dinheiro devido aos comerciantes que ficaram em apuros após o suicídio do meu pai. A respeito da dívida para consigo? - Fez uma pausa. - Não tenciono fazer absolutamente nada acerca dela.

– Raios te partam, pateta - reagiu Lord Robin, sacando da espada como que a preparar-se para golpear com ela a face de Sandman.

Lord Skavadale interpôs-se entre os dois.

– Já chega! O capitão vai-se embora.

– Nunca deverias tê-lo deixado entrar - acusou Lord Robin -, não passa de um nojento aprendiz de espião do maldito Sidmouth! Da próxima vez, Sandman, use a porta das traseiras, que se destina

aos fornecedores. A porta da frente é para cavalheiros. - Sandman tinha estado a controlar a sua irascibilidade e dirigia-se para o átrio da frente, quando, de súbito, se virou e voltou para trás, ultrapassando tanto Skavadale como Holloway.

– Onde diabo julga que vai? - perguntou Holloway.

– Para a porta das traseiras, claro - respondeu Sandman, detendo-se em seguida junto do mestre de armas e estendeu a mão. O homem hesitou, lançou um olhar a Skavadale, para logo fazer uma carranca quando Sandman lhe arrancou de surpresa o florete das mãos. Sandman tornou a voltar-se para Holloway. - Mudei de ideias - explicou - acho que afinal vou sair pela porta da frente. Hoje sinto-me um cavalheiro. Ou será que vossa senhoria está com tenções de impedir-me?

– Robin - Lord Skavadale advertia o amigo. – Diabos te levem! - disse Holloway, brandindo o florete, cruzando-o com a arma de Sandman e desferindo uma estocada.

Sandman aparou-lhe o golpe de forma a obrigar Hollloway a erguer e afastar a espada, e em seguida atingiu com a lâmina a face de sua excelência. A ponta da arma estava protegida, de modo a impossibilitá-la de perfurar ou cortar, mas, ainda assim, deixou um vinco vermelho na face direita de Holloway. Num ápice, a lâmina de Sandman desferiu nova estocada na face esquerda e, posto isso, recuou três passos e baixou a espada.

– Então o que sou eu? - perguntou. - Um comerciante ou um cavalheiro?

– Vá para o inferno! - bradou Holloway, agora completamente furioso mas incapaz de aperceber-se de que também o seu adversário estava de cabeça perdida. Porém, enquanto que a cólera de Sandman era fria e cruel, a de Holloway era toda ela a quente e desatinada. Holloway manobrou o florete como um sabre, na esperança de rasgar o rosto de Sandman com a pura força de uma chicotada da lâmina, mas Sandman desviou-se, conseguindo que o florete lhe passasse a uma mera polegada do nariz, e em seguida avançou e espetou a sua arma na barriga de Holloway. A protecção da lâmina impediu-a de rasgar a roupa ou a pele, e o florete curvou-se como um arco, permitindo a Sandman usar o ressalto da

arma para atirar-se para trás, no momento em que Holloway voltava a atacar. Sandman recuou mais um passo, Holloway tomou erradamente esse movimento por nervosismo, e desferiu um bote no pescoço de Sandman.

– Palhaço – chamou-lhe Sandman, com a voz cheia de desprezo. – Seu palhaço fracalhote – insistiu, e começou a lutar, mas agora com a raiva à solta, uma raiva incandescente e mortífera, uma fúria que ele se esforçava por combater, que odiava e que rezava para que o abandonasse; o problema é que já não estava a esgrimir, mas sim a tentar matar. Arremessou-se para a frente, com um terrível silvo da espada, a protecção de borracha raspou o rosto de Lord Halloway, quase lhe arrancando um olho, e, em seguida, um lado da lâmina golpeou o rosto de Lord Halloway, rasgando-lhe o nariz, que desatou a sangrar, a lâmina voltou à carga com a rapidez de um ataque de serpente, Lord Holloway recuou encolhido pela dor, e, subitamente, um par de braços extremamente fortes envolveu o peito de Sandman. O sargento Berrigan segurava-o e o mestre de armas estava postado diante de Lord Robin Halloway, enquanto Lord Skavadale arrancava a arma da mão do amigo.

– Basta! – exclamou Skavadale. – Basta! – Atirou o florete de Holloway para o canto mais afastado da sala, depois pegou na arma de Sandman e arremessou-a para o mesmo sítio. – Tem de ir-se embora, capitão – insistiu – tem de partir imediatamente!

Sandman libertou-se do abraço de Berrigan. Era bem visível o medo nos olhos de Lord Robin.

– Já lutava contra homens de verdade – disse-lhe – no tempo em que você ainda mijava nos seus calções de miúdo.

– Vá-se embora! – berrou Skavadale.

– Senhor? – Berrigan, cuja estatura era idêntica à de Sandman, apontava com a cabeça para o átrio de entrada. – Acho que seria melhor ir-se embora, capitão.

– Caso descubra a identidade da pessoa que encomendou o retrato disse Sandman – ficar-lhe-ei muito grato se tiver a bondade de me informar. – Não tinha realmente qualquer esperança de que Lord Skavadale fizesse semelhante coisa, mas a

simples formulação da pergunta permitia-lhe partir com uma certa dignidade. - Poderá enviar-me uma mensagem para o Wheatsheat, em Drury Lane.

– Tenha um bom dia, capitão – replicou Lord Skavadale friamente. Lord Robin olhou Sandman de soslaio, mas não disse palavra. Tinha levado uma surra, e sabia-o. O mestre de armas arvorava uma expressão respeitosa, mas era bom conhecedor das artes de terçar espadas.

O chapéu e o sobretudo de Sandman, ambos quase secos e impecavelmente escovados, foram-lhe devolvidos no átrio de entrada, onde o sargento Berrigan lhe abriu a porta da frente. O sargento dirigiu um aceno desolado a Sandman, que passou por ele impávido até alcançar o primeiro degrau.

– Será melhor não voltar aqui, senhor – aconselhou Berrigan serenamente, antes de bater com a porta.

Tinha recomeçado a chover.

Sandman dirigiu-se a passo lento na direcção norte.

Agora estava realmente nervoso, tão nervoso que se pôs a pensar se não teria ido ao Clube dos Serafins apenas para adiar o dever que lhe competia cumprir em seguida.

Seria mesmo um dever? Tentou convencer-se disso, embora suspeitasse de que não passava de um gesto de autocomplacência, e, certamente, uma loucura. No entanto, até aí Sally tivera razão. Agora tratava-se de encontrar a tal Meg, encontrá-la e, através dela, descobrir a verdade, e a melhor maneira de encontrar uma criada era falar com outros criados, motivo pelo qual se encaminhava agora para Davies Street, um lugar que evitara persistentemente nos últimos seis meses.

No entanto, quando tocou à porta tudo lhe pareceu absolutamente familiar, e Hammond, o mordomo, nem pestanejou ao vê-lo.

– Capitão Rider – cumprimentou – que prazer, meu senhor, permite-me que lhe tire o casaco?

Deveria trazer um guarda-chuva, senhor.

– Bem sabe que o duque nunca aprovou o uso de guarda-chuvas, Hammond.

– O duque de Wellington bem pode comandar as modas dos soldados, senhor, mas sua graça não tem qualquer autoridade sobre os peões londrinos. Será um abuso da minha parte pedir-lhe notícias de sua mãe?

– Não muda, Hammond. Dá-se mal com o mundo.

– Lamento saber disso, senhor. – Hammond pendurou o casaco e o chapéu de Sandman num cabide já atestado com outras peças de vestuário.

– Tem convite? – perguntou.

– Lady Forrest oferece um sarau musical esta noite? Lamento o equívoco, mas não fui convidado.

Contava apenas que sir Henry se encontrasse em casa, mas, se não for esse o caso, posso deixar-lhe um bilhete.

– Está em casa, senhor, e tenho a certeza de que vai querer recebê-lo. Não quer aguardar na saleta?

A saleta tinha o dobro do tamanho da sala de estar da casa que Sandman alugara para a sua mãe e irmã em Winchester, um facto que a mãe não se cansava de recordar-lhe, mas que não tinha qualquer importância naquele momento, portanto pôs-se a contemplar um quadro que representava carneiros pastando num prado e a ouvir um tenor que debitava uma ária exuberante para além da porta dupla que dava para as divisões mais amplas nas traseiras da casa. O homem terminou com um floreado, ao qual se seguiu uma salva de palmas, e depois a porta do átrio abriu-se e sir Henry Forrest entrou na saleta.

– Meu caro Rider!

– Sir Henry.

– Um novo tenor francês – anunciou sir Henry em tom lúgubre – que devia ter sido detido em Dover.

– Sir Henry nunca apreciara grandemente os saraus musicais da esposa e costumava evitá-los cuidadosamente. – Esqueci-me

de que havia cá um recital esta tarde – explicou –, se não, talvez tivesse ficado pelo banco. – Dirigiu a Sandman sorriso cúmplice. – Como está, Rider?

– Bem, muito obrigado. E o senhor?

– Bastante ocupado, Rider, bastante ocupado. O conselho municipal toma-me muito tempo, a Europa precisa de dinheiro e nós fornecemo-lho, ou, pelo menos, exploramos os ramos de negócio que não interessam ao Rothchild nem ao Baring. Tem acompanhado o preço do trigo? Sessenta e três xelins o alqueire em Norwich, na semana passada. Inacreditável, não acha?

– Sir Henry tinha feito uma inspecção sumária das roupas de Sandman para averiguar se o seu estado financeiro melhorara, e deduziu que não era esse o caso. – Como vai a sua mãe?

– Lamurienta – respondeu Sandman. Sir Henry esboçou um trejeito.

– Lamurienta, claro. Pobre senhora. – Teve um arrepio. – Conserva ainda os seus cães, não é verdade?

– Receio que sim, senhor. – A mãe de Sandman prodigalizava os seus afectos a dois cãezinhos de luxo, mal-educados e malcheirosos.

Sir Henry abriu uma gaveta de um aparador e retirou de lá dois charutos.

– Não posso fumar hoje na sala de música – explicou – portanto bem podemos arriscar-nos à forca por empestar de fumo a saleta, hem? – Interrompeu-se para acender um isqueiro, e com ele o charuto. A sua estatura, os ombros ligeiramente curvados, o cabelo prateado e a expressão sombria sempre tinham recordado a Sandman a figura de Dom Quixote, porém, conforme dúzias de negociantes rivais haviam descoberto tarde demais, a semelhança era ilusória. Sir Henry, filho de um boticário, era dotado de uma compreensão instintiva do dinheiro: como ganhá-lo, como empregá-lo e como multiplicá-lo. Esse talento tinha-o levado a construir os navios, a fornecer os exércitos e a fabricar as armas que haviam derrotado Napoleão, proporcionando-lhe um título de nobreza pelo qual a esposa lhe ficara infinitamente grata. Em

resumo, era um homem cheio de recursos, embora algo inseguro nas suas relações com os outros seres humanos. - É bom voltar a vêlo, Rider - afirmou com toda a sinceridade, porque Sandman era uma das poucas pessoas com quem se sentia realmente à-vontade. - Já se passou demasiado tempo.

- De facto, sir Henry.

- Então em que se ocupa actualmente?

- Numa tarefa muito invulgar, que me compeliu a vir pedir-lhe um favor.

- Com que então, um favor? - Embora o tom de sir Henry fosse afável, havia no seu olhar uma nota de cautela.

- Na verdade, é ao Hammond que preciso de pedir esse favor.

- Ao Hammond, hem? - Sir Henry perscrutou Sandman como se duvidasse de tê-lo ouvido bem. - O meu mordomo?

- Devo-lhe uma explicação.

- Parece-me bem que sim - concordou sir Henry, e em seguida, com o rosto ainda franzido de perplexidade, voltou ao aparador e serviu dois balões de brandy. - Aceita tomar uma bebida comigo? Ainda me parece esquisito vê-lo sem o seu uniforme.

Mas, antes de Sandman poder adiantar as suas explicações, a porta dupla do salão abriu-se e Eleanor surgiu no limiar, com a intensa iluminação por detrás dela a dar a impressão de que o cabelo lhe projectava um halo avermelhado em torno do rosto. Olhou para Sandman, depois inspirou fundo antes de dirigir um sorriso ao pai.

- A mãe está preocupada com a possibilidade de o papá perder o dueto.

- Qual dueto?

- O das irmãs Pearman, papá, andaram a ensaiá-lo durante semanas esclareceu Eleanor, antes de voltar a olhar para Sandman. - Olá, Rider saudou-o suavemente.

- Miss Eleanor - retribuiu ele em tom formal, curvando-se

numa vénia. Eleanor fitou-o. Por detrás dela, no salão, um grupo de convidados refastelava-se em cadeirões dourados voltados para as portas abertas da sala de música, onde duas jovens se encontravam sentadas ao piano. Eleanor olhou-as de relance, depois fechou firmemente as portas.

– Penso que as irmãs Pearman conseguirão desembaraçar-se sem a minha presença. Como está, Rider?

– Bem, obrigado, muito bem. – Por um instante julgara que não iria conseguir falar, porque ficara com a garganta presa e sentia as lágrimas virem-lhe aos olhos. Eleanor envergava um vestido de seda verde pálida, ornado de rendas amarelas no decote e nos punhos. Trazia ao pescoço um colar de oiro e âmbar que Sandman nunca antes vira, e que o fez experimentar um estranho sentimento de ciúme em relação à vida que ela levara nos últimos seis meses. Recordou-se de que ela estava noiva de outro e isso causou-lhe um sofrimento agudo, embora cuidasse de nada deixar transparecer. – Estou bem – repetiu –, e a senhora?

– Estou desolada por ouvi-lo dizer que se encontra bem – replicou Eleanor com fingida severidade. – Pensar que pode passar bem sem mim! É um enorme desgosto, Rider.

– Eleanor! – repreendeu-a o pai.

– Estava só a arreliá-lo, papá, o que, ao contrário da maior parte das coisas, não é proibido. – Veio fazer hoje uma visita à cidade?

– Estou a viver aqui – informou Sandman.

– Não sabia. – Os seus olhos cinzentos pareciam enormes. O que dissera sir George Phillips a respeito dela? Que tinha o nariz demasiado longo, o queixo demasiado aguçado, o cabelo demasiado vermelho, a boca demasiado cheia, e tudo isso era verdade; porém, só de olhar para ela, Sandman quase sentia a cabeça a andar à roda, como se tivesse bebido uma garrafa inteira de brandy e não apenas dois goles. Fitou-a intensamente e ela retribui-lhe o olhar, sem nenhum deles articular palavra.

– Aqui em Londres? – Sir Henry interrompeu o silêncio – Desculpe, senhor? – Sandman obrigou-se a desviar o olhar para sir

Henry.

– Está a viver aqui, Rider? Em Londres?

– Em Drury Lane, senhor. Sir Henry franziu o sobrolho.

– Esse lugar não é um tanto... – fez uma pausa – digamos que perigoso?

– Trata-se de uma hospedaria – elucidou Sandman. – Foi-me recomendada por um oficial de artilharia de Winchester, e instalei-me lá antes de aperceber-me de que não seria, talvez, a morada mais conveniente. Mas serve-me perfeitamente.

– Está lá instalado lá há muito tempo? – perguntou Eleanor.

– Há três semanas – admitiu ele –, um pouco mais.

Dir-se-ia que ele lhe tinha dado uma bofetada, pensou Sandman.

– E não veio visitar-me? – protestou ela.

Sandman sentiu-se corar.

– Não estava bem certo – disse – a que título poderia visitá-la. Pensei que preferiria que o não fizesse.

– Se é que pensou fosse o que fosse – replicou Eleanor acidamente. Os olhos dela eram cinzentos, quase esfumados, com pintas verdes.

Sir Henry fez um vasto gesto na direcção das portas.

– Estás a perder o dueto, minha querida – lembrou – e, por estranho que te pareça, quem o Rider veio ver foi o Hammond. Não é verdade, Rider? Não se trata realmente de uma visita social.

– O Hammond, sim – confirmou Sandman.

– Que demónio quer do Hammond? – perguntou Eleanor, com um súbito fulgor de curiosidade nos olhos.

– Estou certo de que se trata de um assunto a tratar entre eles – interveio sir Henry, constrangido – e comigo, evidentemente – apressou-se a acrescentar.

Eleanor ignorou o pai.

– De que se trata? – voltou a perguntar a Sandman.

– Uma história muito comprida, receio – replicou Sandman com um ar comprometido.

– É certamente preferível ouvi-la do que às irmãs Pearman assassinando a peça de Mozart que o seu professor de música lhes ensinou – disse Eleanor, sentando-se numa cadeira com uma expressão de expectativa estampada no rosto.

– Minha querida... – começou o pai, mas foi imediatamente interrompido.

– Papá – afirmou firmemente Eleanor –, tenho a certeza de que nada do que Rider queira tratar com Hammond será impróprio para os ouvidos de uma jovem, o que é mais do que pode dizer-se acerca da exibição das irmãs Pearman. Então, Rider?

Sandman reprimiu um sorriso e contou a sua história, que provocou grande assombro, porque nem Eleanor nem o pai haviam jamais associado Charles Corday a sir George Phillips. Como se não fosse já suficientemente mau que a condessa de Avebury tivesse sido assassinada numa rua próxima, ainda por cima parecia agora que o homem condenado por esse assassínio passara algum tempo na companhia de Eleanor.

– Não me restam dúvidas de que é o mesmo jovem – garantiu Eleanor –, embora só tivesse sempre ouvido tratá-lo por Charlie. Mas fiquei com a impressão que ele fizera a maior parte do trabalho.

– É provável que sim – confirmou Sandman.

– Será melhor não informares disso a tua mãe – comentou calmamente sir Henry.

– Ela ficaria a pensar que estive a um passo de ser assassinada – concordou Eleanor.

– Duvido que ele seja um assassino – opinou Sandman.

– E além disso, decerto que nunca ficaste a sós com ele – indagou o pai.

– Claro que não, papá, tive sempre comigo um chaperon. Nós

somos olhou para Sandman, erguendo uma sobrancelha - uma família respeitável.

– Também a condessa esteve sempre acompanhada por uma aia - informou Sandman, referindo em seguida o desaparecimento da rapariga em causa, Meg, e a consequente necessidade de falar com a criadagem da vizinhança para apurar os mexericos que corriam acerca do destino do pessoal da residência dos Avebury. Desfez-se em desculpas por ter-se sequer lembrado de envolver Hammond no caso. - Penso que a bisbilhotice dos servidores não deve ser encorajada, senhor - começou a dizer, mas Eleanor interrompeu-o de imediato.

– Não seja tão empertigado, Rider - atalhou - eles bisbilhotam com encorajamento ou sem ele, é uma coisa perfeitamente natural.

– Mas a verdade - prosseguiu Sandman - é que os empregados tagarelam todos um com os outros, e, se for permitido ao Hammond interrogar as criadas sobre os boatos que têm ouvido...

– Não ficará a saber absolutamente nada - interrompeu de novo Eleanor.

– Minha querida... - protestou o pai.

– Nada de nada! - reafirmou Eleanor com absoluta segurança. - O Hammond é um excelente mordomo e um cristão admirável, de facto já muitas vezes pensei que daria um excelente bispo, mas todas as criadas sentem pavor dele. Não, a pessoa a quem deve perguntar-se é a minha criada de quarto, a Lizzie.

– Não podes meter a Lizzie nesta trapalhada! - objectou sir Henry.

– E por que não?

– Porque não - redarguiu o pai, incapaz de encontrar um argumento convincente. - Porque, pura e simplesmente, não é correcto.

– Também não é correcto que o Corday seja enforcado, caso esteja inocente! E o senhor, paizinho, é a melhor pessoa para sabê-lo. Nunca o tinha visto tão chocado!

Sandman lançou um olhar inquiridor a sir Henry, que encolheu

os ombros. – Os meus deveres levaram-me a Newgate – reconheceu. – Descobri que nós, os vereadores municipais, somos oficialmente os patrões do carrasco, e o patife dirigiu-nos uma petição para que lhe providenciássemos um assistente. Como nunca gostamos de despender fundos desnecessariamente, dois de nós resolvemos ir averiguar as exigências da função.

– E já tomaram alguma decisão? – perguntou Eleanor.

– Vamos seguir o conselho do delegado da Coroa – respondeu sir Henry. – Pessoalmente, inclinava-me para recusar o pedido, mas confesso que poderá ter sido por simples preconceito contra o carrasco. Deu-me a impressão de ser um canalha malvado, realmente malvado!

– Não se trata propriamente de um emprego que atraia as boas almas observou Eleanor secamente.

– O homem chama-se Botting, James Botting – informou sir Henry, com um estremecimento. – Um enforcamento não é um espectáculo bonito, Rider. Alguma vez assistiu a algum?

– Já vi cadáveres de enforcados – elucidou Sandman, recordando-se de Badajoz, com as suas trincheiras fumegando sangue e os gritos atroando as ruas. O exército britânico, ao penetrar na cidade a despeito da feroz resistência dos franceses, havia infligido uma terrível retaliação contra os habitantes. E Wellington ordenara aos carrascos que arrefecesse a fúria dos casacas vermelhas. – Costumávamos enforcar os autores de pilhagens e saques – explicou a sir Henry.

– Suponho que não tivessem outro remédio – admitiu sir Henry. É uma morte terrível, absolutamente terrível. Mas necessária, claro, ninguém põe isso em causa...

– Há quem ponha – interveio a filha.

– Ninguém em seu perfeito juízo contesta a sua necessidade – emendou o pai com firmeza – mas espero jamais voltar a assistir a um enforcamento.

– Pois eu gostaria de assistir a um – afirmou Eleanor.

– Não sejas ridícula! – admoestou o pai.

– Gostaria, sim! – insistiu Eleanor. – Ouvimos constantemente dizer que a morte pela forca tem um duplo propósito: castigar os culpados e dissuadir outras pessoas de praticarem crimes, motivo pelo qual as execuções constituem um espectáculo público. De modo que a minha alma imortal ficaria indubitavelmente em maior segurança se eu assistisse a um enforcamento, ficando assim mais defendida contra quaisquer tentações que acaso algum dia experimente de cometer um crime. – Desviou o olhar do seu estupefacto progenitor para Sandman, e depois voltou a fixá-lo no pai.

– Tem a certeza de que é improvável que eu me torne numa delinquente, papá? É muito generoso da sua parte, mas, por mim, tenho a certeza de que rapariga que foi enforcada na passada segunda-feira era uma delinquente improvável.

Sandman olhou para sir Henry, que involuntariamente confirmou com um aceno de cabeça.

– Enforcaram uma moça, lamento dizê-lo – disse, de olhos postos no tapete –, pouco mais que uma criança, Rider. Pouco mais que uma criança.

– Talvez que, se o pai dela a tivesse levado a presenciar um enforcamento – persistiu Eleanor – ela tivesse sido dissuadida de praticar o crime. Pode até dizer-se, papá, que está a descurar os seus deveres como cristão e como pai ao recusar-se a levar-me a Newgate.

Sir Henry fitou-a, incapaz de perceber ao certo se ela estaria simplesmente a gozá-lo, e em seguida desviou o olhar para Sandman e encolheu os ombros, como que sugerindo que a tirada da filha não deveria ser levada a sério.

– Pensa portanto, Rider, que as minhas criadas podem ter ouvido qualquer coisa acerca do destino de Meg?

– É essa a minha esperança, senhor. Ou que possam fazer perguntas ao pessoal que trabalha na Mount Street. A residência dos Avebury fica a dois passos daqui e estou convencido de que todos os empregados da zona se conhecem uns aos outros.

– Tenho a certeza de que a Lizzie conhece toda a gente –

afirmou Eleanor com determinação.

– Minha querida – disse-lhe o pai severamente – trata-se de um assunto grave, não de uma brincadeira.

Eleanor contemplou o pai com um olhar exasperado.

– Trata-se de tagarelice de criadas, papá, e o Hammond é superior a tais coisas. A Lizzie, pelo contrário, está sempre a par de tudo.

Sir Henry, incomodado, mudou de posição na cadeira.

– Não há perigo, pois não? – perguntou a Sandman.

– Não o creio, senhor. Tal como diz a Eleanor, só pretendemos saber para onde foi a tal Meg, e isso não passa de bisbilhotice do pessoal.

– A Lizzie pode justificar o seu interesse na questão alegando que um dos nossos cocheiros lhe andava a fazer namoro – sugeriu Eleanor entusiasticamente. O pai sentia-se desgostoso por vê-la envolvida no caso, mas era praticamente incapaz de recusar-lhe fosse o que fosse. Era a sua única filha e amava-a a tal ponto que teria até autorizado o seu casamento com Sandman, apesar da pobreza de Sandman e da desgraça que recaíra sobre a sua família, só que Lady Forrest tinha outras ideias. A mãe de Eleanor encarara sempre Rider como uma segunda escolha. Era certo que, quando o noivado fora inicialmente oficializado, Sandman era presuntivamente um herdeiro rico, suficientemente rico para Lady Forrest se convencer de que daria um genro mais ou menos aceitável, embora não possuísse aquilo que Lady Forrest ambicionava acima de tudo para a filha.

Não dispunha de qualquer título de nobreza, e Lady Forrest sonhava com que a filha viesse um dia a tornar-se duquesa, marquesa, condessa, ou, pelo menos, fidalga. A ruína de Sandman oferecera a Lady Forrest o pretexto para afiar as garras, e o marido, mau grado toda a sua indulgência para com Eleanor, não conseguira contrariar o empenho da esposa em que a filha acabasse por tornar-se na aristocrática dona de escadarias de mármore, vastas propriedades e salões de baile suficientemente amplos para que regimentos inteiros pudessem exercitar lá dentro

as suas manobras.

Assim, embora Eleanor pudesse não conseguir casar com quem queria, ser-lhe-ia consentido pedir à sua criada de quarto que sondasse os boatos de Mount Street.

– Enviar-lhe ei uma carta – disse Eleanor a Sandman –, mas para que endereço?

– Para o Wheatsheaf – informou-a Sandman – em Drury Lane. Eleanor levantou-se e, pondo-se em bicos de pés, depositou um beijo na face do pai.

– Obrigada, paizinho.

– Por quê?

– Por me permitir fazer alguma coisa de útil, mais que não seja estimular a propensão da Lizzie para a bisbilhotice, e obrigada também a si, Rider. – Pegou-lhe na mão. – Sinto-me orgulhosa de si.

– Espero que sempre tenha sido esse o caso.

– Claro que sim, mas agora está a praticar uma acção nobre. – Estendeu-lhe a mão e, nesse mesmo instante, a porta abriu-se.

Lady Forrest penetrou no aposento. Possuía o mesmo cabelo fulvo, a mesma beleza e a mesma força de carácter da filha, mas era do pai que Eleanor herdara os olhos cinzentos e a inteligência.

Lady Forrest ficou estupefacta ao ver a filha de mão dada com Sandman, mas forçou um sorriso.

– Capitão Sandman – cumprimentou-o em tom glacial – que surpresa vir encontrá-lo aqui.

– Boa tarde, Lady Forrest – apesar de ter uma das mãos presas, Sandman lá conseguiu fazer-lhe uma vénia.

– Eleanor, podes explicar-me o que estás a fazer? – O tom de voz de Lady Forrest descera quase ao ponto da congelação.

– A ler a palma da mão do Rider, mamã.

– Ah! – Lady Forrest foi instantaneamente acometida de curiosidade. Assustava-a a inconveniente atracção da filha por um

homem sem recursos, mas sentia um fascínio irresistível por tudo que se relacionasse com o sobrenatural. – Ela nunca há-de ler a minha, capitão, recusa-se terminantemente – afirmou a dama. – Então o que é que vês aí?

Eleanor fingiu examinar a palma da mão de Sandman.

– Avisto prenúncios – anunciou solenemente – de uma viagem.

– A algum lugar agradável, espero? – replicou Lady Forrest.

– À Escócia – replicou Eleanor.

– Pode ser muito aprazível nesta altura do ano – observou Lady Forrest. Sir Henry, mais perspicaz do que a esposa, interpretou as palavras da filha como uma alusão às misteriosas aparições em Gretna Green.

– Basta, Eleanor – atalhou brandamente.

– Sim, papá – disse Eleanor, largando a mão de Sandman e fazendo uma mesura ao pai.

– Então o que o traz por cá, Rid? – Lady Forrest quase esqueceu o seu estatuto, mas lá conseguiu corrigir-se a tempo. – Senhor capitão?

– Rider teve a gentileza de vir avisar-me de uns rumores segundo os quais os portugueses poderão estar a fugir à liquidação dos seus títulos de dívida de curto prazo – respondeu sir Henry no lugar de Sandman –, o que, aliás, devo dizer que não me surpreende. Se bem te lembras, minha querida, opusemo-nos à conversão dos títulos.

– Com certeza, querido. – Lady Forrest não tinha a menor das certezas, mas sentia-se satisfeita com a explicação. – Agora vem comigo, Eleanor prosseguiu –, o chá está a ser servido e tu pareces desprezar os nossos convidados. Temos Lord Eagleton aqui connosco – informou Sandman, com orgulho.

Lord Eagleton era o homem de quem Eleanor estava supostamente noiva, de modo que Sandman experimentou um abalo.

– Não tenho a honra de conhecer sua senhoria – replicou

rispidamente.

– Não me espanta nada – afirmou Lady Forrest –, uma vez que ele apenas convive com a nata da sociedade. Henry, precisas mesmo de fumar aqui?

– Sim – respondeu sir Henry – não posso evitá-lo.

– Desejo-lhe uma agradável viagem à Escócia, capitão – rematou Lady Forrest, arrastando em seguida a filha consigo e fechando a porta contra o fumo do charuto.

– A Escócia – comentou sir Henry sombriamente, abanando a cabeça. Não enforcam tanta gente na Escócia como o fazemos em Inglaterra e no País de Gales. No entanto, tanto quanto sei, a taxa de assassínios lá não é superior à nossa. – Encarou Sandman abertamente. – Esquisito, não acha?

– Muito esquisito, senhor.

– No entanto, suponho que o Ministério do Interior saiba o que anda a fazer. – Virou as costas e contemplou melancolicamente a lareira. – Não é uma morte rápida, Rider, tudo menos rápida, e, no entanto, o director da prisão parecia extraordinariamente ufano de todo o processo. Pretendia a nossa aprovação e insistiu em mostrar-nos o resto da cadeia. – Sir Henry mergulhou por instantes no silêncio, com um arrepio de horror. – Por acaso sabe – prosseguiu, após uma pausa – que há um corredor que conduz directamente da prisão ao tribunal? Assim se evita que os presos passem pela rua quando vão ser julgados. Chamam a essa passagem Birdcage Walk, e é aí que enterram os enforcados. Suponho que as enforcadas também, embora o cadáver da rapariga a cuja morte assisti tenha sido depois entregue aos cirurgiões, a fim de ser dissecado. – Estivera de olhar fito na lareira durante todo este discurso, mas, por fim, ergueu-o para Sandman. – As lajes do pavimento de Birdcage Walk remexem-se constantemente, Rider, oscilam sem parar. É porque as sepulturas estão já a amontoar-se debaixo delas. Havia ali barricas de visco para acelerar a decomposição. Uma ignomínia. Uma ignomínia indescritível.

– Lamento que o senhor tenha sido forçado a passar por tal experiência.

– Julguei que era o meu dever – redarguiu sir Henry, arrepiado. – Fui lá com um amigo que se divertiu indecentemente com tudo aquilo. A forca é um expediente necessário, sem dúvida, mas não uma diversão, decerto? Ou estarei eu a pecar por excesso de escrúpulos?

– Está a ser-me de grande ajuda, sir Henry – sossegou-o Sandman e sinto-me grato por isso.

Sir Henry assentiu com um sinal de cabeça.

– Calculo que demore um dia ou dois até receber a sua resposta, mas esperemos que lhe sirva de ajuda. Já se vai embora? Tem de voltar a visitar-nos. Rider, tem de voltar. – Acompanhou Sandman ao átrio e auxiliou-o a vestir o casaco.

E assim Sandman partiu, sem sequer reparar se estava ou não a chover.

Os seus pensamentos concentravam-se em Lord Eagleton. Eleanor não se comportara como se estivesse apaixonada por sua excelência – de facto, até esboçara uma careta de repulsa quando ouvira mencionar o seu nome –, o que despertara em Sandman um certo sentimento de esperança.

Mas afinal de contas, pensou consigo próprio, o que tinha o amor a haver com o casamento? O casamento tinha a haver com dinheiro, terras e respeitabilidade. Com uma situação a toda a prova do risco de ruína financeira. Com uma boa reputação.

E quanto ao amor? Que se lixe, pensou Sandman. Mas estava apaixonado.

Tinha parado de chover; na verdade, estava um belo fim de tarde, com um céu excepcionalmente límpido pairando sobre Londres. Tudo parecia perfeitamente nítido, lavado de fresco, imaculado.

As nuvens chuvosas haviam-se afastado para oeste, e a Londres elegante começava a inundar as ruas. Carruagens abertas, puxadas por cavalos criteriosamente emparelhados, cobertos por mantas reluzentes e com as caudas entrançadas com fitas, trotavam briosamente na direcção de Hyde Park, para a parada diária. Bandas de músicos ambulantes competiam entre si, atroando

os ares com a estridência das trombetas, o batuque dos tambores e o tilintar das moedas que os cobradores agitavam nos seus mealheiros. Sandman estava alheio a tudo isto.

Só pensava em Eleanor, e quando finalmente, após passar em revista cada olhar e subtil entoação de voz dela, desistiu de extrair dessas recordações qualquer pista segura acerca das verdadeiras intenções que a animavam, pôs-se a reflectir sobre o que conseguira alcançar nesse dia. Tinha descoberto - pensou - que Corday lhe dissera essencialmente a verdade, tinha confirmado à sua própria custa que jovens aristocratas entediados eram os homens mais malcriados do mundo, e tinha lançado proveitosamente a criada de Eleanor na sua pesquisa de boatos; mas, ao fim e ao cabo, não avançara grande coisa. Não tinha qualquer relatório a apresentar ao visconde Sidmouth. Que havia então de fazer a seguir?

Ponderava no assunto quando, regressado ao Wheatsheaf, entregou a sua roupa suja a uma mulher que lhe cobrava um penny por lavar-lhe cada camisa, e se sentiu obrigado a aguentar vinte minutos a pé firme a tagarelice dela, porque de outro modo ela ficaria ofendida. Depois coseu as suas botas, recorrendo a uma agulha de fabricante de velas e a um bocado de fio de folha de palmeira que pedira emprestado ao senhorio, e, quando as considerou mais ou menos remendadas, escovou a casaca, esforçando-se por eliminar uma nódoa na cauda. Reflectiu que, entre todos os inconvenientes da pobreza, a falta de criados para lhe cuidar da roupa era o que lhe consumia mais tempo. Tempo. Era do que mais precisava, e tentou decidir qual o passo seguinte a dar. Ir a Wiltshire, recomendou a si mesmo. Não lhe apetecia nada, porque ficava demasiado longe, a viagem seria demasiado dispendiosa e não tinha qualquer garantia de que lá fosse encontrar a tal Meg, mas, por outro lado, se ficasse à espera de receber notícias de Eleanor talvez chegassem tarde demais. Havia uma hipótese, até bastante razoável, de que todo o pessoal da residência de Londres tivesse sido enviado para a propriedade de campo do conde. Portanto mete os pés ao caminho, ordenou a si próprio. Mete-te na mala-posta e estarás lá ao princípio da tarde, e poderás apanhá-la de volta na madrugada seguinte. Mas a despesa envolvida fê-lo encolher-se de susto. Pensou que, se usasse a

diligência normal, não gastaria mais do que uma libra na ida e no regresso, mas, nesse caso, não chegaria a Wiltshire antes do fim da tarde, levaria provavelmente mais duas ou três horas a encontrar a mansão do conde – o que não lhe permitiria certamente alcançá-la antes do cair da noite – e isso implicava ter de esperar pela manhã seguinte para abordar o pessoal da casa, ao passo que, se recorresse à mala-posta, se encontraria na propriedade do conde o mais tardar a meio da tarde. Custar-lhe-ia pelo menos o dobro, mas apenas restavam a Corday cinco dias de vida, de modo que Sandman contou os trocos e lamentou o seu gesto generoso de ter oferecido o jantar a Sally, mas logo se arrependeu de tão mesquinho pensamento e encaminhou-se para o posto do correio em Charing Cross, onde pagou duas libras e sete xelins pelo último dos quatro lugares da mala-posta da manhã seguinte para Marlborough.

Regressou ao Wheatsheaf, onde, na sala das traseiras, por entre barris de cerveja e móveis escangalhados à espera de conserto, engraxou e puxou o lustro às suas recém-remendadas botas. Era um espaço sombrio e malcheiroso, frequentado por ratos e por Dodds, o moço de recados da hospedaria, e Sandman, sentado sobre um barril num recanto escuro, escutou o assobio desafinado do moço e preparava-se para gritar-lhe uma saudação quando lhe chegou aos ouvidos o som de uma voz desconhecida, dizendo:

– O Sandman não está lá em cima.

– Eu vi-o entrar – replicou Dodds com a sua habitual truculência. Sandman calçou as botas o mais silenciosamente possível. O tom do desconhecido denotava uma tal rudeza, que, longe de impelir Sandman a fazer notar a sua presença em voz alta e a identificar-se, o levou a procurar qualquer espécie de arma – e a única que encontrou à mão foi uma aduela de barril. Não era grande coisa, mas empunhou-a como uma espada ao dirigir-se sem ruído em direcção à porta.

– Encontraste alguma coisa? – indagou o desconhecido.

– Este brinquedo e um bastão de críquete – respondeu uma outra voz, e Sandman, ainda oculto pelas sombras, adiantou-se e

avistou um jovem que trazia nas mãos o seu bastão de críquete e a sua espada do exército. Os dois homens deviam ter subido ao sótão, e, verificando a ausência de Sandman, um deles descera à sua procura, enquanto o outro ficara a revistar-lhe o quarto, encontrando os dois únicos objectos com algum valor. Sandman não podia dar-se ao luxo de ver-se despojado de qualquer deles, portanto a sua tarefa imediata consistia em recuperar a espada e o bastão e descobrir quem eram os dois homens.

– Vou à procura dele no bar – disse o primeiro homem.

– Trá-lo para aqui – indicou o segundo, colocando-se assim à mercê de Sandman.

Porque Sandman só precisava de esperar. O primeiro homem saiu com Dodds pela porta de serviço, deixando o segundo no corredor, onde este retirou a espada da bainha até meio e se pôs a inspeccionar a inscrição gravada na lâmina. Estava ainda a examiná-la quando Sandman saltou da sala de arrumos e manobrou a aduela como um cacete, atingindo a criatura nos rins. A tábua rachou-se com o impacto enquanto o sujeito se inclinava para a frente, respirando com dificuldade, para logo de seguida Sandman largar a aduela, pegar-lhe pelos cabelos e puxá-lo para trás. O homem vacilou, tentando recuperar o equilíbrio, mas Sandman passou-lhe uma rasteira que o estatelou violentamente no chão, altura em que Sandman lhe pregou um valente pontapé nas partes baixas. O sujeito encolheu-se e enrolou-se sobre si próprio em agonia.

Sandman pegou no bastão e na espada que entretanto haviam caído no chão. A luta não demorara mais do que uns segundos e o homem gemia e retorcia-se de dor, o que não dava, porém, garantia alguma de que não recuperasse rapidamente. Sandman receava que ele trouxesse consigo uma pistola, de modo que, recorrendo ao punho da espada, lhe abriu o casaco.

E, por debaixo, encontrou uma libré amarela e preta.

– Trabalha para o Clube dos Serafins? – perguntou Sandman, e o homem tentou articular algo ofegantemente, mas a resposta não foi de teor informativo e Sandman não se deu ao incómodo de obedecer à sua injuriosa invectiva. Abaixou-se ao lado da criatura,

apalpou-lhe os bolsos do casaco e encontrou uma pistola que de lá arrancou, embora, na sua precipitação, rasgasse o forro do bolso com o gatilho da arma. - Está carregada?

– perguntou.

O homem repetiu a injúria anterior, o que levou Sandman a enfiar-lhe o barril pela cabeça abaixo e a puxar pelo canhão da pistola.

– Vou perguntar outra vez - disse -, está carregada?

– Sim!

– O que veio fazer aqui?

– Queriam que o levássemos de volta para o clube.

– Porquê?

– Sei lá! Deram-nos essa ordem, é tudo.

Era natural que o homem pouco mais soubesse, de modo que Sandman se afastou do barril.

– Saia daí - ordenou-lhe. - Vá buscar o seu amigo ao bar e diga-lhe, que, quando quiser meter-se com um soldado, é melhor vir acompanhado de um exército.

O homem contorceu-se no chão e ergueu para Sandman um olhar incrédulo.

– Então posso ir?

– Vai-te embora - disse-lhe Sandman, e ficou a vê-lo pôr-se de pé e sair a coxear corredor fora. Para que o quereria o Clube dos Serafins? perguntou a si mesmo. E por que haveria de ter mandado dois gorilas buscá-lo? Porque não lhe teriam simplesmente enviado um convite?

Seguiu o trôpego sujeito até ao bar, onde um magote de clientes se encontrava sentado às mesas.

Um violinista cego, ocupado a afinar o seu instrumento ao canto da chaminé, revirou bruscamente os olhos vazios ao ouvir Sally soltar um grito de alarme. Ela fitava fixamente a arma empunhada por Sandman. Ele apontou o canhão enegrecido da

pistola em direcção ao tecto, e os dois homens, entendendo a sugestão, fugiram a sete pés. Sandman travou cuidadosamente o gatilho e enfiou a arma no cinto, enquanto Sally atravessava a correr a sala para vir ao seu encontro.

– O que é que aconteceu? – perguntou, agarrando, na sua aflição, o braço de Sandman.

– Está tudo bem, Sally – respondeu Sandman.

– Com mil diabos, não está! – bradou ela, fitando agora, de olhos esgazeados, um ponto por trás dele, ao mesmo tempo que Sandman ouvia o dique de uma arma.

Soltou o braço do aperto de Sally e, voltando-se, viu um pistolão apontado mesmo ao meio da sua testa. O Clube dos Serafins não enviara dois homens para raptá-lo, mas sim três, e o mais perigoso do trio, conforme Sandman suspeitava, era o sargento Berrigan, em tempos membro do primeiro regimento dos Guardas de Sua Majestade. Estava instalado numa cabina privada, sorrindo, e Sally voltou a pegar no braço de Sandman, soltando um pequeno grito de medo.

– É o mesmo que acontece com os dragões franceses, capitão – comentou o sargento Berrigan. – Se não enfrentamos os estupores devidamente à primeira, então, tão certo como o Sol nascer e se pôr todos os dias, eles hão-de voltar para tramar-nos.

E Sandman estava tramado.

CAPÍTULO 03

SARGENTO BERRIGAN manteve a pistola apontada a Sandman pelo espaço de um abrir e fechar de olhos, depois baixou a percussão, pousou a arma sobre a mesa e fez um aceno aos ocupantes do banco fronteiro.

– Acabou de fazer-me ganhar uma libra, capitão.

– Sacana! – berrou Sally, cuspindo na direcção de Berrigan.

– Sally! Sally! – Sandman tentava acalmá-la.

– Ele não tem o raio do direito de apontar-lhe uma "bengala" – protestou ela, e depois, virando-se para Berrigan: – Quem raio julga que é?

Sandman fê-la sentar-se num banco, e em seguida instalou-se ao lado dela.

– Permite-me que lhe apresente o sargento Berrigan – disse –, em tempos pertencente aos Guardas de Infantaria de Sua Majestade. E esta é Miss Sally Hood.

– Sam Berrigan – disse o sargento, visivelmente divertido com a fúria de Sally – e tenho a maior honra em conhecê-la, menina.

– Pois eu não tenho honra nenhuma em conhecê-lo, raios. – Mirou-o desafiadoramente.

– Uma libra? – perguntou Sandman a Berrigan.

– Garanti que aqueles dois estupores lazarentos não conseguiriam apanhá-lo, senhor. O capitão Sandman, do 52." Regimento, nem sonhar.

Sandman esboçou um meio sorriso.

– Lord Skavadale parecia conhecer-me como jogador de críquete, não como militar.

– Era eu quem sabia a que regimento o senhor pertenceu – afirmou Berrigan, e depois estalou os dedos e uma das criadas acorreu prontamente. Sandman não se admirou especialmente com

o facto de Berrigan conhecer o seu antigo regimento, mas, em contrapartida, impressionou-o profundamente que um estranho conseguisse um atendimento tão rápido no Wheatsheaf. Sam Berrigan possuía uma espécie de autoridade natural. - Traga-me uma cerveja, menina - pediu o sargento à moça, voltando-se em seguida para Sally. - Dá-me o prazer de me acompanhar, Miss Hood?

Sally lutou consigo mesma por um segundo, tentando decidir se o seu prazer não seria rejeitar a oferta de Sam Berrigan, mas chegou à conclusão de que a vida era demasiado curta para se renunciar a uma bebida grátis.

- Bebo um ponche de gim, Molly - acabou por dizer.

- Para mim, cerveja - disse Sandman.

Berrigan colocou uma moeda na palma da mão de Molly, fechou-lhe os dedos sobre a moeda, e depois segurou-lhe a mão.

- Um jarro de cerveja, Molly - e cuide de que o ponche de gim venha tão bom como o que servem em Limmer.

Molly, encantada com o sargento, fez-lhe uma mesura.

- Senhor, olhe que Mr. Jenkins não gosta de ver "bengalas" em cima das mesas - sussurrou-lhe.

Berrigan sorriu, largou-lhe a mão e guardou o pistolão num bolso fundo do casaco. Fitou Sandman.

- Foi Lord Robin Holloway quem mandou aqueles dois - afirmou desdenhosamente - e o marquês enviou-me a mim.

- O marquês?

- Skavadale, capitão. Não queria que lhe acontecesse nenhum mal.

- Sua senhoria mostra-se de repente muito generoso.

- Não, senhor - replicou Berrigan. - O senhor marquês não deseja arranjar sarilhos, mas que dizer de Lord Robin? Quer lá saber. Não passa de um atrasado mental. Deu àqueles dois, ordens de levá-lo de volta ao clube, onde tencionava desafiá-lo.

- Para um duelo? - Sandman sentia-se divertido.

– À pistola, suponho – Berrigan não parecia menos divertido. – Não consigo imaginá-lo a querer bater-se consigo outra vez à espada. Mas eu garanti ao marquês que aquele par nunca conseguiria levar a melhor sobre si. O senhor é um soldado demasiado bom para isso.

– Como sabe que espécie de soldado eu era, sargento?

– Sei exactamente a espécie de combatente que o senhor foi – afirmou Berrigan.

Sandman achou que gostava da cara dele, larga, dura e com um par de olhos sinceros.

Berrigan fitou Sally.

– A batalha de Waterloo aproximava-se do fim, Miss, e estávamos a ser batidos. Eu sabia-o. Já tinha participado em suficientes batalhas para saber o que é uma derrota, e nós tentávamos simplesmente resistir, mas morríamos que nem tordos. Não tínhamos desistido, Miss, não me interprete mal, mas os malditos franciús estavam a dar cabo de nós. O problema era que os estupores eram em demasiado número. Tínhamos passado o dia inteiro a matá-los e, mesmo assim, continuavam a aparecer em catadupas, e já a noite caía quando os últimos começaram a subir a colina, e eram quatro vezes mais do que nós. Reparei nele – apontou com a cabeça para Sandman – a atravessar a linha da frente de um lado para o outro, como se não tivesse a menor preocupação neste mundo. Tinha perdido o seu chapéu, não é verdade, senhor?

A recordação fez Sandman desatar a rir.

– Pois tinha, tem toda a razão. – O seu chapéu de dois bicos fora-lhe arrancado por uma bala de mosquete inimigo, e levara sumiço. Procurara-o imediatamente pelo chão escurecido de pólvora onde se mantinha a pé firme, mas o chapéu desaparecera. Nunca conseguira encontrá-lo.

– Foi por causa do seu cabelo loiro – explicou Berrigan a Sally. – Sobressaía na negrura daquele dia.

Andava de um lado para o outro e os franciús formavam um enxame a serpentear a menos de cinquenta passos de distância,

todos a dispararem contra ele, mas ele nem os olhos piscava.

Continuava a andar.

Sandman sentiu-se embaraçado.

– Limitei-me a cumprir o meu dever, tal como o senhor, sargento, e posso garantir-lhe que estava aterrorizado.

– Mas foi no senhor que reparámos a cumprir o seu dever – prosseguiu Sandman, olhando de revés para Sally, que o escutava boquiaberta.

– Caminhava para diante e para trás, e de repente vemos a guarda pessoal do imperador subir a colina para investir contra nós, e eu pensei cá para comigo: estás feito! Estás feito, Sam. Uma vida curta e a vala comum, porque já só restávamos meia dúzia de nós, mas aqui o capitão continuava a andar de um lado para o outro como se aquilo fosse um passeio de domingo em Hyde Park, e, quando finalmente parou, olhou para os franceses com a maior calma do mundo, e desatou a rir.

– Não me recordo disso – atalhou Sandman.

– Mas foi o que fez – insistiu Berrigan. – A morte estava a chegar, sob a forma de uniformes azuis subindo pela colina, e o senhor ria-se!

– Tinha um sargento mestiço que costumava dizer piadas de mau gosto nos momentos menos oportunos – afirmou Sandman – e calculo que na altura lhe tenha saído da boca alguma asneira.

– A seguir vi-o reagrupar os seus homens para atacar os estupores pelo flanco – Berrigan não desistia de contar a Sally a sua história – e atacá-los como mil demónios.

– Não fui eu – contrariou Sandman, em tom reprovador. – Foi o Johnny Colborne que nos levou a atacá-los pelo flanco. Era o regimento dele.

– Mas foi o senhor que os conduziu – teimou Berrigan. – O senhor ia à cabeça.

– Não, não, de maneira nenhuma – tornou a desmentir Sandman. – Talvez eu me encontrasse mais próximo de si,

sargento, e decerto que não derrotámos os franceses sozinhos. Tanto quanto me lembro, o seu regimento esteve mesmo no centro das operações?

– Portámo-nos bem nesse dia – admitiu Berrigan – portámo-nos mesmo muito bem e não havia outro remédio, porque os franciús lutavam como se tivessem o diabo no corpo. – Encheu duas canecas de cerveja, e em seguida ergueu a dele. – À sua saúde, capitão!

– Bebo a isso – retorquiu Sandman –, embora duvide de que os seus patrões comunguem desse seu voto.

– Lord Robin não gosta de si – reconheceu Berrigan – porque o fez fazer figura de parvo, só que salta à vista que não passa de um idiota – Talvez não gostem de mim por aquelas bandas – sugeriu Sandman por não quererem que o assassínio da condessa seja investigado?

– Não me parece que isso lhes faça qualquer diferença – disse Berrigan.

– Ouvi dizer que foram eles a encomendar o retrato da condessa, e o próprio marquês admitiu que conhecia a falecida – Sandman realçou os factos que podia alegar contra os patrões de Berrigan. – E recusam-se a responder a quaisquer perguntas. Suspeito deles.

Berrigan bebeu um trago da caneca, depois tornou a enchê-la do jarro. Fitou Sandman por momentos, e acabou por encolher os ombros.

– Eles são o Clube dos Serafins, capitão, portanto sim, é verdade que já assassinaram, roubaram, subornaram, tentaram até assaltos de estrada à mão armada. Chamam a tudo isso "pregar partidas".

Mas matarem a condessa? Nunca ouvi nada acerca disso.

– E teria mesmo de ouvir?

– Talvez não – concedeu Berrigan. – Mas nós, os empregados, estamos a par de praticamente tudo o que fazem, porque a seguir somos nós que temos de limpar os estragos.

– Porque são um bando de criminosos? – Sally estava fora de si. Para ela, era natural os seus amigos do Wheatsheaf andarem na má vida, pelo simples facto de terem nascido pobres. – Para que raio querem eles entrar no mundo do crime? – indagou. – Já são ricos que chegue, não é?

Berrigan observou-a, manifestamente agradado com o que via.

– É exactamente por esse motivo que fazem o que fazem, menina explicou –, por serem ricos. Ricos, aristocráticos e privilegiados, e, à conta disso, consideram-se superiores aos outros, gente vulgar como nós. E aborrecem-se de morte. De modo que tratam de obter tudo o que lhes apetece, e de destruir tudo o que o que se lhes atravesse no caminho.

– Ou de arranjar quem destrua por eles? Berrigan encarou Sandman olhos nos olhos.

– Há trinta e oito "serafins" – elucidou – e vinte empregados, sem contar com o pessoal da cozinha e as raparigas às ordens. E precisam de nós vinte para lhes fazer o trabalho sujo. São tão ricos que nem precisam de preocupar-se – o seu tom de voz soou como um aviso a Sandman – e também criaturas malvadas, capitão, realmente malvadas.

– E, no entanto, trabalha para eles – comentou Sandman suavemente.

– Não sou nenhum santo – ripostou Berrigan – e pagam-me bem.

– Porque precisam de lhe comprar o silêncio? – sugeriu Sandman e, não obtendo resposta, forçou a nota. – Precisam que se cale a respeito de quê?

Berrigan mirou Sally de soslaio, depois voltou a encarar Sandman. – Nem queira saber – resmungou.

Sandman compreendeu o que estava implícito naquele olhar de revés a Sally.

– Violações? – indagou.

Berrigan confirmou com um aceno de cabeça, mas sem dizer palavra.

– É esse o objectivo do clube? – perguntou Sandman.

– O objectivo deles – desabafou Berrigan – é fazerem tudo o que lhes der na gana. São todos Lordes, baronetes, ou podres de ricos, consideram o resto das pessoas como simples labregos, e, à conta disso, julgam ter o direito de fazer o que entenderem. Não há ali um único homem que não merecesse a forca.

– Incluindo você? – perguntou Sandman, e, perante o silêncio de Berrigan, fez uma outra pergunta. – Por que motivo está contar-me tudo isto?

– Lord Robin Halloway – confessou Berrigan – quer vê-lo morto porque o senhor o humilhou, capitão, mas essa é uma coisa que eu não posso admitir, dê lá por onde der, depois do que se passou em Waterloo. Aquilo foi... – interrompeu-se, franzindo o cenho à procura da palavra certa que lhe escapava. – Enfim, nunca julguei sobreviver àquilo – optou por dizer – e nunca mais fui o mesmo.

Vimo-nos às portas do inferno, menina – prosseguiu, olhando para Sally – e ficámos bastante chamuscados, mas conseguimos empreender a marcha de regresso. – O sargento falara com a voz rouca de emoção e Sandman compreendia-o. Tinha encontrado muitos soldados capazes de desatarem a chorar só de pensarem nos seus anos de tropa, nas batalhas em que haviam participado e nos amigos perdidos. Sam Berrigan parecia tão duro como as pedras da calçada, e era-o, sem dúvida, mas era também um homem muito sentimental. – Desde então, é raro o dia em que não o revejo na minha cabeça – prosseguiu – no topo daquela colina, no meio da maldita fumarada. É o que recordo da batalha, só isso, e nem sei porquê. Portanto, não quero vê-lo maltratado por um qualquer atrasado mental esparvonado como Lord Robin Holloway.

Sandman sorriu.

– Creio que está aqui, sargento, porque quer abandonar o Clube dos Serafins.

Berrigan recostou-se no banco, contemplou Sandman, e em seguida, com um ar mais apreciativo, Sally, que corou sob aquele escrutínio. Depois extraiu um charuto do bolso interior do casaco e acendeu-o com a faísca que fez saltar de uma caixa de pederneira.

– Não faço tenções de continuar ao serviço de seja quem for durante muito mais tempo, capitão – anunciou, puxando uma fumaça do charuto –, mas, quando sair dali, vou montar um negócio por conta própria.

– Em que ramo? – perguntou Sandman.

– Neste – respondeu Berrigan, dando uma leve pancada no charuto. Muitos cavalheiros tornaram-se apreciadores de charutos na época da guerra peninsular, mas os charutos são curiosamente difíceis de encontrar no mercado. Estou encarregado de arranjá-los para os membros do clube, e ganho quase tanta massa com isso como o salário que me pagam. Está a acompanhar o meu raciocínio, capitão?

– Não tenho bem a certeza.

– Não preciso dos seus conselhos, não preciso dos seus sermões e não preciso da sua ajuda. Sam Berrigan sabe cuidar de si mesmo. Vim aqui apenas para avisá-lo, nada mais. Saia desta cidade, capitão.

– Glória a Deus nas alturas – replicou Sandman – por mais um pecador arrependido.

– Oh não. Não, e não e não. – Berrigan abanou a cabeça. – Limitei-me a fazer-lhe um favor, capitão, nada mais! – Levantou-se. – E foi só para isso que vim aqui.

Sandman tornou a sorrir.

– Pois a mim alguma ajuda dava-me bastante jeito, sargento, portanto, quando decidir abandonar o clube, venha procurar-me. Vou sair de Londres amanhã, mas estarei de volta quinta-feira à tarde.

– E livre-se de não voltar – interpôs Sally.

Divertido, Sandman ergueu uma sobrancelha interrogativa.

– Por causa daquele espectáculo privativo – explicou Sally. – Irá àquele espectáculo privativo em Covent Garden aplaudir-me, certo, capitão? Representamos o Aladino.

– O Aladino, hem?

– Um Aladino mal ensaiado, mas que se lixe. Tenho de ir lá amanhã de manhã para aprender os passos.

– Vai aparecer por lá, não vai, capitão?

– Claro que sim – garantiu Sandman, voltando a olhar para Berrigan. – Portanto, estarei de regresso na quinta-feira, obrigado pela cerveja, e, quando se resolver a ajudar-me, sabe onde encontrar-me.

Sandman fitou-o por um instante sem dizer palavra, depois fez um aceno de cabeça a Sally e foi-se embora, deixando um punhado de moedas em cima da mesa. Sandman ficou a vê-lo sair porta fora.

– Um jovem bastante perturbado, Sally – observou.

– A mim não me pareceu nada perturbado. Um tipo bastante atraente, não acha?

– De verdade?

– Claro que é! – afirmou Sally com calor.

– Mas não deixa de estar perturbado – insistiu Sandman. – Quer ser um homem bom e acha muito fácil ser mau.

– Bem-vindo a este mundo, capitão – ripostou Sally.

– Portanto vamos ser nós a ajudá-lo a passar para o lado bom, de acordo?

– Nós? – estranhou ela, alarmada.

– Cheguei à conclusão de que não posso endireitar o mundo sozinho disse-lhe ele. – Preciso de aliados, minha querida, e tu pertences ao grupo dos escolhidos. Até agora, és tu, uma pessoa com quem me encontrei esta tarde, talvez o sargento Berrigan, e... – Sandman virou-se para trás no instante em que um recém-chegado à sala da taberna derrubava uma cadeira, se desfazia em desculpas, se atrapalhava com a bengala e embatia com a cabeça contra um poste. O reverendo Lord Alexander Pleydell acabava de fazer a sua entrada e, com o teu admirador, já somos quatro – rematou Sandman.

Ou talvez cinco, dado que Lord Alexander vinha acompanhado

por um jovem, um rapaz de rosto franco e com uma expressão aflita.

– O senhor é o capitão Sandman? – Nem esperou pelas apresentações, apenas se apressou a atravessar a sala e a estender-lhe a mão.

– Ao seu dispor – confirmou Sandman com alguma precaução.

– Graças a Deus que o encontrei! – exclamou o jovem. – Chamo-me Carne, Christopher Carne.

– Prazer em conhecê-lo – replicou Sandman cortesmente, embora aquele nome nada lhe dissesse e o rosto do jovem lhe fosso inteiramente desconhecido.

– A condessa de Avebury era a minha madrasta – explicou Carne. – Sou o único filho do meu pai, na verdade o único descendente, e, portanto, o herdeiro do título.

– Ah – disse Sandman.

– Precisamos de conversar – prosseguiu Carne. – Por favor, temos de conversar.

Entretanto, Lord Alexander ocupava-se a fazer uma vénia a Sally, corando até à raiz dos cabelos.

Sandman percebeu que o amigo iria ficar agradavelmente entretido por um bom bocado, de modo que conduziu Carne para as traseiras da sala, onde uma cabina lhes proporcionaria alguma privacidade.

– Precisamos de conversar – repetiu Carne. – Deus do céu, o senhor pode evitar uma tremenda injustiça e Ele sabe que deve fazê-lo.

Portanto, puseram-se à conversa.

Tratava-se, evidentemente, de Lord Christopher Carne.

– Trate-me por Kit, por favor – pediu.

Sandman não era de forma alguma um radical. Nunca partilhara da paixão de Lord Alexander pela ideia de derrubar uma sociedade baseada na fortuna e nos privilégios, mas também não apreciava tratar outros homens por "meu senhor", a menos que os

considerasse, a eles ou à função que desempenhavam, dignos do seu respeito. Não lhe restavam dúvidas de que o marquês de Skavadale se havia apercebido dessa sua relutância, tal como Sandman se apercebera de que ele era suficientemente cavalheiro para coibir-se de emitir qualquer comentário sobre o assunto. Mas, conquanto Sandman não se sentisse inclinado a dirigir-se a Lord Christopher como "meu senhor", também não estava disposto a tratá-lo por "Kit", de modo que achou preferível não lhe chamar nada.

Sandman dispôs-se simplesmente a ouvir. Lord Christopher Carne era um jovem nervoso e inseguro, que usava lunetas de lentes espessas. De estatura muito baixa e cabelo ralo, gaguejava ligeiramente. Não era um homem prepotente, embora fosse de facto dotado de uma personalidade intensa, que compensava a sua aparente fragilidade.

– O meu pai – disse a Sandman – é um homem abominável, ab-bominável!

– Abominável?

– É como se os dez mandamentos tivessem sido pro-propositadamente compilados para desafiá-lo.

Especialmente o sétimo!

– Adultério?

– Evidentemente. Despreza esse mandamento, Sandman, pura e simplesmente ignora-o! – Por de trás das grossas lentes dos seus óculos, os olhos de Lord Christopher esgazearam-se como se a simples ideia do adultério fosse horripilante, e em seguida corou como se o simples facto de mencioná-lo fosse um acto vergonhoso. Sandman reparou que sua senhoria se encontrava decentemente vestida, com um fato de bom corte e uma camisa fina, porém tanto os punhos do casaco como os da camisa apresentavam nódoas de tinta, denunciando as predisposições literárias do possuidor. – O que eu que-quero dizer – prosseguiu Lord Christopher, manifestamente incomodado pelo exame de Sandman à sua pessoa – é que, tal como muitos outros pecadores contumazes, o meu pai ressente-se profundamente dos pecados cometidos contra ele.

– Não estou a compreender.

Lord Christopher piscou os olhos várias vezes de seguida, numa espécie de tique.

– Ele pecou com as esposas de muitos homens, capitão Sandman – explicou, bastante atrapalhado – mas ficou furioso quando a sua própria mulher lhe foi infiel.

– A sua madrasta?

– Ela mesma. Ameaçou matá-la! Ouvi-o dizer-lhe isso.

– Ameaçar de morte uma pessoa – observou Sandman – não é a mesma coisa que matá-la.

– Estou a par da diferença – respondeu Lord Christopher com súbita aspereza –, mas falei com o Alexander e ele disse-me que o senhor foi incumbido de certa missão a respeito do pintor, o tal Cordell?

– Corday.

– Esse mesmo, e não posso acreditar, não posso mesmo, que seja ele o culpado! Por que faria uma coisa dessas? Enquanto que o meu pai, Sandman, o meu próprio pai tinha um motivo. – Lord Carne exprimia-se com uma veemência brutal, ao ponto de inclinar-se para a frente e de agarrar o pulso de Sandman ao formular a acusação. Depois, apercebendo-se do gesto, corou e soltou-o. – Talvez compreenda melhor do que falo – prosseguiu, em tom mais sereno – se lhe contar um pouco da história do meu pai.

A sua narrativa foi sucinta. A primeira esposa do conde, a mãe de Lord Christopher, descendia de uma família nobre e fora, segundo asseverava Lord Chistopher, uma autêntica santa.

– Ele tratava-a miseravelmente, Sandman – afirmou –, humilhava-a, ofendia-a e insultava-a, mas ela tudo suportou com paciência cristã até à hora da morte, que aconteceu em 1809. Paz à sua bela alma, em nome de Deus.

– Amém – disse piedosamente Sandman.

– Ele pouco lastimou a sua morte – Lord Christopher estoirava

de indignação - e, em vez disso, continuou a levar mulheres para a cama, entre elas a Célia Collett, que pouco passava de uma criança, Sandman, com apenas um terço da idade dele! Mas ele estava enfeitiçado.

– Célia Collett?

– A minha madrasta, que era bem esperta, Sandman, bem esperta.

– A nota de brutalidade regressou à sua voz. – Ela era bailarina de ópera no Sans Pareil. Conhece?

– Já ouvi falar – replicou Sandman calmamente. – O Sans Pareil ficava no Strand e era um dos novos teatros sem permissão legal de funcionamento que exibia espectáculos muito liberais em matéria de dança e de cantoria. Se Célia, a condessa de Avebury, havia beneficiado tal palco com a sua actuação, então deveria ter sido extraordinariamente bela.

– Ela recusou as propostas dele – Lord Christopher retomou a sua narrativa –, pregando-lhe com um rotundo não! Não o deixou meter-se na ca-cama com ela até ele a desposar, e depois deu-lhe um grande baile, Sandman, um grande baile! Não digo que ele não o merecesse, porque merecia] mesmo, mas a verdade é que ela lhe sacou todo o dinheiro que pôde e usou-o para lhe enfeitar a cabeça de cornos.

– Então decerto que o senhor não a estimava? – observou Sandman.] Lord Christopher tornou a corar.

– Mal a conhecia – respondeu, pouco à vontade – mas que havia nela digno de estima? A mulher não tinha sentimentos religiosos, as suas maneiras deixavam muito a desejar, e não possuía praticamente a mínima instrução.

– O seu pai importava-se, perdão, importa-se – corrigiu Sandman – com coisas como religião, maneiras e instrução?

Lord Christopher franziu o sobrolho como se não entendesse a pergunta, mas depois fez um sinal de assentimento.

– Acertou em cheio no carácter dele. O meu pai não liga a menor importância Deus, aos livros ou à boa educação. Odeia-me,

Sandman, e sabe porquê? Porque todo património inerente ao título me está vinculado, por vontade expressa do pai dele. Do seu próprio pai, imagine! - Lord Christopher deu um murro na mesa para salientar este ponto. Sandman nada disse, mas compreendeu que a vinculação do património constituía um tremendo insulto para o actual conde de Avebury, porque significava que o seu próprio pai, o avô de Lord Christopher, depositara tão pouca confiança no filho que tratara de assegurar-se de que ele nunca viria a herdar a fortuna da família. Em vez disso, entregara-a à gestão de curadores, de modo que, apesar de o actual titular poder desfrutar do respectivo rendimento, o capital, as terras e as acções pertenceriam a um fundo até à sua morte, passando em seguida para a posse de Lord Christopher. - Ele odeia-me prosseguiu Lord Christopher - não só por causa do vínculo, mas também porque manifestei o desejo de tomar ordens.

- O desejo?

- Não se trata de um passo que se possa tomar com li-ligeireza - afirmou severamente Lord Christopher.

- Decerto que não.

- E o meu pai sabe que, quando ele morrer e eu herdar a fortuna da família, todo ela será consagrada ao serviço de Deus. Isso contraria-o profundamente. Sandman reparou que a conversa se afastara bastante da asserção inicial de Lord Christopher, segundo a qual o pai havia cometido assassínio.

- Suponho que está em causa - indagou cautelosamente - uma fortuna considerável?

- Muito considerável - replicou Lord Christopher imperturbavelmente. Sandman recostou-se no banco. Torrentes de gargalhadas varriam o bar, agora apinhado de gente, embora as pessoas evitassem instintivamente o recanto onde Sandman e Lord Christopher discorriam com tanta animação. Lord Alexander contemplava Sally com um ar de devoção canina, alheio aos outros homens que se esforçavam por captar a atenção dela. Sandman voltou a fitar o diminuto Lord Christopher.

- A sua madrasta - observou - tinha ao seu serviço um pessoal numeroso na residência de Mount Street. O que aconteceu

a essa criadagem?

Lord Christopher piscou instantaneamente os olhos, como que apanhado de surpresa pela pergunta.

– Não faço a menor ideia.

– Poderão ter ido para a propriedade de campo do seu pai?

– É possível – admitiu Lord Christopher, em tom dúbio. – Por que quer saber?

Sandman encolheu os ombros, como se as perguntas que estava fazer não tivessem grande importância, mas a verdade é que não gostava de Lord Christopher e tinha a consciência de que essa aversão era tão irracional como a que lhe inspirava Charles Corday. Tanto a um como ao outro faltava algo que, à falta de melhor palavra, Sandman descreveria como masculinidade. Duvidava de que Lord Christopher fosse, como diria Sally, larilas – de facto, os olhares que não parava de dirigirlhe sugeriam exactamente o oposto – mas havia nele uma espécie de fraqueza petulante. Não custava nada a Sandman imaginar Lord Christopher, aquele homenzinho baixo e erudito, no papel de um sacerdote obcecado com os mais insignificantes pecados dos membros da sua congregação, e a sua antipatia por ele tirou-lhe qualquer desejo de prolongar a conversa, de modo que, em vez de aludir à existência de Meg, limitou-se a dizer que gostaria de ouvir a versão do pessoal acerca dos acontecimentos do dia em que a condessa fora assassinada.

– Se forem leais ao meu pai – retorquiu Lord Christopher – nada lhe dirão.

– Porque é que a lealdade os haveria de tornar mudos?

– Porque foi ele que a matou! – exclamou Lord Christopher em tom exaltado, corando logo de seguida ao verificar que atraíra a atenção das pessoas sentadas às mesas mais próximas. – Ou, pelo menos, foi o instigador da sua morte. Sofre de gota, já não consegue andar muito, mas dispõe de homens que lhe são fiéis, homens que lhe obedecem em tudo, criaturas ruins. – Estremeceu. – O senhor tem de informar o ministro do Interior de que Corday está inocente.

– Duvido de que, se o fizesse, isso alterasse de qualquer modo a situação – afirmou Sandman.

– Acha que não? Porquê? Em nome de Deus, porquê?

– Lord Sidmouth considera que Corday já foi considerado culpado pelas vias legítimas – explicou Sandman – de modo que, para alterar esse veredicto, seria preciso eu apresentar-lhe, ou o verdadeiro assassino, com a respectiva confissão, ou, em alternativa, provas incontestáveis da inocência de Corday. Opiniões, alas, não chegam.

Lord Christopher fitou Sandman em silêncio por instantes.

– Precisa mesmo de provas?

– Claro que sim.

– Santo Deus! – Lord Christopher parecia estupefacto e recostou-se, como que acometido de tonturas. – Então tem apenas cinco dias para encontrar o verdadeiro assassino?

– Exactamente.

– Nesse caso, o rapaz não tem salvação possível, não é verdade? Sandman receava que fosse esse o caso, mas recusava-se a admiti-lo.

Pelo menos por enquanto. Porque ainda lhe restavam cinco dias para descobrir a verdade e assim roubar uma alma à forca de Newgate.

Às quatro e meia da madrugada, um par de candeias iluminava fracamente as janelas do pátio do George Inn. A alvorada tingia os telhados com um pálido clarão. Um cocheiro agasalhado na sua capa soltou um enorme bocejo, e em seguida fez estalar o chicote contra as rosnadelas de um terrier, saído de jacto dos portões maciços da cocheira, que, ao escancarar-se, deixaram à vista uma reluzente carruagem azul-escura da mala-posta. O veículo, que rebrilhava com um envernizamento recente e no qual sobressaíam as portas, janelas, varões de atrelagem e barra de tracção pintados a vermelho, foi empurrado por força braçal até à calçada do pátio, onde um rapaz acendeu os seus dois lampiões a óleo e meia dúzia de homens içaram as malas do correio para o compartimento da

bagagem. Os oito cavalos, briosos e folgados, foram trazidos dos estábulos, turvando o ar da noite com o vapor da sua respiração. Os dois cocheiros, ambos envergando a libré azul e vermelha do Royal Mail e ambos armados de bacamartes e pistolões, trancaram a bagageira e ficaram a ver os cavalos a serem atrelados.

– Um momento! – gritou uma voz, e Sandman apressou-se a beber o café escaldante que a hospedaria preparara para os passageiros da mala-posta.

O cocheiro-chefe voltou a bocejar, e em seguida trepou para a boleia. – Todos aos seus lugares!

Havia quatro passageiros. Sandman e um sacerdote de meia-idade ocuparam o banco da frente, de costas viradas para os cavalos, enquanto que diante deles se instalou um casal idoso, num espaço tão apertado que era impossível deixarem de tocar com os joelhos nos de Sandman. As carruagens da mala-posta eram muito leves e acanhadas, mas duas vezes mais rápidas que as diligências maiores da carreira normal. Ouviu-se um chiar de dobradiças quando os portões do pátio se abriram, e depois a carruagem oscilou no momento em que os cocheiros fustigaram os cavalos, levando-os a arrancar para Tothill Street. O som dos trinta e dois cascos ecoava por entre as casas e as rodas rolavam com estalidos e fragor à medida que o coche ganhava velocidade, mas Sandman encontrava-se já profundamente adormecido na altura em que alcançaram Knightsbridge.

Quando acordou, por volta das seis horas, a carruagem rodava a bom ritmo, balouçando-se e sacudindo-se ao longo de uma paisagem de pequenos campos de cultivo e cabanas dispersas. O sacerdote tinha um caderno de apontamentos no colo, lunetas de meia-lua no nariz e um relógio na mão. Estava a espreitar pelas janelas de ambos os lados, procurando avistar os marcos da estrada, e reparou que Sandman despertara.

– Um pouco mais que nove milhas à hora! – exclamou.

– De facto?

– Sem dúvida! – Passaram por outro marco e o sacerdote começou a fazer contas numa página do seu caderno. – Dez e vão três, a dividir outra vez por dois, menos dezasseis, e vão dois.

Bem, é notável! Não restam dúvidas, nove milhas e um quarto! Viajei uma vez a uma velocidade média de onze milhas à hora, mas isso foi em 1809, num Verão extremamente seco. Muitíssimo seco, e o piso das estradas estava liso - a carruagem passou por um sulco e deu um salto, atirando o padre contra o ombro de Sandman - de facto muito liso. - Dito isto, voltou a espreitar pelas janelas. O passageiro idoso comprimia o seu saco de viagem contra o peito com um ar aterrorizado, aparentemente receoso de que Sandman ou o padre pudessem ser ladrões, embora, na verdade, os salteadores de estrada, como o irmão de Sally, constituíssem um perigo bem maior. Mas não naquela manhã, porém, dado que, conforme Sandman verificou, a mala-posta era escoltada por dois "passarões vermelhos". Os "passarões" eram a Patrulha montada, inteiramente constituída por elementos da cavalaria reformados, que, envergando um uniforme de casaca azul sobre colete vermelho e armados de pistolões e sabres, patrulhavam as estradas nas imediações de Londres. Os dois patrulhas acompanharam o coche até este atravessar com estrépito uma aldeia, dirigindo-se então para uma taberna onde, a despeito da hora matutina, dois ou três homens com compridos aventais se haviam instalado no alpendre a beber cerveja.

Sandman olhou fixamente pela janela, deliciado por se encontrar já fora de Londres. O ar parecia extraordinariamente límpido. Nada do fedor do fumo de carvão ou de excrementos de cavalos, apenas o aroma da folhagem estival batida pelo sol nascente e a cintilação da água de um regato que serpenteava entre salgueiros e amieiros, ao longo de uma pastagem de vacas que ergueram as cabeças no momento em que o cocheiro fez soar a sua corneta. Encontravam-se ainda perto de Londres e o terreno era plano, mas bem drenado. Boa zona de caça - pensou Sandman, imaginandose a perseguir uma raposa para lá da estrada. O cavalo que em sonhos montava preparava-se para saltar uma sebe, enquanto a trombeta dos caçadores ressoava nos ares e os perdigueiros lhe correspondiam com latidos.

- Vai para muito longe? - O sacerdote interrompeu-lhe o devaneio.

- Marlborough.

– Bela cidade, bela cidade. – O sacerdote, um arcediago, pusera de parte os seus cálculos da velocidade do coche e perambulava agora acerca da visita que ia fazer à irmã em Hungerford.

Sandman ia-lhe respondendo delicadamente, mas sem deixar de olhar pela janela. Aproximava-se a época das colheitas, e as espigas de centeio, cevada e trigo apresentavam-se bem maduras. O terreno era agora mais acidentado, mas, entre oscilações, estremecimentos e sacudidelas, a carruagem avançava a bom ritmo, levantando um rasto de poeira que cobria de branco as cercas vivas. A corneta avisava as gentes da aproximação da diligência e as crianças acenavam aos oito cavalos cujo trote retumbava sobre a estrada. Um ferreiro, com o seu avental de couro enegrecido pelo fogo, encostava-se à ombreira da sua oficina. Uma mulher ergueu um punho ameaçador quando o seu bando de gansos se dispersou, espavorido pelo estrondo da carruagem, enquanto uma criança agitava um guizo, numa vã tentativa de afastar passarinhos gulosos das fieiras de ervilhas plantadas. A seguir ouviu-se ao longe o rumor de atrelagens e de cascos e de rodas de carroça gemendo, vindo do aparentemente interminável muro de uma grande propriedade.

O conde de Avebury – conjecturou Sandman – devia viver numa propriedade semelhante, bem murada, uma grande fatia de terreno aristocrático defendida por cercas de pedra, guardas de caça e vigilantes. E se o conde se recusasse a recebê-lo? Sua senhoria tinha fama de misantropo, e, quanto mais Sandman avançava para oeste, mais se avolumavam os seus receios de ser sumariamente expulso da propriedade, mas era um risco que teria de correr. Esqueceu esses receios no momento em que, com um sonoro aviso da corneta, o coche guinou para uma rua ladeada de modernas casas de tijolo, apercebendo-se então de que haviam chegado à vila de Reading, e que a diligência enveredava para um pátio onde cavalos frescos de muda a aguardavam.

– Menos de dois minutos, meus senhores! – Os dois cocheiros apearam-se da boleia e, como o dia estava a ficar quente, despojaram-se dos seus triplos mantos. – Não demora mais que dois minutos e não esperamos pelos retardatários, meus senhores.

l Sandman e o arcediago foram urinar, em fraterna harmonia, num canto do pátio, e em seguida ambos engoliram uma chávena de chá morno, enquanto as novas montadas eram arreadas e as antigas, brancas de suor, eram encaminhadas para as tinas de água. Uma saca de correio havia sido retirada bagageira e uma outra tomara o seu lugar antes de os dois cocheiros voltarem a instalarse nos seus poleiros almofadados. - É tempo, meus senhores! É tempo!

- Um minuto e quarenta e cinco segundos! - anunciou um homem E à porta da estalagem. - Bom trabalho, Josh! Bom trabalho, Tim! A corneta soou, os cavalos frescos espetaram as orelhas, Sandman bateu com a porta da carruagem e foi atirado para o assento traseiro quando o veículo deu um salto em frente. O casal idoso abandonara a diligência, tendo sido substituído por uma mulher de meia-idade que, passada uma milha, já estava a vomitar pela janela. - Peço-vos mil desculpas - disse, ofegante.

- O balanço é muito parecido com o de um barco, minha senhora ! observou o arcediago, retirando um frasco de prata da algibeira. - Um golo de brandy não poderia ajudá-la?

- Oh, Deus dos céus! - gemeu a mulher numa recusa horrorizada, antes de esticar o pescoço e voltar a vomitar janela fora.

- As molas são muito soltas - salientou o arcediago.

- E a estrada está cheia de altos e baixos - acrescentou Sandman.

- Sobretudo a oito milhas e meia à hora. - O arcediago estava outra vez às voltas com o relógio e o lápis, esforçando-se briosamente por escrever números legíveis, apesar dos solavancos. - Um novo grupo de montadas leva sempre o seu tempo a apanhar o ritmo certo, e a velocidade, que por enquanto nos falta, ajuda a aplanar a estrada.

A disposição de Sandman melhorava a cada milha que avançavam. De repente apercebeu-se de que se sentia feliz, embora não soubesse ao certo porquê. Pensou que talvez fosse porque a sua vida tinha voltado a ter um objectivo - um objectivo muito sério -, ou talvez porque tornara a ver Eleanor, e,

decididamente, nada no seu comportamento indicava a iminência de um casamento com Lord Eagleton.

Lord Alexander Pleydell havia sugerido isso mesmo na noite anterior, da qual passara a maior parte do tempo em adoração a Sally Hood, enquanto que a própria Sally parecera mergulhada nas suas recordações do sargento Berrigan. Não que Lord Alexander se desse conta. Tal como acontecera com Lord Christopher Carne, Sally deixava-o mudo de admiração, a ponto de, durante quase todo o serão, os dois aristocratas se terem praticamente limitado a mirá-la embasbacados, proferindo de vez em quando um lugar-comum, até que, por fim, Sandman arrastara Lord Alexander para a sala reservada das traseiras.

– Preciso de falar contigo – dissera.

– Pois eu quero continuar a minha conversa com Miss Hood – protestara Lord Alexander em tom rabugento, aflito com a ideia de o seu amigo Kit ficar com o exclusivo do acesso à rapariga.

– E hás-de continuar – assegurou-lhe Sandman – mas primeiro falas comigo. O que é que sabes acerca do marquês de Skavadale?

– Herdeiro do ducado de Ripon – retorquiu de imediato Lord Alexander –, pertencente a uma das mais antigas famílias católicas de Inglaterra. Homem pouco inteligente, e correm rumores de que a família está a braços com dificuldades financeiras. Em tempos foram muito ricos, extraordinariamente ricos mesmo, com propriedades em Cumberland, Yorkshire, Cheshire, Hertfordshire, Kent e Sussex, mas tanto o pai como o filho são jogadores inveterados, de modo que os boatos podem corresponder à verdade. Em Eton era um razoável rebatedor de críquete, mas não sabia lançar a bola. Que mais queres saber?

– Lord Robin Halloway?

– O filho mais novo de marquês de Bleasby, uma criatura perfeitamente vil, que saiu ao pai.

Dinheiro em abundância, miolos nenhuns, e o ano passado matou um homem num duelo. Ainda por cima, não joga críquete.

– Travou esse duelo à espada ou à pistola?

– À espada, por sinal. Aconteceu em França. Tencionas fazer-me um interrogatório acerca de todos os membros da aristocracia?

– Lord Eagleton?

– Um peralvilho, porém um competente rebatedor esquerdino, que às vezes joga na equipa do visconde de Barchester, mas, aparte isso, uma completa nulidade. Grande maçador, de facto, apesar de ser um razoável jogador de críquete.

– O tipo de homem capaz de atrair Eleanor? Alexander fitara Sandman com genuíno espanto.

– Não sejas ridículo, Rider! – replicou, acendendo um novo cachimbo. Ela não seria capaz de suportá-lo por dois minutos! – Franziu o cenho, como que a tentar recordar-se de algo, mas, fosse o que fosse, não lhe veio à cabeça – O teu amigo Lord Christopher – prosseguiu Sandman – está convencido de que o crime foi cometido pelo seu próprio pai.

– Ou de que ele encarregou alguém de cometê-lo – emendou Alexander. – Afigura-se-me provável.

O Kit procurou-me quando soube que andavas a investigar o caso, e congratulo-o por essa sua atitude. Tal como eu, ele está ansioso por que não seja infligida qualquer injustiça na próxima segunda-feira. Bem, será que agora me permites ir retomar a minha conversa com Miss Hood?

– Antes disso conta-me o que sabes acerca do Clube dos Serafins.

– Nunca ouvi falar de semelhante coisa, mas, pelo nome, dá-me a impressão de tratar-se de uma associação de sacerdotes de espírito elevado.

– Lá isso não é, podes crer. O termo "serafins" tem algum significado especial?

Lord Alexander suspirou.

– O estatuto dos serafins, Rider, é tido como o mais elevado entre as diversas categorias dos anjos.

Os crédulos acreditam que existem nove dessas categorias:

serafins, querubins, tronos, dominações, virtudes, potestades, principados, arcanjos, e, na base da hierarquia, os anjos comuns. Devo esclarecer que a Igreja de Inglaterra não perfilha este credo. Julga-se que o termo "serafins" deriva de uma palavra hebraica que significava "serpente", uma associação de ideias intrigante, mas bastante sugestiva. No singular, a palavra no singular é "serafim", designando uma criatura que morde como uma língua de fogo. Acredita-se também que os serafins são os patronos do amor. Não faço a menor ideia do motivo, mas é o que dizem, da mesma forma que conotam os querubins com a tutela do conhecimento. Neste momento não consigo lembrar-me dos atributos correspondentes às restantes ordens da hierarquia. Já satisfiz suficientemente a tua curiosidade, ou pretendes que eu continue a palestra?

– Os serafins são portanto os anjos do amor e do veneno?

– Um resumo rudimentar, mas bastante adequado – redarguiu Lord Alexander pomposamente, insistindo em seguida para regressarem à sala do bar, onde de novo foi fulminado pela presença de Sally. Deixou-se ficar até depois da meia-noite, acabando por ir-se embora na companhia de Lord Christopher, que, não tendo bebido quase nada, foi obrigado a amparar o amigo, que cambaleava à saída do Wheatsheaf, proclamando o seu indefectível amor por Sally numa voz embargada pelo brandi.

Mal a carruagem de Lord Alexander partiu, Sally interrogou Sandman de má cara.

– Porque é que ele me chamou estúpida?

– Nada disso – garantira Sandman – o que ele disse foi que tu eras o stupor mundi, a maior maravilha do mundo.

– Raios o partam, qual é o problema dele?

– A tua beleza assusta-o – retorquira Sandman. A resposta agradara à rapariga, e Sandman fora para a cama inquieto com o receio de não conseguir acordar a tempo de apanhar a mala-posta, mas, afinal ali estava, avançando aos solavancos no mais esplêndido dia de Verão com que qualquer pessoa poderia sonhar.

A estrada corria ao longo de um canal, o que deu a Sandman

azo de admirar as barcaças coloridas que eram puxadas por enormes cavalos ostentando crinas entrançadas com fitas e reluzentes arreios de latão. Uma criança conduzia o seu arco pelo caminho da sirga, patos chapinhavam na água, Deus reinava no seu Paraíso, e era preciso um olhar muito apurado para notar que nem tudo estava tão bem como parecia. Muitos telhados de colmo apresentavam falhas, e, em cada aldeia por que passavam, deparavam-se com duas ou três casas em ruínas, invadidas pelo matagal. Abundavam vagabundos na estrada, mendigos à porta das igrejas, e Sandman estava bem ciente de que muitos deles tinham em tempos sido membros da cavalaria, da infantaria ou da marinha. No meio da abundância, grassava grande penúria por aquelas bandas, em consequência da subida em flecha dos preços, a par da escassez de empregos; e, ocultos nas traseiras das habitações e das igrejas, dissimulados por imponentes ulmeiros, proliferavam asilos de pobres a transbordar de perseguidos pelas revoltas contra a fome que haviam posto em pé de guerra as maiores cidades inglesas. Porém, que paisagem deslumbrante! As dedaleiras formavam moitas escarlates sob as roseiras que trepavam pelas sebes, e Sandman não conseguia desviar os olhos da beleza do espectáculo. Ainda não tinha passado um mês em Londres, e já lhe parecia demasiado tempo.

Ao meio-dia, a diligência atravessou aos solavancos uma ponte de pedra e subiu com grande fragor uma pequena colina até alcançar a desafogada rua principal de Marlborough, com as suas igrejas gémeas e as suas enormes hospedarias. Um pequeno ajuntamento aguardava a chegada do correio, e Sandman abriu caminho por entre o povo para emergir sob o arco da taberna. Avistando uma carroça que se arrastava vagarosamente na direcção leste, Sandman perguntou ao condutor o caminho para a propriedade do conde de Avebury. Carne Manor não ficava longe - informou o carroceiro -, bastava atravessar o rio, subir a colina e chegar à orla de Savernake. Uma caminhada de meia hora, pelos cálculos do homem, e Sandman, com a fome a roer-lhe o estômago, empreendeu a jornada para sul, rumo às frondosas árvores da floresta de Savernake.

Estava cheio de calor. Tirara o casaco, uma vestimenta perfeitamente dispensável naquele dia quente, embora se tivesse

sentido grato pelos seus préstimos quando, de madrugada, saíra do Wheatsheaf. Pediu mais informações junto de uma habitação rural, onde lhe indicaram um comprido carreiro que serpenteava entre bosques de faias e desembocava no imenso muro de tijolos em torno de Carne Manor, que Sandman seguiu até alcançar um pavilhão e um portão duplo de grades de ferro, suportado por pilares de pedra encimados por esculturas de grifos. Do portão fechado partia uma alameda de cascalho, de onde irrompiam ervas daninhas. Havia uma campainha pendurada à porta do pavilhão, mas, apesar de Sandman a ter puxado uma dúzia de vezes, ninguém veio atender. E também não avistava ninguém no interior da propriedade. De ambos os lados da alameda estendia-se o parque, uma imensa extensão de relvado pontuada por belos ulmeiros, faias e carvalhos, mas não se avistavam vacas ou corças a pastar no prado pouco viçoso, invadido por centáureas azuis e papoilas. Sandman deu um último puxão desesperado à campainha, e, quando o seu som se desvaneceu na tepidez da tarde, recuou e pôs-se a examinar as setas pontiagudas no topo dos portões. Pareceram-lhe impressionantes, de modo que voltou a subir o carreiro até chegar a um ponto onde um ulmeiro, tendo crescido demasiadamente perto do muro, curvara alguns ramos sobre os tijolos. A proximidade da árvore em relação ao muro tornava fácil trepá-lo. Após deter-se um segundo sobre a cobertura de argamassa, saltou para o interior do parque. A relva estava suficientemente alta para poder disfarçar alguma armadilha preparada contra caçadores furtivos, de modo que avançou cautelosamente até alcançar a alameda de gravilha, dirigindo-se então para a residência, oculta por detrás de um maciço de árvores que se erguia no topo de uma pequena colina.

Avançou devagar, com certo receio de ser interceptado por algum guarda de caça ou qualquer outro servo da propriedade, mas não encontrou vivalma ao longo da alameda, apesar de, no centro de uma clareira rodeada de magníficas faias, se ter deparado com uma estátua coberta de musgo, representando uma figura bíblica de mulher nua, com uma bilha ao ombro. Prosseguiu no seu caminho e, ao chegar ao outro extremo do maciço de faias, pôde finalmente avistar Carne Manor, a meia milha de distância. Tratava-se de um belo edifício de pedra com uma fachada de três altas empenas, sobre as quais a hera trepava em torno de janelas gradeadas. Para

lá da ala poente erguiam-se os estábulos, as cocheiras e uma horta murada, enquanto que, nas traseiras do edifício, uma série de terraços ajardinados desciam em declive suave até um ribeiro de águas plácidas.

Continuou a seguir a extensa alameda. De súbito, toda aquela expedição se lhe afigurou escusada, escusada e dispendiosa, atendendo a que a fama de reclusão do conde apontava para que, provavelmente, ele fosse acolhido à chicotada.

O som dos seus passos pareceu ressoar extraordinariamente alto ao atravessar a vasta arena calcetada onde as carruagens podiam dar a volta diante da mansão, embora a abundância de ervas daninhas, relva e musgo que irrompia por entre as pedras sugerisse que raramente por ali aparecessem coches a executar tais manobras. Sandman subiu a escadaria da entrada. Duas lanternas envidraçadas ladeavam o alpendre, porém a uma delas faltava um vidro e um pássaro instalara o seu ninho em cima do castiçal. Puxou pela corrente da sineta e, não ouvindo qualquer som, tornou a puxar e aguardou. A porta de madeira, acinzentada pelo tempo, apresentava manchas de ferrugem que havia alastrado a partir das suas ornamentais tachas metálicas. O alpendre pouco profundo era cruzado por um enxame de abelhas. Um jovem cuco, curiosamente parecido com um falcão, sobrevoou a alameda. A tarde estava quente, e Sandman sentiu vontade de renunciar à sua tentativa de encontrar-se com um conde pouco sociável, e, em vez disso, descer simplesmente até ao ribeiro e adormecer à sombra de uma árvore acolhedora.

Mas foi então que um grande estrondo à sua direita o levou a recuar um passo, verificando assim que alguém estava a tentar abrir uma janela de guilhotina na sala contígua ao alpendre. A janela estava obviamente emperrada, porque a pessoa empregava tanta força que Sandman se convenceu que as barras iriam partir-se, mas afinal lá se escancarou e um homem debruçou-se para fora.

Ultrapassara já a meia-idade, apresentava um rosto muito pálido, e o seu cabelo desgrenhado dava a impressão de que acabava de acordar de um sono profundo.

– A mansão – disse, num tom de desafio – não se encontra aberta ao público.

– Também não supunha que estivesse – replicou Sandman, embora de facto lhe tivesse ocorrido, caso fosse a governanta a abrir-lhe a porta, pedir-lhe licença para visitar os aposentos não privados da residência. Muitas mansões ancestrais permitiam tais visitas, mas era evidente que o conde Avebury não levava a sua amabilidade tão longe. – É vossa senhoria o conde? – indagou.

– Dou-lhe a impressão de ser? – retorquiu o homem, irritado.

– Tenho uns assuntos a tratar com sua senhoria – elucidou Sandman.

– Assuntos? Assuntos? – O homem falava como se nunca antes tivesse ouvido a palavra, e, logo de seguida, as suas feições pálidas contraíram-se numa expressão de pânico. – O senhor é advogado?

– Trata-se de um assunto delicado – garantiu Sandman enfaticamente, dando a entender que tal assunto nada tinha a haver com a criadagem – e – acrescentou – sou o capitão Sandman. – Tratava-se de um mero gesto de cortesia, porque ninguém lhe tinha perguntado o nome nem pedido um raspanete.

O homem mirou-o por um instante, depois voltou a recolher-se. Sandman aguardou. As abelhas zumbiam em torno da hera e andorinhas esvoaçavam sobre o cascalho infestado de ervas, mas o criado não voltava, e Sandman, exasperado, puxou outra vez a corrente da sineta. i Com um rangido, uma outra janela abriu-se do lado oposto do alpendre, e o mesmo criado reapareceu na ombreira.

– Capitão de quê? – perguntou imperiosamente.

– Do 52º Regimento de infantaria – respondeu Sandman, e o criado tornou a desaparecer.

– Sua senhoria deseja saber – disse o homem, reemergindo de novo à primeira janela – se esteve com o 52." Regimento em Waterloo.

– Estive, sim – respondeu Sandman.

O criado voltou para dentro, seguiu-se mais uma pausa e,

pouco depois, Sandman ouviu o ruído de ferrolhos a serem corridos de um dos lados da porta, a qual acabou por abrir-se, permitindo-lhe finalmente encarar o criado, que se inclinou perante ele numa vénia de má vontade.

– Não recebemos visitas – afirmou. – Permite-me que tome conta do seu casaco e do seu chapéu, senhor? Sandman, foi o nome que anunciou?

– Capitão Sandman.

– Claro, do 52º Regimento. Por aqui, senhor.

A porta da frente dava para um átrio apainelado de madeira escura, de onde uma bela e curvilínea escadaria pintada de branco conduzia ao andar de cima, por entre paredes de onde pendiam retratos de homens de queixada forte, com os pescoços ornados de golilhas. O criado conduziu Sandman para uma comprida galeria, com uma das paredes rasgada por altas janelas revestidas de reposteiros de veludo, e a outra coberta por quadros de grandes proporções. Sandman tinha esperado encontrar a casa tão suja como descuidado estava o parque, mas deparou-se com um chão bem varrido e um cheiro a cera nos aposentos. Tanto quanto podia verificar na penumbra imposta pelos reposteiros, os quadros eram de excepcional qualidade. Italianos, calculou, exibindo deuses e deusas divertindo-se entre vinhedos ou sobre escarpados declives de montanhas. Havia sátiros a perseguir ninfas nuas, e Sandman levou alguns momentos a aperceber-se de que todos os quadros representavam nus: uma galeria de generosa e abundante carne feminina. Veio-lhe de repente à memória a imagem de alguns dos seus soldados pasmados diante de um quadro semelhante, arrebatado aos franceses na batalha de Vitória. A tela, rasgada da respectiva moldura, havia sido furtada por um almocreve espanhol que estava a usá-la como um oleado para abrigar-se da chuva, e os casacas vermelhas tinham-lha comprado por dois pence, com a intenção de servir-se dela como manta para o chão. Sandman adquirira-a aos seus novos proprietários por uma libra e levara-a para o quartel-general, onde fora identificada como uma das inúmeras obras-primas pilhadas do Escoriai, o palácio dos reis de Espanha.

– Por aqui, senhor – indicou o criado, interrompendo-lhe o devaneio. O homem abriu uma porta e anunciou Sandman, que ficou subitamente ofuscado, porque a sala onde fora introduzido era enorme, com janelas sem cortinas viradas para sul e oeste, por onde o sol entrava a jorros, iluminando com os seus raios uma mesa de vastas proporções. Durante alguns momentos, essa mesa confundiu Sandman, porque parecia verde, cheia de protuberâncias e coberta de minúsculos objectos que a princípio julgou serem flores ou pétalas, até os seus olhos se adaptarem à luz e compreender que aqueles fragmentos coloridos eram soldados em miniatura. Havia milhares de soldadinhos de brinquedo espalhados sobre o pano de baeta verde que revestia a mesa, e que fora colocada por cima de pequenos blocos, de forma a reproduzir o cenário do vale onde fora travada a batalha de Waterloo. Examinou-a, espantado com as dimensões da maqueta, que tinha pelo menos trinta pés de comprimento e vinte de largura. Duas raparigas estavam sentadas a uma mesa ao lado, armadas de pincéis e de tinta que aplicavam sobre os soldadinhos de chumbo. Entretanto, um guincho levou-o a dirigir o olhar para janela do lado sul, onde se deparou com o conde.

Sua senhoria estava instalada numa cadeira de rodas semelhante à que a mãe de Sandman usava em Bath quando se sentia particularmente débil, e o guincho que ouvira não era mais do que o rangido do respectivo eixo a girar enquanto um criado empurrava a cadeira do conde na direcção do seu visitante.

O conde trajava à moda antiga, da época anterior àquela em que os homens haviam resolvido passar a usar cores sóbrias, como o preto ou o azul-escuro. Envergava uma casaca de seda florida em tons de azul e vermelho, com mangas extraordinariamente largas e uma gola sumptuosa, da qual emergia uma cascata de rendas. Usava uma elaborada peruca que emoldurava um rosto envelhecido e enrugado, incongruentemente empoado, ornado de rouge enfeitado com um sinal ornamental de veludo numa das faces encovadas. Não tinha sido convenientemente barbeado, de modo que se notavam tufos de pêlos brancos entre as pregas da pele.

– Está a interrogar-se – interpelou Sandman numa voz estridente como é que conseguimos colocar as peças no centro da

mesa, confesse.

A questão nem sequer ocorrera a Sandman, mas, agora que lhe chamavam a atenção, pareceu-lhe de facto intrigante, atendendo a que a mesa era sem dúvida excessivamente grande para que se lhe pudesse alcançar o centro a partir das bordas, e se alguém tratasse de andar por cima dela não poderia decerto deixar de derrubar as árvores miniaturais feitas de esponja, ou desordenar as fileiras de soldados.

– Como é que o fazem, sua senhoria? – perguntou Sandman. Não se importava de tratar o conde por "sua senhoria", porque, tratando-se de um ancião, não passava de uma fórmula de cortesia devida pelos jovens ao respeito da idade.

– Betty, minha querida, mostra-lhe – ordenou o conde, e logo uma das duas raparigas largou o seu pincel e sumiu-se por debaixo da mesa. Ouviu-se um ruído arrastado, e logo uma imensa secção do vale se elevou nos ares, sobressaindo como um gigantesco chapéu sobre o sorridente rosto de Betty.

– É uma maqueta de Waterloo – afirmou o conde com orgulho.

– Já tinha reparado, senhoria.

– O Maddox disse-me que você pertencia ao 52º Regimento. Mostre-me que posições ocupavam.

Sandman contornou a mesa e apontou para um dos batalhões de casacas vermelhas postados no alto de uma colina que dominava o castelo de Hougoumont.

– Estávamos mesmo ali, senhoria – afirmou.

A maqueta era absolutamente extraordinária. Representava os dois exércitos no início da batalha, antes de as fileiras terem sido destroçadas e alagadas em sangue, antes de Hougoumont ter ficado reduzido a um monte de cinzas. Sandman conseguia até reconhecer a sua própria companhia no flanco do 52º Regimento, e convenceu-se de que a pequena figura que se destacava acima das fileiras pintadas pretendia representá-lo a si próprio. Era uma ideia perturbadora.

– Por que sorri? – perguntou o conde.

– Por nenhuma razão especial, senhoria – respondeu Sandman, voltando a examinar a maqueta –, salvo que naquele dia não montava a cavalo.

– Que companhia?

– A dos granadeiros. O conde assentiu.

– Vou mandá-lo substituir por um soldado apeado – prometeu.

– A sua cadeira rangia enquanto ele perseguia Sandman em torno da mesa. Sua senhoria usava meias de seda com jarreteiras azuis, apesar de ter um dos pés enrolados em espessas ligaduras. – Diga-me então – perguntou o conde – Bonaparte perdeu a batalha por ter atrasado o seu início?

– Não – respondeu Sandman concisamente.

O conde fez sinal ao criado para parar de empurrar a cadeira. Encontrava-se agora muito perto de Sandman e podia fitá-lo de baixo para cima com os seus olhos escuros e amargos, orlados de vermelho. Era muito mais velho do que Sandman esperara. Sandman sabia que a condessa era ainda jovem quando morrera, e suficientemente bela para ser pintada nua, ao passo que o esposo parecia muito idoso, a despeito da peruca, dos cosméticos e dos tufos de renda. Além disso, cheirava bastante mal: um pivete composto por pó de arroz cediço, roupa mal lavada e suor.

– Quem diabo é o senhor? – resmungou a criatura.

– Venho da parte do visconde de Sidmouth, senhoria, e...

– Sidmouth? – interrompeu o conde. – Não conheço nenhum visconde Sidmouth. Quem diabo é o visconde Sidmouth?

– O ministro do Interior, senhoria. – Tal informação não despertou qualquer reacção, de modo que Sandman se alongou em explicações. – Chama-se Henry Addington, senhoria, e foi em tempos Primeiro-Ministro, recorda-se? Agora é ministro do Interior.

– Portanto, não é realmente um nobre, hem? – desafiou o conde. – Nem uma pinga de sangue azul! Já reparou na mania que estes malditos políticos têm de se enfeitarem com títulos? É como transformar um autoclismo numa fonte, puf! Com que então, não

passa de um miserável político! Um aldrabão engalanado! Uma fraude! Suponho que seja o primeiro visconde?!

– Estou certo de que sim, senhoria – garantiu Sandman.

– Ah! Um aristocrata do lixo, hem? Um maldito bocado da lama divina!! Um ladrão aperaltado!

Bem, eu sou o décimo sexto conde.

– A sua família maravilha-nos a todos – retorquiu Sandman, com uma ironia que escapou por completo ao conde – mas, por muito recente que seja a elevação do visconde Sidmouth à nobreza, é da sua autoridade que venho imbuído. – Exibiu a carta do ministro, que foi prontamente posta de lado.

– Fui informado, meu senhor – prosseguiu Sandman – de que o pessoal da sua residência londrina de Mount Street se encontra agora aqui. (Nãol tinha sido informado de nada semelhante, mas alimentava esperança de que tal declaração, feita de rompante, arrancasse ao conde uma confirmação.) – Sendo assim, senhoria, gostaria de ter uma conversa com um dos elementos da sua criadagem.

O conde agitou-se na cadeira.

– Está a insinuar – perguntou em tom ameaçador – que Blutcher poderia ter vindo mais depressa caso Bonaparte tivesse atacado mais cedo?

– Não, meu senhor.

– Então, se tivesse atacado mais cedo, não teria ganho a batalha! – insistiu o conde.

Sandman examinou a maqueta. Era impressionante, abrangia todo o teatro das operações, e estava completamente errada. Para começar, apresentava um aspecto demasiado limpo. Mesmo de manhãzinha, antes do ataque dos franceses, já toda a gente se encontrava imunda, porque, na véspera, o grosso do exército tinha recuado penosamente a partir de Quatre Brás através de pântanos enlameados, e em seguida haviam passado a noite a céu aberto, debaixo de uma sucessão de aguaceiros. Sandman recordava-se dos trovões e dos relâmpagos que haviam fustigado o cume

distante, e do terror que os assaltara quando alguns dos cavalos se tinham soltado em plena noite, desatando a galopar por entre as tropas encharcadas.

– Então porque é que Bonaparte foi derrotado? – indagou o conde em tom truculento.

– Porque permitiu que a sua cavalaria se lançasse ao ataque sem o apoio da artilharia e da infantaria – respondeu Sandman sem rodeios. – E poderei perguntar a vossa senhoria o que aconteceu ao pessoal da residência de Mount Street?

– Então porque é que mandou avançar a cavalaria nessas condições, hem? Sabe explicar-me isso?

– Foi um erro, meu senhor, até os melhores generais cometem erros. Os criados voltaram para aqui?

O conde bateu com petulância nos braços de vime da sua cadeira.

– Bonaparte não cometia erros estúpidos! O homem podia não passar de escumalha, mas era um bandido inteligente! Portanto, diga-me a razão!

Sandman suspirou.

– As nossas linhas estavam enfraquecidas, encontrávamos no lado oposto da colina e deve ter-lhes parecido, do lado do vale onde se haviam colocado, que já estávamos derrotados.

– Derrotados? – A palavra sobressaltou o conde.

– Duvido que conseguissem sequer avistar-nos – esclareceu Sandman. – O duque tinha-nos mandado deitar por terra, de modo que, do ponto de vista dos franceses, devia parecer que tínhamos desaparecido. Os franceses viram um cume deserto, detectaram sem dúvida os nossos feridos a arrastar-se para a floresta vizinha, devem ter deduzido que todo o nosso exército se encontrava em retirada, e, portanto, avançaram. Meu senhor, diga-me o que aconteceu à criadagem da sua esposa.

– Esposa? Eu não tenho esposa. Maddox!

– Vossa senhoria? – O servo que introduzira Sandman na

mansão acorreu à chamada.

– Frango frio, parece-me que serve, e champanhe – encomendou o conde, franzindo em seguida o sobrolho para Sandman. – Foi ferido?

– Não, senhoria.

– Mas estava lá quando a guarda imperial atacou?

– Estive lá, senhoria, desde os disparos que assinalaram a primeira carga dos franceses até ao último disparo do dia.

O conde estremeceu.

– Odeio os franceses – disse subitamente. – Detesto-os. Uma raça de mestres bailarinos, e cobrimonos de glória em Waterloo, capitão, de glória!

Sandman perguntou a si próprio que glória poderia advir de derrotar mestres de dança, mas não ripostou. Tinha encontrado outros homens como o conde, obcecados com Waterloo e desejosos de conhecer até ao último pormenor o que sucedera na batalha, homens que jamais se cansavam de escutar fábulas acerca daquele terrível dia, e que, conforme Sandman bem sabia, tinham todos um ponto em comum: não haviam estado lá. Porém veneravam aquela data, que consideravam como o supremo momento das suas vidas e da história britânica. De facto, para alguns deles dir-se-ia que a própria história terminara 18 de Junho de 1815, e que o mundo jamais voltaria a assistir a uma rivalidade comparável àquele confronto entre a França e a Grã-Bretanha. Aquela rivalidade dera sentido à vida de toda uma geração, posto a terra inteira a ferro e fogo, levado exércitos e frotas a enfrentar-se na Ásia, na América e na Europa, e agora tudo tinha terminado e dado lugar a uma entediante estagnação, e, para o conde de Avebury, como para tantos outros, o tédio só podia ser aliviado pela recordação do embate.

– Conte-me então – persistiu o conde –, quantas vezes a cavalaria francesa carregou?

– Mandou vir a criadagem de Mount Street para esta casa? – perguntou Sandman.

– Criadagem? Mount Street? Conversa fiada. Participou na batalha?

– O dia inteiro, senhoria. E gostaria que me informasse, senhoria, se uma criada chamada Meg veio de Londres para aqui.

– Como diabo hei-de saber o que aconteceu ao estupor do pessoal? E qual é o seu interesse em saber?

– Há um homem que está preso, meu senhor, à espera de ser executado pelo assassínio da sua esposa, e tenho bons motivos para acreditar que se encontra inocente. É por esse motivo que aqui estou.

O conde ergueu o olhar para Sandman, e rompeu em gargalhadas. O riso nascia das profundezas do seu peito estreito e abalava-o, provocando-lhe uma expectoração que quase o sufocava, fazendo-lhe vir lágrimas aos olhos e deixando-o sem fôlego. Procurou um lenço entre as pregas das suas vastas mangas ornadas de folhos de renda, enxugou com ele os olhos e depois cuspiu para o tecido.

– Ela deu cabo da vida de um homem mesmo no final da sua, foi isso? – indagou em voz rouca. – Oh, ela era magnífica, a minha Célia, era tão boa a praticar o mal. – Escarrou mais um jacto de saliva para o lenço, e em seguida encarou Sandman furiosamente. – Então, quantos batalhões da guarda de Napoleão escalaram a colina?

– Não o suficiente, senhoria. O que foi feito da criadagem da sua esposa?

O conde ignorou a pergunta de Sandman, porque o frango frio e o champanhe acabavam de ser colocados na borda da mesa da maqueta. Ordenou a Betty que cortasse o frango e, enquanto ela o fazia, passou-lhe um braço pela cintura. Ao primeiro toque a rapariga estremeceu, mas depois resignou-se àquelas carícias.

O conde, com baba a escorrer-lhe da barbicha, voltou os seus olhos avermelhados e lacrimejantes para Sandman.

– Sempre gostei de raparigas novas – declarou – novas e tenrinhas. Tu aí! – A interpelação visava a outra moça. – Serve o champanhe, miúda. A rapariga colocou-se do outro lado do velho, e

o conde enfiou-lhe uma mão debaixo das saias enquanto ela vertia o champanhe nas taças. O conde continuava a fitar Sandman com um ar de desafio. - Carne jovem - rosnou jovem e macia. - Os criados puseram-se a examinar fixamente os painéis da parede, e Sandman voltou-se para observar pela janela dois homens que aparavam a relva, enquanto um terceiro recolhia as aparas. Duas garças sobrevoavam o ribeiro distante.

O conde largou ambas as raparigas, atirou-se ao frango e beberricou o champanhe.

– Ouvi dizer - prosseguiu, despachando as moças de volta para as suas pinturas com umas palmadas nos respectivos traseiros - que a cavalaria francesa atacou pelo menos vinte vezes. Foi assim?

– Não as contei - respondeu Sandman, ainda de olhos postos na janela.

– Talvez, ao fim e ao cabo, não estivesse lá? - insinuou o conde. Sandman não mordeu o isco.

Continuava a olhar pelas janelas, mas, em vez das longas foices aparando o relvado, o que via diante de si era uma encosta belga envolta em fumo. Mergulhara no seu sonho recorrente, em que a cavalaria francesa surgia no topo da colina, com os seus cavalos tropeçando na terra húmida. O ar que pairava sobre as linhas britânicas parecera subitamente aquecido, como se as portas da grande fornalha do inferno se tivessem escancarado, e, no meio de todo aquele calor e fumo, os cavaleiros franceses não paravam de atacar em hordas sucessivas. Sandman não contara as suas investidas porque haviam sido demasiadas, uma interminável série de cavaleiros irrompendo pelas formações inglesas, com as suas montadas a sangrar e a coxear, o fumo dos mosquetes e dos canhões ofuscando os estandartes britânicos, o solo sob os seus pés transformado num emaranhado de talos de centeio esmagados, tão espesso como uma esteira de ferro, mas ressumando água e apodrecido pela chuva. Os franceses faziam esgares, com os olhos vermelhos da fumarada e as bocas abertas apelando ao seu irremediavelmente condenado imperador.

– A única coisa de que me recordo claramente - disse Sandman, desviando-se da janela - é o meu sentimento de gratidão

para com os franceses.

– Gratidão por quê?

– Porque, enquanto os seus cavaleiros se esforçavam tão denodamente por romper a nossa formação, a sua artilharia não podia atingir-nos.

– Mas quantas cargas fizeram? Alguém deve saber! – o conde exprimia-se com arrogância.

– Dez? – sugeriu Sandman. – Vinte? Simplesmente, não paravam de vir mais. E era difícil contá-las por causa do fumo. E lembro-me de sentir-me cheio de sede. E não nos limitávamos a estar ali parados a vê-los chegar. Tínhamos também de prestar atenção à retaguarda.

– À retaguarda? Porquê?

– Porque, cada vez que uma das cargas conseguia romper as nossas linhas, meu senhor, sabíamos que iriam voltar.

– Então estavam a atacar de ambos os flancos?

– Estavam a atacar de todos os lados – respondeu Sandman, evocando o redemoinho de homens montados, a lama e o restolho arrancados pelas patas dos animais e os gritos dos cavalos moribundos.

– Quantas unidades de cavalaria? – quis saber o conde.

– Não as contei, meu senhor. Quantos criados tinha a sua esposa ao seu serviço em Mount Street?

O conde sorriu e desviou o olhar de Sandman.

– Traz-me um cavaleiro, Betty – ordenou, e a rapariga levou-lhe submissamente um modelo de dragão francês na sua casaca verde. – Muito bonito, minha querida – elogiou o conde, colocando o soldado em cima da mesa e puxando Betty para o seu colo. – Sou um homem idoso, capitão – afirmou – e, se quer alguma coisa de mim, não tem outro remédio se não corresponder aos meus desejos. A Betty sabe disso, não sabes, menina?

A rapariga fez que sim com a cabeça. Retraiu-se quando o conde enfiou uma mão esquelética sob o seu vestido e começou a

acariciar-lhe um dos seios. Teria uns quinze ou dezasseis anos, era uma rapariga do campo, de cabelo encaracolado, cheia de sardas e com um rosto redondo e saudável. – Como deverei corresponder aos desejos de vossa senhoria?

– Não da mesma maneira que Betty! Isso não, de forma alguma! O conde fitou Sandman de soslaio.

– Tratará de dizer-me o que desejo saber, e, quando terminar, dir-lhe-ei um pouco do que o senhor quer saber. A nobreza tem os seus privilégios!

Lá fora, no átrio, um relógio bateu as seis horas e as badaladas ecoaram melancolicamente na grande casa deserta. Sandman sentia o desespero de tanto tempo perdido. Precisava de saber se Meg se encontrava ali, precisava de regressar a Londres, e pressentia que o conde planeava entreter-se às suas custas durante o resto da tarde e depois mandá-lo embora sem resposta às suas perguntas.

Apercebendo-se, com gozo, da reprovação de Sandman, sua senhoria fez saltar os seios da rapariga para fora do vestido.

– Vamos começar pelo princípio, capitão – sugeriu, inclinando a cara para aninhar-se na carne tépida – comecemos pela madrugada. Tinha chovido, não é verdade?

Sandman contornou a mesa até se postar atrás do conde, inclinando-se de forma a o seu rosto quase tocar os hirsutos pêlos da peruca.

– Por que não haveremos antes de falar acerca do desfecho da batalha, meu senhor? – perguntou em voz contida. – Por que não falar acerca do ataque da guarda imperial? Porque eu estava lá quando mudámos de posição e os atacámos pelo flanco. – Debruçou-se ainda mais. Chegava-lhe ao nariz o fedor do corpo de sua senhoria, e notou que um arrepio lhe eriçava o topo da peruca. Reduziu o tom de voz a um murmúrio rouco. – Tinham vencido a batalha, meu senhor, tudo estava acabado excepto a perseguição dos vencidos, mas, num abrir e fechar de olhos, mudámos o rumo da História. Saímos das nossas linhas, senhor, surpreendemo-los com uma saraivada de fogo, e depois apontámos as baionetas e posso contar-lhe exactamente como tudo aconteceu. Posso contar-lhe como ganhámos, meu senhor.

– Sandman começava a deixar invadir-se pela cólera e havia amargura na sua voz. – Ganhámos! Mas vossa senhoria nunca ouvirá essa história, jamais, senhor conde, porque tratarei de assegurar-me de que nunca qualquer elemento do 52º Regimento falará consigo! Percebeu? Jamais nenhum desses oficiais lhe dirigirá a palavra. Tenha um bom dia, meu senhor. Talvez o seu criado possa ter a bondade de me acompanhar à saída? – Encaminhou-se para porta. Tencionava perguntar ao criado se Meg se encontrava ali, e, em caso contrário, que ele suspeitava vir a confirmar-se, então toda a sua jornada teria sido um desperdício de tempo e de dinheiro.

– Capitão! – O conde derrubara a rapariga do seu colo. – Espere! O seu rosto avermelhado contraiuse num trejeito pleno de malevolência; uma malevolência de longa data, amarga, profundamente enraizada no seu coração. Porém, desejava tão desesperadamente saber ao certo como é que a célebre guarda napoleónica havia sido vencida, que, com um resmungo irritado, mandou sair da sala as duas moças e os criados. – Pretendo ficar a sós com o capitão – declarou.

Sandman ainda levou muito tempo a arrancar-lhe a história. Foi necessário muito tempo e uma garrafa de brandy francês importada, mas, porém, o conde lá se abriu com o sórdido relato do seu casamento, confirmando o que Lord Christopher havia já contado a Sandman. Célia, a segunda esposa do décimo sexto conde de Avebury, actuava no palco quando o conde a descobrira.

– Pernas – murmurou sua senhoria com ar sonhador – que pernas aquelas, capitão, que categoria de pernas. Foi a primeira coisa que me chamou a atenção nela.

– No Sans Pareil? – indagou Sandman.

O conde lançou a Sandman um olhar penetrante.

– Com quem tem andado a falar? – perguntou. – Com quem?

– A gente da cidade é indiscreta – replicou Sandman.

– O meu filho? – arriscou o conde, desatando a rir. – Esse idiota chapado? Esse pastelzinho mole?

Santo Deus, capitão, deveria ter-me desfeito dele em criança.

A mãe dele sempre se armou numa porra de santa martirizada, ter relações com ela era o mesmo que fazer dançar um rato de sacristia, e aquele desgraçado tonto está convencido de que saiu a ela, mas não. Saiu foi a mim. Poderá passar a vida inteira ajoelhado diante de um altar, mas a única coisa em que pensa são mamas e rabos, pernas e mais mamas. Talvez consiga enganar-se a si próprio, mas a mim é que ele não engana. Diz que quer tornar-se padre! Mas isso nunca virá a acontecer. O que ele realmente quer, capitão, é verme morto e ficar com a fortuna toda, até ao último cêntimo! E irá gastá-la inteirinha em mamas, pernas e rabos, tal como eu próprio teria feito no seu lugar, e a única diferença entre mim e aquele pateta gago é que nunca me envergonhei disso. Gozei muito, capitão, e continuo a gozar, enquanto que ele se sente torturado pela culpa. A culpa! - O conde cuspiu a palavra, lançando um bom jacto de saliva através da sala. - Então o que é que lhe contou aquele pálido atrasado mental? Que eu matei a Célia? Talvez o tenha feito, capitão, ou talvez tenha enviado o Maddox à cidade para fazer o trabalhinho por mim, mas como há-de prová-lo, hem? - O conde ficou à espera de resposta, mas Sandman não abriu a boca. - Por acaso sabe, capitão - perguntou o conde - que enforcam os aristocratas com uma corda de seda?

– Ignorava-o, senhoria.

– É o que se diz - afirmou o conde - é o que se diz. As pessoas do povo são exterminadas com um metro ou dois de vulgar corda de cânhamo, mas nós, os nobres, somos contemplados com uma corda de seda, e de boa vontade eu me deixaria enrolar numa, a troco da morte daquela cabra. Céus, estava tão cego que a deixei sugar-me sem sequer me dar conta! Nunca conheci uma mulher que gastasse dinheiro como aquela! Quando caí em mim, tentei cortar-lhe os víveres. Recusei-me a pagar as suas dívidas e dei ordens aos curadores da herança para a expulsarem da casa, mas os malditos deixaram-na continuar lá. Talvez andasse a dormir com algum deles, capitão? Era assim que ela angariava o seu sustento, capitão, aplicando-se bem na cama.

– Está a dizer-me que era uma prostituta, meu senhor?

– Não era uma prostituta vulgar - admitiu o conde - não era uma mera fêmea de perna aberta, honra lhe seja feita. Intitulava-se

cantora, actriz, bailarina, mas, no fundo, não passava de uma chica esperta e eu fui suficientemente tolo para lhe oferecer casamento em troca de um breve período de quecas, por melhores que fossem. - Riu-se de si próprio, e em seguida dirigiu o olhar aguado para Sandman. - A Célia dedicava-se à chantagem, capitão. Costumava apregoar pela cidade que certo jovem era seu amante, obrigava o desgraçado a escrever-lhe algumas cartas suplicando os seus favores, e depois, quando ele ficava noivo de alguma herdeira rica, ameaçava divulgar as cartas.

Ganhava belas maquias com este estratagema, não duvide! Ela própria mo confessou! Disse-me que não precisava do meu dinheiro, tinha que lhe bastasse.

- Conhece a identidade dos homens que ela ameaçou desse modo, meu senhor?

O conde abanou a cabeça. Fixou o olhar na maqueta da batalha, evitando cruzá-lo com o de Sandman.

- Nunca quis saber de nomes - respondeu em voz baixa, e, pela primeira vez, Sandman experimentou certa compaixão pelo velho.

- E quanto à criadagem, senhoria? O pessoal da sua casa de Londres. O que foi feito deles?

- Como diabo hei-de saber? Aqui não estão. - Dirigia-se a Sandman num tom irritado. - E para que é que eu quereria aqui os criados daquela cabra? Disse ao Faulkner para se ver livre deles, simplesmente despachá-los.

- O Faulkner?

- É um advogado, um dos curadores, e, tal como todos os advogados, não passa de um barrigudo de merda. - O conde fitou Sandman de frente.

- Não sei nem quero saber o que aconteceu aos estupores dos criados da Célia - afirmou. - Agora, vá até à porta, chame pelo Maddox, diga-lhe que vamos comer juntos uma ceia de carne, e depois, raios o partam, conte-me finalmente o que aconteceu quando a guarda do imperador nos atacou.

Sandman obedeceu.

Deslocara-se a Wiltshire, não encontrara Meg, mas obtivera uma nova informação.

Se iria servir-lhe de muito ou pouco, não sabia.

E, de manhã cedo, empreendeu o caminho de regresso a Londres.

CAPÍTULO 04

SANDMAN REGRESSOU A LONDRES ao fim da tarde de quinta-feira. Tinha apanhado a malaposta em Marlborough, justificando consigo mesmo a despesa com o tempo que assim poupava, mas, logo à saída de Thatcham, um dos cavalos perdeu uma ferradura, e depois, perto da aldeia de Hammersmith, uma carroça de feno com um eixo partido bloqueou uma ponte, e Sandman calculou que teria sido muito mais rápido percorrer a pé as poucas milhas que lhe restavam do que esperar que a estrada fosse desimpedida, mas sentia-se cansado após uma noite dormida em cima de um monte de palha no pátio do King's Head, de modo que se deixou ficar na diligência. Duvidava de que o conde de Avebury tivesse matado ou mandado matar a esposa, mas, ao fim e ao cabo, nunca o julgara culpado. A única vantagem que obtivera fora a de ficar a saber que a falecida condessa ganhava a vida exercendo chantagem sobre os seus amantes, mas isso não o ajudava a saber quem teriam sido esses amantes.

Entrou pela porta lateral do Wheatsheaf, que abria para o pátio dos estábulos, onde deu à bomba para encher o balde de estanho preso por uma corrente à manivela. Bebeu a água de um trago, voltou a encher o balde, e voltou-se ao ouvir um matraquear de cascos à entrada do estábulo, onde avistou Jack Hood a colocar uma sela num cavalo negro, alto e de bom porte. O salteador fez um breve aceno para assinalar que se dera conta da presença de Sandman, e em seguida baixou-se para apertar a cilha. Envergava botas pretas, calções pretos e uma casaca preta muito cintada, e trazia o seu longo cabelo negro atado com uma fita de seda preta na nuca. Endireitou-se e dirigiu a Sandman um sorriso malicioso.

– Está com um ar cansado, capitão.

– Cansado, sem dinheiro, com fome e com sede – replicou Sandman, enchendo uma terceira taça de água.

– É o resultado da vida honesta que leva – comentou Hood jovialmente. Enfiou dois pistolões de canos longos nos alforges da sela. – Devia andar na má vida, como eu.

Sandman bebeu a água e deixou tombar a taça.

– E o que tenciona fazer, Mr. Hood – indagou –, quando o apanharem? Hood encaminhou o cavalo para a zona onde recaíam os pálidos raios de sol do crepúsculo. O animal era de boa raça, nervoso, altivo, caprichoso; na opinião de Sandman, o tipo de cavalo que seria capaz de voar como um vento nocturno, quando a fuga se impusesse.

– Quando for apanhado? – retorquiu Hood.

– Virei pedir a sua ajuda, capitão. Sally contou-me que é um salva-pescoços.

– Um ladrão da forca. – Sandman já aprendera calão suficiente para conseguir entender a expressão.

– Mas por enquanto ainda não roubei ninguém ao cadafalso.

– E duvido de que alguma vez o faça – ripostou Hood sombriamente –, porque não é assim que as coisas funcionam neste mundo. Eles não se importam com quanta gente enforcam, capitão, só lhes importa meter na cabeça das pessoas que são mesmo capazes de enforcá-las.

– Importam-se, sim – insistiu Sandman –, se não, por que me teriam nomeado investigador?

Hood fitou Sandman com um olhar céptico, e, em seguida, colocou o pé direito no estribo e içou-se para a sela.

– Está a tentar convencer-me, capitão – perguntou, enquanto enfiava o pé esquerdo no respectivo estribo –, de que o nomearam para essa investigação por pura bondade de alma? O ministro do Interior terá sido subitamente assaltado de dúvidas acerca da excelência da justiça aplicada no tribunal do Black Jack?

– Não – admitiu Sandman.

– Nomearam-no, capitão, porque alguma pessoa influente quis que o caso do Corday fosse investigado. Uma pessoa influente, acertei?

Sandman assentiu.

– Em cheio. É exactamente isso.

– Um sujeito pode estar tão inocente como um bebé recém-nascido afirmou Hood amargamente – mas, se não tiver um amigo nas altas esferas, penduram-no bem alto. Nem assim mesmo? – Jack Hood ajeitou as caudas da casaca sobre o dorso do cavalo e pegou nas rédeas. – E quer me agrade, muito ou pouco, hei-de acabar os meus dias no salão de dança do Jem Botting,! mas não perco o meu sono nem desperdiço lágrimas à conta disso. A forca está lá, capitão, e vamos convivendo com ela até nela morrermos, e entretanto não vamos mudar porque os estupores não querem que nada mude. É o mundo deles, não o nosso, e lutam por mantê-lo como mais lhes convém. Matam-nos, mandam-nos para a Austrália ou então destroem-nos com trabalhos forçados, e sabe porquê? Porque têm medo de nós. Têm medo que nos revoltemos, como o povo francês. Receiam uma guilhotina em Whitehall e, para impedir que isso aconteça, erguem um cadafalso em Newgate Talvez lhe deixem salvar um homem, capitão, mas não julgue que mudará alguma coisa com isso. – Calçou umas luvas pretas de pelica fina. – Há uns tipos para si no cortiço – acrescentou, indicando assim a Sandman que estavam alguns homens à espera dele na sala das traseiras. – Mas antes de falar com eles – prosseguiu Hood – é melhor ficar a saber que jantei no Dog and Duck.

– Em St. George's Fields? – perguntou Sandman, perplexo com aquela informação, aparentemente irrelevante.

– Muita gente de alto nível vive e come ali – informou Hood – por causa da facilidade de acesso às estradas para o oeste. – (Queria ele dizer que um certo número de salteadores de estrada controlavam a estalagem.) – E ouvi por lá um boato, capitão. A sua cabeça está a prémio por cinquenta notas – afirmou, erguendo uma sobrancelha. – O senhor irritou alguém, capitão. Dei instruções no sheaf para que ninguém lhe faça mal, porque foi bondoso com a minha Sally e eu protejo quem a protege, mas não posso controlar todos os antros de bandidos bêbados de Londres.

Sandman experimentou um aperto no coração. Cinquenta guinéus pela sua vida? Deveria considerálos como um elogio ou um insulto?

– Suponho que não sabe – indagou – quem oferece o dinheiro?

– Perguntei, mas ninguém sabia. Mas é dinheiro garantido, capitão, portanto cuide de si. Muito agradecido. – Estas duas últimas palavras deviam-se ao facto de Sandman lhe ter aberto o portão do pátio. Sandman ergueu o olhar para o cavaleiro.

– Não vai assistir ao espectáculo da Sally esta noite? Ele abanou a cabeça.

– Já a vi actuar vezes que cheguem – respondeu sucintamente – e tenho assuntos meus a tratar que devem passar-lhe ao lado. – Esporeou os flancos do cavalo e, sem uma palavra de despedida, afastou-se na direcção norte, atrás de uma carroça carregada de tijolos acabados de cozer.

Sandman fechou o portão. Quando lhe confiara a missão de que estava incumbido, o visconde Sidmouth dera-lhe a entender que seria facílima, um dia de trabalho pago com o salário de um mês; mas, afinal, o que estava em causa era arriscar a própria vida por um mês de salário. Sandman voltou-se e espreitou pelas sujas janelas da saleta das traseiras, mas nada conseguia avistar através das luzes nocturnas que se reflectiam nos pequenos vidros apainelados. Quem quer que estivesse à sua espera podia perfeitamente vê-lo, mas ele não conseguia ver ninguém, de modo que, em vez de dirigir-se directamente à taberna, atravessou a sala dos barris até ao corredor onde havia um alçapão. Abriu-o, com todo o cuidado para não fazer barulho, e em seguida inclinou-se para espreitar pela abertura.

Ouviu passos nas suas costas, mas, antes de poder voltar-se, já o frio cano de uma pistola se lhe encostava à orelha.

– Um bom soldado faz sempre um reconhecimento prévio do terreno, hem, capitão? – comentou o sargento Berrigan. – Calculei que viesse aqui em primeiro lugar.

Sandman endireitou-se e virou-se para verificar que o sargento sorria com um ar escarninho, radiante por ter levado a melhor sobre Sandman naquela manobra.

– Então o que tenciona fazer agora, sargento? Disparar contra mim? perguntou Sandman.

– Na, só queria assegurar-me de que não traz consigo

nenhuma amiguinha, capitão - respondeu Berrigan, e, servindo-se do cano da pistola para abrir as abas do casaco de Sandman, certificou-se de que o capitão não se encontrava armado e olhou na direcção da sala principal com o ar de quem diz nem sonhe. - Passe à frente, capitão.

- Sargento - começou Sandman a dizer, numa tentativa de apelar para o lado bom de Berrigan, mas esse lado não sobressaía particularmente na ocasião, dado que o sargento tratou de erguer a pistola e de apontá-la ao peito de Sandman. Este ainda pensou em desviar o cano com uma pancada e enfiar o joelho nas partes baixas de Berrigan, mas o sargento dirigiu-lhe um ligeiro sorriso e abanou a cabeça de forma quase imperceptível, como que convidando Sandman a experimentar. - Pela porta, hem? - perguntou Sandman e, quando Berrigan fez um sinal de assentimento, girou a maçaneta e entrou na saleta das traseiras.

O marquês de Skavadale e Lord Robin Holloway encontravam-se instalados num banco, no lado mais afastado da comprida mesa. Ambos trajavam com o maior requinte, envergando casacas pretas de corte soberbo, gravatas esplendorosas e calções justíssimos à perna. Holloway fez uma carranca ao avistar Sandman, mas Skavadale permaneceu com uma expressão cortês e esboçou um sorriso.

- Meu caro capitão Sandman, que gentileza da sua parte dar-nos o prazer da sua companhia.

- Estavam à minha espera há muito tempo? - retorquiu Sandman, com truculência.

- Há meia hora - elucidou Skavadale em tom amável. - Contávamos de facto encontrá-lo aqui há mais tempo, mas a espera não foi excessivamente maçadora. Faça o favor de se sentar.

Sandman sentou-se relutantemente, não sem antes ter deitado um olhar ao sargento Berrigan, que, tendo entretanto entrado na saleta, fechara a porta e abaixara a pistola, sem no entanto voltar a guardá-la. Em vez disso, o sargento postou-se ao pé da porta, vigiando Sandman. O marquês de Skavadale tirou a rolha a uma garrafa de vinho e encheu um copo.

- Um clarete bastante ordinário, capitão, mas provavelmente

bem-vindo após a sua jornada? De qualquer modo, como poderíamos esperar vinhos de boa qualidade num sítio destes, hem? Isto é o Wheatsheaf, um antro de malfeitoria sem categoria! Esta é boa, não achas, Robin? Malfeitoria sem categoria?

Lord Robin não sorriu nem respondeu, limitando-se a olhar fixamente para Sandman. Duas cicatrizes ainda frescas marcavam-lhe a face e o nariz, nos pontos onde Sandman o golpeara com o florete de esgrima. Skavadale empurrou o copo de vinho pela mesa na direcção de Sandman, e mostrou-se penalizado quando este abanou a cabeça em sinal de recusa.

– Vá lá, capitão – disse Skavadale com ar de censura – estamos aqui como bons amigos.

– E eu estou aqui porque fui ameaçado com uma pistola.

– Guarde lá isso, sargento – ordenou Skavadale, fazendo em seguida um brinde a Sandman. – Aprendi um pouco a seu respeito nestes últimos dias, capitão. Já sabia que era um magnífico jogador de críquete, claro, mas soube agora que goza de uma outra reputação.

– De quê?

– De ser um excelente soldado – respondeu Skavadale.

– E daí?

– Mas com pouca sorte no que respeita ao seu pai – observou Skavadale brandamente. – Bem, tanto quanto me apercebo, está a sustentar a sua mãe e a sua irmã. Fui bem informado? – Aguardou por uma resposta, mas Sandman nem abriu a boca nem se moveu. – É triste – prosseguiu Skavadale – ver pessoas requintadas condenadas à pobreza. Se não fosse o senhor, capitão, a sua mãe já estaria há muito reduzida a viver da caridade, e a sua irmã ter-se-ia tornado no quê? Em preceptora? Dama de companhia? Porém, com um pequeno dote, ainda poderia fazer um casamento perfeitamente razoável, não é verdade?

Sandman mantinha-se silencioso, porém o que Lord Skavadale dissera era a pura verdade. Belle, a irmã de Sandman, tinha dezanove anos e apenas uma hipótese de escapar à pobreza: um bom casamento. Porém, privada de dote, não podia acalentar

esperanças de encontrar marido em condições. Já seria grande sorte se lhe saísse ao caminho um comerciante disposto a desposá-la, mas Sandman conhecia a sua irmã suficientemente bem para saber que nem isso ela aceitaria, dado que, tal como a mãe, sobreavaliava o seu supostamente elevado estatuto social. Um ano atrás, antes da morte do pai, Belle podia contar com um dote de vários milhares de libras, o suficiente para atrair um aristocrata e desfrutar de um belo rendimento. Persistia ainda nessa expectativa, e, por qualquer motivo obscuro, culpava Sandman pelos desastres da família. Fora por isso que Sandman se transferira para Londres, não aguentando mais as censuras da mãe e da irmã, que haviam esperado dele que substituísse o pai como inesgotável fonte de mordomias.

– Bem – disse Skavadale – as especulações do seu pai reduziram a família à penúria. Não é verdade, capitão? No entanto, o senhor anda a esforçar-se por pagar algumas das suas dívidas. Escolheu um caminho difícil que só o honra, um caminho muitíssimo digno. Não concordas, Robin?

Lord Robin Holloway não respondeu. Limitou-se a encolher os ombros, continuando a fitar Sandman com uma expressão gelada.

– Portanto, o que tenciona fazer, capitão?

– Fazer?

– Uma mãe e uma irmã para sustentar, dívidas a saldar, e, como único recurso, alguns jogos esporádicos de críquete? – Skavadale fez a pergunta de sobrolho erguido, fingindo-se perplexo. – E, se bem compreendo, a missão de que o ministro do Interior o encarregou é absolutamente temporária, sendo altamente improvável que lhe proporcione uma permanente fonte de riqueza.

Portanto, o que tenciona fazer?

– O que tenciona o senhor fazer? – indagou por seu turno Sandman.

– Desculpe?

– Tanto quanto sei – explicou Sandman, recordando-se da descrição que Lord Alexander lhe fizera do marquês de Skavadale – a sua situação não é muito diferente da minha. A sua família

possuiu em tempos uma grande fortuna, mas possuía também grandes jogadores.

O marquês pareceu irritado por um segundo, mas deixou passar o insulto.

– Vou fazer um bom casamento – afirmou serenamente – ou seja, vou casar com dinheiro. E o senhor?

– Talvez faça também um bom casamento.

– A sério? – Skavadale ergueu um sobrolho céptico – Eu vou herdar um ducado, Sandman, e isso constitui um chamariz para qualquer rapariga. Qual é o seu factor de atracção? A habilidade no críquete? Fascinantes recordações de Waterloo? – A voz de sua senhoria mantinha-se cortês, mas o escárnio era óbvio. – As raparigas com dinheiro – prosseguiu Skavadale – casam ou com mais dinheiro ou com posição social, porque dinheiro e estatuto, capitão, são as duas únicas coisas que importam neste mundo.

– E a verdade? – sugeriu Sandman. – E a honra?

– Dinheiro – repetiu Skavadale em tom neutro – e posição social. A minha família pode estar à beira da ruína, mas temos estatuto. Graças a Deus, temos estatuto, e é isso que vai permitir-nos recuperar a fortuna.

– Dinheiro e estatuto – comentou Sandman, pensativo. – Então, que conselho tem a oferecer a um homem como o sargento Berrigan, cuja posição social é baixa, e cuja riqueza é, presumo, insignificante?

Skavadale lançou ao sargento uma olhadela indolente.

– Aconselhá-lo-ia, capitão, a aliar-se a um homem com posição e fortuna. É assim que o mundo funciona. Ele serve-me, eu recompenso-o, e, graças a essa aliança, ambos prosperamos.

– E onde é que eu me encaixo nesse esquema tão divinalmente ordenado?

Skavadale esboçou uma amostra de sorriso.

– O senhor é um cavalheiro, capitão, portanto dispõe de estatuto social, mas foi privado da sua quota parte de fortuna. Se

nos permitir - fez um gesto, indicando que o pálido Lord Robin Holloway estava incluído naquele plural - e refiro-me, não apenas a nós dois, mas a todos os membros do Clube dos Serafins, gostaríamos de remediar essa falha. - Retirou uma folha de papel da algibeira, colocou-a sobre a mesa e fê-la deslizar na direcção de Sandman.

- Remediar? - perguntou Sandman friamente, mas Skavadale nada disse, limitando-se a apontar para o papel. Sandman pegou-lhe, desdobrou-o, e viu, em primeiro lugar, a assinatura extravagantemente floreada de Lord Holloway, e, em seguida, a quantia. Mirou-o, e depois ergueu o olhar para Lord Skavadale, que sorriu. Sandman voltou a examinar o papel. Era um cheque de vinte mil guinéus, pagável a Rider Sandman no banco Courts.

Vinte mil! As suas mãos tremeram ligeiramente e obrigou-se a respirar fundo.

Estava tudo resolvido. Tudo.

Com vinte mil guinéus podia saldar as dívidas menores do seu pai, comprar uma boa casa para a sua mãe e irmã, e ainda lhe sobraria o suficiente para dispor de um rendimento anual de umas seiscentas ou setecentas libras, o que, embora pouco, comparado com aquilo a que a mãe de Sandman estivera em tempos habituada, chegava perfeitamente para uma senhora e a sua filha levarem uma vida elegante na província. Desfrutariam de uma posição social respeitável. Talvez não pudessem dar-se ao luxo de dispor de carruagem e cavalos, mas ficariam em condições de ter criada e cozinheira, de depositar uma moeda de oiro na bandeja paroquial todos os domingos, e de receber condignamente os vizinhos. Poderiam deixar de lastimar-se constantemente a Rider da sua pobreza.

Uma carroça de mercadorias entrou no pátio, com grande estrépito de cascos e correntes, mas Sandman nem reparou no barulho. Estava a contas com o pensamento tentador de que não era responsável pelas dívidas do pai, e que, se pusesse de parte os comerciantes que o suicídio de Ludovic Sandman quase levara à ruína, poderia talvez proporcionar à mãe um rendimento de oitocentas libras por ano. No entanto, o melhor de tudo, a ideia

mais tentadora, era a de que, com vinte mil guinéus, conseguiria vencer as objecções de Lady Forrest ao seu casamento com Eleanor. Contemplou o cheque. Tornava tudo possível. Eleanor, pensou, Eleanor. Com o dote que ela lhe traria, voltaria a ser um homem rico, a ter cavalos nos seus estábulos, a jogar críquete durante todo o Verão e a caçar durante todo o Inverno. Poderia voltar a ser um autêntico cavalheiro. Nunca mais precisaria de labutar para arranjar uns míseros tostões, nem de desperdiçar tempo a preocupar-se com a lavagem da roupa.

Desviou o olhar do cheque para perscrutar os olhos de Lord Robin Holloway. O jovem aristocrata, um pateta que tinha pretendido desafiar Sandman para um duelo, dispunha-se agora a oferecer-lhe uma fortuna de mão beijada? Lord Robin ignorou o olhar insistente de Sandman, preferindo concentrar-se numa teia de aranha tecida nos painéis de madeira da saleta. Lord Skavadale sorriu para Sandman. Era o sorriso de regozijo de um homem pela boa sorte de outro homem, e, no entanto, despertou em Sandman um sentimento de vergonha. Vergonha porque a tentação tinha sido bem real, e ele quase cedera.

– Pensa que estamos a tentar subornã-lo? – Lord Skavadale, notando a mudança de expressão de Sandman, formulou a pergunta com ansiedade.

– Não esperava tanta generosidade da parte de Lord Robin – respondeu Sandman secamente.

– Todos os membros da sociedade deram o seu contributo – elucidou o marquês – e o meu amigo Robin recolheu os fundos. Trata-se, evidentemente, de uma oferta, não de um suborno.

– Uma oferta? – Sandman repetiu a palavra amargamente. – Não um suborno?

– Claro que não é um suborno – afirmou Skavadale firmemente –, nem por sombras. – Levantou-se e dirigiu-se à janela, de onde se pôs a observar os barris de cerveja rolando sobre tábuas a partir do fundo da carroça. Depois voltou-se e sorriu. – Sinto-me ultrajado, capitão Sandman, quando vejo um cavalheiro reduzido à penúria. Esse tipo de ocorrência vai contra a ordem natural das coisas, não concorda? E quando o cavalheiro em causa é um oficial

que combateu briosamente pelo seu país, então o ultraje torna-se ainda maior. Disse-lhe que o Clube dos Serafins é composto por homens empenhados em atingir a excelência, e que aplaudem feitos superiores O que são os anjos, se não seres que praticam o bem? Por conseguinte gostaríamos de vê-lo, a si e à sua família, reinstalados no lugar que vos compete nesta sociedade. É tudo. - Encolheu os ombros, como se aquela diligência fosse de facto insignificante.

Sandman bem gostaria de acreditar nele. Lord Skavadale exprimira-se de uma maneira tão razoável e serena, que quase fazia parecer absolutamente normal a transacção que lhe propunha. Mas Sandman não se fiava nisso.

– Estão a oferecer-me uma esmola – protestou. Lord Skavadale abanou a cabeça.

– Apenas uma correcção à cegueira do destino, capitão.

– E se eu consentir na correcção do meu destino – perguntou Sandman – que pretendeis em troca?

Lord Skavadale assumiu um ar ofendido, como se nem sequer lhe tivesse ocorrido que Sandman pudesse ser convidado a prestar algum pequeno serviço em troca de uma enorme fortuna.

– A única coisa que espero, capitão – replicou, austeramente – é que se comporte como um cavalheiro.

Sandman fitou de relance Lord Robin Holloway, que continuava calado.

– Estou convencido – replicou Sandman em tom gélido – de que sempre me comportei assim.

– Nesse caso, bem sabe, capitão – replicou Skavadale em tom penetrante – que os cavalheiros não aceitam empregos remunerados.

Sandman não respondeu.

Lord Skavadale retraiu-se ligeiramente ante o silêncio de Sandman.

– Portanto, naturalmente, como compensação por aceitar esse

cheque, deverá demitir-se de qualquer actividade remunerada a que presentemente se dedique.

Sandman voltou a contemplar a pequena fortuna.

– Portanto, deverei apresentar ao ministro do Interior a minha demissão do cargo de investigador ao seu serviço?

– Seria certamente uma atitude própria de um cavalheiro – observou Skavadale.

– E até que ponto será próprio de um cavalheiro – atalhou Sandman – permitir que um inocente seja enforcado?

– Estará ele inocente? – inquiriu Lord Skavadale. – O senhor disse ao sargento que ia à província em busca da prova definitiva, mas conseguiu trazê-la? – Aguardou, mas estava escrito no rosto de Sandman que não conseguira prova alguma. Lord Skavadale encolheu os ombros, como que sugerindo a Sandman que melhor seria para ele abandonar uma pesquisa sem esperança e aceitar o dinheiro.

E Sandman sentia-se tentado – tão tentado –, mas ao mesmo tempo, tão envergonhado dessa tentação, que se enervou e rasgou o cheque em pedaços. Viu Lord Skavadale pestanejar de surpresa quando começou a rasgá-lo. Sua senhoria pareceu ficar furiosa, e Sandman sentiu uma palpitação de medo. Não medo da cólera de Lord Skavadale, mas sim do seu próprio futuro, e da enormidade da fortuna que estava a rejeitar.

Espalhou os pedacinhos do cheque em cima da mesa. O marquês de Skavadale e Lord Robin Holloway levantaram-se. Relancearam o sargento Berrigan como que confirmando mudamente um recado previamente transmitido, e, sem sequer se dignarem olhar para Sandman, abandonaram a sala. Enquanto ouvia os passos deles afastando-se pelo corredor, Sandman sentiu um frio objecto de metal encostado à sua nuca, e percebeu que se tratava de uma pistola. Retesou-se, planeando atirar-se para trás na esperança de levar Berrigan a perder o equilíbrio, mas o sargento enfiou o frio cano da pistola com mais força no pescoço de Sandman.

– Teve a sua oportunidade, capitão.

– E você ainda tem uma, sargento – replicou Sandman.

– Mas não sou nenhum maluco – prosseguiu Berrigan –, nem tenciono matá-lo aqui. Aqui e agora, nem sonhar. Há demasiada gente na estalagem. Se o matasse agora aqui capitão, acabaria a dançar em Newgate. – A pressão da pistola abrandou, e o sargento inclinou-se para o ouvido de Sandman. – Tenha cuidado consigo, capitão, muito cuidado. – Era exactamente o mesmo conselho que Jack Hood lhe dera.

Sandman ouviu a porta abrir-se e fechar-se, e os passos do sargento sumiram-se na distância.

Vinte mil guinéus, pensou. Adeus.

O reverendo Lord Alexander Pleydell tinha reservado um camarote para assistir ao espectáculo no teatro de Covent Garden.

– Não diria que estou à espera de grandes rasgos artísticos – declarou, seguindo Sandman através da multidão –, excepto da parte de Miss Hood. Tenho a certeza de que ela será absolutamente deslumbrante. – Tal como Sandman, sua senhoria agarrava-se aos bolsos, porque as multidões do teatro constituíam um famoso terreno de caça para mãozinhas leves, mergulhadores, dedos invisíveis, sombras e fanecas – tudo isso, conforme Lord Alexander descobriu, deliciado, diferentes designações para os carteiristas. – Já te apercebeste – perguntou na sua voz estridente – que existe uma perfeita hierarquia de mãos-leves?

– Ouvi a vossa conversa, Alexander – replicou Sandman.

Antes de saírem do Wheatsheaf, Lord Alexander insistira em receber mais uma lição magistral acerca de calão, desta vez ministrada pelo proprietário, Jenks, que estava encantado por contar um sacerdote entre os seus clientes. O reverendo Lord Alexander tomara apontamentos, satisfeitíssimo por aprender que a categoria mais baixa dos carteiristas era a dos "trapos", crianças que furtavam lenços, enquanto que os Lordes do negócio do fanango eram os "artistas do dedal", q'ic roubavam relógios. Não eram só os praticantes do ofício que tinham nomes diferentes, também os próprios bolsos se dividiam em categorias distintas.

– Sótão – recitou Lord Alexander –, mealheiro, armazém, poço,

saco roto, saleiro e escorrega. - Falhei algum?

– Não estava a prestar atenção - Sandman esforçava-se por acercar-se do toldo do teatro, brilhantemente iluminado.

– Sótão, cloaca, armazém, poço, saco roto, saleiro e escorrega - enunciou de novo Lord Alexander, para imenso gáudio do público. O "sótão" era o bolsinho de relógio do colete, enquanto que os bolsos inferiores eram os "mealheiros", o "armazém" o bolso interior do casaco, um bolso de peito sem pala era um "poço", um bolso exterior de casaco protegido por pala um "saleiro", e uma algibeira das abas, a mais fácil de fanar, se chamava um "escorrega". - Achas que Miss Hood nos acompanhará à ceia, depois do espectáculo? - gritou Lord Alexander sobre o ruído da multidão.

– Estou certo de que ela adorará desfrutar da companhia de um dos seus admiradores.

– Um dos seus admiradores? - perguntou Lord Alexander ansiosamente. - Não estás a pensar em Kit Carne, ou estás?

Sandman não estava a pensar em Lord Christopher Carne, mas estremeceu à ideia de que o herdeiro do conde Avebury pudesse realmente ser um candidato à mão de Sally. Lord Alexander arvorou uma expressão de profundo desagrado.

– O Kit não é um homem sério, Rider.

– Pois pareceu-me seriamente interessado nela.

– Cheguei à conclusão de que é um fraco - afirmou Lord Alexander com veemência.

– Fraco?

– Na outra noite - explicou Lord Alexander -, limitou-se a pasmar diante de Miss Hood, com um olhar perdido no vazio! Que atitude ridícula! Enquanto eu conversava com ela, ele não fazia mais do que embasbacar-se! Deus sabe o que terá ela ficado a pensar dele!

– Não faço a menor ideia - garantiu Sandman.

– Não parava de abrir e fechar a boca como um peixe fora de

água! prosseguiu Lord Alexander, voltando-se em seguida, alarmado pelo berro de uma criança. A dor da criança foi acolhida por um coro de gargalhadas.

– O que é que aconteceu? – perguntou Lord Alexander, em pânico.

– Alguém armadilhou os bolsos com anzóis – conjecturou Sandman e um "trapo" feriu os dedos neles.

Tratava-se de uma vulgar medida de precaução contra carteiristas.

– Uma lição que o miúdo não há-de esquecer – comentou Lord Alexander piedosamente. – Mas não devo censurar demasiado o Kit. Tem pouca experiência de mulheres e receio que não possua quaisquer defesas contra os seus encantos.

– Essa é boa – observou Sandman –, vinda da boca de um homem ansioso por ver Sally Hood dançar.

Lord Alexander fez um sorriso amarelo.

– Eu próprio não sou perfeito. Kit queria vir ao espectáculo esta noite, mas eu disse-lhe para comprar o seu próprio bilhete. Deus dos céus, até poderia ter vontade de ir cear depois com Miss Hood! Achas que ela gostaria de visitar Newgate connosco?

– Visitar Newgate?

– Para assistir a um enforcamento! Disse-te que estava interessado em requerer às autoridades um lugar privilegiado na assistência, de modo que lhes escrevi nesse sentido. Ainda não recebi qualquer resposta, mas tenho a certeza de que hão-de consentir.

– E eu tenho a certeza de que não quero ir lá – berrou Sandman sobre o alarido público, e, nesse preciso momento, houve uma inexplicável aberta no apertão, que permitiu a Sandman abrir caminho até à porta. Reflectiu que, se todo aquele aglomerado de gente tinha sido pago por Mr.Spofforth, então o cavalheiro despendera uma pequena fortuna na aventura. Mr. Spofforth era a pessoa que alugara o teatro por uma noite em benefício da sua protégée, uma tal Miss Sacharissa Lasorda, anunciada como a nova

Vestris. A "velha" Vestris tinha apenas vinte anos de idade e a fama de contribuir com trezentas libras por noite para a bilheteira só por mostrar as pernas; de momento, Mr. Spofforth esforçava-se por lançar Miss Lasorda numa carreira igualmente lucrativa.

– Conheces o Spofforth? – perguntou Sandman ao amigo. Encontravam-se agora já no interior do teatro e uma mulher idosa conduzia-os através de umas escadas bolorentas até ao seu camarote.

– Claro que conheço William Sofforth – o pé boto de Lord Alexander embatia contra os degraus à medida que ele se esforçava por trepar masculamente as escadas sombrias. – É um jovem bastante tolo, cujo pai fez fortuna no negócio do açúcar. O jovem Spofforth, o nosso anfitrião desta noite, era bom na defesa do wicket, mas não tinha a menor ideia de como colocar os jogadores em campo.

– Sempre pensei que essa tarefa competia ao capitão da equipa ou ao bowler – observou Sandman brandamente.

– Que absurdo! – vociferou Lord Alexander. – O críquete deixa de ser críquete quando o defensor do wicket falha nos seus deveres de distribuição dos jogadores em campo. Tem uma perspectiva do jogo tão boa como o batsman, portanto quem estará em melhor posição do que ele para organizar o jogo? Sinceramente, Rider, não há ninguém que admire mais do que eu, as tuas tacadas, mas, no que toca à compreensão da teoria estratégica do jogo, não passas de uma criança.

Era uma velha discussão, que felizmente os entreteve enquanto ocupavam os seus lugares à boca do palco. Lord Alexander, que viera munido do seu saco de cachimbos, acendeu o primeiro da noite, cujo fumo se evolou em torno de um grande anúncio de proibição de fumar. A casa estava cheia – mais de três mil espectadores –, e em tumulto, porque boa parte da assistência se encontrava já embriagada, dando a ideia de que os criados de Mr. Spofforth deviam ter vasculhado as tabernas em busca de acólitos. Um grupo de jornalistas estava a ser contemplado com champanhe, brandy e ostras, num camarote fronteiro ao acolchoado ninho de Lord Alexander. Mr. Spofforth, um peralvilho anódino, com um

colarinho que lhe ultrapassava as orelhas, encontrava-se no camarote vizinho, sem despegar os olhos ansiosos dos jornalistas que estavam a custar-lhe uma fortuna, e de cujo veredicto dependia o lançamento ou o fracasso da carreira da sua bem-amada; mas um dos críticos tinha já adormecido, outro entretinha-se a cortejar uma mulher, enquanto que os restantes dois se ocupavam a atazanar o servente do camarote com solicitações de mais champanhe. Uma dúzia de músicos instalou-se no poço da orquestra e começou a afinar os instrumentos.

– Estou a reunir uma equipa de onze cavalheiros para defrontar a de Hampshire no fim do mês – anunciou Lord Alexander – e conto que aceites fazer parte dela.

– Muito me agradaria, sem dúvida. O jogo vai ser disputado em Hampshire? – Sandman formulou a pergunta com certa apreensão, porque não estava particularmente interessado em aproximar-se de Winchester e das exigências da sua truculenta progenitora.

– Não, aqui, em Londres – elucidou Lord Alexander – no relvado Thomas Lord.

Sandman fez uma careta.

– Aquela desgraçada colina?

– É um campo perfeitamente aceitável – replicou Lord Alexander de mau humor –, quando muito com um ligeiro declive, está bem? E já apostei cinquenta guinéus nesse jogo, é por isso que gostaria que participasses. Se alinhares, ainda aposto mais.

– O dinheiro está a dar cabo do jogo, Alexander – resmungou Sandman.

– Mais uma razão para nós, que nos opomos à corrupção, o patrocinarmos com toda a nossa força – insistiu Lord Alexander. – Então, vais jogar?

– Estou muito destreinado – preveniu Sandman.

– Então trata de treinares – replicou Lord Alexander em tom de desafio, acendendo outro cachimbo.

Encarou Sandman com certa preocupação.

– Estás com uma carranca deprimente. O teatro não te agrada?

– Pelo contrário, agrada-me muito.

– Então põe uma cara a condizer! – Lord Alexander esfregou as lentes dos seus binóculos de ópera nas abas da casaca. – Achas que Miss Hood apreciará o críquete?

– Não consigo imaginá-la a jogá-lo, seja em que posição for.

– Não sejas tão grotescamente absurdo, Rider, referia-me a saber se ela apreciará o jogo como espectadora.

– Terás de ser tu a perguntar-lhe, Alexander – respondeu Sandman. Debruçou-se sobre a balaustrada do camarote para observar a geral, onde uma claque do Wheatsheaf se preparava para aplaudir Sally. Um par de meretrizes rondava o fosso dos músicos, e uma delas, vendo-o a olhar para baixo, indicou-lhe por mímica que se dispunha a subir ao camarote. Sandman apressou-se a abanar a cabeça e a recuar para fora da vista delas. Suponhamos que está morta – sugeriu de repente.

– Miss Hood? Morta? A que propósito? – Lord Alexander mostrava-se aflito. – Ela estava doente?

Deverias ter-me informado!

– Estou a referir-me à criada de quarto, Meg.

– Oh, essa – comentou Lord Alexander distraído, fazendo uma careta ao seu cachimbo. – Recordastete daqueles charutos espanhóis que fizeram furor na altura em que estavas a combater as forças do progresso em Espanha?

– Claro que sim.

– Não se consegue encontrá-los em parte alguma, e eu apreciava-os bastante. – Experimenta o Pettigrews, na Old Bond Street.

– Já experimentei. Não têm. E eu gostava mesmo deles.

– Sei de uma pessoa que está a pensar em importá-los – disse Sandman, lembrando-se do sargento Berrigan.

– Caso o faça, não te esqueças de informar-me. – Lord Alexander expeliu algumas baforadas do cachimbo para os

querubins do tecto. - Os teus amigos do Clube dos Serafins sabem que andas à procura de Meg?

– Não.

– Então não têm qualquer motivo para persegui-la e matá-la. E se tivessem querido matá-la aquando do assassinato da condessa - admitindo que tivessem de facto praticado tal malvadez -, então teriam deixado o seu cadáver junto do da patroa, a fim de que Corday fosse acusado de ambos os crimes.

Ora isso sugere, não é verdade, que a rapariga deve continuar viva? Ocorreu-me agora, Rider, que os teus deveres como investigador exigem um grande poder de dedução lógica, motivo pelo qual me pareces muito pouco indicado para o cargo.

– És tão simpático, Alexander.

– Esforço-me por isso, meu querido amigo. - Lord Alexander, contente consigo próprio, resplandecia de satisfação. - Esforço-me mesmo.

Ouviram-se vivas quando um grupo de rapazes percorreu o teatro, apagando as luzes. Os músicos procederam a uma derradeira e desarmoniosa tentativa de afinação dos instrumentos, e em seguida aguardaram o sinal da batuta do maestro. Alguns espectadores instalados no poço da orquestra começaram a assobiar, exigindo que a cortina subisse. O grosso da tarefa de mudança de cenários era levado a cabo por marinheiros, homens habituados a lidar com cordas e a subir a grandes alturas, e, tal como em pleno mar, comunicavam entre si por assobios. Entretanto, o público assobiava em sinal de impaciência, mas as cortinas mantinham-se obstinadamente corridas.

Apagaram-se mais luzes, e em seguida as coberturas que revestiam os grandes holofotes colocados nos cantos do palco foram retiradas, o homem do tambor tocou um portentoso rufo e um actor vestido com uma capa esfrangalhada saltou de entre as cortinas para recitar o prólogo sobre a ampla boca do palco:

Pelas Áfricas, tão longe do lar, Um rapazinho costumava vaguear. Aladino se chamava o nosso herói...

Não conseguiu prosseguir, porque o público lhe abafou a voz

numa cacafonia de berros, silvos e assobios.

– Mostrem-nos as ligas da rapariga! – gritou um homem de um camarote próximo do de Sandman. – Mostrem-nos as gâmbias da gaja!

– Penso que há por aqui apoiantes da Vestris – berrou Lord Alexander ao ouvido de Sandman.

Mr. Spofforth tinha um ar ainda mais preocupado. Agora que a assistência se encontrava em tremendo alarido, os jornalistas começavam a prestar alguma atenção aos acontecimentos, e entretanto os músicos, para quem nada daquilo era novidade, romperam a tocar, o que acalmou ligeiramente os ânimos. Ouviram-se aplausos quando, desistindo-se do prólogo, as pesadas cortinas escarlates se afastaram, revelando uma clareira no mato africano. Carvalhos e rosas amarelas rodeavam um ídolo que guardava a entrada de uma gruta onde dormia uma dúzia de indígenas de pele branca. Sally era uma das indígenas, inexplicavelmente vestidas com meias brancas, coletes de veludo preto e saias de xadrez muito curtas. Lord Alexander urrou vivas quando as doze raparigas se puseram em pé e começaram a dançar.

Os clientes do Wheatsheaf alojados no fosso da orquestra também aplaudiam ruidosamente, e os partidários da Vestris, pressupondo que os aplausos provinham da claque comprada por Spofforth, desataram a escarnecer.

– Tragam a rapariga! – exigia o homem do camarote contíguo. Uma ameixa voou para o palco e esmagou-se contra o ídolo, que se assemelhava curiosamente a um poste totémico dos peles-vermelhas. Mr. Spofforth tentava em vão acalmar por gestos um público decidido a causar sarilhos; pelo menos a metade paga para apoiar a Vestris estava nessa disposição, enquanto que a outra metade, comprada por Mr. Spoffolk, se encontrava demasiado intimidada para retaliar. Alguns elementos da assistência estavam armados de matracas que faziam ecoar entre as altas paredes douradas com um fragor de estalidos.

– Isto vai descambar numa grande barafunda! – comentou Lord Alexander, deliciado. – Oh, que maravilha!

A gerência do teatro deve ter calculado que a aparição de Miss Sacharissa Lasorda acalmaria o tumulto, porque a rapariga foi prematuramente empurrada para o palco. Mr. Spofforth levantou-se e desatou a bater palmas quando ela saiu aos ziguezagues dos bastidores, e a sua claque, seguindo-lhe o exemplo, rompeu em aplausos tão entusiásticos que, por momentos, conseguiram realmente abafar as vaias. Miss Lasorda, que fazia o papel de filha do sultão africano, tinha o cabelo negro e era certamente bela, mas, se as pernas dela mereciam ou não tornar-se tão famosas como as da Vestris, permanecia um mistério, porque trazia uma saia comprida bordada com crescentes, camelos e cimitarras. Pareceu por momentos atordoada por dar consigo mesma em palco, mas logo fez uma vénia aos seus acólitos e iniciou a dança.

– Mostra-nos as gâmbias! – voltou a berrar o homem do camarote vizinho.

– Tira a saia! Tira a saia! Tira a saia! – desatou a entoar o público da geral, ao mesmo tempo que choviam ameixas e maçãs sobre o palco.

Mr. Spoforth continuava a tentar acalmar a turba com gestos apaziguadores, mas isso só serviu para torná-lo num alvo e teve de abaixar-se quando uma torrente de fruta arremessada com excelente pontaria se esborrachou contra o seu camarote.

Lágrimas de divertimento escorriam pelas faces de Lord Alexander.

– Gosto tanto do teatro – disse –, meu doce bom Deus, gosto mesmo tanto. Isto deve ter custado àquele jovem palerma no mínimo duas mil libras!

Sandman não conseguiu ouvir o que o amigo dissera e, portanto, inclinou-se para ele.

– O quê? –perguntou.

Ouviu então algo a embater contra a parede traseira do camarote e viu, na obscuridade que ali reinava, uma nuvem de pó. Só então se apercebeu de que um tiro havia sido disparado no teatro e, atónito, olhou para cima e pasmou ao avistar um rolo de fumo nas sombrias alturas de um camarote acima do seu. Uma

espingarda, pensou. Soava de uma forma diferente de um mosquete. Vieram-lhe à memória os uniformes verdes em Waterloo, recordou-se dos distintos sons dos disparos das diversas armas, e, compreendendo que alguém tinha disparado contra ele, experimentou tamanho choque que ficou paralisado por segundos. Em vez de se mover, contemplou o fumo que alastrava e deu-se conta de que os espectadores haviam mergulhado no silêncio. Alguns tinham ouvido o tiro sobre o tremendo fragor dos estalidos das matracas, dos assobios e dos berros, outros haviam notado o intenso odor a pólvora, e depois alguém gritou no balcão superior. Miss Lasorda olhou para cima, de boca aberta. Sandman abriu de rompante a porta do camarote e viu dois homens a subir as escadas, de pistolas em punho. Bateu com a porta.

– Vem ter comigo ao Wheatsheaf – disse a Lord Alexander e, passando as pernas sobre a balaustrada, tomou balanço e saltou. Aterrou desastradamente, torcendo o tornozelo esquerdo e quase tombando. O público aplaudiu, convencido de que o salto de Sandman fazia parte do espectáculo, mas logo de seguida algumas pessoas da geral começaram a gritar, porque distinguiram no camarote de Lord Alexander dois homens, que, conforme podiam ver, se encontravam armados de pistolas.

– Capitão! – bradou Sally, apontando para as alas laterais. Sandman tropeçou. Sentia uma dor no tornozelo, uma dor terrível que o fez cambalear em direcção ao ídolo que guardava a boca da gruta. Voltou-se para relancear os dois homens no camarote, ambos apontando-lhes as suas armas, mas nenhum deles se atreveu a disparar contra o palco atulhado de bailarinas. Então um dos homens passou uma perna sobre a borda doirada do camarote e Sandman arrastou-se a coxear até um dos bastidores laterais, onde um homem vestido de arlequim, e outro com o rosto enegrecido, uma pomposa coroa e uma lâmpada mágica aguardavam a sua vez de entrar em cena. Sandman empurrou-os para abrir caminho, tropeçou num montão de cordas, desceu uns degraus e, ao fundo, meteu-se por um corredor. Não lhe parecia que tivesse partido o tornozelo, mas deveria tê-lo torcido e cada passo era uma agonia.

Parou no corredor, com o coração a bater, e espalmou-se

contra a parede. Chegaram-lhe aos ouvidos os gritos das bailarinas no palco, e, em seguida, os passos pesados de um homem descendo as escadas. Um segundo depois, contornou a esquina e Sandman passou-lhe uma rasteira, aplicando-lhe em seguida com toda a força um golpe na nuca. O homem emitiu um grunhido e Sandman retirou-lhe a pistola da mão débil. Virou-o para si.

– Quem és tu? – perguntou-lhe, mas o sujeito limitou-se a cuspir na cara de Sandman, que lhe bateu com o cano da pistola, vasculhando-lhe em seguida as algibeiras, onde encontrou uma mão-cheia de munições. Sandman ficou ali por momentos, estremecendo por causa da dor na perna esquerda, e depois lá foi coxeando corredor fora até à porta dos bastidores. Mais passos soaram atrás dele e voltou-se, de pistola apontada, mas era Sally quem corria para ele com as suas roupas normais embrulhadas numa capa.

– Está bem? – perguntou-lhe.

– Torci um tornozelo.

– Vai para ali uma confusão dos diabos – informou Sally –, há mais fruta no maldito convés do que no mercado.

– Convés?

– Palco – explicou ela sucintamente, abrindo em seguida a porta.

– Devias voltar para lá.

– Pois devia fazer uma data de um raio de coisas, mas não faço retrucou Sally –, portanto, venha daí.

– Arrastou-o para a rua. Um homem assobiou perante o espectáculo das suas longas pernas enfiadas em meias brancas, e ela rosnou-lhe que fosse dar uma curva, lançando em seguida a capa sobre os ombros. – Apoie-se em mim – sugeriu a Sandman, que coxeava e gemia de dor. – Está num raio de um estado lastimoso, não está?

– Tornozelo deslocado. Não creio que esteja partido.

– Como é que sabe?

– Porque não o sinto esfolar-me a perna a cada passo.

– Diabo de coisa. O que sucedeu?

– Alguém disparou contra mim. Com uma espingarda.

– Quem?

– Não sei – disse Sandman. O Clube dos Serafins? Parecia bastante provável, sobretudo depois de Sandman ter recusado o seu grandioso suborno, mas isso não condizia com o aviso de Jack Hood de que a sua cabeça se encontrava a prémio. Por que pagaria o Clube dos Serafins a criminosos para desempenharem a tarefa que eles próprios, ou os seus empregados, poderiam levar a cabo mais eficazmente? – Realmente não sei – repetiu, perplexo e assustado.

Tinham vindo das traseiras do teatro e caminhavam agora, ou pelo menos Sally caminhava enquanto Sandman coxeava, sob as arcadas do mercado de Covent Garden. O entardecer de Verão proporcionava ainda alguma luz, que já projectava porém sombras sobre as pedras da calçada, sujas com restos de legumes e fruta esborrachada. Ele não cessava de virar-se para trás, mas não havia inimigos notórios à vista. Nenhum sinal do sargento Berrigan, ou de qualquer libré amarela e preta; nenhum sinal de Lord Robin Halloway ou do marquês de Skavadale.

– Estão com certeza a calcular que eu regresse ao Wheatsheaf – disse a Sally.

– Mas não podem adivinhar por que raio de porta vai entrar, pois não? – redarguiu Sally –, e, uma vez lá dentro, ficará a salvo como o raio, capitão, porque não há ali um único homem que não esteja disposto a protegê-lo. – Voltou-se de súbito em pânico ao ouvir passos apressados atrás deles, mas era apenas uma criança a fugir de um homem encolerizado, que a acusava de ser carteirista. As vendedoras de flores estavam ocupadas a arranjar os seus cestos no chão, preparando-se para as multidões que em breve sairiam dos dois teatros ali próximos. Soaram assobios e matracas.

– É o raio dos chuis a caminho da barafunda – explicou Sally, querendo dizer que os polícias de Bow Street se dirigiam para o teatro de Covent Garden. Franziu o nariz à vista da pistola que

Sandman empunhava. - Esconde esse pau. A última coisa que nos faltava era um chui a meter-se contigo.

Sandman enfiou a pistola num bolso.

– Tens a certeza de que não deverias estar ainda no teatro?

– Não vão nunca recomeçar com aquele raio de circo, se é que chegou alguma vez a começar, que é que lhe parece? Morto à nascença. Não, a noitada de glória de Miss Sacharissa lixou-se, não foi?

Atenção, que o nome dela não é Sacharissa Lasorda.

– Nunca pensei que fosse.

– Chama-se Flossie, e costumava ser a parceira de um engolidor de fogo no Astleys. Deve andar pelos trinta anos, nem menos um dia, e da última vez que ouvi falar dela andava a ganhar o pilim numa academia.

– Tornou-se professora? - perguntou Sandman, surpreendido, porque poucas mulheres escolhiam essa profissão, e Miss Lasorda, ou como quer que ela se chamasse, não tinha ar de professora.

Sally desatou a rir com tamanha vontade que, para não cair, teve de ser ela a amparar-se a Sandman.

– Deus do céu, adoro-o, capitão - disse, por entre as gargalhadas. - Uma academia não serve pr'aprender. Pelo menos letras. É um bordel!

– Oh! - exclamou Sandman.

– Já não estamos muito longe - disse Sally quando se acercaram do teatro de Drury Lane, de onde saía o som de um coro de aplausos. - Como vai o seu tornozelo?

– Parece-me que consigo andar - respondeu Sandman.

– Experimente - encorajou-o Sally, e ficou a olhar Sandman dar uns passos cambaleantes. - É melhor não tirar essa bota esta noite - aconselhou. - O seu tornozelo vai inchar terrivelmente se o fizer. - Avançou à frente dele e abriu a porta fronteira do Wheatsheaf. Sandman quase esperava deparar-se com um homem de pistola em punho à sua espera, mas o átrio estava vazio. – Para

não termos de passar o resto da noite a olhar por cima do ombro – observou Sandman –, vou averiguar se a saleta das traseiras está desimpedida. – Conduziu Sally através do bar apinhado de homens, onde o senhorio presidia a uma espécie de conselho numa mesa. – A saleta das traseiras está livre de perigo? – perguntou-lhe. Jenks fez um sinal afirmativo.

– O cavalheiro disse que o senhor voltaria para aqui, capitão, e pediu para reservá-la. E chegou também uma carta para si, trazida por um arrumador.

– Um criado de quarto – traduziu Sally para Sandman – e que cavalheiro foi esse que reservou a espelunca lá de trás?

– Deve ser Lord Alexander – explicou Sandman –, porque queria que nós dois ceássemos com ele. – Pegou na carta que Jenks lhe estendia e sorriu para Sally. – Não a incomoda a companhia de Lord Alexander?

– Incomodar-me com Lord Alexander? Ele vai limitar-se a pasmar para mim de boca aberta como um bacalhau de Billingsgate, não é verdade?

– Que inconstantes são os seus afectos, Miss Hood! – notou Sandman, recebendo em paga uma palmada no ombro.

– Bem, mas é precisamente o que ele faz! – insistiu Sally, procedendo a uma imitação cruelmente exacta da figura de Lord Alexander a esbugalhar os olhos de admiração por ela. – Pobre velhote aleijado – acrescentou gentilmente, olhando em seguida de relance para a sua minúscula saia de xadrez por baixo da capa. – É melhor mudar para qualquer coisa mais decente, se não os olhos ainda acabam por saltar-lhe.

Sandman fingiu-se desolado.

– Agrada-me bastante essa saia escocesa.

– E eu a julgar que o senhor era um cavalheiro, capitão – retorquiu Sally, desatando em seguida a rir e subindo as escadas, enquanto Sandman abria à força de ombro a porta da saleta das traseiras e, com imenso alívio, se afundava numa cadeira. Estava escuro na sala porque as portadas da janela se encontravam fechadas e as velas apagadas, o que o levou a inclinar-se para a

frente a fim de abrir a portada mais próxima, verificando então que não era Lord Alexander quem reservara a saleta, mas sim um cavalheiro completamente diferente - se é que o sargento Berrigan podia considerar-se um cavalheiro.

O sargento estava espreguiçado num banco, mas de imediato ergueu a pistola e apontou-a à testa de Sandman.

– Querem vê-lo morto, capitão - afirmou -, querem mesmo vê-lo morto. Portanto enviaram-me a mim, porque, quando querem que um trabalhinho sujo seja feito como deve ser, escolhem um soldado. Não é verdade? Manda-se um soldado.

Portanto, tinham mandado o sargento Berrigan.

Sandman sabia que tinha de fazer rapidamente qualquer coisa. Atirar-se para frente? Mas o seu tornozelo latejava e sabia também que nunca poderia mover-se mais rapidamente do que o sargento Berrigan, que estava em excelente forma e dispunha de vasta experiência. Pensou em sacar da pistola que arrancara ao seu atacante no teatro, mas quando acabasse de tirá-la do bolso já Berrigan teria disparado, de modo que achou que o melhor seria tentar prolongar a conversa até Sally chegar e dar o sinal de alarme. Ergueu o pé esquerdo e repousou-o sobre uma cadeira.

– Desloquei o tornozelo - explicou a Berrigan - ao saltar para o palco.

– O palco?

– No espectáculo de Miss Hood. Alguém tentou matar-me lá.

– Não fomos nós, capitão - garantiu Berrigan.

– Foi alguém armado de uma espingarda.

– Sobraram muitas das guerras - comentou Berrigan. - Pode arranjar-se uma Baker em segunda mão por sete ou oito xelins. Com que então, mais alguém além do Clube dos Serafins quer vê-lo morto, hem?

Sandman fitou o sargento nos olhos.

– Tem a certeza de que não foi obra do Clube dos Serafins?

– Mandaram-me a mim, capitão, apenas a mim - assegurou

Berrigan e eu não fui ao teatro.

Sandman ficou a olhar para ele, perguntando a si próprio quem, em nome de Deus, teria posto a sua cabeça a prémio.

– Deve ser uma grande sorte ser-se desonesto – observou.
Berrigan arreganhou os dentes.

– Sorte?

– Ninguém anda a tentar matá-lo a si, e não sente escrúpulos por aceitar milhares de libras para fazer o trabalhinho. Eu diria que isso é uma grande sorte. O meu problema, sargento, é que tinha tanto medo de vir a tornar-me igual ao meu pai que passei a comportar-me de forma diametralmente oposta. Resolvi ser obstinadamente virtuoso. Era imensamente maçador para mim, e aborrecia o meu pai até à raiz dos cabelos. Suponho que foi por isso que segui esse caminho.

Se Berrigan ficou surpreendido ou desconcertado por esta estranha confissão, não o demonstrou.

Pareceu sobretudo intrigado.

– O seu pai era desonesto?

Sandman confirmou com um aceno de cabeça.

– Se houvesse justiça neste mundo, sargento, teria sido enforcado em Newgate. Não era um bandido do tipo dos que vivem aqui. Não atacava diligências nem roubava carteiras nem assaltava casas; em vez disso, comprometia o dinheiro alheio em negócios fraudulentos, e continuaria a fazê-lo ainda hoje se não lhe tivesse saído ao caminho um homem mais esperto do que ele, que lhe devolveu a graça. Pela parte que me toca, fazia grande gala de ser um poço de virtudes, mas a verdade é que levei a vida inteira a gastar o dinheiro dele, não é?

O sargento Berrigan baixou o cano da pistola, pousando-a depois sobre a mesa.

– O meu pai era um homem honesto.

– Era? Já não é?

Berrigan usou uma caixa de pederneira para acender duas

velas, e em seguida levantou do chão um jarro de cerveja que mantivera escondido - O meu pai morreu há uns anos. Era um ferreiro de Putney, e queria que eu aprendesse o ofício, mas claro que eu não estava para isso. Julgava-me mais esperto do que ele, claro. - Havia uma nota de amargura na sua voz. Queria arranjar um modo de vida mais fácil do que passar o tempo a ferrar cavalos e a martelar correntes.

- Então alistou-se no exército para fugir à bigorna? Berrigan riu-se.

- Alistei-me no exército para escapar à forca. - Serviu-se da cerveja e empurrou uma caneca na direcção de Sandman. - Era caçador de cargas, sabe o que isso é?

- Eu vivo por estas bandas, não se esqueça - replicou Sandman.

Os caçadores de carga eram homens que se dedicavam a assaltar o compartimento das bagagens da parte traseira dos coches, e, se a tarefa fosse bem executada, nem o cocheiro nem os passageiros se apercebiam de que os seus baús tinham sido retirados da bagageira. Para evitar que tal sucedesse, muitos coches eram providos de correntes de aço com que se atavam as malas, mas um bom caçador de cargas trazia consigo um pé-de-cabra para arrancar os grampos que prendiam as correntes à base dos coches.

- Fui apanhado - prosseguiu Berrigan - e o toga preta deu-me a escolher entre ir a julgamento ou tornar-me tropa. E, nove anos depois, era sargento.

- Boa, hem?

- Sabia manter a ordem - disse o sargento Berrigan friamente.

- Também eu, por estranho que pareça - afirmou Sandman, e o facto não era assim tão estranho como ele apregoava. Muitos oficiais confiavam a manutenção da ordem aos sargentos, mas Sandman possuíra uma autoridade espontânea e natural. Fora um bom oficial e bem o sabia, e, se quisesse ser honesto consigo próprio, tinha saudades desses tempos. Tinha saudades da guerra, das certezas do exército, da excitação das campanhas e da

camaradagem do regimento. - Passámos tempos tão felizes em Espanha Com coisas terríveis à mistura, claro, mas dessas já me esqueci.

Esteve em Espanha?

– De 1812 a 1814.

– Foi a melhor época - disse Sandman -, mas detestei Waterloo.

O sargento assentiu.

– Foi mau.

– Nunca tive um maldito susto como aquele em toda a minha vida prosseguiu Sandman. Tremera dos pés à cabeça quando a guarda imperial subira a colina. Lembrava-se de o seu braço direito sacudido por estremeções, e tivera vergonha de exibir tamanho medo; só muito mais tarde lhe ocorrera que a maioria dos homens que defendiam o topo da colina, bem como a maioria dos que vinham atacá-los, deviam estar tão amedrontados como ele, e igualmente envergonhados do seu medo. - O ar estava quente - evocou -, como se tivessem aberto a porta de um forno. Lembra-se?

– Quente - concordou Berrigan, para logo assumir uma expressão grave. - Há muita gente que o quer ver morto, capitão.

– Estou completamente baralhado - admitiu Sandman. - Quando Skavadale me ofereceu todo aquele dinheiro, julguei que ou ele ou Lord Robin tinham assassinado a condessa, mas, e agora? Agora andam por aí outras pessoas atrás de mim. Talvez se trate dos verdadeiros assassinos, mas o mais estranho é que não tenho a menor pista sobre quem poderão ser. A menos que a resposta esteja aqui? - pegou na carta que o proprietário lhe tinha entregue. - Importa-se de chegar-me uma vela?

A carta estava escrita em papel verde pálido, e numa caligrafia dolorosamente familiar. Era a de Eleanor, e ele recordou-se de como o seu coração desatava aos pulos quando recebia as cartas dela em França ou em Espanha. Tratou de romper o lacre verde com o sinete dela, e desdobrou a fina folha de papel. Tivera a esperança de que a carta lhe revelasse o paradeiro de Meg, mas,

em vez disso, Eleanor pedia a Sandman que se encontrasse com ela na manhã seguinte na confeitaria Gunter, em Berkeley Square. Havia um post scriptum: Penso que talvez tenha novidades, escrevera ela. Mas nada mais.

– Não – disse ele – ainda não cheguei à verdade, mas julgo que não tardarei a alcançá-la. – Pousou a carta sobre a mesa. – Não lhe compete dar-me um tiro?

– Numa hospedaria? – Berrigan abanou a cabeça. – Seria mais provável que lhe cortasse a garganta.

Mas estou a tentar decidir se Miss Hood voltará alguma vez a falar-me caso eu pratique tal acto.

– Duvido que o faça – retorquiu Sandman com um sorriso.

– E da última vez eu estava do seu lado – lembrou Berrigan –, as coisas estavam feias, mas levámos a melhor.

– Tal como contra a guarda do Imperador – concordou Sandman.

– De forma que me parece que estou outra vez do seu lado, capitão concluiu o sargento.

Sandman sorriu e ergueu a sua caneca num brinde trocista.

– Mas, se não me matar, sargento, poderá voltar ao Clube dos Serafins? Ou não será que eles vão encarar a sua desobediência como justa causa de despedimento?

– Não posso voltar – disse Berrigan, apontando para um pesado baú, um saco de viagem e a sua velha mochila de soldado, colocados lado a lado no chão.

– Dividiremos a recompensa, capitão.

– Há uma recompensa?

– Quarenta libras – elucidou Berrigan – é o que os magistrados pagam a quem quer que lhes entregue um bandido procurado pela lei. Quarenta.

– Apercebeu-se de que tal recompensa era uma novidade para Sandman, e abanou a cabeça, incrédulo. – Como é que pensa que os guardas ganham a vida?

Sandman sentiu-se muito tolo.

– Não sabia. Berrigan tornou a encher ambas as canecas.

– Vinte para si, capitão, e vinte para mim. – Esboçou um sorriso malicioso. – Então o que vamos fazer amanhã, capitão?

– Amanhã – retrucou Sandman – começaremos por ir a Newgate. A seguir irei encontrar-me com a tal senhora, e você... enfim, não sei o que fará, mas logo veremos, não acha? – Girou na cadeira ao ouvir a porta abrir-se nas suas costas.

– Com seiscentos raios – exclamou Sally, chocada por ver a pistola em cima da mesa. Depois fitou Berrigan. – Que diabo está a fazer aqui?

– Vim cear consigo, claro – respondeu Berrigan.

Sally corou, e Sandman pôs-se a olhar pela janela para evitar embaraçá-la, reflectindo que o seu actual leque de aliados consistia num aristocrático reverendo, de pé boto e opiniões radicais, uma actriz de língua afiada, um sargento com um passado criminoso – e, segundo esperava, Eleanor E, todos juntos, dispunham apenas de três dias para caçar um assassino.

Chovia na manhã seguinte quando Sandman e Berrigan se encaminharam para a prisão de Newgate.

Sandman continnuava a coxear bastante, e fazia uma careta de dor cada vez que o peso do seu corpo recaía sobre o pé esquerdo. Tinha enrolado uma ligadura muito apertada em torno da bota esquerda, mas o tornozelo ainda lhe parecia feito de fogo gelatinoso.

– Nem devia andar – disse-lhe Berrigan.

– Pois também não devia andar quando torci o outro tornozelo em Burgos – ripostou Sandman – mas era isso ou ser apanhado pelos franciús. Portanto, pus-me a caminho de volta para Portugal.

– O senhor, um oficial? Não tinha quatro patas que o levassem?

– Tinha, mas emprestei-as a uma pessoa que estava realmente ferida. Berrigan deu alguns passos em silêncio.

– Na verdade, tínhamos uma boa quantidade de bons oficiais –

disse, após essa pausa.

– Ora – atalhou Sandman –, e eu que estava convencido que era caso único.

– Porque os maus oficiais não duravam muito tempo – prosseguiu Sandman –, sobretudo quando havia combates. Fantástico o que uma bala nas costas consegue fazer.

O sargento havia dormido na saleta das traseiras do Wheatsheaf depois de se ter tornado óbvio que não seria convidado para o leito de Sally, embora Sandman, que os observara de perto ao longo do serão, estivesse convencido de que fora por uma unha negra. Lord Alexander, completamente alheio ao facto de estar a perder Sally a favor de um rival de baixo nascimento, pasmara diante dela em muda admiração até ganhar coragem para lhe contar uma anedota, mas, como a piada só fazia sentido para quem conhecesse o gerúndio latino, falhara miseravelmente nesse esforço. Quando Lord Alexander finalmente adormecera, o sargento Berrigan carregara com ele para a sua carruagem, que o levara a penates.

– Sabe beber, este fulano – dissera o sargento em tom de admiração.

– Não sabe beber – contrariara Sandman – e é esse o problema dele.

Na sua opinião, Lord Alexander aborrecia-se de morte, e o tédio levava-o a beber, ao passo que a vida de Sandman era tudo menos aborrecida. Ficara acordado metade da noite a tentar descobrir quem, para lá do Clube dos Serafins, poderia querer a sua morte, e fora só quando o sino de St. Paul batera as duas da madrugada que a resposta lhe surgira, com tamanha clareza e evidência que se sentiu envergonhado de não lhe ter ocorrido antes uma solução tão óbvia. Contou-a a Berrigan enquanto desciam Holborn debaixo de nuvens tão baixas que davam a impressão de tocarem as chaminés fumegantes.

– Já sei quem está disposto a pagar bom dinheiro para me ver morto.

– Não é o Clube dos Serafins – reafirmou Berrigan. – Nesse

caso, ter-me-iam dito para não interferir com o trabalho de outro sujeito qualquer.

– Não é o clube – concordou Sandman –, porque, embora tenham decidido comprar-me, o único membro com fundos suficientes e imediatamente disponíveis era Lord Robin Holloway, que me detesta.

– Lá isso é verdade – admitiu Berrigan –, mas todos contribuíram.

– Não, não contribuíram – afirmou Sandman. – A maioria dos membros encontra-se nas suas residências do campo e não houve tempo para solicitar-lhes o dinheiro. Quanto a Skavadale, está sem um tostão. É possível que um ou outro membro que esteja em Londres tenha feito um donativo, mas o grosso dos vinte mil guinéus veio do bolso de Lord Robin Holloway, e apenas porque Skavadale lho pediu, ou ordenou, ou o persuadiu, e estou convencido de que provavelmente, ao mesmo tempo que aceitava pagar-me, tratou, por vias próprias, de mandar matar-me antes de eu poder aceitar o dinheiro, ou de, Deus me livre, levantar o seu cheque.

Berrigan ponderou a ideia, e acabou por assentir relutantemente.

– Lá capaz disso é ele. É um autêntico bandalho.

– Mas talvez mande recolher os seus cães – indagou Sandman –, agora que sabe que não vou ficar com o dinheiro dele?

– Salvo se matou a condessa – sugeriu Berrigan –, porque, nesse caso, continuará a querer arrumá-lo.

Que diabo se passa aqui? – O motivo da pergunta era o facto de nada se mover em Newgate Hill, excepto um regato de água suja que escorria pelo esgoto. As carroças e as carruagens estavam paradas na rua, impedidas de avançar por uma carreta que entornara a sua carga de rebentos de pereira na esquina entre Old Bailey e Newgate Street. Homens gritavam, chicotes estalavam, os cavalos enfiavam os focinhos nos embornais, mas ninguém avançava. Berrigan abanou a cabeça.

– Quem é que poderá querer meia tonelada de pés de pereira?

– Talvez alguém que goste muito de pêras?

– É mas é alguém que precisa que lhe tratem dos miolos – resmungou o sargento, detendo-se em seguida para examinar a fachada da prisão de Newgate. Era achatada, sombria e nua, apenas rasgada por escassas janelas, sólidas e de aspecto proibitivo. A chuva caía agora com mais força, mas o sargento não despegava os olhos do edifício, aparentemente fascinado. – É aqui que os enforcam?

– Mesmo diante da Porta dos Devedores, seja lá isso o que for.

– Nunca assisti a um enforcamento neste lugar – admitiu Berrigan.

– Nem eu.

– Tentei assistir a um na prisão de Horsemonger Lane, mas ali enforcam-nos no telhado do arco da entrada, e da rua não se consegue ver grande coisa. Umas sacudidelas, é tudo. A minha mãe gostava de ir a Tyburn.

– A sua mãe gostava?

– Para ela era um dia de passeio – Berrigan, apercebendo-se do espanto de Sandman, assumiu um tom defensivo. – Gosta de dar um passeio de vez em quando, lá disso a minha mãe gosta, mas diz que o Old Bailey fica demasiado longe de casa – ainda um dia hei-de alugar um coche e trazê-la aqui. – Sorriu ao subir os degraus da prisão. – Sempre pensei que havia de acabar neste lugar.

Um guarda acompanhou-os ao longo do túnel que conduzia ao Press Yard, e apontou para a grande cela onde os condenados à forca passavam a sua última noite.

– Se quiser assistir a um enforcamento – confidenciou a Sandman venha cá na segunda-feira, porque a Inglaterra vai ver-se livre de dois sacanas, mas não haverá aqui multidão. Pelo menos, uma grande multidão, porque nenhum dos dois é o que se poderá chamar famoso. Quer uma grande assistência?

Enforque uma pessoa famosa, senhor, alguém realmente famoso, ou então passe a corda ao pescoço de uma mulher. O Maggie and Strump despachou na passada segunda-feira cerveja

que chegava para uma quinzena, e tudo porque esganaram uma rapariga. As pessoas apreciam muito ver uma mulher ser estrangulada. Soube o fim que essa levou?

– O fim?

– Morreu e foi levada pelos anatomistas, senhor, nem imagina como gostam de um pedaço de carninha fresca para retalhar, mas ela foi enforcada pelo roubo de um colar de pérolas e ouvi dizer que a dona o encontrou na semana passada. – O homem soltou uma risada. – Caído nas costas de um sofá! Pode não passar de um boato, claro, pode não passar de um boato. – Abanou a cabeça em sinal de perplexidade pelas arbitrariedades do destino. – Mas é um negócio esquisito, a vida, não é?

– A morte é de certeza.

O guarda atrapalhou-se com os pesados ferrolhos do portão do Press Yard, sem suspeitar que a sua insensibilidade havia desencadeado a cólera de Sandman. Berrigan apercebeu-se do facto e tentou distrair o capitão.

– Então porque é que vamos ter com esse tal Corday? Sandman hesitou. Ainda não falara ao sargento acerca de Meg, a criada desaparecida, e passou-lhe pela cabeça a ideia de que Berrigan poderia, afinal de contas, não ter mudado de campo. O Clube dos Serafins tê-lo-ia enviado como espião? No entanto, essa hipótese afigurava-se improvável, e a transformação de sentimentos do sargento parecia sincera, mesmo que se devesse mais à sua atracção por Sally do que a um genuíno arrependimento.

– Havia uma testemunha – acabou por confidenciar a Berrigan – e preciso de saber mais acerca dela.

E, se a encontrar... – Não concluiu o curso dos seus pensamentos.

– E se a encontrar?

– Então alguém há-de ser enforcado – disse Sandman –, mas não o Corday. – Após um breve sinal de agradecimento ao guarda que desaferrolhara o portão, conduziu Berrigan através do fedorento pátio até à sala de reuniões. Estava à cunha, porque a chuva havia levado os prisioneiros e os seus visitantes a refugiar-

se debaixo de tecto, e todos olharam com ressentimento para Sandman e para o seu companheiro ao vê-los abrir caminho entre as mesas até ao sombrio recanto da sala onde Sandman esperava encontrar Corday. O artista era obviamente um novo homem, porque, em vez de acobardar-se ante os seus perseguidores, reinava agora numa das mesas mais próximas da lareira, onde, armado de uma grande pilha de folhas de papel e um lápis de carvão, se ocupava a desenhar o retrato da mulher de um dos presos. Uma pequena multidão rodeava-o, admirando o seu talento, e afastaram-se relutantemente para dar passagem a Sandman. Corday fez um breve sinal de reconhecimento ao avistar os seus visitantes, e logo desviou o olhar.

– Preciso de falar consigo – disse-lhe Sandman. – Ele fala consigo quando tiver acabado – grunhiu um homenzarrão de cabelo preto, longa barba e peito musculoso, sentado no banco ao lado de Corday –, e tão depressa não vai acabar, portanto tratem de esperar, seus trouxas.

– E quem é você? – perguntou Berrigan.

– Sou o indivíduo que está a dizer-vos para esperarem – respondeu o homem. Tinha pronúncia do oeste, roupas engorduradas e uma barba espessa e emaranhada. Enfiou um dedo numa das suas vastas narinas enquanto encarava Berrigan com um ar beligerante, depois retirou-o e inspeccionou atentamente a colheita. Limpou a unha raspando-a na barba, e, em seguida, defrontou Sandman com um ar de desafio. – O tempo do Charlie é valioso – explicou – e já não lhe resta muito.

– É a sua vida que está em jogo, Corday – observou Sandman.

– Não lhe dês ouvidos, Charlie! – disse o grandalhão. – Não tens nenhum amigo neste mundo cão, excepto eu, e bem sei o que... – Deteve-se abruptamente e emitiu um guincho ofegante, ao mesmo tempo que os olhos se lhe esbugalhavam com o choque. O sargento Berrigan tinha-se postado atrás dele e desferiu-lhe com a mão direita nova trancada, que fez o homenzarrão renovar o uivo de dor.

– Então, sargento! – repreendeu-o Sandman com falsa preocupação.

– Estava só a ensinar o trouxa a ter boas maneiras – explicou Berrigan, enquanto amolgava os rins do homem pela segunda vez. – Quando o capitão quer conversar, ó seu esburacador de esterco da penca, pões-te imediatamente em sentido, olhar para a frente, boca fechada, calcanhares unidos e costas direitas! Não lhe dizes para esperar, que isso é má educação.

Corday olhava aflito para o homem barbudo.

– Estás bem?

– Não há-de ser nada – respondeu Berrigan no lugar da sua vítima. Trata mas é de conversar aqui com o capitão, garoto, porque ele está a tentar salvar o raio da tua miserável vida. Queres brincadeira, trouxa? – O homem da barba tinha-se levantado e esforçava-se por espetar o cotovelo na barriga de Berrigan, mas desta feita o sargento desferiu-lhe um golpe no ouvido, pregou-lhe uma rasteira e, antes de ele conseguir recuperar o equilíbrio, desancou-o expeditamente até a criatura se estatelar sobre uma mesa, de cabeça para baixo. – Vais ficar aí quietinho como o raio, trouxa, até resolvermos o nosso assunto. – Bateu na nuca do homem à laia de encorajamento, depois marchou até à mesa de Corday. – Parada a postos, capitão – relatou –, pronta e de boa vontade.

Sandman afastou para o lado uma mulher a fim de sentar-se diante de Corday.

– Preciso de falar contigo acerca da criada – disse-lhe em tom suave –, acerca da tal Meg. Calculo que não saibas o apelido dela? Não? Então, diz-me como era a Meg?

– O seu amigo não devia ter-lhe batido! – queixou-se Corday, ainda concentrado na dor do companheiro.

– Qual era o raio do aspecto dela, filho? – berrou Berrigan no seu melhor estilo de sargento, e Corday retorceu-se com súbito terror, pôs de parte o retrato inacabado e, sem proferir palavra, começou a desenhar um esboço numa folha em branco. Trabalhava depressa, com o bocado de carvão a fazer um ligeiro rangido na grande sala agora silenciosa.

– É ainda nova – informou Corday, uns vinte e quatro ou vinte

e cinco anos, talvez. Tem a pele marcada por bexigas e cabelo cor de rato. Os olhos são esverdeados e tem uma verruga aqui - acrescentou, marcando um sinal na testa da rapariga. - Maus dentes. Só lhe desenhei a cara, mas fiquem a saber que tinha ancas largas e peito estreito.

– Mamas pequenas, é o que queres dizer? - rosnou Sandman. Corday corou. – Era pequena da cintura para cima - explicou - mas grande daí para baixo. - Concluiu o desenho, mirou-o atentamente por momentos, depois fez um sinal de satisfação e entregou o papel a Sandman.

Sandman observou o retrato. A rapariga era feia, pensou, e depois pareceu-lhe que era até mais do que feia. Não se tratava apenas da pele bexigosa, do queixo afunilado, do cabelo em farripas e dos olhos pequenos, mas também de uma expressão de dureza astuta que assentava mal num rosto tão jovem. Se o retrato correspondesse à realidade, Meg não era apenas repelente, mas também maldosa.

– Porque é que a condessa tinha ao seu serviço semelhante criatura?

– Trabalharam juntas no teatro - explicou Corday.

– Trabalharam juntas? Meg foi actriz? - Sandman estava espantado.

– Não, era assistente de guarda-roupa. - Corday olhou para o retrato com um ar embaraçado. - Segundo creio, era mais do que assistente de guarda-roupa.

– Mais como?

– Proxeneta - respondeu Corday, erguendo o olhar para Sandman.

– Como é que sabe?

O pintor encolheu os ombros.

– É estranho o à-vontade com que as pessoas falam quando lhes estão a pintar o retrato. Esquecemse de que está ali mais alguém. É como se fizéssemos parte da mobília. Portanto, a condessa e Meg conversavam, e eu escutava-as.

– Sabia que não foi o conde quem encomendou o retrato? – perguntou Sandman.

– Não foi ele? – Tratava-se, obviamente, de uma novidade para Corday. – Sir George disse-me que foi ele.

Sandman abanou a cabeça.

– O retrato foi encomendado pelo Clube dos Serafins. Alguma vez ouviu falar dele?

– Ouvi falar dele – admitiu Corday –, mas nunca lá fui.

– Então não tem nenhuma ideia do motivo que os terá levado a encomendar o retrato?

– Como é que haveria de saber? – estranhou Corday.

Berrigan viera postar-se atrás do ombro de Sandman. Fez uma careta perante o retrato de Meg, e Sandman virou o desenho por forma a que Berrigan pudesse observá-lo melhor.

– Alguma vez a viste? – perguntou, porque havia a possibilidade de a rapariga ter sido levada ao Clube dos Serafins, mas Berrigan abanou a cabeça.

Sandman voltou a encarar Corday.

– Há uma hipótese – afirmou – de virmos a encontrá-la.

– Grande ou pequena? – Os olhos de Corday cintilavam.

– Não sei – retorquiu Sandman, e viu a esperança desvanecer-se dos olhos de Corday. – Tem aqui tinta? – perguntou. – E uma pena?

Corday possuía ambos os artigos, e Sandman rasgou uma das grandes folhas de desenho ao meio, mergulhou o aparo de metal no tinteiro, escorreu-o e começou a escrever.

– Caro Witherspoon – começou –, o portador desta carta, o sargento Samuel Berrigan, é meu colaborador. Serviu no 1º batalhão da Guarda e confio nele absolutamente. (Sandman não tinha a certeza de que as três últimas palavras correspondessem exactamente à verdade, mas, naquele ponto dos acontecimentos, não tinha outro remédio se não acreditar que Berrigan era inteiramente digno de confiança.) Voltou a molhar o aparo na tinta,

ciente de que Corday, no lado oposto da mesa, estava a ler o que ele escrevia. - Lamentavelmente, ocorre a possibilidade de me ver forçado a comunicar com sua senhoria no próximo domingo, e, assumindo que sua senhoria não se encontrará no ministério nesse dia, venho solicitar-lhe que me informe onde poderei encontrá-lo. Peço encarecidas desculpas por abusar do seu precioso tempo, e asseguro-lhe que apenas o faço por existir a possibilidade de ter um relatório referente a assuntos da máxima urgência a apresentar. - Sandman releu a carta, assinou-a, e soprou na tinta para secá-la. - Ele não vai gostar disto - afirmou, sem se dirigir a ninguém em particular, e, em seguida, dobrou o papel e levantou-se.

- Capitão! - Corday, com os olhos cheios de lágrimas, apelava para Sandman.

Sandman sabia o que o rapaz desejava ouvir, mas não podia oferecer-lhe quaisquer garantias.

- Estou a fazer o melhor que posso - disse-lhe em tom enfiado - mas nada posso prometer.

- Tudo vai correr bem, Charlie - consolou-o o barbudo do oeste, e Sandman, que nada podia acrescentar de mais esperançoso, guardou o retrato dentro do casaco e conduziu Berrigan de volta até à entrada da prisão.

O sargento abanou a cabeça com manifesta estupefacção quando chegaram à antecâmara.

- Não me tinha dito que ele era um raio de um maricas!

- E isso importa?

- Seria mais reconfortante saber que estávamos a esforçar-nos por salvar um homem como deve ser.

- É um excelente pintor.

- O meu irmão também.

- Deveras?

- É um pintor de casas, capitão. Goteiras, portas e janelas. E né um raio de um maricas, como aquele verme.

Sandman abriu a porta exterior da prisão e estremeceu à vista

da chuva que caía a potes.

– Também não gosto lá muito do Corday – confessou –, mas, se estiver inocente, sargento, não merece a corda.

– Muitos dos que são enforcados não a mereciam.

– Talvez. Mas o Corday, maricas ou não, é assunto nosso. – Entregou a Berrigan a carta dobrada. – Ministério do Interior. Peça para ser recebido por um tipo chamado Sebastian Witherspoon, entregue-lhe isto, e depois venha ter comigo à confeitaria Gunter, em Berkeley Square.

– E todo este trabalho por um maldito maricas, hem? – insistiu Berrigan, mas lá enfiou a carta no bolso e, fazendo uma careta à chuva, arremeteu para o meio do trânsito. Sandman, coxeando penosamente, seguia mais devagar.

Receava que a chuva tivesse levado Eleanor e a mãe a renunciar à sua planeada excursão, mas nem por isso desistiu de dirigir-se a Berkeley Square, e estava completamente ensopado quando finalmente chegou à porta do Gunter's. Um lacaio abrigado sob o toldo do estabelecimento lançou uma olhadela desconfiada ao surrado casaco de Sandman, mas lá acabou por abrir-lhe a porta de má vontade, como que para dar a Sandman tempo para reflectir sobre se realmente queria ou não entrar ali.

A fachada do estabelecimento consistia em duas amplas montras, através das quais se avistavam balcões dourados, cadeiras requintadas e candelabros de muitos braços, que haviam sido acesos por o dia estar tão sombrio. Cerca de uma dúzia de mulheres atarefavam-se a comprar as famosas gulodices de Gunter: chocolates, merengues esculpidos e deliciosos bolinhos de açúcar, maçapão e fruta cristalizada. As conversas pararam no momento em que Sandman entrou, e as mulheres voltaram-se para vê-lo, escorrendo água para o chão de azulejos, mas depois retomaram a tagarelice quando Sandman se encaminhou para a vasta sala das traseiras, onde um conjunto de mesas se distribuía sob a vasta clarabóia de vitrais. Eleanor não se encontrava sentada a nenhuma das poucas mesas ocupadas, de modo que Sandman pendurou o casaco e o chapéu num bengaleiro e instalou-se numa cadeira ao fundo da sala, num lugar onde ficava quase oculto por

uma coluna. Mandou vir café e um exemplar do Morning Chronichle.

Sandman pôs-se a ler o jornal para matar o tempo. Tinham ardido mais medas de feno no Sussex, dera-se um motim por causa da falta de pão em Newcastle, e três moinhos haviam sido incendiados e os seus engenhos destruídos em Berbyshire. A milícia havia sido chamada para evitar desacatos em Manchester, onde a farinha atingira o preço de quatro xelins e nove pence por arrátel. As autoridades de Lancashire solicitavam ao ministro do Interior a suspensão do habeas corpus, como meio de restabelecer a ordem.

Sandman consultou o seu relógio e verificou que Eleanor estava já dez minutos atrasada.

Beberricou o café, com uma sensação de desconforto, porque tanto a cadeira como a mesa eram demasiado pequenas, dando-lhe a impressão de ter voltado aos bancos de escola. Um rio transbordara na Prússia e receava-se que pelo menos cem pessoas tivessem morrido afogadas. A baleeira Lydia, de Whitehaven, era dada como desaparecida, bem como toda a sua tripulação, ao largo dos Great Banks. Calliope, um navio da Companhia das índias Orientais, aportara a Londres com um carregamento de porcelana, gengibre, índigo e noz-moscada. Um tumulto no teatro do Covent Garden tinha provocado uma razia de cabeças e ossos partidos, mas nenhum ferido grave.

Testemunhos segundo os quais havia sido disparado um tiro no teatro eram negados pelas autoridades. Houve um bater de saltos no pavimento, uma lufada de perfume, e uma sombra que subitamente incidiu sobre o jornal de Sandman.

– Estás com um ar melancólico, Rider – articulou a voz de Eleanor.

– Não tenho boas notícias – retorquiu ele, pondo-se de pé. Olhou para ela e pareceu-lhe que o coração lhe parava de bater, a ponto de mal conseguir falar. – Na verdade – lá conseguiu dizer –, não há boas notícias em parte nenhuma do mundo.

– Então teremos que arranjar algumas – ripostou Eleanor –, tu e eu.

– Entregou o guarda-chuva e o casaco molhado a uma das empregadas, e em seguida aproximou-se de Sandman e pespegou-lhe um beijo na face.

– Parece-me que ainda continuo zangada contigo – disse-lhe suavemente, mantendo-se de pé junto dele.

– Comigo?

– Por teres vindo para Londres e não me dizeres.

– O nosso noivado foi rompido, lembras-te?

– Oh, tinha-me esquecido por completo – respondeu ela acidamente, lançando uma olhadela às outras mesas. – Estou a provocar um escândalo, Rider, ao ser vista a sós com um homem encharcado. – Voltou a beijá-lo e afastou-se um pouco, de modo a que ele pudesse puxar uma cadeira para ela. – Portanto, elas que gozem o escândalo, enquanto eu vou gozar um daqueles gelados de baunilha do Gunter, com chocolate em pó e amêndoas esmagadas. E tu também.

– Eu contento-me com o café.

– Disparate, vais mas é tomar o que puserem à frente. Pareces-me demasiado magro – declarou ela, sentando-se e tirando as luvas. – O seu cabelo vermelho estava penteado ao alto, sob um chapelinho preto decorado com pequenas contas de ónix, e uma pluma discreta. O seu vestido, com um discreto fundo castanho onde mal se destacava um padrão de flores bordadas a preto, e gola muito subida, era pouco vistoso, quase banal, e apenas adornado com um pequeno broche; no entanto, ela parecia-lhe bem mais sedutora do que as bailarinas seminuas que tinham fugido espavoridas quando ele saltara para o palco na noite anterior. – A mãe está a tomar medidas para um novo espartilho – disse Eleanor, fingindo não reparar no exame dele à sua pessoa – de modo que dispomos pelo menos de duas horas. Ela julga que eu estou no Massingberds, a escolher um chapéu. A minha criada Lizzie está a fazer o papel de meu chaperon, mas subornei-a com dois xelins e ela foi visitar aquela mulher de cabeça de mula ao Lyceum.

– Cabeça de mula? Queres dizer, casmurra?

– Não sejas parvo, Rider, calculo que todas as mulheres sejam casmurras. Chamo a esta cabeça de mula por causa da sua fealdade. Segundo me contam, funga a comida da gamela, e tem uns bigodes cor-de-rosa todos espetados. Dá a impressão de ser um animal bem esquisito, mas a Lizzie estava encantada com a possibilidade de encontrar-se com ela, e eu senti-me bastante tentada a acompanhá-la, mas, em vez disso, aqui me tens. Estarei enganada, ou vi-te coxear?

– Torci ontem um tornozelo – explicou ele, e depois teve de contar toda a história, que, evidentemente, deixou Eleanor deliciada.

– Estou cheia de inveja – disse, depois de ele ter acabado. – A minha vida é tão insípida! Não ando por aí a saltar para palcos, perseguida por bandidos! Sinto-me terrivelmente invejosa.

– Mas tens alguma novidade? – perguntou Sandman.

– Penso que sim. Ou melhor, tenho, sem dúvida. – Eleanor voltou-se para a empregada e encomendou-lhe chá, a especialidade de baunilha com chocolate amêndoas e, como que num impulso súbito, bolachinhas com aroma de brandy. – Têm uma casa de gelo nas traseiras – confidenciou a Sandman, depois de a rapariga se ter retirado – e, há umas semanas, pedi que ma mostrassem. É como uma adega, com o tecto em abóbada, e todos os invernos trazem para lá gelo da Escócia embrulhado em serradura, e fica sólido durante o Verão inteiro. Havia uma ratazana congelada presa entre dois dos blocos, o que os deixou deveras embaraçados.

– Calculo. – Sandman teve de repente uma consciência aguda do seu estado enxovalhado, dos punhos da camisa no fio e do remendo mal cosido no alto das suas botas. Por sinal que tinham sido excelentes botas, compradas no Kennets da Silver Street, mas mesmo as melhores botas do mundo precisam de ser cuidadas. Só para ficar mais ou menos decentemente vestido, Sandman necessitava de uma hora por dia, e não dispunha dessa hora.

– Tentei convencer o meu pai a construir uma casa de gelo – prosseguiu Eleanor –, mas ele amuou e começou a lamuriar-se da despesa. Está a atravessar de momento numa daquelas suas fases

de economia, de modo que lhe disse que lhe pouparia a despesa de um casamento de alta sociedade.

Sandman perscrutou os olhos verde-acinzentados dela, esforçando-se por descobrir que mensagem estaria a transmitir-lhe sob a sua tagarelice aparentemente fútil.

– Ele ficou contente?

– Limitou-se a resmungar que a prudência era uma das virtudes primordiais Suponho que ficou atrapalhado com a minha oferta.

I – E como é que tencionas poupar-lhe a despesa? Ficando solteira?

– Fugindo com o meu noivo – respondeu Eleanor, com um olhar determinado.

– Com Lord Eagleton?

A gargalhada de Eleanor preencheu todo o espaço da sala das traseiras da confeitaria, provocando um ligeiro alvoroço nas outras mesas.

– O Eagleton é tão maçador! – afirmou Eleanor, em tom bem mais alto do que o recomendado pelas regras de conveniência. – A mamã tem grande empenho em que eu me case com ele, porque nesse caso, a devido tempo, me tornaria em sua senhoria, e então é que ela ficaria insuportável. Não me digas que julgaste que eu estava noiva dele?

– Ouvi dizer que sim. Informaram-me de que o teu retrato era um presente para ele.

– A mãe achava que deveríamos dar-lho, mas o pai quere-lo para si mesmo. A mãe só quer que eu me case com um título, não importa qual nem de quem, e Lord Eagleton pretende desposar-me, o que é uma maçada, porque eu não consigo suportá-lo. Funga antes de começar a falar. – Deu ela própria uma ligeira fungadela. "Querida Eleanor, fungue, nem imagina como fica encantadora quando funga. Até vejo a Lua reflectida nos seus olhos, fungue mais."

Sandman mantinha-se muito sério.

– Nunca te disse que via a Lua reflectida nos teus olhos. Receio que tenha sido uma lacuna da minha parte.

Olharam um para outro e desataram a rir à gargalhada. Sempre tinham conseguido provocar o riso um do outro desde a primeira vez que se haviam encontrado, pouco depois de Sandman regressar a casa após ter sido ferido em Salamanca, quando Eleanor tinha apenas vinte anos e a firme determinação de não se deixar impressionar pelas fardas; mas aquele soldado tinha-a feito rir e continuava a fazê-lo, da mesma forma que ela o divertia a ele.

– Estou convencida – disse Eleanor – de que o Eagleton gastou uma semana inteira a ensaiar a frase acerca da lua, mas estragou tudo com a fungadela. De facto, Rider, conversar com o Eagleton é o mesmo que conversar com um cãozinho de estimação asmático. Tanto a mãe como ele parecem estar convencidos de que, se insistirem por tempo suficiente, eu acabarei por render-me às suas fungadelas, e dei-me conta de que corriam rumores de que estava noiva dele, de modo que pedi propositadamente ao Alexander que te informasse que não iria desposar aquele nobre fungador. Verifico agora que o Alexander não chegou a contar-te?

– Receio bem que não.

– Mas eu expliquei-lhe tudo tão bem! – indignou-se Eleanor. – Encontrei-o no Egyptian Hall.

– Até aí disse-me ele – disse Sandman –, mas esqueceu-se por completo da qualquer mensagem que me tenhas enviado. Aliás, também se tinha esquecido do motivo por que fora ao Egyptian Hall.

– Para assistir a uma palestra de um tal professor Popkin acerca das mais recentes descobertas a respeito da localização do Jardim do Paraíso Quer convencer-nos de que o paraíso se encontra na confluência dos rios Ohio e Mississipi. Informou-nos de que uma vez comeu ali uma excelente maçã.

– Parece-me uma prova conclusiva – afirmou Sandman gravemente –, mas terá ele alcançado a sabedoria após provar o fruto?

– Tornou-se erudito, culto, sagaz e inteligente – respondeu

Eleanor, e Sandman notou que ela tinha lágrimas nos olhos. - E queria incitar-nos a largar a nossa terra e segui-lo até esse novo mundo de leite, mel e maçãs.

– Gostarias de ir para lá, Rider?

– Contigo?

– Poderíamos viver nus nas margens dos rios - sugeriu Eleanor, com uma lágrima furtiva a escorrerlhe pela face - inocentes como bebés e fugindo das serpentes. - Não conseguiu prosseguir e baixou o rosto a fim de que ele não pudesse ver-lhe as lágrimas. - Tenho tanta pena, Rider.

– De quê?

– Nunca deveria ter-me deixado persuadir pela mamã a romper o noivado. Ela afirmava que a desonra da tua família era intolerável, mas isso não passava de um disparate.

– A desonra é uma coisa medonha.

– Mas foi o teu pai que se cobriu de vergonha. Não tu!

– Por vezes penso que sou muito parecido com o meu pai.

– Nesse caso, ele era melhor homem do que eu julgava! - declarou Eleanor impetuosamente, e em seguida enxugou os olhos com um lenço. A empregada trouxe-lhes os gelados e as bolachinhas de brandy, e, imaginando que Eleanor tinha ficado entristecida por algo que Sandman dissera, lançoulhe um olhar reprovador. Eleanor aguardou que a rapariga se afãstasse. - Detesto chorar - disse.

– É raro chorares.

– Tenho sido uma autêntica fonte de lágrimas nestes últimos seis meses - disse Eleanor, erguendo o olhar para ele. - Ontem à noite disse à mamã que me considero como tua noiva.

– Sinto-me muito honrado.

– Bem, competia-te antes dizeres que o sentimento é recíproco. Sandman esboçou um pálido sorriso.

– Bem gostaria que fosse possível, acredita.

– O meu pai não se importa – disse Eleanor –, pelo menos não julgo que ele vá importar-se.

– Mas a tua mãe sim?

– Ela sim! Ontem à noite, quando lhe falei dos meus sentimentos, teimou em que eu deveria ir consultar o Dr. Harriman. Já ouviste falar dele? Claro que não. Segundo diz a mamã, é tido como um grande especialista em histeria feminina, a ponto de se considerar uma honra ser-se tratada por ele. Mas eu não preciso dele para nada! Não sou nenhuma histérica, estou simplesmente, inconvenientemente, apaixonada por ti, e se o teu maldito pai não se tivesse suicidado a estas horas estaríamos casados. Tenho muita inveja dos homens.

– Porquê?

– Podem dizer palavrões sem que ninguém se escandalize.

– Diz palavrões à vontade, querida – apoiou Sandman. Foi o que Eleanor fez, e depois desatou a rir.

– Sabe maravilhosamente. Oh céus, um dia haveremos de estar casados e eu direi demasiados palavrões e tu vais ficar aborrecido comigo. – Fungou, e em seguida soltou um suspiro ao provar o gelado. – Isto é que é o autêntico paraíso – declarou, esmiuçando o gelado com a longa colher de prata – e juro que não existe nada na confluência dos rios Mississipi e Ohio que se lhe possa comparar. Pobre Rider. Não devias sequer pensar em casar comigo. Farias melhor em dirigir as tuas atenções para a Caroline Standish.

– Caroline Standish? Nunca ouvi falar dela. – Provou o gelado, que era, conforme Eleanor assegurara, puramente paradisíaco.

– Caroline Standish é talvez a mais rica herdeira de Inglaterra, Rider, e além disso bem bonita, mas devo avisar-te que é metodista. Cabelo doirado, raios a partam, um rosto verdadeiramente encantador e um rendimento de provavelmente trinta mil por ano. O inconveniente é que não podes beber qualquer álcool forte na sua presença, nem fumar, nem blasfemar, nem tomar rapé, enfim, não podes divertir-te de forma alguma. O pai dela fez dinheiro na cerâmica, mas agora vivem em Londres e frequentam devotamente aquela capelinha em Spring Gardens.

Tenho a certeza de que conseguirias seduzi-la.

– Também tenho essa certeza – concordou Sandman com um sorriso.

– E estou convencida de que ela aprecia o críquete – prosseguiu Eleanor – desde que não o jogues ao sábado. Ainda te dedicas ao críquete, Rider?

– Não com tanta frequência como Lord Alexander gostaria.

– Ouvi dizer que Lord Frederick Beauclerk ganha seiscentas libras por ano em apostas de críquete.

Poderias fazer o mesmo?

– Sou melhor batedor do que ele – declarou Sandman, com inteira verdade. Lord Frederick, um amigo de Lord Alexander, e, tal como ele, um aristocrata ordenado sacerdote, era o secretário do Clube de Críquete Marylebone, cujo campo era o de Thomas Lord. – Mas sou pior apostador – prosseguiu. – Além disso, Beauclerk arrisca dinheiro que pode dar-se ao luxo de perder, e eu não disponho de semelhantes fundos.

– Então desposa a piedosa Miss Standish – aconselhou Eleanor. Repara que existe o ligeiro senão de ela se encontrar já noiva, mas correm boatos de que não está completamente convencida de que o futuro duque de Ripon seja um homem de perto ou de longe tão devoto como aparenta na sua presença. Ele frequenta a capela de Spring Gardens, mas suspeita-se de que apenas com o propósito de a sugar até ao tutano após o casamento – O futuro duque de Ribon? – indagou Sandman.

– Ele tem o seu próprio título, evidentemente, mas não me lembro dele. A mãe deve saber.

Sandman ficou muito sério.

– Ripon?

– Uma cidade com uma catedral em Yorkshire, Rider.

– O marquês de Skavadale é o título usado pelo herdeiro do ducado de Ribon.

– Esse mesmo! Bom trabalho! – Eleanor franziu o sobrolho. –

Disse algo que não devia?

– Skavadale não é devoto nenhum – garantiu Sandman, lembrando-se do relato do conde de Avebury acerca da chantagem que a sua esposa exercia com os jovens aristocratas que com ela se envolviam.

Teria Skavadale sido alvo de chantagem por parte da condessa? Apesar das notórias dificuldades financeiras, e do facto de as propriedades do seu pai se encontrarem obviamente hipotecadas até às últimas, Skavadale lograra ficar noivo da mais rica herdeira de Inglaterra. E, se entretanto andara a explorar os encantos da condessa de Avebury, ela tê-lo-ia certamente considerado um perfeito alvo de chantagem. A família dele poderia ter perdido o grosso da sua fortuna, mas sempre restaria algum numerário, bem como porcelanas, pratas e pinturas vendáveis; mais do que o suficiente para manter a condessa satisfeita.

– Estás a baralhar-me! – queixou-se Eleanor.

– Julgo que o marquês de Skavadale é o meu assassino – explicou Sandman –, ele, ou algum dos seus amigos. – Se Sandman fosse obrigado a apostar na identidade do assassino, escolheria Lord Robin Holloway em lugar do marquês, mas sentia-se bastante seguro de que se tratava de um deles.

– Nesse caso, não te interessa saber o que a Lizzie descobriu? – perguntou Eleanor, desapontada.

– A tua criada? Claro que quero saber. Preciso de saber.

– A Meg não gozava de grande popularidade entre os outros serviçais. Pensavam que ela era uma bruxa.

– Pelo aspecto, é o que parece.

– Já a encontraste? – perguntou Eleanor, toda excitada.

– Não, só vi um retrato dela.

– Parece que, hoje em dia, toda a gente se faz retratar – observou Eleanor. – Refiro-me a este retrato – esclareceu Sandman, retirando o esboço do interior do casaco e mostrando-o a Eleanor.

– Rider, não acreditas que ela seja a mulher com cabeça de porco, pois não? – perguntou Eleanor. – Não, não pode ser, não tem bigodes. – Suspirou. – Pobre rapariga, que feia que é. – Contemplou o retrato por um bom bocado, e em seguida voltou a enrolá-lo e devolveu-o a Sandman. – Onde é que eu ia? Ah, pois, a Lizzie descobriu que a Meg foi levada da casa de Londres da condessa numa carruagem, uma carruagem muito elegante, que ou era preta ou azul-escura, e tinha um estranho brasão pintado na porta. Não se tratava propriamente de um brasão, apenas um escudo representando um anjo dourado sobre um fundo vermelho. – Eleanor mordiscou uma bolachinha. – Perguntei ao Hammond se conhecia um tal escudo de armas, e ele puxou pelos seus galões. – Fundo goles, Miss Forrest – corrigiu-me – com um anjo de tintura amarela. Mas, estranhamente, não sabia a quem pertencia o escudo, o que o deixou bastante perturbado.

A ideia de o mordomo de sir Henry Forrest ter de confessar-se incapaz de identificar um brasão fez Sandman sorrir.

– Ele não precisava de afligir-se – declarou –, porque duvido muito que o Conselho de Heráldica tenha legitimado aquela insígnia. Trata-se do emblema do Clube dos Serafins.

Eleanor fez uma careta, recordando-se do que Sandman lhe contara a ela e ao pai no princípio da semana, embora, na verdade, Sandman não lhes tivesse revelado tudo o que sabia acerca dos Serafins.

– E o marquês de Skavadale – indagou ela calmamente – é membro do Clube?

– Pois é – confirmou Sandman. O rosto dela ensombrou-se.

– Então é ele o teu assassino? Tão simples como isso?

– Os membros do Clube dos Serafins – ripostou Sandman – consideram-se acima da lei. Acreditam que o seu estatuto social, o seu dinheiro e os seus privilégios lhes conferem total impunidade. E é bem possível que tenham razão, a menos que eu consiga encontrar Meg.

– Caso ela esteja viva – observou calmamente Eleanor.

– Caso ela esteja viva – concordou Sandman.

Eleanor fitou Sandman com uns olhos que pareciam maiores e mais brilhantes do que nunca.

– Estou a sentir-me muito egoísta – declarou.

– Porquê?

– Toda preocupada com os meus pequenos problemas, enquanto tu precisas de descobrir um assassino.

– Os teus problemas são pequenos? – perguntou Sandman, sorrindo. Eleanor não lhe devolveu o sorriso.

– Não estou disposta a desistir de ti, Rider – respondeu. – Bem tentei. Ciente de quanto lhe tinha custado fazer semelhante admissão, Sandman tomou-lhe a mão e beijou-lhe os dedos.

– Eu nunca desisti de ti – assegurou-lhe –, e na próxima semana voltarei a falar com o teu pai.

– E se ele recusa? – perguntou ela, apertando-lhe os dedos.

– Nesse caso, iremos para a Escócia – replicou ele. – Iremos para a Escócia. Eleanor continuou a agarrar-lhe firmemente a mão. Sorriu.

– Rider? O meu prudente, bem comportado e escrupuloso Rider admite fugir comigo para casarmos?

Ele devolveu-lhe o sorriso.

– Ultimamente, minha querida – respondeu – tenho pensado muito naquela tarde e princípio de noite que passei no topo da colina em Waterloo, e lembrei-me de uma decisão que tomei na altura, e de que corro constantemente o risco de me esquecer. Naquele dia, jurei a mim próprio que, caso sobrevivesse à batalha, nunca iria morrer arrependido. Que, chegada a hora da morte, não teria a lamentar aspirações, sonhos e desejos por cumprir. Portanto, sim, se o teu pai não consentir no nosso casamento, levo-te comigo para a Escócia e o diabo que se dane.

– Porque eu sou a tua aspiração, o teu sonho e o teu desejo? – perguntou Eleanor, com lágrimas nos olhos e um sorriso nos lábios.

– Porque és tudo isso – respondeu Sandman – e porque, além do mais, amo-te.

E, de súbito, o sargento Berrigan estava diante deles, pingando água da chuva e encantado por ter surpreendido Sandman em tão delicado momento.

O sargento começou a assobiar a canção Spanish Ladies enquanto subiam Hay Hill, a caminho de Old Bond Street. Assobiava alegremente, como que dando a entender o seu total desinteresse pela cena a que assistira, e escolhera perspicazmente uma toada que, no exército, teria sido considerada como manifesto acto de insubordinação, porém impune a qualquer castigo. Sandman, coxeando ainda, desatou a rir.

– Estive em tempos noivo de Miss Forrest, sargento.

– Olhe ali um coche alemão, já viu, capitão? Que raio de coisa mais pesada. – Berrigan continuava a fingir-se desinteressado, optando por apontar para uma carruagem maciça que derrapava perigosamente sobre as escorregadias pedras da calçada molhada de chuva. O cocheiro puxava pelos freios, os cavalos escorregavam nervosamente, mas, entretanto, as rodas embateram no passeio e o veículo recuperou o equilíbrio. – Não deviam ser permitidos – prosseguiu Berrigan –, estes malditos coches estrangeiros que rebentam com as nossas estradas. Ou obrigavam aqueles malandros a pagar uma taxa do caraças, ou os recambiavam através do maldito canal lá para a terra deles.

– E Miss Forrest rompeu o noivado porque os pais se opunham a que ela desposasse um indigente – intercalou Sandman. – Portanto, sargento, agora já sabe a história toda.

– Aquela cena, senhor, não me pareceu propriamente a de um raio de noivado desfeito. Com ela a devorar-lhe os olhos como se o sol, a lua e todo o esplendor do mundo lá estivessem concentrados.

– Bem, admito isso. A vida é complicada.

– Nunca tinha reparado – ripostou Berrigan sarcasticamente. Observou o estado do tempo com um trejeito de mau humor, apesar de a chuva ter deixado de ser torrencial, passando a meros salpicos. – E, a propósito de contrariedades – prosseguiu –, devo informá-lo de que Mr. Sebastian Witherspoon não ficou nada satisfeito. Muito pelo contrário. Na verdade, falando preto no

branco, diria que está absolutamente danado.

– Ah! Chegou à conclusão de que não estou exactamente a agir como ele esperava?

– Queria saber o que diabo andava o senhor a fazer, capitão, e eu disse-lhe que não tinha a menor ideia.

– Calculo que ele se tenha recusado a admitir semelhante resposta?

– Eu estava-me nas tintas para o que ele quisesse admitir ou não, limitei-me a ir-lhe dizendo sim, senhor, não, senhor, não sei peva, vá dar uma volta ao bilhar grande, vá para o diabo que o carregue, senhor, mas tudo isto numa linguagem absolutamente respeitosa.

– Por outras palavras, comportou-se como um sargento? – comentou Sandman, desatando outra vez a rir. Recordava-se bem daquele género de insolência subserviente por parte de alguns sargentos às suas ordens: uma máscara de cooperação fictícia, ocultando uma oposição intransigente. – Mas chegou a dizer-lhe onde é que o ministro se encontrará no domingo?

– Sua senhoria não se encontrará na sua própria casa, capitão, porque a casa está em obras, e o empreiteiro que prometeu instalar-lhe umas novas escadas até ao fim de Maio último nem sequer começou ainda com as pinturas, de modo que sua senhoria está a residir provisoriamente em Great George Street. Mr. Witherspoon afirma que sua senhoria não tem o menor desejo de avistar-se consigo nos próximos dias, e que, de qualquer forma, lhe ficaria muito grato se não insistisse em incomodá-lo num domingo, atendendo a que é o dia do Senhor; além de que, tal como o seu piedoso patrão, o próprio Mr. Witherspoon está profundamente convicto de que o maldito maricas há-de ser pendurado pelo seu maldito pescoço até ficar mortinho de todo, que é a maldita sorte que merece.

– Estou certo de que não foi ele a ter a última palavra da conversa.

– Pois não – admitiu Berrigan jovialmente –, eu tantas lhe disse que Mr. Witherspoon começou a formar uma boa opinião a meu

respeito. Mais uns minutos e ele tê-lo-ia mandado a si à fava, nomeando-me investigador em seu lugar.

– Nesse caso, que Deus acudisse ao Corday, certo?

– O infeliz mariconço iria parar à forca tão depressa que nem teria tempo para sentir os dedinhos dos pés tocarem a plataforma – reconheceu Berrigan com grande satisfação. – Então, onde vamos agora?

– Vamos visitar sir George Phillips, porque quero averiguar se ele sabe dizer-me ao certo quem encomendou o retrato da condessa. Assim que descobrirmos o nome desse homem, sargento, apanharemos o nosso assassino.

– Julga o senhor – respondeu Berrigan em tom dubitativo.

– Miss Hood também se encontra no estúdio de sir George. Trabalha para ele como modelo.

– Ah! – proferiu Berrigan, já mais animado.

– E, mesmo que sir George não queira falar, fui informado de que a minha testemunha de estimação foi transportada na carruagem do Clube dos Serafins.

– Numa das carruagens deles – emendou Berrigan –, possuem duas.

– Portanto, parto do princípio de que um dos cocheiros do clube saiba dizer-nos para onde a levaram.

– Parece-me bem possível – admitiu Berrigan –, embora talvez venha a ser necessário algum trabalho de persuasão.

– Que perspectiva deliciosa – comentou Sandman, no momento em que chegavam à porta contígua à da ourivesaria. Bateu, e, tal como da vez anterior, quem veio atender foi Sammy, o pagem negro, que imediatamente tentou fechar-lhes a porta na cara. Sandman forçou a entrada, sem lhe dar qualquer hipótese. – Vai dizer a sir George – ordenou em tom autoritário – que o capitão Rider Sandman e o sargento Samuel Berrigan vieram conversar com ele.

– Ele não quer conversar convosco – ripostou Sammy.

– Trata mas é de ires dizer-lhe, miúdo! – insistiu Sandman.

Em vez disso, num gesto mal calculado, Sammy tentou desviar-se de Sandman e fugir para a rua, com o resultado de chocar contra o sargento Berrigan, que o agarrou em peso e o atirou contra o pilar da porta.

– Onde é que julgavas que ias, moço? – perguntou-lhe Berrigan.

– Desandem mas é daqui! – replicou Sammy arrogantemente, para logo de seguida desatar a uivar de dor. – Não ia a lado nenhum! – Berrigan aplicou-lhe outro murro. – Ele deu-me ordens para, no caso de voltarem a aparecer por aqui – apressou-se Sammy a esclarecer –, ir procurar ajuda.

– Ao Clube dos Serafins? – sugeriu Sandman, e o rapaz confirmou com um aceno. – Segure-o bem, sargento – recomendou Sandman, antes de começar a subir as escadas. – Um dó, li, tá! – trauteou, esganiçando-se ao máximo – cheira-me a sangue inglês! – O objectivo dessa chiadeira era alertar Sally, a fim de poupá-la a ser vista nua pelo sargento Berrigan. Embora não lhe restasse a menor dúvida de que Berrigan não tardaria a conseguir arrastá-la de livre vontade para tal situação, Sandman tinha também a certeza de que Sally pretendia ser ela própria a escolher o momento. – Sir George! – berrou. – Está aí em cima?

– Quem diabo é você? – gritou sir George. – Sammy?

– O Sammy é meu prisioneiro – gritou Sandman.

– C'um caraças! É você? – Para um homem tão obeso, sir George reagiu com notável rapidez, precipitando-se para um armário de onde retirou um pistolão. De arma em punho, correu para o patamar das espadas e apontou-o a Sandman. – Nem mais um passo, capitão – urrou –, se é que tem amor à vida!

Sandman olhou o pistolão de relance e continuou a subir.

– Não se arme em idiota, sir George – advertiu, em tom de cansaço. Se disparar contra mim, a seguir terá de disparar contra o sargento Berrigan, e depois precisará de fechar a boca a Sally, ou seja, de pregar-lhe também um tiro, de modo que acabará por ficar a contas com três cadáveres. – Venceu os poucos degraus que

restavam, e, sem qualquer rebuliço, tomou o pistolão das mãos do pintor. - Quando se quer realmente meter medo aos outros, é preferível pôr ao menos o dedo no gatilho - acrescentou, antes de voltar-se e acenar para Berrigan. - Permita-me que lhe apresente o sargento Berrigan, ex-membro da Guarda de Sua Majestade, mais tarde guarda do Clube dos Serafins, e presentemente um voluntário da minha própria brigada de justiça. - Com considerável alívio, Sandman verificou que Sally tinha entendido o seu aviso, embrulhando-se, consequentemente, num casaco. Tirou o chapéu e fez-lhe uma vénia. - Apresento-lhe os meus respeitos, Miss Hood.

– Pelos vistos, continua manco? - replicou Sally, corando de imediato assim que viu aparecer o sargento Berrigan.

– O estupor está mesmo a magoar-me! - queixou-se Sammy.

– O estupor vai mesmo dar-te cabo do coiro se não fechares a boca bradou Berrigan, tratando em seguida de cumprimentar Sally. - Prazer, Miss Hood. Depois olhou para a tela, os olhos escancararam-se-lhe de admiração, e Sally corou ainda mais.

– Agora podes largar o Sammy - disse Sandman a Berrigan - porque ele já desistiu de ir em busca de socorro.

– Ele fará o que eu lhe mandar fazer! - atalhou sir George em tom beligerante.

Sandman foi postar-se diante do quadro e examinou a figura central, que era a de Nelson. Reflectiu que, desde o falecimento do almirante, tanto os pintores como os gravadores tinham passado a representar o herói de forma cada vez mais idealizada, a ponto de agora quase se assemelhar a um espectro.

– Se mandar o Sammy procurar auxílio, sir George - avisou Sandman tratarei de proclamar aos quatro ventos que, no seu estúdio, defrauda mulheres, pintando-as vestidas e apresentando depois os seus retratos como nus.

– Voltou-se e encarou o pintor com um sorriso. - Que efeito é que acha que isso terá sobre a sua tabela de preços?

– Passará para o dobro! - replicou sir George com basófia. Mas, ao aperceber-se de que a ameaça de Sandman não era brincadeira, a basófia murchou-lhe como um balão furado. Com a

mão manchada de tinta, deu uma bofetadela a Sammy. - Não vais daqui a lado nenhum.

Berrigan largou a mão do rapaz.

- Em vez disso, bem podes ir fazer chá - alvitrou Sandman. - Eu ajudo-te, Sammy - disse Sally, seguindo o moço escadas abaixo. Sandman calculou que ela fosse tratar de vestir-se.

Sandman virou-se para sir George.

- O senhor está velho - disse-lhe -, velho, gordo e bêbado. As suas mãos tremem-lhe. Por enquanto ainda consegue pintar, mas até quando? Está a viver de glórias passadas, mas eu bem posso dar-lhe cabo da mama. Estou em posição de assegurar que pessoas como sir Henry Forrest jamais voltem a encomendar-lhe retratos das suas esposas ou filhas, por receio de que venha a fazer-lhes o que se preparava para fazer com a condessa de Avebury.

- Nunca faria semelhante coisa... - começou sir George, tentando defender-se.

- Cale-se - interrompeu-o Sandman. - E também posso referir no meu relatório para o ministro que o senhor tentou deliberadamente ocultar a verdade. - Esta última ameaça era, na verdade, bem menos perigosa, só que sir George não sabia disso. Apenas sabia do seu pânico ante a perspectiva de ser acusado, levado ao banco dos réus, e daí para a prisão. Ou, talvez, deportado para a Austrália. Daí que desatasse a tremer de absoluto terror.

- Sei que me mentiu - disse-lhe Sandman -, portanto, agora, vai dizer-me a verdade.

- E, nesse caso, o que é que me acontece?

- Nem eu nem o sargento Berrigan iremos denunciá-lo. Porque é que haveríamos de preocupar-nos consigo? Sei perfeitamente que não assassinou a condessa, e ela é a única pessoa que me interessa neste caso. Resumindo e concluindo, conte-nos a verdade, sir George, e deixamo-lo em paz.

Sir George deixou-se cair sobre um banco. Os aprendizes e os dois homens que lhe serviam de modelos para Nelson e Neptuno fitaram-no perplexos, até ele finalmente lhes rosnar que fossem

para baixo. Só depois de terem saído ergueu o olhar para Sandman.

– O quadro foi encomendado pelo Clube dos Serafins.

– Até aí já eu sei. – Sandman dirigiu-se aos fundos do estúdio, passando pela mesa atafulhada de trapos, pincéis e frascos. Estava à procura do retrato de Eleanor, mas não conseguiu encontrá-lo.

Voltou para trás. A informação que pretendo, sir George, é quem, entre os membros do clube, o encomendou.

– Não sei. Juro que não! Não sei! – O seu tom era implorante, o seu medo quase tangível. – Eles eram uns dez ou onze, não consigo recordar-me ao certo.

– Uns dez ou onze?

– Sentados à volta de uma mesa – explicou sir George –, como na Última Ceia, só que sem Cristo.

Disseram-me que pretendiam que eu pintasse aquele retrato para figurar na sua galeria privativa, e prometeram-me que me encomendariam outros.

– Outros retratos?

– De senhoras da alta sociedade, capitão, nuas. – Sir George quase cuspiu a última palavra. – Explicaram-me a coisa nos seguintes termos: se mais de três membros do clube se tivessem divertido com a mesma mulher, achavam-se no direito de exibi-la na sua galeria.

Sandman consultou Berrigan com o olhar, e este encolheu os ombros.

– Parece-me plausível – disse o sargento.

– Eles têm uma galeria?

– No corredor do andar de cima – esclareceu Berrigan –, mas só há pouco tempo começaram a pendurar lá quadros.

– O marquês de Skavadale era um dos tais onze? – perguntou Sandman a sir George.

– Não sei se eram dez ou onze – emendou sir George, manifestamente irritado por ter de corrigir Sandman –, e sim, o

Skavadale era um deles. Lord Pellimore era outro. Recordo-me também da presença de sir John Lassiter, mas, na maior parte, não os conhecia.

– Não se apresentaram ao senhor?

– Não. – A negação de sir George vinha carregada de hostilidade, porque implicava obviamente que o Clube dos Serafins o havia tratado, não como um cavalheiro, mas como um mero artesão.

– Parece-me provável – afirmou Sandman tranquilamente – que um desses dez ou onze homens seja o assassino da condessa. – Lançou a sir George um olhar enigmático, como que aguardando dele uma confirmação.

– Não faço ideia – respondeu sir George.

– Mas deve ter suspeitado que Charles Corday não cometeu o crime?

– O Charliezinho? – Por um momento sir George pareceu divertido, mas depois reparou na expressão irritada de Sandman e encolheu os ombros.

– Parecia-me improvável – admitiu.

– E, no entanto, não interveio em sua defesa? Não subscreveu a petição da mãe dele? Não fez nada para ajudá-lo!

– Ele foi julgado, não foi? – replicou sir George. – Foi-lhe ministrada justiça. – Duvido disso – disse Sandman amargamente –, duvido muito disso. Sandman examinou o pistolão que havia retirado das mãos de sir George e verificou que não estava carregado.

– Onde estão a pólvora e as balas? – perguntou e, ao ver o medo estampado na face do pintor, franziu o sobrolho. – Não lhe vou dar um tiro, seu pateta! A pólvora e as balas destinam-se a outras pessoas, não a si.

– Naquele armário – sir George apontou para um canto da sala. Sandman abriu a porta do armário e deparou-se com um pequeno arsenal, na sua maior parte vocacionado, segundo calculou, para uso artístico. Havia sabres da marinha e do exército, pistolões,

mosquetes e uma caixa de munições.

Atirou um pistolão da cavalaria ao sargento Berrigan, depois pegou numa mão-cheia de balas e enfiou-as num bolso, antes de inclinar-se para agarrar numa faca.

– O senhor mentiu-me, o senhor causou-me bastantes incómodos. – Atravessou a sala de faca em punho e viu a expressão de terror de sir George.

– Sally! – gritou Sandman.

– Estou aqui! – respondeu-lhe ela lá de baixo.

– Quanto é que sir George te deve?

– Duas libras e cinco xelins!

– Pague-lhe – ordenou Sandman.

– Não está com certeza à espera de que eu traga comigo dinheiro líquido.

– Pague-lhe! – berrou Sandman, e sir George por pouco não se borrou.

– Apenas tenho três guinéus – gemeu.

– Penso que Miss Hood vale bem essa quantia – disse Sandman. – Entregue os três guinéus ao sargento.

Sir George entregou o dinheiro e Sandman voltou-se para examinar o quadro. Britannia estava praticamente pronta, de mamas ao léu e olhar orgulhoso, sentada no seu rochedo iluminado pelo Sol. A deusa era indubitavelmente Sally, apesar de sir George ter transformado a sua habitual expressão brincalhona numa pose de calma superioridade.

– O senhor causou-me de facto incómodos – disse Sandman a sir George –, e pior do que isso, estava disposto a deixar morrer um rapaz inocente.

– Disse-lhe tudo o que sabia!

– Agora sim, é verdade, mas antes mentiu-me e acho que está na altura de ser também incomodado.

Precisa de aprender, sir George, que todos os pecados se

pagam. Em suma, merece ser castigado.

– Seu insolente... – começou sir George a ripostar, mas depois foi-se abaixo das canelas e emitiu um protesto. – Não!

Berrigan segurou-o firmemente no chão enquanto Sandman se dirigia, de faca em punho, para a "Apoteose de Lord Nelson". Sammy, que chegara justamente naquele momento ao patamar, carregado com o seu tabuleiro de chá, ficou horripilado ao ver Sandman golpear a tela, de cima para baixo e de lado a lado.

– Um amigo meu – explicava Sandman à medida que ia esfacelando o quadro – vai provavelmente casar-se muito em breve. Nem ele nem a futura noiva sabem ainda disso, mas é óbvio que gostam um do outro, e quero oferecer-lhes uma prenda de casamento quando a hora chegar. – Golpeou de novo o quadro, cortando a parte de cima. A tela rasgou-se com um ruído agudo e arrepiante, deixando os fios à mostra, Ele fez nova incisão, de modo a extrair do enorme quadro um retrato do busto de Sally em tamanho natural. Atirou a faca para o chão, enrolou a imagem de Britannia e sorriu para sir George. – Acho que isto será um óptimo presente, só falta mandá-lo envernizar e emoldurar. Mil agradecimentos pela sua ajuda. Sargento? Julgo que mais nada temos a fazer aqui.

– Vou com vocês! – gritou Sally do fundo das escadas. – Só preciso que alguém me ajude a abotoar o vestido.

– O dever chama por si – disse Sandman a Berrigan. – Às suas ordens, sir George.

Sir George fitou-o, incapaz de articular palavra. Sandman já sorria quando começou a descer as escadas, e ria abertamente ao chegar a rua, onde esperou por Berrigan e Sally.

Vieram ter com ele, após o vestido de Sally ter sido devidamente abotoado.

– Quem é que julga que se casará em breve? – perguntou Berrigan.

– Oh, duas pessoas minhas amigas – replicou Sandman em tom desprendido –, e, se isso não acontecer, que importa? Bem posso ficar com o retrato para mim.

– Capitão! – repreendeu-o Sally.

– Casados? – Berrigan mostrava-se chocado.

– Sou muito conservador – ripostou Sandman –, e acredito piamente na moral cristã.

– A propósito disso – atalhou Berrigan –, para que é que precisamos das pistolas?

– Porque o nosso próximo destino, sargento, é o Clube dos Serafins, e não me apetece ir lá desarmado. Gostaria também de que eles não se apercebessem de que andamos a rondar por ali, portanto, qual é a melhor altura de lhes fazermos uma visita?

– Qual é a ideia? – quis saber Berrigan.

– Falar com os cocheiros, claro.

O sargento reflectiu por uns segundos, depois acenou em sinal de concordância.

– Nesse caso, o melhor é irmos depois do Sol posto, porque será mais fácil introduzirmo-nos à socapa, e pelo menos um dos cocheiros há-de estar lá.

– Resta-nos esperar que seja o homem certo – respondeu Sandman, abrindo bruscamente a tampa do relógio. – Não antes do escurecer? Isso significa que tenho a tarde livre. – Meditou por momentos. – Vou aproveitar para ir falar com uma pessoa amiga. Encontramo-nos às nove da noite, de acordo?

Nas traseiras do clube?

– Vá ter comigo à entrada das cocheiras, que fica num beco da Charles II Street – sugeriu o sargento.

– A menos que prefira fazer-me companhia? – alvitrou Sandman. – Vou só matar o tempo com um amigo.

– Não – respondeu Berrigan, corando. – Preciso de descansar.

– Nesse caso, tenha a bondade de guardar isto no meu quarto – respondeu Sandman, entregando a Berrigan o rolo do retrato de Sally. – E quanto a si, Miss Sally? Não tenho a menor ideia das suas intenções para esta tarde. Acaso deseja acompanhar-me na visita a uma pessoa amiga?

Sally deu o braço ao sargento, dirigiu a Sandman o mais doce dos sorrisos, e disse-lhe com ternura:

– Raspe-se daqui para fora, capitão.

Sandman riu-se e obedeceu à ordem. Raspou-se dali para fora.

CAPÍTULO 05

BUNNY BARNWELL era considerado como o melhor arremessador do clube de críquete de Marylebone, apesar da sua estranha forma de correr, uma espécie de trote que terminava num duplo salto antes de atirar a bola. O duplo salto tinha-lhe valido a alcunha, e de momento jogava contra Rider Sandman, que treinava à defesa numa das balizas do novo campo de críquete do clube Thomas Lord, situado numa encosta de St. John's Wood, um elegante subúrbio a norte de Londres.

Lord Alexander Pleydell, postado junto da rede, seguia ansiosamente todos os lances.

– Achas que o Bunny está a desviar a bola no relvado? – perguntou a Sandman.

– De modo algum.

– Diz-se que ele consegue dar um efeito à bola de modo a ela vir parar entre as tuas pernas. O Crossley confidenciou-me que se trata de um arremesso extremamente desorientador.

– O Crossley desorienta-se com facilidade – retorquiu Sandman, rebatendo a bola vigorosamente, enquanto Sir Alexander recuava de susto.

Barnwell revezava-se com Hughes, o criado de Lord Alexander, na tarefa de arremessar contra Sandman. Hughes tinha-se na conta de um arremessador competente, mas começava a sentir-se frustrado por não conseguir lançar qualquer bola que Sandman não defendesse com a sua pá, de modo que exagerou no esforço e acabou por atirar uma bola rasa, que Sandman de pronto fez voar sobre a rede, e que acabou por ressaltar na relva húmida, gerando um belo repuxo prateado no sítio onde três homens, a meio da encosta, se atarefavam a mondar. Sandman achava completamente absurda a ideia de se instalar um campo de críquete numa colina de declive tão acentuado como aquele, mas Sir Alexander dedicava um estranho carinho ao novo campo de Thomas Lord, apesar de, entre as duas linhas limítrofes, haver um desfasamento de pelo menos seis ou sete pés de altura.

Barnwell tentou um arremesso diferente, mas, para sua consternação, viu a bola seguir a mesma trajectória da do anterior lance de Hughes, encosta acima. Um dos rapazes da defesa experimentou um fulminante lance de bola contra as pernas de Sandman, sendo recompensado com uma retaliação que por pouco não lhe arrancou a cabeça.

– Estás com um humor desgraçado – comentou Lord Alexander.

– Nem por isso. Dia húmido, bolas lentas. Nada mais – mentiu Sandman. Na verdade, estava de péssimo humor, perguntando aos seus botões como haveria de cumprir a promessa feita a Eleanor, e interrogando-se até por que diabo lhe prometera um casamento clandestino no caso de o pai dela se recusar a dar-lhes a sua bênção. Bom, de facto sabia a resposta à segunda questão. Tinha-se comprometido com Eleanor, porque, tal como sempre, ficara absolutamente subjugado pelo seu fascínio, pela sua aparência, pela cumplicidade entre ambos e pelo seu intenso desejo dela. Mas como poderia cumprir a promessa? Rebateu contra a rede oposta com tamanha violência que a bola projectou as malhas até à linha de fundo, fazendo oscilar os pilares e sobressaltando um bando de pardais que dispararam em voo picado. Como poderia raptar a noiva, perguntava Sandman a si próprio. Como poderia desposar uma mulher que não tinha meios para sustentar? E que dignidade havia na treta de uma cerimónia de casamento na Escócia, que dispensava proclamas e certificados? Com a fúria a subir-lhe à cabeça, saiu da linha e rebateu uma bola na direcção dos estábulos onde os membros do clube guardavam os seus cavalos durante os jogos.

– Um humor extremamente bárbaro – comentou Lord Alexander, pensativamente. Em seguida, retirou um lápis da orelha, sob o cabelo emaranhado, e um bocado de papel bastante amarrotado do bolso. – Pensei que o Hammond seria capaz de aguentar o wicket, concordas?

– É esta a equipa que arranjaste para jogar por Hampshire?

– Não, Rider – respondeu o outro sarcasticamente –, esta é a minha aposta num novo diácono e novos cónegos para a catedral

de St. Paul. Que é que te parece?

– O Hammond parece-me uma excelente escolha – respondeu Sandman, firmando-se num dos joelhos para rebater uma bolada particularmente virulenta. – Boa! – gritou a Hughes.

– O Edward Budd já disse que alinha connosco.

– Esplêndido! – O entusiasmo de Sandman era sincero, porque considerava Edward Budd, não só como o único batsman superior a ele, como também um excelente camarada.

– E o Simmons também está disponível.

– Nesse caso não estou eu – replicou Sandman. Rebateu a última bola com a ponta do bastão e devolveu-a a Hughes.

– O Simmons é um excelente batsman – insistiu Lord Alexander.

– Não duvido – disse Sandman –, mas deixou-se subornar para decidir um jogo no Sussex há dois anos.

– Isso não voltará a acontecer.

– Pois não, se eu jogar na mesma equipa. A escolha é tua, Alexander, ele ou eu.

Lord Alexander suspirou.

– Ele é de facto excelente!

– Então opta por ele – replicou Sandman, inabalável.

– Vou ponderar o assunto – disse Lord Alexander, na sua melhor toada senhorial.

A bolada seguinte atingiu Sandman nos tornozelos, e ele retribuiu-a com um lance que atirou a bola pelos ares até uma taberna próxima da linha inferior do campo, onde uma dúzia de homens acompanhava o jogo a partir do pátio. Estariam entre eles alguns lacaios de Lord Robin Halloway?

Sandman deitou um olhar ao seu casaco dobrado sobre o relvado húmido, e sentiu-se reconfortado ao avistar o cabo do pistolão emergindo de um dos bolsos.

– Talvez possas dar uma palavra ao Simmons? – sugeriu Lord

Alexander. - Tê-lo connosco na equipa proporcionar-nos-ia uma tremenda força, Rider, decididamente uma força extraordinária. Tu, o Budd e o Simmons? Estabeleceríamos recordes nunca vistos!

– Estou disposto a falar com ele - replicou Sandman -, mas não a jogar com ele.

– Por amor de Deus, homem! Sandman afastou-se do wicket.

– Ouve, Alexander. Eu adoro o críquete. Mas, se permitirmos que seja viciado por subornos, deixará de ser um desporto. A única forma de lidar com os subornos é puni-los radicalmente. - Estava furioso. - É de admirar que o jogo esteja a morrer? Este clube teve em tempos um campo decente, agora recorre à encosta de uma colina. O jogo entrou em decadência, Alexander, porque se deixou corromper pelo dinheiro.

– Fica-te muito bem falar assim - ripostou Lord Alexander, melindrado -, mas o Simmons tem mulher e dois filhos. Não conheces a palavra tentação? – Acho que sim, sem dúvida - respondeu Sandman. - Ofereceram-me ontem vinte mil guinéus. - Voltou a colocar-se na linha e fez sinal ao arremessador seguinte.

– Vinte mil? - A voz de Lord Alexander quase desfaleceu. - Para perderes um jogo de críquete?

– Para permitir que um inocente seja enforcado - esclareceu Sandman, rebatendo a bola sem entusiasmo. - É demasiado fácil - deplorou.

– O quê?

– Este bolwling "intelectual" - A modalidade de arremesso em que a bola era atirada com o braço esticado à altura do cotovelo tinha a curiosa designação de "estilo intelectual". - Não tem qualquer rigor - deplorou.

– Mas tem muita força - rebateu Lord Alexander veementemente -, muito mais do que os lances feitos com o braço dobrado abaixo do ombro.

– Os arremessos deveriam ser feitos com o braço dobrado acima do ombro.

– Nem pensar! Nem pensar! Estraga absolutamente o jogo! Que

sugestão mais ridícula e abominável! O clube ainda nem sequer decidiu se alguma vez irá tolerar o arremesso à altura do ombro, quanto mais acima. - Lord Alexander interrompeu-se para extrair uma baforada do cachimbo. - Não, se nos preocuparmos em manter um justo equilíbrio entre arremessador e batedor, a resposta é óbvia.

– O que acho é que o arremesso acima da linha do ombro conjuga a força com a pontaria - argumentou Sandman -, e poderá até constituir um desafio para o batedor.

– Estás a falar a sério, quer dizer, acerca dessa história de te terem oferecido vinte mil libras?

– Guinéus, Alexander, guinéus. E as pessoas que me fizeram a oferta consideram-se cavalheiros. - Sandman recuou e desviou a bola violentamente contra as malhas, perto do sítio onde Lord Alexander acompanhava o jogo.

– Por que motivo te ofereceram tamanha quantia?

– Porque sempre é um preço menor a pagar do que a morte na forca, não achas? O problema é que não sei ao certo qual dos membros do Clube dos Serafins é o assassino, mas conto descobri-lo esta noite. Estarias por acaso disposto a emprestar-me a tua carruagem?

Lord Alexander mostrou-se perplexo.

– A minha carruagem?

– Aquela coisa com quatro rodas, Alexander, e com uns cavalos atrelados à frente. - Sandman rebateu outra bola colina acima, rasando o chão.

– É por uma boa causa, não te parece? A salvação dos inocentes.

– Bem, com certeza - aquiesceu Lord Alexander - e sentir-me-ei muito honrado por te ajudar. Nesse caso, espero por ti na pensão?

– Fazendo companhia a Miss Hood? - perguntou Sandman. - Porque não? - Riu-se ao ver Alexander corar, e logo de seguida afastou-se dos postes ao avistar um jovem que, vindo da taberna,

se encaminhava para o wicket oposto. Havia nele um ar de determinação que por pouco não levou Sandman a sacar da pistola, mas, à medida que o jovem se aproximava, reconheceu nele a pessoa de Lord Christopher Carne, o herdeiro do conde de Avebury. - O teu amigo vem ter connosco - disse a Lord Alexander.

- O meu amigo?, Oh, o Kit!

Lord Christopher correspondeu com um aceno à entusiástica saudação de Lord Alexander, só depois se apercebendo da presença de Sandman. Empalideceu e estacou, com um ar arreliado. Por um segundo, Sandman julgou que ele se preparava para dar a volta aos calcanhares e regressar para de onde viera, mas, em vez disso, o jovem das lunetas dirigiuse- lhe de caras.

- Não me informou - disse, em tom acusador - de que tencionava visitar o meu pai.

- Deveria tê-lo feito? - Uma bola chegou e Sandman desviou-a, fazendo-a embater contra as malhas atrás de si.

- Eu teria sido c-cortês - queixou-se Lord Christopher.

- Se precisasse de lições de cortesia - ripostou Sandman acidamente trataria de ir recebê-las das pessoas que me tratam com correcção.

Lord Christopher refreou-se, sem coragem de exigir a Sandman um pedido de desculpas pelo seu tom agressivo.

- Falei consigo con-confidencialmente - protestou -, sem a menor desconfiança de que iria transtransmitir o conteúdo da conversa ao meu pai.

- Não transmiti nada ao seu pai - garantiu Sandman calmamente. Não lhe repeti uma única das palavras que me disse. Mais, nem sequer o informei da nossa entrevista.

- Pois ele escreveu-me - afirmou Lord Christopher - a dizer-me que o senhor o tinha visitado e que eu não deveria voltar a falar consigo. Portanto, é óbvio que está a mentir-me! De-decerto que lhe disse que tinha falado comigo!

Aquela carta, conjecturou Sandman, viajara certamente na

mesma mala-posta em que ele mesmo regressara a Londres.

– O seu pai deve ter tirado as suas próprias conclusões – redarguiu e, quanto ao senhor, deveria ter mais cuidado com quem acusa de ser mentiroso, a menos que saiba lidar melhor com a pistola ou com a espada do que o homem a quem dirige a acusação. – Sem se preocupar com o efeito da tirada, dançou dois passos rápidos e rebateu uma bolada com todas as suas forças. Mesmo antes de atingir a bola com o bastão, já tinha a certeza da excelência do seu lance. A bola disparou e os três homens que mondavam ao longe pasmaram ao vê-la voar sobre as suas cabeças, ressaltar no chão mesmo à beira da linha de fundo, e prosseguir no seu trajecto, sem aparente perda de velocidade, até se sumir na vegetação do topo da colina. Tal como um tiro de espingarda de calibre máximo, pensou Sandman, um momento antes de ouvir o ruído da bola a chocar contra a vedação do campo, acompanhado pelo mungido de protesto de uma vaca que pastava num prado próximo.

– Santo Deus – murmurou Lord Alexander debilmente, olhando para o alto da colina – meu santo Deus lá no alto.

– As minhas acusações foram precipitadas – admitiu Lord Christopher, num esfarrapado tom de desculpa –, mas, ainda assim, continuo a não entender o motivo que o levou a visitar Carne Manor.

– Reparaste na força com que ele rebateu aquela bola? – perguntou Lord Alexander.

– Com que finalidade? – insistiu Lord Christopher, agastado.

– Já lhe disse – replicou Sandman. – Para tentar descobrir se uma certa criada da residência de Londres da sua madrasta fora levada para ali.

– Claro que ninguém iria fazer semelhante coisa – retrucou Lord Christopher.

– Da última vez que falámos afigurava-se-lhe possível.

– Porque ainda não tinha re-reflectido de-devidamente sobre o assunto. Sem dúvida que a criadagem estaria perfeitamente a par do infame comportamento da minha madrasta em Londres, e

decerto que a última coisa que o meu pai desejaria era que tais ru-rumores chegassem a Wiltshire.

– Concordo – admitiu Sandman. – Em suma, fiz uma jornada em vão.

– Entretanto, tenho uma boa notícia para ti, Rider! – atalhou Lord Alexander. – Mr. William Brown aceitou o meu pedido para que tu e eu fôssemos lá assistir na próxima segunda-feira! – Todo ele irradiava satisfação. – Não é esplêndido, Rider?

– Mr. Brown? – estranhou Sandman.

– O director da prisão de Newgate. Supunha que um homem na tua posição lhe conhecesse o nome.

– Lord Alexander virou-se para um perplexo Lord Christopher. – Kit, ocorreu-me que, dado que Rider está a trabalhar oficialmente como investigador para o ministro da Administração Interna, certamente que lhe compete investigar o que se passa no cadafalso. Deve ficar a saber ao certo a sorte que aguarda pessoas como o Corday. Portanto, escrevi ao director e ele teve a decência de me convidar, a mim e ao Rider, para o pequeno-almoço. Rins à diabo, nada menos! Sempre tive um fraco por rins à diabo cozinhados como deve ser.

Sandman tornou a afastar-se dos postes.

– Não tenho o menor desejo de assistir a um enforcamento – declarou.

– Os teus desejos não são para aqui chamados – replicou Lord Alexander displicentemente. – É uma questão de dever.

– Não tenho qualquer dever de assistir a um enforcamento – insistiu Sandman.

– Claro que tens – afirmou Lord Alexander. – Confesso que me sinto apreensivo. Discordo da forca, mas, ao mesmo tempo, não posso negar que me desperta alguma curiosidade. Mais que não seja, Rider, pode ser uma experiência pedagógica.

– Pedagogia uma ova! – Sandman recuou para a área do wicket e rebateu certeiramente uma bola bem lançada. – Não vou, Alexander, e ponto final. Não! A minha resposta é não!

– Por mim, gostaria de ir – disse Lord Christopher em voz tímida.

– Rider! – admoestou Lord Alexander.

– Não e não! – reagiu Sandman. – Da melhor vontade enviarei o verdadeiro assassino para o cadafalso, mas não estou disposto a assistir ao circo de Newgate. – Dirigiu a Hughes um aceno de despedida. – Por hoje já treinei o bastante – explicou, afagando a pá do seu bastão. – Tens óleo de linhaça, Alexander?

– O verdadeiro assassino? – perguntou Lord Christopher. – Tem alguma ideia de quem seja?

– Espero vir a sabê-lo esta noite – replicou Sandman. – Se mandar chamar a tua carruagem, Alexander, podes ficar certo de que descobrirei a minha testemunha. Caso contrário? Bem, paciência.

– Que testemunha? – perguntou Lord Christopher.

– Se o Rider persistir na sua teimosia – disse Lord Alexander a Lord Christopher – talvez não te importes de me acompanhar àquele pequeno-almoço de rins que o director oferece na segundafeira?

– Pôs-se às voltas com a caixa da pederneira, esforçando-se por acender outro cachimbo. – Estava a pensar que devias mesmo inscrever-te no nosso clube, Rider. Precisamos de mais membros.

– Não duvido. Quem é que quererá ligar-se a um clube de críquete cujo campo se assemelha a um prado alpino?

– É um campo perfeitamente razoável – redarguiu Lord Alexander, ofendido.

– Uma testemunha? – interrompeu Lord Christopher, tornando à pergunta.

– Faço votos de que mandes chamar a carruagem! – exclamou Lord Alexander, radiante. – Quero ver aquele desgraçado do Sidmouth em apuros. Obriga-o a conceder o perdão, Rider. Fico à espera de notícias tuas no Wheatsheaf.

– Vou acompanhá-lo na espera – anunciou Lord Christopher,

sendo recompensado com um trejeito de contrariedade por parte de Lord Alexander. Sandman, a quem a careta não escapou, compreendeu que se devia ao facto de Lord Alexander não estar interessado em disputar com um rival as atenções de Sally; mas Lord Christopher, tomando-a por um insulto, assumiu uma expressão ofendida.

Lord Alexander contemplou os três trabalhadores que, de costas dobradas, continuavam a segar o relvado com as suas foices, enquanto iam comentando uns com os outros a bolada de Sandman, que passara por eles como um tiro.

– Já muitas vezes pensei – afirmou Lord Alexander – que há uma fortuna à espera do primeiro homem que conseguir inventar um aparelho para cortar relva.

– Chama-se carneiro – observou Sandman –, também conhecido por pássaro lanudo.

– Refiro-me a um dispositivo que não faça esterco – ripostou Lord Alexander acidamente, voltandose em seguida com um sorriso para Lord Christopher Carne. – Claro que é óptima ideia passarmos o serão juntos, meu caro amigo. Talvez consiga explicar-me as lucubrações daquele fulano, o tal Kant? Alguém me remeteu o último livro dele, acaso já o leu? Calculo que sim. O homem parece bastante sensato, mas, afinal de contas, era um prussiano, certo? Bem, admito que isso não fosse culpa dele. Bem, proponho que antes tomemos um chá. Rider? Vais querer chá? Claro que sim. E quero apresentar-te a Lord Frederick Já sabias que ele é o actual secretário do clube? Devias realmente tornar-te membro. Querias óleo de linhaça para o teu bastão? Servem aqui um chá bastante razoável.

E foi assim que Sandman se deu ao luxo de um chá de grã-finos.

O dia entardeceu enevoado, e o céu de Londres tornou-se ainda mais escuro porque, como não havia vento, a fumarada do carvão das chaminés formou um espesso manto impenetrável sobre os telhados e os pináculos. Reinava o sossego nas ruas adjacentes à praça de St. James, dado que não era uma zona de negócios e a maior parte dos residentes se haviam ausentado para as suas

residências de campo. Sandman apercebeu-se de que um guarda-nocturno estava de olho nele, e a sua reacção foi ir ao encontro do homem, dizer-lhe boa-noite e perguntar-lhe em que regimento servira. O resultado foi passarem um bom bocado a trocarem recordações acerca de Salamanca, que, na opinião de Sandman, era talvez a mais bela cidade que jamais vira. O acendedor de lampiões apareceu com o seu escadote, e logo a inovadora iluminação a gás irrompeu, um candeeiro após outro, com um clarão azulado que em breve passava a branco.

– Algumas destas casas já usam iluminação a gás – confidenciou o guarda-nocturno – lá dentro!

– Lá dentro?

– Hão-de arrepender-se, senhor. Não é coisa natural, pois não? – O guarda-nocturno ergueu o olhar para a luz periclitante dos candeeiros mais próximos. – Vai haver fogos e espirais de fumo, senhor, tal como foi anunciado no livro santo, senhor, fogo e fumo. Tudo a arder como numa terrível fornalha, senhor.

Sandman foi poupado a mais profecias apocalípticas pelo aparecimento de uma carruagem de aluguer na rua, os cascos do cavalo ecoando alto contra as fachadas brancas das casas envoltas em sombras. Deteve-se perto de Sandman, a portinhola abriu-se, e dela se apeou o sargento Berrigan.

Atirou uma moeda ao cocheiro, e depois manteve a porta aberta para dar passagem a Sally.

– Não podes... – começou Sandman a dizer.

– Bem te avisei que ele iria dizer isto mesmo – jactou-se Berrigan para Sally –, não te avisei que ele havia de dizer que não podias vir connosco?

– Sargento! – insistiu Sandman. – Não podemos...

– Vão à procura da Meg, certo? – interveio Sally. – E ela não vai aceitar às boas que dois velhos tropas tentem espremê-la, pois não? Precisa de um toque de persuasão feminina.

– Estou certo de que estes dois velhos soldados serão capazes de conquistar-lhe a confiança – rebateu Sandman.

– A Sally não conhece a palavra "não" – explicou-lhe o sargento.

– Além do mais – prosseguiu Sandman –, Meg não se encontra no Clube dos Serafins. Só vamos lá à procura do cocheiro, a fim de que ele nos diga para onde a levou.

– Talvez ele esteja mais disposto a dar-me informações a mim do que ao senhor – respondeu Sally a Sandman com um sorriso deslumbrante, virando-se em seguida para o guarda-nocturno. – Não tem nada de melhor para fazer do que pôr-se à escuta da conversa dos outros?

O homem ficou estarrecido, mas lá se afastou rua abaixo atrás do acendedor de lampiões, enquanto o sargento Berrigan vasculhava a algibeira do casaco até de lá retirar uma chave que mostrou a Sandman.

– É a da porta das traseiras, capitão – informou, e depois olhou para Sally. – Escuta, meu amor, bem sei...

– Basta, Sam! Vou contigo.

Berrigan pôs-se a caminho, abanando a cabeça.

– Não sei como isto é – resmungou –, as senhoras estão sempre a queixar-se de que a vida não é justa porque os homens detêm todos os privilégios, mas os bonzinhos nunca conseguem levar a vontade deles por diante contra a delas. Já reparou, capitão? É pobrezinha de mim para aqui, pobrezinha de mim para ali, mas, no fim de contas, quem fica com a seda, o ouro e as pérolas, hem?

– Estás a referir-te a mim, Sam Berrigan? – perguntou Sally.

– Eis o verdadeiro amor – murmurou Sandman. Berrigan pôs-lhe um dedo nos lábios quando chegaram perto de um grande portão de entrada e saída de carruagens, rasgado num muro branco, ao fundo de uma viela.

– A nossa vantagem – disse Berrigan baixinho – é que o clube costuma estar quase deserto a esta hora do dia. Devemos conseguir esgueirar-nos lá para dentro. – Dirigiu-se a uma pequena porta ao lado do portão, experimentou abri-la, e, ao

verificar que se encontrava fechada, recorreu à chave.

Empurrou a porta, perscrutou o pátio e, não descortinando quaisquer indícios de perigo, transpôs o limiar e convidou Sandman e Sally a segui-lo.

O pátio estava desimpedido, aparte uma carruagem pintada de azul-escuro debruado a ouro, que obviamente tinha sido lavada há pouco tempo, porque reluzia no lusco-fusco, com pingos de água ainda a escorrer dos lados, e baldes abandonados ao pé das rodas. A insígnia do anjo dourado figurava na portinhola.

– Por aqui, depressa – disse Berrigan, e Sandman e Sally seguiram o sargento até aos estábulos imersos na penumbra. – Um dos moços deve estar a lavar o coche, mas o cocheiro há-de encontrarse agora na cozinha das traseiras – explicou, apontando para uma janela iluminada no anexo que dava para o pátio. Mas alarmou-se, quando uma porta da casa principal se escancarou de súbito. – Por aqui! – indicou em voz sibilante, e os três seguiram em cortejo por um caminho lateral aos estábulos. Soaram passos no pátio.

– Aqui? – perguntou uma voz, que Sandman não conseguiu identificar.

– A uns bons quatro metros de profundidade – respondeu outra voz entre paredes de pedra e com uma laje de alvenaria no topo.

– Não há espaço por aí além. Que largura terá o buraco?

– Uns três metros, talvez.

– Poças, homem, é no sítio onde as carruagens dão a volta!

– Então fá-la na rua.

Berrigan inclinou-se sobre o ombro de Sandman.

– Estão a falar da construção de uma casa de gelo – soprou-lhe ao ouvido –, há um ano que andam a discutir o assunto.

– E se a fizéssemos na traseira dos estábulos? – perguntou a primeira voz.

– O espaço não chega – replicou o outro homem.

– Refiro-me ao espaço entre os estábulos e o muro das

traseiras - especificou o primeiro interlocutor.

Sandman ouviu os passos dele aproximar-se, e não lhe restaram dúvidas de que seriam descobertos numa questão de segundos. Mas, entretanto, Berrigan examinou rapidamente o fundo da estreita álea onde se encontravam, e, não avistando vivalma, atravessou-a a correr, transpôs um pátio mais pequeno e desembocou junto de uma porta nas traseiras da casa.

- Por aqui! - sussurrou.

Sandman e Sally correram atrás dele e deram consigo numa escada de serventia, que obviamente fazia a ligação entre a cozinha da cave e os andares superiores.

- Vamos esconder-nos lá em cima - sussurrou Berrigan - até a costa ficar livre.

- Por que não nos escondemos aqui mesmo?

- Porque aqueles estupores podem voltar a entrar na casa através desta maldita porta - explicou Berrigan, conduzindo-os através da escada às escuras. A meio da subida, abriu sorrateiramente outra porta que dava acesso a um corredor revestido por uma espessa alcatifa, e com as paredes forradas com espesso papel púrpura; mas não havia luz suficiente para se discernir o padrão do papel de parede, nem os pormenores dos quadros que se encontravam pendurados nos intervalos entre as portas de madeira polida. Berrigan escolheu uma ao acaso, abriua e deparou-se com um aposento vazio. - Ficaremos em segurança aqui - afirmou.

Tratava-se de um quarto de dormir: amplo, luxuoso e confortável. O leito era alto e vasto, com um colchão macio coberto por uma espessa colcha escarlate bordada com a imagem de um serafim adejando as asas, em vias de levantar voo. Não faltava uma lareira destinada a manter o quarto quente durante o Inverno. Berrigan atravessou o aposento e dirigiu-se à janela, afastando os reposteiros para observar o pátio. Enquanto Sandman ajustava lentamente o olhar à obscuridade reinante, ouviu Sally desatar a rir, e voltando-se na sua direcção, verificou que ela mirava um quadro pendurado sobre o leito.

– Santo Deus! – escandalizou-se Sandman.

– Há por aqui muitos deste género – comentou secamente o sargento Berrigan. O quadro representava um alegre grupo de homens e mulheres sob uma arcada sustentada por colunas de mármore. Em primeiro plano, um menino tocava uma flauta e outro dedilhava uma harpa, ambos aparentemente alheios aos adultos que, completamente nus, acasalavam à luz do luar que banhava a arcada com um esplendor irreal.

– Caramba – disse Sally, impressionada – nunca imaginei que uma rapariga pudesse pôr as pernas naquela posição.

Sandman não achou necessário responder-lhe. Dirigiu-se à janela e olhou para baixo, mas o pátio parecia novamente deserto.

– Calculo que tenham voltado para dentro – disse Berrigan.

– E aqui está outro – comentou Sally, pondo-se em bicos de pés para examinar o quadro pendurado sobre a lareira.

– Achas que virão para aqui? – perguntou Sandman. Berrigan abanou a cabeça.

– Só usam estes miseráveis ninhos no Inverno.

Sally emitiu um risinho de troça perante o quadro, e voltou-se para Berrigan.

– Trabalhavas num bordel Sam Berrigan – É um clube!

– É mas é um raio de um bordel! – repetiu Sally desdenhosamente.

– Despedi-me, não foi? – protestou Berrigan. – De resto, para os empregados não era bordel nenhum.

Só para os membros.

– Quais membros? – perguntou Sally, rindo da sua própria piada. Berrigan fez-lhe sinal para calarse, não devido à grosseria do seu comentário, mas porque se ouviam passos lá fora no corredor.

Aproximaram-se da porta, seguiram, desvaneceram-se.

– Não estamos lá muito bem aqui – comentou Sandman.

– Vamos aguardar que as coisas se acalmem – respondeu Berrigan e depois voltamos a escapulir-nos para o pátio.

A maçaneta da porta começou a rodar com um clique. Berrigan recuou rapidamente para trás de um biombo que ocultava um bacio, mas a pessoa que estava às voltas com a maçaneta devia ter ouvido as vozes e recuado bruscamente, de modo que a porta se abriu de rompante e uma rapariga surgiu no limiar. Era alta e esbelta, com o cabelo preto puxado para o alto da cabeça num coque bem arranjado, preso por longos alfinetes com cabeças de madrepérola. Também os seus sapatos eram adornados com contas de madrepérola, ostentava brincos de pérolas e trazia, em redor do seu elegante pescoço de cisne, um colar de pérolas de duas voltas; mas, de resto, encontrava-se completamente nua. Não prestou a menor atenção a Sandman, que se preparava já para sacar da pistola, mas, em contrapartida, dirigiu um sorriso a Sally.

– Não sabia que trabalhavas aqui, Sal!

– Não estou propriamente em missão de trabalho, Flossie – explicou Sally.

Só então Sandman identificou a rapariga. Era a dançarina da ópera que se autodenominava Sacharissa Lasorda, e que, voltando-se nesse momento para observá-lo, teve artes de fazê-lo sentir-se muito pouco à-vontade, apesar de se encontrar nua em pêlo e ele completamente vestido. Mirouo da cabeça aos pés, e depois voltou a sorrir para Sally.

– Com que então, lá caçaste o bonitão, hem? Mas ele está a fazer-te esperar, não é? – Os olhos escancararam-se-lhe de espanto quando o sargento Berrigan emergiu de trás do biombo. – Um trabalhinho a três?! – perguntou, antes de reconhecer o sargento.

– Eu não estou aqui, Flossie – resmungou Berrigan –, portanto trata de desandares, de fechares a porta atrás de ti, e de não te esqueceres que não me viste. A propósito, julgava que tinhas partido para voos mais altos?

– Não resultou, Sam – respondeu ela, fechando de facto a porta mas permanecendo do lado de dentro.

– O que aconteceu com o Spofforth? – quis saber Sally.

– Pôs-se ao fresco esta manhã, foi o que aconteceu – replicou Flossie, com uma fungadela. – Grande sacana! Ora eu preciso do raio da massa, não preciso? E neste lugar sempre se vão ganhando uns trocos – prosseguiu, sentando-se na cama. – Mas que diabo está você a fazer aqui? – perguntou a Berrigan.

– E que diabo estás tu a fazer aqui? – perguntou Berrigan por seu turno.

– Costumamos vir aqui às escondidas para descansar um pouco – respondeu Flossie – dado que, no Verão, ninguém aparece por estas bandas.

– Bem, mete mas é na cabecinha que não estamos aqui – proferiu Berrigan em tom autoritário. – Não estamos aqui, não nos viste e não nos vais perguntar seja o que for.

– Com mil diabos! – replicou Flossie, nada intimidada. – Mil perdões por me atrever a respirar.

– E com quem é que deverias estar neste momento? – indagou Berrigan.

– Com o Tollemere. Só que se embebedou e, neste momento, ressona. Tornou a fungar e olhou para Sally. – Estás a trabalhar aqui? – Não.

– Ganha-se boa massa – comentou Flossie. – Descalçou um dos sapatos e massajou o pé. – Então o que é que me acontece se for lá abaixo dizer-lhes que vocês estão aqui? – perguntou a Berrigan.

– Da próxima vez que te puser os olhos em cima – garantiu Berrigan – prego-te uma sova de caixão à cova.

– Sargento! – protestou Sandman, não obstante dar-se conta de que Flossie não se mostrava minimamente abalada pela ameaça.

– Juro que dou cabo dela! – barafustou Berrigan.

– Sam, és o género de cão que ladra mas não morde – replicou Flossie, com um sorriso irónico.

– Não tencionamos fazer mal a ninguém – atalhou Sally, aflita –

, pelo contrário, estamos a tentar ajudar uma pessoa.

– Não vou contar a ninguém que estão aqui – prometeu Flossie –, por que faria tal coisa?

– Nesse caso, diz-nos quem está aqui esta noite – pediu Berrigan. Ela desfiou um rol de nomes sem qualquer interesse para Sandman, dado que nem o marquês de Skavadale nem Lord Robin Holloway figuravam na lista. Flossie tinha a certeza de que nenhum dos dois se encontrava no clube.

– Não tenho nada contra o marquês – afirmou –, porque é um cavalheiro às direitas, mas, quanto àquele maldito Lord Robin, não passa de um estupor. – Voltou a calçar o sapato, bocejou e pôs-se de pé. – Bem, agora é melhor ir verificar se sua senhoria não deu pela minha falta. Não vai tardar a querer a sua ceia. – Franziu o cenho. – Não me importo de trabalhar aqui – continuou –, ganha-se bem, o ambiente é simpático, mas detesto do fundo da alma ter de cear em pêlo com os gajos. Uma pessoa sente-se esquisita, compreendem, com todos aqueles homens vestidos a rigor e nós ali despidas. – Abriu a porta e abanou a cabeça. – E entorno sempre o raio da sopa.

– Vais manter-te caladinha, Flossie? – perguntou o sargento Berrigan ansiosamente.

Ela atirou-lhe um beijo.

– Por ti faço tudo, Sam, tudinho mesmo – disse, e desapareceu.

– "Por ti faço tudo, Sam?" – desafiou Sally.

– Ela não estava a falar a sério – apressou-se a garantir Berrigan.

– Mr. Spofforth tinha razão – interrompeu-os Sandman.

– Acerca de quê? – quis saber Sally.

– Ela tem de facto boas pernas.

– Capitão! – exclamou Sally, chocada.

– Já vi melhores – afirmou galantemente o sargento Berrigan, e Sandman teve a satisfação de ver Sally corar.

– Só por curiosidade – perguntou Sandman, acercando-se da

porta –, quanto custa ser membro do clube? – Abriu uma fresta da porta e espreitou, mas o corredor encontrava-se deserto.

– Duas mil de jóia, e tem de ser por convite, mais trezentas por ano esclareceu Berrigan.

Privilégios de ricos, pensou Sandman. Ora, se a condessa de Avebury andava exercer chantagem sobre um dos membros, ou talvez uns dois ou três, não teriam eles decidido matá-la a fim de preservarem a sua permanência naquela mansão hedonística? Voltou a espreitar pela janela. Agora reinava a escuridão lá fora, mas aquela espécie de escuridão luminosa própria de uma noite de Verão numa cidade iluminada a gás.

– Não será altura de irmos à procura do nosso cocheiro? – sugeriu a Berrigan.

Voltaram a descer as escadas de serventia e atravessaram o pátio. A carruagem ainda rebrilhava de molhada sobre o chão empedrado, mas os baldes haviam desaparecido. Ouvia-se o bater de cascos de cavalos no interior dos estábulos. Berrigan dirigiu-se à porta lateral do anexo, aplicou o ouvido por uns segundos, e em seguida ergueu dois dedos para indicar que lhe parecia haver dois homens nos fundos do casinhoto. Sandman retirou o pistolão do bolso do casaco. Resolveu não o engatilhar, porque não queria que a arma disparasse acidentalmente, mas assegurou-se de que estava carregada antes de afastar para o lado o sargento Berrigan, abrir a porta e irromper lá dentro.

A sala servia de cozinha, posto de muda de cavalos e armazém. Havia uma panela ao lume, cheia de água a ferver. Um par de velas ardia sobre a cornija da lareira, e encontravam-se mais algumas sobre a mesa, à qual se sentavam dois homens, um jovem, o outro de meia idade, diante de canecas de cerveja e pratos com pão, queijo e carnes frias. Sobressaltados pela entrada de Sandman, ergueram os olhos da comida, fitaram-no, e o mais velho, de boca aberta de espanto, deixou cair o seu cachimbo de barro, que se partiu contra a borda da mesa. Sally vinha atrás de Sandman, seguida pelo sargento Berrigan, que fechou a porta nas suas costas.

– Faça as apresentações – pediu Sandman. Embora não tivesse

a pistola apontada a nenhum dos homens, nem um nem outro conseguiam, manifestamente, desviar os olhos dele.

– O mais novo é um moço de estrebaria chamado Billy – explicou Berrigan –, e o de queixo caído é Mr. Michael Mackeson, um dos dois cocheiros do clube. Onde está o Percy, Mack?

– Sam?! – reagiu Mackeson em voz desfalecida. Tratava-se de um homem corpulento, com um belo bigode de pontas enceradas e uma massa de cabelo negro que começava a tornar-se grisalho nas têmporas. Trajava com apuro e não era de estranhar que pudesse permitir-se esse luxo, dado que os bons condutores eram pagos a peso de ouro. Sandman tinha ouvido falar de um cocheiro que ganhava por ano mais de duzentas libras, e todos eles eram considerados como detentores de um talento invejável, a ponto de a maior parte dos jovens bem-nascidos desejarem imitá-los. Os futuros lordes usavam muitas vezes capas idênticas às dos cocheiros profissionais, e esforçavam-se por aprender a sua arte de empunhar o chicote com uma mão e segurar o conjunto de rédeas com a outra. Eram tantos os aristocratas aspirantes a cocheiros que ninguém podia ter a certeza se determinada carruagem estava a ser dirigida por um duque ou por um cocheiro assalariado. Porém, a despeito do seu elevado estatuto, Mackeson limitou-se a engasgar perante Berrigan, que, tal como Sandman, exibia uma pistola.

– Onde está o Percy? – repetiu Berrigan.

– Foi levar Lord Lucy a Weybndge – respondeu Mackeson.

– Bem, esperemos que sejas tu o nosso homem – replicou Berrigan.

– E quanto a ti, Billy, não vais a lado nenhum – apostrofou o moço de estrebaria, vestido com um puído exemplar da libré amarela e preta do Clube dos Serafins –, a menos que estejas desejoso de que eu te rache a cabeça.

– O moço, que fizera menção de levantar-se do banco, voltou a sentar-se.

Sem mesmo ter consciência do facto, Sandman foi invadido pela cólera. Era possível que o cocheiro do bigode possuísse a

informação de que tão desesperadamente precisava, e a ideia de se encontrar tão perto do seu objectivo e, ainda assim, correr o risco de não chegar à verdade, despoletava-lhe a raiva. Uma raiva fria e controlada, que, no entanto, transparecia no seu tom de voz, ríspido e martelado, provocando o pânico de Mackeson. – Há umas semanas – disse Sandman –, um cocheiro deste clube foi buscar uma criada à residência da condessa de Avebury em Mount Street. Foi você?

Mackeson engoliu em seco, aparentemente incapaz de articular palavra.

– Foi você? – insistiu Sandman, brutalmente.

Mackeson assentiu com um lento aceno de cabeça, olhando de soslaio para Berrigan com o ar de quem não acreditava que aquilo pudesse estar a suceder-lhe.

– Para onde a levou? – perguntou-lhe Sandman. Mackeson voltou a engolir em seco, dando em seguida um salto no assento perante a reacção de Sandman, que foi a de bater com a pistola na mesa.

Mackeson desviou o olhar de Sandman para Berrigan, que o encarou de cenho franzido.

– Eles vão matar-te, Sam Berrigan – advertiu – vão limpar-te o sebo de vez se te encontrarem aqui.

– Nesse caso, é preferível que não me encontrem – ripostou Berrigan.

O cocheiro sobressaltou-se de novo ao ouvir o som da pistola de Sandman a ser engatilhada. Com os olhos esbugalhados de pânico, fitou a boca da arma e emitiu um gemido.

– Só lhe repetirei a minha pergunta com bons modos mais uma vez disse Sandman –, depois disso, Mr. Wackeson, vou...

– Nether Cross – apressou-se Mackeson a responder.

– Onde fica Nether Cross?

– Muito longe daqui – respondeu o cocheiro, cautelosamente. – Umas sete ou oito horas de jornada.

– Mas onde? – insistiu Sandman, enfurecido.

– Perto da costa, senhor, para as bandas de Kent.

– E quem é que vive por essas bandas – indagou Sandman –, em Nether Cross?

– Lord John de Sully Pearce-Tarrant – elucidou Berrigan, em lugar do cocheiro –, visconde de Hurstwood, conde de Keymer, barão de Highbrook, lorde de tudo isto e de sabe Deus que mais, herdeiro do ducado de Ripon, e também conhecido, capitão, como marquês de Skavadale.

Sandman experimentou um intenso alívio. Obtivera, finalmente, a sua resposta.

A carruagem lá foi estrepitando através do emaranhado de ruas da margem sul do Tamisa. Levava os dois lampiões acesos, mas emitiam uma luz tão fraca que de pouco ou nada servia para iluminar o caminho, de modo que, quando alcançaram o topo de Shooters Hill, onde não havia praticamente postes de iluminação e a estrada para Blackheath se estendia diante deles numa escuridão impenetrável, estacaram. Desatrelaram os cavalos e prenderam-nos a uns postes, e entretanto trancaram os dois prisioneiros no interior da carruagem graças ao simples expediente de amarrarem os fechos das portinholas com as rédeas soltas, que em seguida enrolaram em torno do veículo, atando-as firmemente. Após taparem as janelas com bocados de madeira, restava a Sandman e a Berrigan alternarem turnos de vigia durante o resto da noite.

Os dois prisioneiros eram o cocheiro, Mackeson, e Billy, o moço de estrebaria. Fora Berrigan quem tivera a ideia de utilizarem a carruagem do Clube dos Serafins, lavada de fresco. A princípio Sandman opusera-se, argumentando que já tinha combinado com Lord Alexander que ele lhe emprestaria o seu coche com a respectiva equipagem, além de que não se sentia no direito legal de requisitar uma das carruagens do Clube dos Serafins; mas Berrigan desdenhara de semelhantes escrúpulos.

– Acha que o cocheiro de Lord Alexander conhece o caminho para Nether Cross? – perguntara sagazmente. – Portanto, isso significa que, de qualquer forma, precisamos de levar o Mackeson connosco, e, consequentemente, mais vale pô-lo a conduzir um

veículo que está habituado a manejar. E, atendendo a todas as patifarias que aqueles sacanas praticaram, não creio que nem Deus nem os homens venham a censurá-lo por se ter apropriado da sua carruagem.

Ora, dada a necessidade de raptar o coche e o cocheiro, seguia-se que Billy, o moço de estrebaria, devia ser também feito prisioneiro, a fim de impedi-lo de dar à língua acerca do facto de Sandman andar à procura de Meg. O rapaz não oferecera qualquer resistência, pelo contrário, até ajudara Mackeson a atrelar os cavalos, sendo em seguida atado de pés e mãos e enfiado dentro da carruagem, enquanto que Mackeson se sentava à boleia, vigiado por Berrigan. Os poucos membros do clube que lá se encontravam, banqueteando-se em sossego na sala de jantar, nem por sombras se deram conta de que a sua carruagem fora levada por estranhos.

E agora, encalhados em Blackheath, Sandman e os seus cúmplices precisavam de arranjar maneira de passar o tempo durante as horas de escuridão. Berrigan levou Sally para uma hospedaria próxima onde alugou um quarto para pernoitarem juntos, enquanto Sandman permaneceu de guarda à carruagem. Só depois de soarem as badaladas das duas Berrigan voltou a emergir na escuridão.

– Uma noite calma, capitão?

– Perfeitamente calma – assegurou Sandman, e em seguida sorriu. – Há muito tempo que não fazia trabalho de sentinela.

– Aqueles dois têm-se portado nos conformes? – perguntou Berrigan, apontando para a carruagem.

– Como cordeirinhos – tranquilizou-o Sandman.

– Pode ir dormir agora – sugeriu Berrigan –, é a minha vez de ficar de atalaia.

– Daqui a pouco – respondeu Sandman. Estava sentado sobre as ervas, de costas apoiadas contra uma das rodas, e ergueu a cabeça para contemplar as estrelas que ora apareciam ora desapareciam entre os farrapos de nuvens. – Lembras-te das marchas nocturnas em Espanha? – perguntou. As estrelas eram tão brilhantes que quase nos davam a sensação de que poderíamos

estender a mão e apagá-las.

– Recordo-me das fogueiras dos acampamentos – disse Berrigan –, colinas e vales semeados de fogo.

– Virou-se e olhou para oeste. – Um pouco como aquilo.

Sandman voltou por seu turno a cabeça para contemplar Londres, estendida a seus pés como uma manta de retalhos de fogo, esborratada por uma nuvem de fumo avermelhada. No alto da charneca onde se encontrava, o ar era límpido e fresco, mas, ainda assim, chegava-lhe o cheiro da fumarada de carvão emitida pela cidade imensa, que irradiava as suas turvas luzes até à linha do horizonte, a poente.

– Tenho mesmo saudades de Espanha – confessou.

– A princípio estranhei tudo – disse Berrigan –, mas depois gostei. Aprendeu a língua?

– Aprendi. Berrigan riu-se.

– Aposto que até a falava muito bem.

– Tornei-me bastante fluente, de facto.

Berrigan estendeu a Sandman uma garrafa de litro. – Brandy – anunciou. – Ora ocorreu-me – prosseguiu – que, se realmente vier a dedicar-me à importação dos tais charutos, precisarei de um sócio que saiba falar espanhol. O senhor e eu?

Poderíamos ir juntos até aquelas paragens, podíamos trabalhar juntos.

– A ideia agrada-me – respondeu Sandman.

– Não me restam dúvidas de que seria um negócio lucrativo – reforçou Berrigan. – Em Espanha, pagávamos meio tostão furado por aqueles charutos, ao passo que aqui custam uma fortuna, além de que é extremamente difícil encontrá-los.

– Plenamente de acordo – replicou Sandman, sorrindo à ideia de que, afinal de contas, talvez houvesse um emprego no seu horizonte. "Berrigan Sandman, Fornecedores dos Melhores Charutos?" O pai de Eleanor apreciava um bom charuto e costumava adquiri-los a preços astronómicos, de modo que Sir

Henry talvez encarasse o projecto como suficientemente rentável para levá-lo a consentir no enlace da filha com Sandman, na convicção de que ela não desposaria, nesse caso, um homem desprovido de recursos. Era provável que Lady Forrest jamais reconhecesse em Sandman um marido apropriado para a filha, mas Sandman calculava que Eleanor e o pai superariam as suas objecções. Ele e Berrigan precisariam de dinheiro para o negócio, mas quem melhor do que Sir Henry para financiá-los? Teriam de percorrer a Espanha de uma ponta à outra, alugar navios e arranjar um escritório numa zona elegante de Londres, mas o negócio tinha todas as condições para prosperar. Disso não lhe restavam dúvidas.

– Magnífica ideia, sargento – disse-lhe.

– Então atiramo-nos a isso mal despachemos este imbróglio?

– Por que não? Com certeza. – Estendeu a mão e Berrigan apertou-lha, selando o pacto.

– Velhos soldados como nós devem manter-se unidos – afirmou Berrigan – porque já provámos o nosso valor. Portámo-nos bem como o raio, capitão. Perseguimos aqueles malditos franciús através de toda a Europa, por fim regressámos ao nosso país e nenhum daqueles sacanas no poder nos agradeceu, pois não? – Interrompeu-se, meditativo. – Havia uma regra no Clube dos Serafins.

Ninguém podia jamais aludir à guerra. Ninguém.

– Nenhum dos membros esteve alistado?

– Nem um único. Recusavam até a admissão de quaisquer candidatos que tivessem passado pelo exército ou pela marinha.

– Por despeito?

– Provavelmente.

Sandman bebeu um trago da garrafa.

– No entanto, deram-lhe emprego a si.

– Gostavam da ideia de terem um ex-membro da Guarda no seu átrio. Proporcionava aos sacanas uma sensação de segurança. E podiam dar-me ordens a torto e a direito, o que também

apreciavam bastante. Era Berrigan faz isto, Berrigan faz aquilo. - O sargento resmungou um agradecimento quando Sandman lhe passou a garrafa. - Na maioria das vezes não havia nada de mal nas suas ordens. Tratava-se apenas de fazer recados para os estupores, mas, de vez em quando, pediam-me outras coisas. - Calou-se, e Sandman respeitou o seu silêncio. A noite estava extraordinariamente serena. Passado um bocado, conforme Sandman calculara, Berrigan retomou a palavra. - Uma vez, houve um sujeito que pretendeu denunciar as actividades do clube à justiça, de modo que lhe demos uma lição. Os Serafins enviaram uma carrada de flores para cobrir-lhe a campa, lá isso fizeram eles.

Quanto às garotas, como é óbvio, pagámo-lhes para manterem o bico calado. Não me refiro às do género da Flossie, que sabe cuidar bem de si própria, mas as outras? Calámo-las com umas dez ou doze libras.

– Que tipo de garotas?

– Raparigas vulgares, capitão, que lhes tinham atraído a atenção no meio da rua.

– Raptavam-nas?

– Raptavam-nas - confirmou Berrigan. - Raptavam-nas, violavam-nas e compravam-lhes o silêncio.

– Todos os membros do clube participavam nessas actividades?

– Alguns eram piores do que os outros. Há sempre uma meia dúzia capaz de qualquer atrocidade, tal como acontece num batalhão de soldados. E depois há os que se deixam arrastar, e entre esses, invariavelmente, um ou outro com a pele mais sensível. Foi por isso que sempre me custou a acreditar que tivesse sido Skavadale a espatifar a condessa. Não é má pessoa. Todo empertigado e convencido, mas, no fundo, um homem desprovido de maldade.

– Também eu apostava mais em Lord Robin - reconheceu Sandman.

– Não passa de um pulha maluco, a abarrotar de dinheiro -

afirmou Berrigan. - Vergonhosamente rico, velhaco e doido - acrescentou.

– Mas o Skavadale tem mais a perder - observou Sandman.

– Já perdeu quase tudo - replicou Berrigan. - Deve ser o membro mais pobre do clube. O pai dele desbaratou toda a fortuna da família.

– Mas o filho - adiantou Sandman - está noivo de uma rapariga riquíssima, talvez a mais rica herdeira de toda a Inglaterra. Desconfio que ele andava a divertir-se com a condessa de Avebury, e essa dama tinha o péssimo hábito de dedicar-se à chantagem. - Sandman reflectiu por momentos.

– O Skavadale bem podia estar nas últimas, mas, mesmo assim, aposto que, em caso desesperado, conseguiria ainda desencantar um milhar de libras. E tratava-se provavelmente do género de quantia que a condessa lhe exigia, a troco de renunciar a escrever uma carta à sua abastadíssima e piedosa noiva.

– E, portanto, matou-a? - indagou Berrigan.

– Portanto, matou-a - confirmou Sandman. Berrigan raciocinou por instantes.

– Nesse caso, por que motivo encomendaram o retrato?

– No fim de contas - respondeu Sandman -, se calhar isso nada teve a haver com o assassínio. O que aconteceu é que vários dos membros do Clube dos Serafins, tendo mantido relações com a condessa, pretendiam um retrato dela à laia de troféu. Portanto, lá estava o pobre Corday, todo atarefado a pintá-lo, quando o Skavadale resolve visitá-la. Sabemos que subiu pela escada das traseiras, o acesso privativo, e que o Corday foi afastado dali à pressa quando a condessa se apercebeu de que um dos seus amantes vinha a caminho.

Naquele momento, Sandman estava certo de que era precisamente assim que os factos se haviam desenrolado. Na sua mente, revia a cena com total nitidez: o surdo embaraço reinante no quarto, Corday pintando, a condessa, reclinada no leito, trocando impressões indiferentes com a aia; o ruído do lápis de carvão a arranhar a tela, o som de passos subindo pela escada

privativa – o início do martírio de Corday.

Berrigan bebeu mais um trago antes de devolver a garrafa a Sandman.

– Portanto – resumiu – a tal Meg arrasta o mariconço para o andar de baixo, põe-no na rua, volta a subir as escadas e depara-se com o quê? Com a condessa morta?

– Provavelmente. A condessa morta ou moribunda, e o marquês de Skavadale ali no quarto. – Teria a condessa ficado feliz ante o inopinado aparecimento do marquês? – perguntou Sandman a si próprio. Ou seria que aquela relação adúltera estava já comprometida? Era possível que Skavadale tivesse ido lá simplesmente para suplicar à condessa que desistisse das suas pretensões, e que a condessa, faminta de dinheiro, se tivesse rido na sua cara. Talvez ela lhe tivesse exigido uma quantia ainda maior, despertando nele uma fúria assassina que o levara a pegar numa faca. Mas qual faca? Um homem do tipo de Skavadale não trazia facas consigo, portanto deveria haver algures no quarto uma faca. Meg estava certamente a par de tudo. Se calhar, a condessa tinha estado a comer fruta, e portanto haveria por ali uma faca de descascar, da qual Skavadale se teria apoderado para esfaquear a amante; em seguida, vendo-a lívida e agonizando numa poça de sangue, ter-lhe-ia ocorrido a esperteza de espetar numa das feridas o utensílio aguçado que Corday usava para misturar as tintas na paleta. E, justamente naquele momento, ou pouco depois, Meg regressara.

Ou, em alternativa, teria escutado a briga e aguardado diante da porta, até ver Skavadale sair do quarto.

– Nesse caso, porque é que Skavadale não a matou também a ela?

– Porque Meg não representava uma verdadeira ameaça para ele sugeriu Sandman. – A condessa estava a pôr em risco o seu noivado com uma rapariga cujo dote lhe permitiria provavelmente liquidar todas as hipotecas das propriedades da família – todas! A condessa tinha o poder de desfazer tal noivado, e não há maior tragédia para um aristocrata do que ver-se sem dinheiro, porque, quando o dinheiro se vai, vai-se o estatuto. Desde o berço que lhes

instilam a convicção de que são melhores do que gentalha como nós, mas é puro engano, são apenas muito mais ricos, e precisam da fortuna para preservarem as suas ilusões de superioridade. A condessa poderia atirar com ele para a valeta, portanto ele odeia-a e mata-a, mas não mata a criada porque ela não constitui para ele uma verdadeira ameaça.

Berrigan ponderou a argumentação.

– Portanto, em vez de matá-la, remete-a para uma das suas propriedades hipotecadas?

– É o que me parece – afirmou Sandman.

– Assim sendo, porque é que Lord Robin anda a tentar matá-lo a si?

– Porque me tornei num perigo para o amigo dele, claro – redarguiu Sandman impetuosamente. – A última coisa que lhes interessa é que a verdade venha ao de cima, portanto tentaram subornar-me, e a seguir vão tentar matar-me.

– Um grande suborno, lá isso foi – concordou Berrigan.

– Nada que se compare com a fortuna que a noiva de Skavadale irá proporcionar-lhe – replicou Sandman –, e a condessa pôs esse noivado em risco. Portanto, tinha de morrer, e agora é o Corday que tem de morrer para que toda a gente esqueça o crime.

– Muito bem – concedeu Berrigan. – Mas continuo sem perceber por que motivo não arrumaram também com a tal criada Meg. Se a considerassem como um perigo, não a teriam deixado viva.

– Talvez a tenham matado – admitiu Sandman.

– Nesse caso, estamos a desperdiçar o nosso tempo – observou sombriamente Berrigan.

– Mas não creio que se tenham dado ao trabalho de levar Meg para as lonjuras de Nether Cross apenas a fim de matá-la – retorquiu Sandman.

– Então o que fizeram dela?

– Talvez lhe tenham simplesmente proporcionado um lugar

para viver sugeriu Sandman – em condições suficientemente favoráveis para que ela não se sinta tentada a revelar o que sabe.

– Nesse caso, é agora ela a chantagista?

– Não sei – replicou Sandman. No entanto, ponderando o alvitre do sargento, afigurou-se-lhe bastante inverosímil a figura de Meg no papel de chantagista de Skavadale. – Talvez – prosseguiu –, mas, se tiver algum juízo na cabeça, não deve estar a exigir mundos e fundos, motivo pelo qual lhe vão poupando a vida.

– Mas, se ela está a exercer chantagem sobre o Skavadale, não é lá muito provável que nos conte a verdade, pois não? Tem o Skavadale sob controlo, não é verdade? Está com a faca e o queijo na mão. Por que haveria de renunciar ao bodo apenas para salvar a vida de um desgraçado maricas?

– Porque vamos tratar de apelar ao seu lado bom – respondeu Sandman. Berrigan soltou uma gargalhada azeda.

– Excelente ideia – disse –, assim fica logo tudo resolvido!

– A táctica funcionou consigo, sargento – relembrou Sandman suavemente.

– Graças à Sally, foi tudo por causa dela. – Berrigan fez uma pausa, e, quando retomou a palavra, parecia embaraçado. – Sabe que, ao princípio, naquela noite no Wheatsheaf? Bem, julguei que houvesse um caso entre vocês os dois.

– Lamento, mas não – esclareceu Sandman –, pela minha parte estou comprometido, e a Sally é inteiramente sua, sargento, pelo que o considero um homem cheio de sorte. Tal como eu próprio, aliás. Mas, por outro lado, sou também um homem extremamente cansado. – Arrastou-se para debaixo da carruagem, chocando dolorosamente a cabeça contra o eixo dianteiro. Depois de Waterloo – gemeu –, nunca pensei que voltasse a dormir uma noite ao ar livre.

Sob a carruagem, a erva estava seca. As molas do veículo rangeram quando um dos prisioneiros se agitou lá dentro; os cavalos amarrados às estacas batiam os cascos, o vento silvava por entre um aglomerado de árvores próximo. Sandman recordou centenas de noites dormidas a céu aberto, e, justamente na altura

em que chegara à conclusão de que o sono jamais viria naquela noite, o sono veio. E ele adormeceu.

Ao alvorecer da manhã seguinte, Sally levou-lhes um cesto com bacon, ovos cozidos, pão e uma garrafa de chá gelado, pequeno-almoço esse que partilharam com os dois prisioneiros. Mackeson, o cocheiro, manifestava a maior fleuma a respeito da sua sorte.

– Não tiveram muita escolha, pois não? – disse a Berrigan. – Não tinham outro remédio se não manter-nos de bico calado, mas não vos servirá de nada, Sam.

– Por que não?

– Já alguma vez viste um lorde ser enforcado?

– O conde Ferrers morreu na forca – interveio Sandman –, por ter assassinado o seu criado.

– Não! – exclamou Sally, incrédula. – Enforcaram um conde? De verdade mesmo?

– Foi conduzido ao cadafalso na sua própria carruagem – garantiu-lhe Sandman –, vestido com o seu fato de casamento.

– Essa agora! – ripostou Sally, obviamente encantada com a informação. – Um lorde, hem?

– Mas isso passou-se há muito tempo – objectou Mackeson, retirando peso ao facto –, há muito, muito tempo. – O seu bigode, de pontas tão garbosamente enceradas quando Sandman o vira pela primeira vez, apresentava-se agora emaranhado e descaído. – Portanto, qual é o plano? – perguntou em tom sombrio.

– Vamos a Nether Cross – elucidou Sandman –, pegamos na rapariga, e tu trazes-nos de regresso a Londres, onde escreverei uma carta aos teus patrões explicando-lhes que foste obrigado a faltar aos teus deveres.

– Há-de servir-me de muito – resmungou Mackeson.

– És um cocheiro profissional, Mack – atalhou Berrigan –, não terás dificuldade em arranjar outro emprego. O resto do pessoal pode andar todo a morrer de fome, mas para os cocheiros há

sempre trabalho.

– Está na altura de nos prepararmos para partir – decidiu Sandman, observando a alvorada. Uma leve neblina corria sobre a charneca. Os cavalos foram levados a beber numa vala de água, e em seguida reconduzidos para junto da carruagem, onde foi precisa uma eternidade para equipá-los com os respectivos conjuntos de freios, barrigueiras, gamarras, cilhas, coleiras, tirantes, rabichos de arreios, coxins e correias. Depois de Mackeson e Billy terminarem a sua tarefa de arrear as montadas, Sandman obrigou o jovem a descalçar-se e a retirar o cinto. O moço de estrebaria tinha-lhe suplicado que o libertasse das amarras nos tornozelos e nos pulsos e Sandman satisfizera-lhe o pedido – mas, sem sapatos e com os calções caídos à altura dos joelhos, não seria fácil para o jovem uma tentativa de fuga. Sandman e Sally instalaram-se no interior da carruagem, juntamente com um Billy bastante embaraçado; Mackeson e Berrigan içaram-se para a boleia, e em seguida, com uma chiadeira de rodas, um tinido de arreios e um forte solavanco, a carruagem arrancou, bamboleandose sobre o capim, em direcção à estrada. A jornada recomeçava.

Rumaram a sudeste, por entre campos de lúpulo, pomares e grandes propriedades senhoriais. Ao princípio da manhã, Sandman tombara involuntariamente no sono, ao qual foi arrancado em sobressalto quando a carruagem ressaltou sobre um trilho da estrada. Pestanejou, e apercebeu-se então de que Sally se apoderara da sua pistola e mantinha uma estreita vigilância sobre Billy, que não podia estar mais apavorado.

– Pode continuar a dormir à vontade, capitão – disse-lhe ela.

– Desculpa, Sally.

– Ele não se atreveria a tentar fosse o que fosse – ripostou Sally desdenhosamente –, muito menos depois de eu lhe ter dito quem é o meu irmão.

Olhando pela janela, Sandman verificou que estavam a subir um declive, por entre um bosque de faias.

– Pensei que talvez nos cruzássemos com ele ontem à noite.

– Ele não gosta de atravessar o rio – informou Sally –, de

modo que só trabalha nas estradas para norte e oeste. - Verificando que ele se encontrava já plenamente acordado, devolveu-lhe a pistola. - Acha que um homem que tenha andado na má vida pode ser capaz de endireitar-se? perguntou.

Sandman calculou que a pergunta não visasse o irmão dela, mas antes Berrigan. Não que o sargento andasse exactamente na má vida, pelo menos no sentido em que o termo era usado no Wheatsheaf, mas, na sua qualidade de empregado do Clube dos Serafins, teria certamente participado em actividades criminosas.

– Claro que pode - assegurou Sandman convictamente.

– Poucos o conseguem - declarou Sally, não em tom desafiador, mas mais como alguém que procura ser tranquilizado.

– Todos nós temos de ganhar a vida, Sally - replicou Sandman -, e, falando honestamente, ninguém gosta de trabalhar no duro. É esse o fascínio da má vida, não é? O teu irmão consegue angariar o seu sustento trabalhando apenas uma em cada três noites.

– Mas o Jack é mesmo assim, não é verdade? - Parecia desolada, e em vez de encarar Sandman de frente, contemplava, através da janela poeirenta, um pomar que ladeava a estrada.

– Ora, talvez o teu irmão assente quando encontrar a mulher certa para ele - consolou-a Sandman. - Acontece com muitos homens. Começam a andar por maus caminhos mas, a dada altura, passam a dedicar-se a um trabalho honesto, e de um modo geral a causa da mudança é terem conhecido uma mulher. Nem imaginas a quantidade de soldados às minhas ordens que não prestavam absolutamente para nada, patetas alegres que serviam melhor a causa do inimigo do que a nossa, e que, após travarem conhecimento com alguma espanholita que mal lhes dava pelo ombro, se tornavam em soldados exemplares num abrir e fechar de olhos. - Ela voltou-se para ele, olhos nos olhos, e ele sorriu-lhe. - Não acho que precises de te preocupar, Sally.

Ela devolveu-lhe o sorriso.

– Considera-se um bom avaliador de homens, capitão?

– Sim, Sally, isso mesmo.

Ela riu-se, e, em seguida, dirigiu-se a Billy.

– Fecha a matraca antes que lá entrem moscas – recomendou-lhe e pára de escutar as conversas alheias!

O rapaz corou e pregou os olhos numa sebe que desfilava através da janela. Como não podiam mudar de cavalos, Mackeson refreava as duas parelhas, de modo que progrediam lentamente, e a viagem tornava-se ainda mais demorada porque a estrada se encontrava em mau estado e eram obrigados a parar de cada vez que um toque de corneta anunciava a presença de uma diligência normal ou do correio no seu encalço. As carruagens da mala-posta eram as mais assustadoras, porque surgiam precedidas por um toque de urgência estridente, e, com a sua estrutura leve e molas excelentes, passavam por eles com um estrépito de cascos, velozes como um tiro. Sandman invejava-lhes a velocidade, preocupado como estava pela premência do tempo, mas depois reflectiu que ainda era sábado e, partindo do princípio de que Meg se encontrava realmente refugiada em Nether Cross, poderiam estar de regresso a Londres na tarde de domingo, o que lhes daria uma boa folga para procurarem o paradeiro de Lord Sidmouth e arrancar-lhe a suspensão da sentença. O ministro tinha mandado dizer que não pretendia ser incomodado no dia do Senhor, mas Sandman estava-se nas tintas para os sentimentos devotos de sua senhoria. Em prol da justiça, não hesitaria em privar o governo em peso do cumprimento dos seus deveres dominicais.

A meio da manhã, Sandman trocou de lugar com Berrigan, assumindo por seu turno a tarefa de vigiar Mackeson. Abriu as abas do casaco para exibir a pistola, mas o cocheiro mostrava-se amedrontado e dócil. Conduzia a carruagem por atalhos cada vez mais estreitos, de modo que tanto ele como Sandman roçavam constantemente pelos galhos das árvores. Detiveram-se à beira de um riacho que podia ser atravessado a vau, para permitirem aos cavalos saciar a sede. Sandman perdeuse na contemplação das libélulas que adejavam sobre a corrente agitada, até que, com um estalido de língua, Mackeson deu aos cavalos sinal de partida e a carruagem avançou água adentro, provocando uma miríade de repuxos. Chegada à outra margem, subiu por uma encosta aprazível, onde homens e mulheres se ocupavam na ceifa das

searas. Cerca do meio-dia, pararam junto de uma estalagem onde Sandman adquiriu cerveja, pão e queijo, que foram comendo e bebendo enquanto a carruagem vencia, gemebunda, a última etapa da jornada. Passaram por uma igreja circundada por uma sebe viva entrelaçada com flores de laranjeira, e em seguida atroaram, com o ruído do trote dos cavalos, uma aldeia onde meia dúzia de homens jogavam críquete no relvado. Sandman observou o desenrolar do jogo à medida que a carruagem chocalhava pela estrada, à beira do campo. Tratava-se de uma versão provinciana do críquete, muito aquém da sofisticação londrina do jogo. O wicket resumia-se a dois postes cruzados por uma trave, e os jogadores cingiam-se estritamente à modalidade de arremesso com o braço dobrado abaixo do ombro, porém os atacantes exibiam excelente postura e uma pontaria certeira; Sandman ouviu os gritos da assistência aplaudindo um lance em que uma bola mal arremessada foi rebatida para um charco de patos. Um rapazinho entrou na água para recuperar a bola. Entretanto, com uma destreza resultante de muita prática, Mackeson orientou os cavalos num estreito caminho ladeado de muros de tijolo, acalmou-os à passagem entre duas fornalhas, e conduziu-os para uma estreita vereda que atravessava uma espessa mata de carvalhos.

– Já não falta muito – anunciou.

– Os meus parabéns por se lembrar tão bem do caminho – elogiou Sandman. O cumprimento era sincero, porque a jornada fora tortuosa, e a certa altura chegara a suspeitar de que Mackeson tentava enganá-lo, perdendo-se deliberadamente no emaranhado de veredas. Mas na última curva, diante das casas das fornalhas, avistara um marco que apontava para Nether Cross.

– Já percorri este caminho uma meia dúzia de vezes, conduzindo sua senhoria – ripostou Mackeson, hesitando em seguida antes de confrontar Sandman.

– O que é que vai acontecer se não encontrarmos a tal mulher?

– Havemos de encontrá-la – replicou Sandman. – Trouxe-a para aqui, não trouxe?

– Mas há já muito tempo, patrão – disse Mackeson –, já lá vai bastante tempo.

– Quanto?

– Cerca de sete semanas – elucidou o cocheiro. Sandman compreendeu então que Meg devia ter sido removida para as lonjuras do campo imediatamente após o assassínio, ou seja, um mês antes do julgamento de Corday. – Já se passaram sete semanas – prosseguiu Mackeson – e, em sete semanas, muita coisa pode acontecer, não é verdade? – Fitou Sandman com um olhar malicioso. – Além de que sua senhoria bem pode encontrar-se na residência, já pensou nisso? Nesse caso, o caldo ficaria entornado, não lhe parece?

Já tinha ocorrido a Sandman a incómoda hipótese de Skavadale se encontrar de facto em Nether Cross, mas chegara à conclusão de que nada lhe adiantava preocupar-se antecipadamente com esse eventual contratempo. No fundo, tanto lhe fazia que sua senhoria se encontrasse ou não lá, e que ele fosse ou não forçado a confrontá-lo. O que realmente o preocupava era a possibilidade Meg ter levado sumiço. Talvez estivesse já morta? Ou então, se de facto exercia chantagem sobre Skavadale, bem podia viver refastelada numa confortável vida de província, e, nesse caso, não lhe interessaria abdicar dos privilégios recentemente adquiridos.

– De que espécie de mansão se trata? – perguntou ao cocheiro.

– Oh, nada que se compare àqueles grandes solares que a família possui lá para o norte – esclareceu Mackeson. – Tanto quanto sei, esta mansão veio parar-lhes às mãos graças a um casamento, em tempos remotos.

– Confortável?

– Melhor do que o senhor ou eu conseguiremos jamais habitar – replicou Mackeson, e em seguida, com outro estalido de língua, fez arrebitar as orelhas dos cavalos e, manejando habilmente as rédeas, encaminhou-os sem esforço para um portão duplo, inserido entre altos pilares de pedra.

Sandman abriu o portão, que estava trancado mas não fechado à chave, e voltou a fechá-lo depois de a carruagem o ter transposto. Tornou a subir para a boleia, e Mackeson conduziu os cavalos por uma longa álea que serpenteava ao longo de um parque de veados, por entre faias, até chegarem a uma pequena ponte, de

onde avistaram, por entre as altas sebes de buxo de um jardim mal cuidado, uma diminuta mas deliciosa mansão elisabetana, com travejamentos negros, estuque branco e chaminés de tijolo vermelho. - Cross Hall, é como se chama - informou Mackeson.

- Pois eu chamo-lhe uma bela prenda de casamento - retorquiu Sandman com alguma inveja, porque a casa lhe parecia perfeitamente maravilhosa, banhada pelo sol da tarde.

- Hipotecada de alto a baixo - afirmou Mackeson -, pelo menos é o que corre por aí. A propriedade precisa de uma autêntica fortuna para ser devidamente mantida, e eu preciso de ir cuidar destes cavalos. Dar-lhes água, uma boa ração, escovar-lhes o pêlo e deixá-los repousar.

- Cada coisa a seu tempo - replicou Sandman. Estava a observar as janelas, e não detectava qualquer movimento por detrás delas. Além disso, nem uma única se encontrava aberta, o que era mau sinal, atendendo ao calor que se fazia sentir naquele belo dia de Verão; mas, ao reparar num fio de fumo que se evolava de uma das altas chaminés das traseiras, recuperou o optimismo. A carruagem estacou e ele saltou da boleia, com um sobressalto de dor ao apoiar-se sobre o tornozelo magoado.

Berrigan abriu a portinhola e desdobrou os degraus, mas Sandman recomendou-lhe que aguardasse ali e vigiasse Mackeson, não fosse o homem lembrar-se de pura e simplesmente de levar os cavalos a galope pela álea abaixo.

Sandman dirigiu-se, a coxear, até à porta principal, e bateu nos seus antiquíssimos painéis de madeira escura. Reflectiu que nem sequer tinha o direito de se encontrar ali. Estava provavelmente a invadir propriedade alheia. Reanimou-se ao sentir na algibeira a carta do ministro do Interior que lhe conferia plenos poderes de investigação. Até ali nunca recorrera ao documento, mas pensou que talvez se tornasse útil naquela ocasião. Tornou a bater à porta, e em seguida recuou uns passos para ver se alguém o observava de alguma das janelas. O pórtico estava recoberto de hera, e, sob as folhas, distinguiu um brasão esculpido no estuque, onde se inscreviam cinco conchas de vieira. Não vislumbrou ninguém às janelas, de modo que se dirigiu de novo à porta. Ergueu o punho

para bater mais uma vez, mas, nesse preciso instante, a porta escancarou-se e um esquálido ancião surgiu no limiar, examinando-o a ele e à carruagem marcada com a insígnia do Clube dos Serafins.

– Não contávamos hoje com visitas – disse-lhe, manifestamente perplexo – Viemos buscar a Meg – replicou Sandman num impulso súbito. O homem, presumivelmente um serviçal, a avaliar pelo traje, reconhecera perfeitamente a carruagem e não estranhava a sua presença ali. Chegara inopinadamente, talvez, mas era-lhe obviamente familiar. Sandman fez votos para que o criado se convencesse de que fora enviada pelo marquês.

– Ninguém me avisou de que a Meg iria ser levada daqui fosse para onde fosse – observou o sujeito, desconfiado.

– Para Londres – afirmou Sandman.

– Afinal de contas, quem é o senhor? – O homem era de estatura elevada, com um rosto profundamente engelhado, emoldurado por uma cabeleira branca em desalinho.

– Já lhe disse. Viemos buscar a Meg. O sargento Berrigan acompanha-me.

– Sergeant? – O homem não reconheceu o nome, mas pareceu alarmado. – O senhor trouxe um advogado consigo?

– Ele faz parte do clube – ripostou Sandman, apercebendo-se de que a conversa resvalava para uma troca de mal-entendidos.

– Sua senhoria não me disse nada a respeito da partida dela – contestou o homem, cautelosamente.

– Ele quere-la em Londres – repetiu Sandman.

– Bem, nesse caso vou buscar a moça – replicou o sujeito, e, sem dar a Sandman tempo para reagir, bateu-lhe com a porta na cara e correu o ferrolho, tudo isto com tal rapidez que deixou Sandman boquiaberto. Continuava ainda aparvalhado, de olhos postos na porta, quando ouviu uma campainha soar no interior, e compreendeu que devia tratar-se de um aviso urgente destinado a Meg.

Praguejou.

– Ora é a isto que eu chamo um bom começo – comentou Berrigan, sarcasticamente.

– Mas a mulher está aqui – animou-se Sandman, regressando para junto da carruagem – e o homem diz que vai chamá-la.

– Acha que sim? Sandman abanou a cabeça.

– De acordo, é mais provável que vá tratar de escondê-la, o que significa que teremos de ir à sua procura. Mas o que é que havemos de fazer com estes dois? – acrescentou, apontando para Mackeson.

– Abater os sacanas e enterrá-los bem fundo – resmungou Berrigan, sendo a sua sugestão acolhida com um eloquente gesto de dois dedos por parte de Mackeson. Por fim, levaram a carruagem para junto dos estábulos, onde se depararam com as cavalariças desertas e os comedouros vazios, sendo o espaço unicamente ocupado por um bando de galinhas chocas. Entretanto, descobriram um anexo de tijoleira, dotado de uma porta resistente e desprovido de janelas, onde aferrolharam Mackeson e o moço de estrebaria. Quanto aos cavalos, deixaram-nos no pátio, atrelados à carruagem.

– Cuidaremos deles mais tarde – declarou Sandman.

– E, nessa altura, trataremos também de recolher alguns ovos – redarguiu Berrigan sorrindo, porque o pátio do estábulo estava entregue às galinhas, centenas delas, ao que parecia, algumas empoleiradas na beira do telhado, outras nos parapeitos das janelas, mas na sua maioria entretidas a debicar os grãos de cereal espalhados por entre as ervas daninhas que cresciam entre as alvas pedras da calçada. Do alto do seu poleiro, um jovem galo mirou-os de soslaio, abanando a crista e desatando a cacarejar vigorosamente. Sandman conduziu Berrigan e Sally até à porta traseira de Cross Hall. Estava fechada, como, aliás, todas as outras portas da residência. Mas a casa não era propriamente uma fortaleza. Sandman lá conseguiu desencantar uma janela com os fechos mal corridos, sacudiu-a energicamente até conseguir abri-la, e, uma vez transposta, deu consigo numa saleta apainelada, com uma lareira de pedra vazia e a mobília tapada com lençóis

empoeirados. Berrigan seguiu-o.

– Deixa-te ficar aí fora – gritou Sandman a Sally, e ela fez que sim com a cabeça, mas, um momento depois, já trepava para a janela. – É possível que haja luta – avisou-a Sandman.

– De qualquer forma, vou entrar – teimou ela. – Detesto o raio das galinhas.

– A estas horas, a moça é bem capaz de já ter partido – observou Berrigan.

– É possível – admitiu Sandman. Mas o seu primeiro instinto fora o de que a rapariga teria corrido a esconder-se no interior da casa, e não mudara ainda de ideia. – De qualquer forma, vamos procurá-la – declarou, abrindo a porta da saleta, que dava para um longo corredor igualmente apainelado.

Reinava absoluto silêncio na casa. Não havia quadros nas paredes, nem tapetes sobre o chão de tábuas escurecidas que rangiam sob os seus passos. Sandman ia abrindo as portas, mas deparava-se apenas com aposentos onde a pouca mobília restante se encontrava recoberta por lençóis de resguardo. Do átrio principal partia uma escadaria, ornada de uma balaustrada magnificamente esculpida. Sandman relanceou o piso de cima, mergulhado na penumbra, mas preferiu dirigir-se às traseiras da casa.

– Não vive ninguém aqui! – exclamou Sally, à medida que iam descobrindo mais salas vazias. – Só galinhas!

Ao abrir mais uma porta, Sandman avistou uma enorme mesa de jantar, também ela tapada por lençóis.

– Lord Alexander contou-me que o pai dele se esqueceu certa vez por completo de certa casa que possuía – confidenciou a Sally. – E, por sinal, uma casa bem grande. Deixaram-na ir caindo aos bocados até que finalmente se lembrarem de que eram eles os donos.

– Que gente mais distraída – comentou Sally, com desprezo.

– Estás a referir-te ao teu admirador? – perguntou Berrigan, divertido.

– Cuidado com a língua, Sam Berrigan. Basta-me levantar o dedo mindinho para me tornar Lady Não-sei-o-quê, e, nessa altura, não terás outro remédio se não fazer-me vénias e rapapés.

– Far-te-ei rapapés com o maior prazer, está descansada, rapariga respondeu Berrigan.

– Meninos, então – repreendeu-os Sandman. Mas, nesse instante, voltou-se bruscamente ao ouvir uma porta abrir-se no fundo do corredor.

O alto e esquálido dono da cabeleira branca surgiu no limiar, empunhando um cacete na mão direita.

– A moça que procuram – declarou – não se encontra aqui. – Quando Sandman avançou direito a ele, ergueu o cacete, sem grande convicção, mas por fim optou por largá-lo e desviar-se. Sandman empurrou-o e penetrou numa cozinha equipada com um grande fogão negro, um aparador e uma mesa comprida. Uma mulher – talvez a esposa do homem esquelético estava sentada um dos topos da mesa, remexendo uma mistela de farinha numa grande tigela de louça. – Quem é você? – perguntou Sandman ao sujeito.

– O administrador desta propriedade. E ali a minha esposa é a governanta – esclareceu a criatura, apontando para a mulher. – Quando é que a rapariga se foi embora daqui? – perguntou Sandman.

– Não tem nada a haver com isso! – disparou a mulher. – E também não tem nada a fazer aqui! Está a invadir propriedade privada. Portanto, o melhor é pôr-se ao fresco, antes que venham prendê-lo.

Sandman reparou que, sobre o rebordo da chaminé, se encontrava uma espingarda de caça.

– E quem é que virá prender-me? – perguntou.

– Já chamámos por socorro – retorquiu a mulher, em tom de desafio. Usava o cabelo branco apertado num carrapito rígido, que fazia sobressair a dureza das feições, marcadas por um nariz adunco confluindo para a saliência de um queixo aguçado. Uma cara de quebra-nozes, pensou Sandman, absolutamente desprovida

de quaisquer indícios de bondade humana.

– Vocês chamaram por socorro, mas eu sou um delegado do ministro do Interior – contrapôs Sandman. – Na minha qualidade de representante do governo, disponho de autoridade – acrescentou, em tom realmente autoritário –, de modo que, se não querem arranjar sarilhos, aconselho-os a dizerem-me onde se encontra a rapariga.

O homem lançou um olhar apreensivo à esposa, mas a tirada de Sandman não a havia intimidado nem um pouco.

– Não tem o direito de andar por aqui a coscuvilhar, senhor, e, pela minha parte, aconselho-o a desandar antes que eu resolva fazê-lo prisioneiro por esta noite!

Sandman não fez caso das palavras dela. Abriu a porta da copa e procurou na despensa, mas não encontrou quaisquer vestígios de Meg. No entanto, continuava convencido de que a rapariga se escondia algures dentro da casa.

– Prossiga a busca neste piso, sargento – disse a Berrigan –, entretanto eu vou pesquisar o andar de cima.

– Acredita realmente que ela esteja aqui? – redarguiu Berrigan, duvidoso.

Sandman confirmou com um aceno.

– De certeza absoluta – afirmou com uma convicção que não assentava em qualquer base sólida, apenas na sensação intuitiva de que tanto o administrador como a esposa lhe mentiam. E o administrador, pelo menos, dava sinais de estar amedrontado. A mulher aguentava-se bem, mas, do alto da sua elevada estatura, o cônjuge não conseguia disfarçar o nervosismo.

Em vez de apoiá-la na sua postura de desafio, insistindo no argumento de que Sandman invadira uma propriedade privada, o homem encolhera-se na atitude de alguém que procura esconder algo, e Sandman apressou-se a correr escadas acima para descobrir o que seria esse algo.

As divisões do andar superior apresentavam-se tão despojadas e desertas como as do andar de baixo. Mas, mesmo ao fundo do

corredor, ao pé de umas escadas estreitas que conduziam ao sótão, Sandman deparou-se com um amplo quarto de dormir, obviamente em uso. Havia tapetes orientais espalhados sobre o chão de tábuas de madeira escura, e a bela cama de dossel, de cujos postes pendiam tapeçarias puídas, estava revestida de lençóis e cobertores amarfanhados. Algumas peças de vestuário feminino haviam sido descuidadamente atiradas para uma cadeira, enquanto outras se empilhavam em desordem sobre os bancos de pedra que ladeavam a janela, de onde se avistava um relvado delimitado por um muro de tijolos, para lá do qual, a uma distância inopidamente curta, se erguia uma igreja. Um gato alaranjado dormia num dos bancos da janela, refastelado sobre um monte de saiotes. O quarto de Meg, depreendeu Sandman, com a nítida sensação de que ela o abandonara apenas momentos antes. Voltou à porta e espreitou para o corredor, onde à primeira vista não descortinou nada, excepto partículas de poeira pairando sob os raios de luz do Sol poente, defronte das portas que havia escancarado.

Mas depois, ao atentar no soalho de tábuas irregulares, detectou a marca das suas próprias pegadas no pó que as recobria, e resolveu voltar atrás pelo corredor, revistando de novo cada aposento. No quarto mais amplo, aquele que se situava mesmo junto ao patamar da bela escadaria, e cuja imensa lareira ostentava uma cornija esculpida com cinco gaviões, distinguiu outras pegadas no soalho empoeirado. Alguém estivera há pouco tempo naquele lugar, deixando um rasto que ia da lareira até à janela mais próxima, mas que não se reconduzia até à porta. O quarto estava deserto e ambas as janelas fechadas. Sandman observou as marcas impressas no soalho, perguntando a si mesmo se não resultariam apenas de um efeito de luz e sombra, mas sentia-se capaz de jurar que se tratava realmente de um rasto de pegadas, que terminava à beira da janela. Foi direito a ela mas não conseguiu abri-la, porque os varões estavam tão enferrujados que não era possível deslocá-los.

Portanto, Meg não fugira pela janela, apesar de as suas pegadas - agora confundidas com as do próprio Sandman - terminarem ali. Rais partam, desabafou Sandman com os seus botões, de certeza que ela não foi longe! Procurou debaixo do poeirento lençol que recobria a cama, abriu o guardafatos, mas não

encontrou ninguém.

Sentou-se na borda do leito – que, tal como o outro, era de dossel – e, de olhos fitos na lareira, distraiu-se a contemplar um par de cães modelados em argila negra, que repousavam sobre a cornija. Sob o efeito de um impulso súbito, correu para a lareira, agachou-se, olhou pela chaminé acima, e verificou que a enegrecida abertura se estreitava logo após a base, não proporcionando esconderijo a ninguém. No entanto, continuava convicto de que, pouco tempo antes, Meg permanecera naquele quarto.

O som de passos na escada levou-o a erguer-se do leito e a sacar da pistola, mas, afinal, tratava-se apenas de Berrigan e Sally, que surgiram no limiar da porta.

– Não conseguimos encontrá-la – anunciou Berrigan, desolado.

– Deve haver uma centena de esconderijos nesta casa – redarguiu Sandman.

– Ela deve ter fugido – opinou Sally.

Sandman voltou a sentar-se na cama e a observar a lareira. No escudo que a encimava, seis gaviões:

três na primeira fila, dois na segunda e um último a rematar. Por que motivo figuraria aquele brasão nos aposentos da casa, enquanto que a fachada ostentava um escudo com cinco conchas de vieira?

Cinco conchas. Contemplou os gaviões, e, de repente, veio-lhe à memória uma cantiga – uma toada acompanhada de versos meio esquecidos, que escutara pela última vez em redor da fogueira de um acampamento militar em Espanha.

– Vou começar com um sete – anunciou.

– Vai começar pelo quê? – estranhou Berrigan, enquanto Sally olhava para Sandman como se julgasse que ele enlouquecera de repente.

– Sete pelas sete estrelas do céu – prosseguiu Sandman, impassível –, seis pelos seis indomáveis caminhantes.

– Cinco pelas insígnias pregadas à nossa porta – recitou Berrigan, enunciando o verso seguinte.

– E há cinco conchas gravadas no frontispício desta casa – comentou Sandman em voz baixa, subitamente alertado para a possibilidade de haver alguém a ouvi-lo. A letra da canção era bastante misteriosa. Não restavam a Sandman grandes dúvidas de que o "quatro" se referia aos evangelhos de Cristo, porém a simbologia do sete-estrela escapava-lhe por completo, do mesmo modo que não tinha a menor ideia de quem seriam os tais seis indomáveis caminhantes. Em contrapartida, conhecia perfeitamente o significado das insígnias quíntuplas. Tinha-o aprendido muitos anos antes, na época em que fora condiscípulo de estudos de Lord Alexander, quando Lord Alexander descobrira, excitadíssimo, que um conjunto de cinco conchas esculpido sobre uma porta, ou ostentado na empena de uma casa, significava que os respectivos habitantes perfilhavam a religião católica. As conchas haviam sido inicialmente colocadas no tempo das perseguições religiosas do reinado da rainha Isabel, quando ser-se padre em Inglaterra implicava o risco de encarceramento, tortura e morte. Contudo, tinha havido resistentes que não abdicavam do consolo da sua fé, e que assinalavam as suas residências com uma marca, de forma a que correligionários perseguidos pudessem reconhecê-las como local de refúgio. Por outro lado, como os leais acólitos da rainha Isabel conheciam tão bem o significado das cinco conchas como qualquer católico, para recolher um padre em casa tornava-se necessário proporcionar-lhe um esconderijo; e assim se multiplicaram os chamados "esconderijos de padres", minúsculos cubículos tão bem disfarçados entre a espessura das paredes que conseguiam despistar os investigadores protestantes por dias a fio.

– O senhor parece muito mergulhado nos seus pensamentos – comentou Berrigan.

– Do que eu preciso é de achas – replicou Sandman brandamente. – De achas, de boa lenha para a fogueira, de uma pederneira para acendê-la, e vai à cozinha ver se lá encontras um caldeirão.

Berrigan, curioso acerca dos planos de Sandman, hesitou sobre se devia ou não interrogá-lo, mas, por fim, compenetrando-se de

que, mais tarde ou mais cedo, haveria de conhecê-los, voltou para baixo com Sally. Sandman atravessou a sala e correu os dedos pelos painéis revestidos de linho que contornavam a lareira, mas, tanto quanto pôde aperceber-se, não havia falhas nas junções. Bateu nos painéis, mas nada soava a oco. Não se esquecia, porém, de que o grande trunfo dos "esconderijos de padres" era justamente o facto de ser praticamente impossível detectá-los. Tanto a parede da janela como a do corredor eram manifestamente demasiado estreitas para ocultarem algo, portanto o esconderijo teria forçosamente de situar-se, ou atrás da parede da lareira, ou atrás da parede oposta, onde se inseria o aparador. No entanto, Sandman não conseguiu descobrir qualquer entrada.

Também não estava à espera de encontrá-la facilmente. Os fiscais da rainha Isabel haviam sido funcionários eficazes, impiedosos e aliciados por uma retribuição estimulante, no caso de desencantarem padres escondidos, e, no entanto, alguns esconderijos haviam escapado aos seus melhores esforços persecutórios.

– Pesa toneladas – queixou-se Berrigan, entrando no quarto a cambalear, carregado com um caldeirão que deixou cair ao chão. Sally seguia-a a poucos passos de distância, transportando um molhe de lenha.

– Onde está o administrador? – perguntou Sandman.

– Sentado na cozinha, a deitar fumo pelos olhos – informou Berrigan.

– E a mulher?

– Sumiu-se.

– Ele não ficou interessado em saber o que andavas a fazer com isso?

– Disse-lhe que lhe abriria um buraco na testa se ele se atravesse a perguntar – esclareceu Berrigan alegremente.

– Ora é a isso que eu chamo tacto diplomático – aprovou Sandman. Nunca falha.

– Então qual é o seu plano? – perguntou Sally.

– Deitar fogo ao raio da casa – respondeu Sandman, alteando a voz. Arrastou o caldeirão até junto do resguardo da lareira. – A casa não está a ser utilizada por ninguém – prosseguiu, num tom de voz que poderia perfeitamente ser ouvido dois quartos adiante –, e o telhado precisa de conserto. Sai mais barato queimar a casa de alto a baixo do que fazer-lhe uma boa limpeza, não concordam? – Colocou as achas sob o caldeirão, arrancou uma faísca da pederneira e soprou-a contra o linho carbonizado até arrancar-lhe uma chama, colocando-o então sobre as achas. Alimentou a chama por uns momentos, e, quando as achas começaram a crepitar e o fogo a alastrar, atirou-lhes para cima um pouco de lenha.

Os maiores toros levaram alguns minutos a pegar fogo, mas, por essa altura, já uma espessa fumarada branco-azulado emergia do caldeirão, e, dado que este se encontrava colocado, não dentro da lareira propriamente dita, mas à beira do resguardo, praticamente nenhum fumo se escapava pela chaminé. A ideia de Sandman era a de obrigar Meg a abandonar o seu refúgio, e, para o caso de o "esconderijo de padre" abrir para o corredor, tinha mandado Sandman montar guarda no exterior do quarto, enquanto que ele e Sally permaneciam no interior, com a porta fechada. O fumo começava a sufocá-los, impelindo Sally a agachar-se junto do leito, porém sem vontade de fugir dali até saber se o expediente daria ou não resultado. Sandman sentia os olhos a arder e a garganta seca, mas isso não o impediu de ir lançando mais lenha para a fogueira, com o resultado de a barriga do caldeirão começar a resplandecer com um fulgor avermelhado. Abriu uma fresta da porta para deixar sair algum fumo e entrar algum ar puro.

– Queres ir-te embora, Sally? – sibilou. Mas ela abanou a cabeça. Inclinando a cabeça e ombros na direcção em que a fumarada era menos espessa, Sandman pensava em Meg confinada no "esconderijo de padre", um buraco escuro, negro, apertado, assustador. Esperava que o cheiro a queimado estivesse já a agravar-lhe o terror, e que o fumo se fosse infiltrando através dos engenhosos alçapões, postigos e falsas portas que ocultavam o acesso ao seu antiquíssimo refúgio.

Um toro de lenha estalou e desfez-se em mil pedaços, e o caldeirão começou a fumegar por entre as altas labaredas. Sally

apertava a cobertura de lençol contra a boca, e Sandman compreendeu que não conseguiriam aguentar durante muito mais tempo. Mas, nesse preciso instante, ouviu um rangido, acompanhado por um grito e seguido por um abalo semelhante ao de um disparo de canhão, e viu uma secção inteira da parede deslizar como uma porta - só que, em vez de ser de um dos lados da lareira, o fenómeno ocorreu entre as janelas, na parede exterior que ele julgara demasiado estreita para albergar um esconderijo. Sandman puxou as mangas da camisa para cobrir as mãos, e, assim protegido, empurrou o caldeirão para debaixo da chaminé, ao mesmo tempo que Sally agarrava pelos pulsos a mulher apavorada e aos gritos, que, supondo-se encurralada dentro de uma casa a arder, se esforçava agora por emergir daquela espécie de estreito poço com degraus que desembocava nos painéis deslocados na parede.

- Calma, calma, o perigo já passou! - ia dizendo Sally a Meg, enquanto a encaminhava para a porta.

E Sandman, com o casaco todo chamuscado e enegrecido, seguiu as duas mulheres até ao amplo patamar, onde pôde aspirar uma grande lufada de ar puro e fresco, e observar pela primeira vez Meg, cujos olhos se encontravam debruados a vermelho. Reflectiu então que Charles Corday era de facto um grande artista, dado que a jovem lhe pareceu realmente, não só monstruosamente feia, como de aspecto malévolo. Desatou subitamente a rir, ao compenetrar-se de que a tinha finalmente encontrado e que, graças a ela, chegaria à verdade; mas, tomando a gargalhada dele por troça, ela avançou e pregou-lhe uma valente bofetada.

Foi exactamente nesse momento que uma arma disparou no átrio de entrada.

Sally soltou um grito, e Sandman obrigou-a a abaixar-se, desviando-a da linha de fogo. Meg, pressentindo uma oportunidade de fuga, correu em direcção às escadas, mas Berrigan derrubou-a com uma rasteira. Tropeçando sobre o corpo de Meg, Sandman coxeou até à balaustrada, e, olhando para baixo, verificou que fora a carrancuda esposa do administrador, muito mais corajosa que o marido, quem disparara um tiro de caçadeira para o alto das escadas. Mas, à semelhança de muitos recrutas novatos, fechara os

olhos no momento de premir o gatilho e atirara demasiado alto, de modo que o tiro disparado às cegas se limitara a raspar o cabelo de Sandman. Meia dúzia de homens encontravam-se atrás dela, um deles armado com um mosquete, e, num reflexo rápido, Sandman obrigou Berrigan a baixar a sua própria pistola.

– Nada de tiros! – gritou. – Nada de mortes!

– Não tem nada que fazer aqui! – berrou-lhe a governanta lá de baixo. Estava lívida, porque nunca tivera a intenção de disparar a caçadeira, mas, ao arrancá-la das mãos do marido, apontando-a para o topo das escadas a título de ameaça, premira involuntariamente o gatilho. O grupo de homens que a secundava era chefiado por um gigante louro, armado com um mosquete. Os restantes vinham equipados com porretes e foices. Sandman tomou-os por campónios desejosos de ajudar a queimar a mansão, enquanto que, na verdade, se tratava de rendeiros que haviam acorrido em defesa da propriedade do duque de Ripton.

– Temos perfeitamente o direito de estar aqui – mentiu Sandman, controlando a voz e sacando do bolso a carta do ministro, que, na verdade, não lhe concedia quaisquer direitos. – O governo encarregou-nos de investigar um assassínio – prosseguiu em tom sereno à medida que ia descendo as escadas, sem tirar os olhos do homem armado. Era um indivíduo extraordinariamente alto, musculoso, talvez no início da casa dos trinta, vestido com uma imunda camisa branca e umas calças creme cingidas por um pedaço de tecido verde que lhe servia de cinto. A sua figura afigurava-se a Sandman como estranhamente familiar, e ocorreu-lhe que o homem talvez tivesse sido soldado. O mosquete que empunhava era indiscutivelmente um velho mosquete do exército, decerto abandonado no terreno após a última derrota de Napoleão; mas parecia impecavelmente limpo, estava carregado e o gigante manejava-o com perfeito à-vontade. – Trago comigo a credencial do ministro do Interior – declarou Sandman, brandindo a carta com o seu impressionante timbre oficial –, e não viemos aqui para fazer mal a ninguém, para roubar ou para danificar seja o que for. Apenas pretendemos fazer algumas perguntas.

– Não tem nenhum direito de estar aqui! – guinchou a governanta.

– Cale-se, mulher – ordenou Sandman, no seu melhor tom de comando de tropas. A afirmação dela era absolutamente correcta, mas a mulher estava de cabeça perdida, e Sandman apostava em que aqueles homens mais depressa se deixariam arrastar por um discurso razoável do que por um berreiro histérico. – Há aqui alguém que deseje ler a credencial assinada por sua excelência? – desafiou, erguendo o papel, e bem ciente do efeito provocado pela alusão a "sua excelência". – E, a propósito – acrescentou, apontando para o patamar superior das escadas, onde o fumo já se dissipava –, a casa não está a arder e não há perigo algum. Bem, quem deseja ler a carta de sua excelência?

O homem do mosquete não parecia nada interessado no papel. Em vez disso, fitou Sandman de cenho franzido, e perguntou:

– O senhor não é o capitão Sandman? Sandman confirmou com um aceno de cabeça.

– O próprio.

– Valha-me Deus, vi-o marcar setenta e cinco pontos contra a nossa equipa, em Tunbridge Wells! – exclamou o homem. – E com jogadores da categoria do Pearson e do Willes a arremessar contra si, mas o senhor rebatia-lhes as bolas com golpes absolutamente loucos e geniais! – Baixara o cão do mosquete e dirigia a Sandman um sorriso radiante. – Foi no ano passado, bem me lembro, e eu alinhava com a equipa de Kent. O senhor teria arrumado completamente connosco, se a chuva não tivesse vindo em nosso auxílio!

E nesse momento, graças ao auxílio divino, o nome do gigante acorreu à memória de Sandman.

– Estou a falar com Mr. Wainright, não é verdade?

– Ben Wainright em pessoa, senhor. – Wainright, que, a avaliar pelo vestuário, deveria ter sido surpreendido pela chamada de socorro em pleno jogo de críquete, passou a mão pelo cabelo.

– O senhor rebateu uma bola por sobre a meda de feno, recordo-me perfeitamente – declarou Sandman. – Pouco faltou para derrotar-nos sem o auxílio dos seus companheiros!

– Oh, nada que se comparasse às suas jogadas, senhor, nada

que se comparasse.

– Benjamin Wainright! – trovejou a governante. – Não estás aqui para...

– Cala-te, Doris – reagiu Wainright, desengatilhando o mosquete. O capitão Sandman é um homem às direitas. – Os acólitos que o acompanhavam emitiram um murmúrio de concordância. Não lhes importava que Sandman houvesse invadido a residência legítima ou ilegitimamente, nem que tivesse enchido de fumo o piso superior: o que contava era o facto de ele ser um famoso jogador de críquete, de modo que agora todos se desfaziam em sorrisos, procurando agradar-lhe. – Ouvi dizer que o senhor desistiu do jogo – prosseguiu Wainright, aparentemente desolado com a ideia. – Será verdade?

– Oh não, de forma alguma – assegurou Sandman – o que se passa é que só estou disposto a participar em jogos limpos.

– E nos tempos que correm bem poucos o são, na verdade – reconheceu Wainright. – Mas muito gostaria de tê-lo hoje na nossa equipa, senhor. Estamos a levar uma boa sova, disso não restam dúvidas, de uma equipa de Hastings. Já fui "queimado" – acrescentou, justificando assim o seu afastamento da partida.

– Não lhe faltarão outras oportunidades – consolou-o Sandman –, mas, para já, o que pretendo é levar esta jovem para o jardim e conversar um pouco com ela. A menos que haja aqui perto uma estalagem onde possamos discutir o assunto diante de uma boa caneca de cerveja? – sugeriu, ocorrendo-lhe que seria prudente levar Meg para fora dos domínios do duque de Ripon, antes que por ali aparecesse alguém versado nas mais elementares noções de jurisprudência, acusando-o de invadir propriedade alheia e explicando a Meg que nada a obrigava a falar com ele.

Wainright assegurou-lhe que o Castle and Bell servia perfeitamente para o efeito; e a governanta, furiosa com este acto de traição, desandou porta fora, para grande alívio de Sandman.

– Meg? – interpelou a rapariga. – Se quiser levar consigo para Londres alguma bagagem, vá buscá-la agora. Sargento? – Sandman estava perfeitamente ciente de que a rapariga pretendia protestar, ou talvez até voltar a esbofeteá-lo, mas não lhe deu qualquer

oportunidade. - Sargento? Cuide de que os cavalos bebam água suficiente. E parece-me boa ideia levar a carruagem para ao pé da estalagem. Sally querida, ajuda Meg a preparar a mala. E quanto a si, Mr. Wainright - disse Sandman com um sorriso, voltando-se para o batsman de Kent - dar-me-á a honra de conduzir-me à estalagem? Lembro-me tão bem das suas jogadas! Bem gostaria de discuti-las consigo. O confronto estava definitivamente pacificado. Apesar de bastante contrariada, Meg já não tentava fugir, e Sandman alimentava a esperança de que tudo terminasse em bem. Uma conversa franca, uma corrida até Londres, e a justiça - esse bem raro entre os mais raros - triunfaria.

Meg estava ressentida, amarga e furibunda. Cheia de rancor contra Sandman, por se ter metido na vida dela, mas, aparentemente, não menos rancorosa contra a vida em geral. Sentados face a face no jardim das traseiras do Castle and Bells, recusava-se mesmo a dirigir-lhe a palavra. De olhar perdido no vácuo, despejou um cálice de gim e logo de seguida, num tom de voz gemebundo, encomendou outro. Entretanto, mal Benjamin Wainright os deixou, ansioso por ir ver como estavam a correr as coisas para a sua equipa, Meg exigiu a Sandman que a levasse de volta a Cross Hall.

– As minhas queridinhas precisam de que alguém tome conta delas.

– As galinhas? - perguntou Sandman, incrédulo. – Sempre adorei galinhas - replicou ela, em tom de desafio. Sandman, com a face ainda a arder da bofetada que ela lhe pregara, abanou a cabeça, estupefacto.

– Não vou levar-te de volta para a casa - resmungou -, e já vais com muita sorte se não fores deportada para o resto dos teus dias. É isso que queres? Uma viagem até à Austrália e o resto da vida passado numa colónia penal?

– Vai à merda - replicou ela. Usava uma coifa branca e um simples vestido de sarja castanha, com penas de galinha agarradas. Um feio traje, porém a condizer perfeitamente com o seu rosto de facto repulsivo, e, no entanto, extraordinariamente arrogante. Por pouco Sandman não cedeu à admiração pelo espírito de luta dela,

embora consciente de que tamanha combatividade iria tornar muito difícil dar-lhe a volta. Ela observava-o com o ar de estar a ler-lhe os pensamentos, e, aparentemente, deuse conta da sua hesitação, porque soltou uma risada trocista e volveu o olhar para a carruagem do Clube dos Serafins, que, coberta da poeira da jornada, chegava naquele momento ao prado comunal.

Berrigan tratou de ir dar de beber aos cavalos num charco, enquanto Sally, munida de meia dúzia de moedas que o sargento lhe confiara, se encarregou de ir comprar um jarro de cerveja e outro de gim. Um bando de pombos atarefava-se a debicar num campo de trigo recentemente ceifado, do lado oposto da sebe que delimitava o Castle and Bell, enquanto que os gaivões se empoleiravam no beiral da cobertura de colmo da estalagem.

– Gostavas muito da condessa, não é verdade? – perguntou Sandman a Meg.

Em resposta, ela cuspiu-lhe na cara, no preciso instante em que Sally saía da estalagem num trote enfurecido.

– Estupores! – barafustava. – Rais parta estes campónios! Recusam-se a servir mulheres!

– Bem, nesse caso vou lá eu – ofereceu-se Sandman.

– Não é preciso, vem um moço a caminho com as bebidas – explicou ela. – Não queriam atender-me, mas mudaram de ideias quando eu lhes disse umas certas verdades. – Com gesto de mão irritado, afastou de si uma vespa, a qual foi direita a Meg, levando-a a soltar um pequeno grito; depois, não conseguindo desembaraçar-se do insecto, a rapariga rompeu em pranto. – A que propósito é que estás a babar o avental? – perguntou-lhe Sally. Meg, atónita perante uma expressão que lhe era inteiramente desconhecida, limitou-se a fitá-la, de olhos esgazeados. – Quer dizer, por que raio estás a chorar? – traduziu Sally. – Não tens motivo nenhum para choradeiras. Tens andado a gozar a bela vida, enquanto o outro desgraçado passa os dias à espera que lhe passem uma corda pelo pescoço.

Neste ponto dos acontecimentos, o moço da taberna, manifestamente morto de medo de Sally, chegou junto deles com uma bandeja carregada com canecas, copos e jarros. Sandman

encheu uma caneca com cerveja e estendeu-a a Sally.

– Não te parece boa ideia ir levá-la ao sargento? – sugeriu. – Eu fico aqui à conversa com a Meg.

– Ou seja, está a convidar-me a desamparar a loja – ofendeu-se Sally.

– Dá-me só uns minutos – pediu Sandman. Sally afastou-se com a caneca de cerveja, enquanto Sandman oferecia a Meg um cálice de gim, que ela se apressou a arrancar-lhe das mãos. – Gostavas muito da condessa, não gostavas? – tornou a perguntar-lhe.

– Não tenho nada a dizer-lhe – ripostou Meg –, absolutamente nada.

– Despejou o cálice de gim de um trago e estendeu a mão para o jarro, que Sandman imediatamente retirou do seu alcance. – Como é que te chamas?

– perguntou-lhe.

– Não tem nada a ver com isso, trate mas é de me fornecer o raio da pinga! – rosnou ela, atirando-se ao jarro, que Sandman puxou ainda para mais longe.

– Como é que te chamas? – perguntou Sandman de novo, recebendo como resposta um murro no queixo. Retaliou despejando uma boa porção de gim no relvado, o que teve o condão de acalmar imediatamente Meg, que de pronto assumiu uma postura cordata. – Vou levar-te para Londres – garantiu-lhe Sandman – e tens duas maneiras de chegares lá. Ou te portas como deve ser, e, nesse caso, serás bem tratada, ou insistes na má-criação, e, nesse caso, prego contigo na cadeia.

– Não me pode fazer isso! – desdenhou ela.

– Posso fazer o que me der na real gana! – vociferou Sandman, sobressaltando-a com a sua súbita irrupção de cólera. – Lembre-se, minha menina, de que sou um delegado do ministro do Interior, e de que está a ocultar-me provas relativas a um caso de assassínio. A cadeia? Já vais com muita sorte se te ficares pela cadeia, e não fores dali para a forca.

Por instantes, ela fulminou-o com o olhar, depois encolheu os ombros.

– O meu nome é Hargood – informou em tom agreste –, Margaret Hargood.

Sandman voltou a encher-lhe o copo de gim.

– Em que sítio nasceu, Miss Hargood?

– Em nenhum que lhe importe saber.

– O que eu sei – replicou Sandman – é que o ministro do Interior me encarregou de investigar o assassinato da condessa de Avebury. E fê-lo, Miss Hargood, por recear que esteja prestes a ser cometida uma tremenda injustiça.

Ao dizer isto, Sandman não conseguia deixar de reflectir só no dia em que as galinhas tivessem dentes o visconde de Sidmouth se preocuparia com injustiças infligidas a membros das classes inferiores; mas seria essa a última coisa que admitiria perante aquela rapariga disforme que despejava a sua segunda dose de gim como se estivesse a morrer de sede.

– O ministro acredita, tal como eu, que Charles Corday nunca tocou com um dedo no cabelo da sua patroa – prosseguiu Sandman –, e estamos convencidos de que a menina poderá confirmá-lo.

Meg estendeu-lhe o copo vazio, sem dizer palavra.

– Estavas lá, não estavas? – insistiu Sandman. – Quer dizer, no dia em que a condessa foi assassinada?

Ela acenou-lhe com o copo, reclamando nova dose, mas manteve-se em silêncio.

– E sabes perfeitamente – prosseguiu Sandman – que o Charles Corday não praticou o crime.

Nesse momento a atenção da rapariga foi atraída por uma maçã meio podre, decerto caída da árvore e arrastada pelo vento até aos seus pés. Ao reparar que uma vespa se passeava sobre a casca engelhada do fruto, Meg soltou um grito, largou o copo e levou as mãos à cara, numa desesperada tentativa de proteger-se. Sandman pisou a vespa, esmagando do mesmo passo a maçã.

– Meg, por favor – disse.

– Não vou contar-lhe absolutamente nada – persistiu ela, continuando embora perscrutar o solo com temor, aparentemente aterrorizada pela hipótese de a vespa poder ressuscitar.

Sandman pegou no copo que ela deixara tombar, encheu-o de gim e estendeu-lho.

– Se estiver disposta a cooperar connosco – declarou-lhe, em tom oficial – posso garantir-lhe que nada de mau virá a acontecer-lhe.

– Não sei nada acerca desse assunto – teimou ela –, não sei nada de assassínio nenhum – desafiou Sandman, com um olhar duro como pedras.

Sandman soltou um suspiro.

– Quer ver morrer um homem inocente?

Desta feita, a rapariga nem se dignou responder-lhe; deu meia volta, afastou-se dele e pôs-se mirar o horizonte para lá da vedação. Sandman sentiu a cólera trepar por ele. Só lhe apetecia bater-lhe e envergonhava-se da intensidade desse impulso, tão violento que desatou a caminhar de um lado para o outro.

– Por que é que está a viver em casa do marquês de Skavadale? – perguntou, sem obter qualquer resposta. – Está convencida – prosseguiu – de que o marquês vai continuar a protegê-la? A ele só lhe convém que você lá fique até ao momento em que enforcarem o homem errado. Uma vez Corday morto e enterrado, de que é que julga que irá servir ao marquês? Ele tratará mas é de matá-la, para impedir qualquer hipótese de você o denunciar. Muito me espanta, aliás, que não a tenha ainda assassinado. Esta última observação despertou, por fim, uma certa reacção na rapariga – mais que não fosse, voltar-se e encará-lo de frente.

– Puxa pela cabeça, moça! – apelou Sandman, impetuosamente. – Por que motivo é que o marquês te poupou até hoje a vida? Porquê?

– Não sabe nada de nada, pois não? – replicou Meg,

sarcasticamente.

– Eu digo-te o que é que sei – respondeu Sandman, com a cólera prestes a irromper em violência. – Sei que está nas tuas mãos salvar um homem inocente da forca, sei que não estás disposta a fazê-lo, e sei que isso te coloca na posição de cúmplice do assassinato, o que bem te pode levar à forca, menina. – Sandman aguardou o efeito destas palavras, mas Meg permaneceu de boca fechada e ele compreendeu que havia fracassado. O facto de se ter deixado arrastar pela ira era em si mesmo um vergonhoso sinal de fracasso, só em parte desculpável pela certeza de que, caso Meg não se dispusesse a contar o que sabia, não havia salvação possível para Corday. Meg podia derrotá-lo recorrendo apenas à arma do silêncio, e, para cúmulo, ele confrontava-se agora com um monte de complicações – estúpidas e triviais dificuldades a resolver. Pretendia levar Meg de volta a Londres o mais depressa possível, mas Mackeson alegava que os cavalos se encontravam demasiado cansados para trotarem sequer uma milha, e, no fundo, Sandman dava-lhe razão. Mas isso implicava que teriam de passar a noite na aldeia, com três reféns à sua guarda para vigiar e alimentar – já sem falar nos cavalos. Enfiaram Meg na carruagem, trancando em seguida janelas e portinholas por meio de cunhas. A rapariga passou pelas brasas, embora por duas vezes acordasse Sandman a meio da noite com berros e punhadas às janelas. Por fim, estilhaçou uma e preparava-se para escapulir-se através dela, quando Sandman ouviu um grunhido, um grito abafado, e, em seguida, um baque.

– Que se passa aqui? – perguntou.

– Nada, já está tudo resolvido – respondeu-lhe o sargento Berrigan. Berrigan, Sandman e Sally tinham resolvido dormir no relvado, montando guarda a Mackeson e a Billy, apesar de nenhum deles manifestar já qualquer espírito de resistência; antes pareciam confusos, assustados e dóceis.

Lembravam a Sandman um coronel francês que ele e os seus homens haviam feito prisioneiro nas montanhas da Galiza, um sujeito espalhafatoso que não cessara de queixar-se e de barafustar contra as condições do cativeiro, até que, exasperado, o coronel de Sandman resolvera libertá-lo só para se ver livre dele.

– Desande daqui para fora – dissera-lhe, em francês –, é um homem livre. – E, posto isto, o coronel francês, apavorado pela perspectiva de cair nas mãos dos camponeses espanhóis, suplicara-lhe que voltasse a prendê-lo. Também Mackeson e Billy, dispondo de excelentes oportunidades para fugir aos seus exaustos captores, nem sequer tentaram, demasiado assustados como estavam por se encontrarem numa aldeia desconhecida, imersos na escuridão e reduzidos a regressar a Londres pelos seus próprios meios.

– Então o que fazemos agora? – perguntou Berrigan a Sandman, na alvorada da breve noite de Verão.

– Levamo-la à presença do ministro – respondeu Sandman, desanimado –, e esperamos que ele lhe pregue um bom susto.

De nada serviria, pensou, mas que alternativa lhe restava? Algures no escuro um cão latiu, e, passando o turno de vigilância a Berrigan, Sandman deixou-se adormecer.

CAPÍTULO 06

LOGO QUE A ALVORADA ROMPEU, o portão principal da prisão de Newgate foi desaferrolhado e aberto, e as diversas estruturas que compunham o cadafalso começaram a ser levadas para o Old Bailey. O gradeamento destinado a vedar o espaço do patíbulo foi transportado em primeiro lugar e colocado no meio da rua, a fim de desviar o pouco trânsito que houvesse entre Ludgate Hill e Newgate Street às primeiras horas de uma manhã de domingo. William Brown, o director de Newgate, veio até ao portão, bocejou, coçou a careca, acendeu um cachimbo, e afastouse para dar passagem às pesadas traves que formavam a estrutura do cadafalso.

– Vamos ter um lindo dia, Mr. Pickering – comentou para o contramestre.

– E bem quente, senhor.

– Com bastante cerveja a correr pela rua.

– Deus seja louvado por isso, senhor – disse Pickering, voltando-se em seguida para observar a fachada da prisão. Apontou para uma janela situada precisamente em cima da Porta dos Devedores.

– Estava a pensar, senhor, que pouparíamos muito trabalho se colocássemos uma plataforma debaixo daquela janela. Uma estrutura permanente, entende? Colocávamos lá um alçapão com uma trave por cima, e, assim deixávamos de ter de passar a vida a montar o cadafalso.

O director olhou para cima, ponderando a questão.

– Está a sugerir uma bela maneira de perder o seu próprio emprego, Mr. Pickering.

– Antes prefiro passar os meus domingos em casa, senhor, na companhia de Mrs. Pickering. E se a plataforma estivesse colocada ali no alto, senhor, não impediria o trânsito e proporcionaria ao público uma melhor perspectiva do espectáculo.

– Talvez até demasiado boa? – contrapôs o director. – Não tenho a certeza de que seja muito conveniente oferecer à multidão uma visão clara das convulsões da morte. – Com o cadafalso montado no sítio actual, e flanqueado por panejamentos, só as pessoas que alugassem lugares nos pisos superiores das casas fronteiras à prisão tinham a oportunidade de contemplar lá do alto o fosso, e acompanhar assim o processo de sufocação até à morte dos homens e mulheres pendentes da corda.

– Em Horsemonger Lane toda a gente pode assistir às convulsões – lembrou Pickering –, e o povo aprecia vê-los morrer com todos os pormenores! É por isso que gostavam tanto de Tyburn. Em Tyburn não lhes escapava nada!

No século passado, os condenados à forca eram levados de Newgate em carroças até uma vasta planura em Tyburn, onde se erguia um cadafalso fixo, provido de três longas traves e rodeado por uma arena de lugares sentados. A viagem de Londres até lá durava duas horas, com pausas junto das estalagens à beira da estrada, onde a populaça obstruía o caminho. O ambiente carnavalesco que sempre envolvia os enforcamentos em Tyburn repugnava às autoridades oficiais, o que, conjugado com a sua convicção de que as execuções levadas a cabo diante de Newgate se revestiriam de maior dignidade, as levara a proceder à demolição do velho cadafalso triangular, pondo assim termo à tumultuosa jornada.

– Assisti ao último enforcamento em Tyburn – disse Pickering. – Tinha só sete anos, nem mais um dia, e nunca hei-de esquecê-lo!

– A ideia é ser um facto memorável – concordou o director –, de outra forma não serviria como factor dissuasor do crime, pois não? Acho que tem toda a razão, Mr. Pickering, e transmitirei a sua sugestão ao conselho municipal.

– Bondade a sua, senhor, muita bondade – agradeceu Pickering, levando os dedos à testa. – Portanto, vamos ter um dia bastante atarefado amanhã, não é verdade, senhor?

– São só dois – respondeu o director –, mas um deles é o tal pintor, o Corday. Lembra-se dele? O sujeito que apunhalou a

condessa de Avebury. É capaz de atrair uma boa multidão – suspirou.

– E o bom tempo ajuda, senhor.

– Lá isso é verdade – concordou o director –, há-de ajudar à festa, caso se mantenha assim tão agradável. – Afastou-se para facilitar o caminho a uma das criadas de cozinha às ordens de sua esposa, que, transportando um enorme jarro de louça, se apressava escadas abaixo, ao encontro de uma jovem leiteira carregada com dois baldes, suspensos de um pau sobre os ombros. – Cheira o leite, Betty – gritou-lhe à passagem –, cheira-o bem! Na semana passada trouxeram-nos algum azedo.

As peças do cadafalso foram devidamente montadas e encaixadas umas nas outras, e, entretanto, os panejamentos laterais e a cortina de espesso tecido preto que haveriam de envolver o patíbulo foram sendo empilhados no chão. O director bateu com o seu cachimbo na maçaneta negra da porta, e regressou aos seus aposentos a fim de trocar de roupa para o serviço religioso matinal. Não havia muito movimento em Old Bailey; apenas meia dúzia de ociosos miravam distraidamente os trabalhos de montagem do cadafalso, enquanto um grupo de meninos de coro, que se apressavam rumo à igreja do Santo Sepulcro, estacava embasbacado perante o espectáculo da grande trave da forca, com os seus ganchos de ferro, a ser trazida do interior da prisão. Um criado do Magpie and Stump levou aos trabalhadores uma bandeja carregada de canecas de cerveja – uma gentileza da parte do dono da estalagem, que iria tratar de manter os doze homens bem abastecidos durante todo o dia. O hábito de fornecer cerveja grátis aos montadores do cadafalso era não só tradicional como também compensador, porque a montagem da forca significava uma avalanche de clientes na manhã seguinte. Para as bandas de leste, em Wapping, um fabricante e vendedor de velas abriu a porta das traseiras do seu estabelecimento, que, dado ser domingo, se encontrava encerrado ao público, para atender um cliente muito especial.

– Parece que vamos ter um belo dia amanhã, Jemmy – disse o homem das velas.

– Vai ser um convite à multidão – concordou Mr. Botting, penetrando na loja por entre fieiras suspensas de cordas e de bigotas –, e eu adoro multidões.

– Um profissional competente merece uma audiência à altura – disse o homem das velas, encaminhando o cliente até uma mesa sobre a qual se encontravam já duas cordas de cânhamo, cada qual com cerca de três metros e meio de comprimento, aguardando a inspecção de Botting. – Cordas de dois centímetros e meio de espessura, Jemmy, bem fervidas e oleadas – garantiu o fabricante.

– Excelentes, Leonard, excelentes – replicou Botting, abaixando-se para cheirar as cordas.

– És capaz de adivinhar de onde vieram? – perguntou o comerciante, muito orgulhoso das duas cordas que fervera para as expurgar de impurezas, amaciando-as em seguida com óleo de linhaça para torná-las maleáveis. Posto isso, formara carinhosamente um laço em cada uma delas, e atara nós nas respectivas pontas.

– Hum, parece-me cânhamo de Bridport – sugeriu Botting, embora soubesse perfeitamente que não era. Esforçava-se apenas por ser simpático com o fabricante.

O homem soltou uma casquinada de gozo.

– Pois de facto ninguém diria que não é cânhamo de Bridport, Jemmy, mas a verdade é que não é.

Estas cordas são feitas de sisal, bom sisal entretecido.

– Não me digas! – Botting, com o rosto todo apanhado por tiques nervosos, debruçou-se para examinar mais de perto as cordas. Tinha ordens para empregar apenas o melhor material de Bridport, e a conta que tencionava apresentar ao conselho municipal incluiria sem dúvida duas caríssimas cordas desse cânhamo, mas, por outro lado, sempre o indignara a ideia de desperdiçar boas cordas com aquela escumalha dos condenados à forca.

– Vieram de uma barrica de adriças de um navio carvoeiro – elucidou o comerciante. – Uma bodega qualquer vinda da África ocidental, suponho, mas, depois de bem fervida, oleada e revestida

com um pouco de graxa preta, quem notará a diferença? Uma abébia para ti, Jemmy.

– Bom negócio – reconheceu Botting. Pagaria dois xelins pelas cordas e debitá-las-ia na contabilidade por nove xelins e seis pence; em seguida, após terem cumprido a sua Missão, trataria de vendê-las aos pedaços pelo melhor preço de mercado. Embora nenhum dos dois homens destinados à forca na manhã seguinte desfrutasse de grande popularidade, a curiosidade despertada pelo assassinato da condessa de Avebury bem poderia elevar o preço da corda de Corday até aos seis pence por polegada. De qualquer forma, haveria um bom lucro a arrecadar. Testou o nó corredio de uma das cordas a fim de certificar-

se de que apertaria bem, e fez um aceno de satisfação. – Vou também precisar de cordas vulgares para amarrá-los – acrescentou –, quatro delas.

– Tenho uma barrica de amarras suecas à tua disposição, Jemmy – sossegou-o o fabricante de velas.

– Com que então, continuas a ser tu a atá-los pelas mãos e cotovelos?

– Mas não por muito mais tempo! – garantiu Botting. – Agradecido! Esta última exclamação devia-se ao facto de o interlocutor ter enchido duas canecas com brandy. – Aquando da última dança, apareceram por lá dois membros do conselho municipal, fazendo de conta que era só pelo gozo, mas eu topei-os à distância – prosseguiu Botting. – E um deles era Mr. Logan, uma excelente pessoa.

Compreende perfeitamente as necessidades. Já o outro, via-se bem que preferiria estar a milhas dali.

Acabou por vomitar, nada menos! Não suportou a cena! – desdenhou, sufocando o riso. – Mas, quando aquilo acabou, Mr. Logan piscou-me o olho e disse-me que iam dar-me um ajudante.

– Todos os profissionais precisam de um ajudante.

– Lá isso precisam, é bem verdade. – Jemmy Botting despejou o seu brandy de um trago, pegou nas cordas para a forca e, em seguida, acompanhou o comerciante até à barrica que continha as

amarras.

– Trabalhinho fácil para amanhã de manhã, hem? – comentou. – Encontramo-nos lá?

– Não me parece, Jemmy.

– A seguir beberemos umas cervejolas – aliciou-o Botting – e almoçaremos umas belas costeletas.

Saiu dez minutos depois, com as cordas e as amarras bem guardadas na mala. Agora só lhe faltava ir buscar dois sacos de algodão a uma costureira para ficar completamente preparado. Botting era um genuíno carrasco inglês, e na alvorada da manhã seguinte desempenharia a sua função.

Sandman estava de péssimo humor naquela manhã de domingo. Mal tinha pregado olho durante a noite, sentia-se agressivo e tenso, e as lamúrias de Meg ainda mais lhe agravavam a irritação.

Também Berrigan e Sally não pulavam de alegria, mas tiveram o bom senso de guardar o silêncio, ao passo que Meg, após infinitas queixas contra o facto de ser arrastada para Londres contra a sua vontade, desatou aos guinchos de protesto, quando Sandman a acusou brutalmente de egoísmo e estupidez.

Billy, o moço de estrebaria, fora deixado para trás, na aldeia. Atendendo a que dificilmente conseguiria regressar a Londres antes de a carruagem lá chegar, não poderia avisar o Clube dos Serafins acerca dos acontecimentos, e, portanto, não havia perigo em abandoná-lo.

– Como é que hei-de voltar para casa? – perguntou, num queixume.

– Faz como todos nós fizemos para ir de Lisboa até Toulouse – recomendou-lhe Sandman, agastado.

– Mete os pés ao caminho.

Os cavalos encontravam-se num estado lastimoso e exaustos. Tinham andado a debicar a relva do prado comunal, desviando-se das arremetidas dos gansos contrariados pela sua intromissão, mas, sendo animais habituados a alimentar-se de aveia e trigo, e não de ervinhas, manifestaram uma preguiçosa relutância ao serem

atrelados ao coche. Porém, depressa o chicote de Mackeson os obrigou a reagir, e, na altura em que o Sol se ergueu a leste sobre o arvoredo, já corriam para norte a todo o vapor. As badaladas de um sino de igreja atroaram o céu estival, onde nuvens altas e brancas derivavam para oeste.

– Costuma frequentar a igreja, capitão? – perguntou Berrigan, convencido de que o bom ritmo a que avançavam teria já melhorado a disposição de Sandman.

– Claro que sim.

Sandman partilhava a boleia com Berrigan e Mackeson, reservando o interior da carruagem para Sally e Meg. A ideia de ficarem as duas a sós lá dentro tinha partido de Sally.

– Ela não me mete medo – dissera Sally –, e, além disso, quem sabe se não se abrirá com uma rapariga?

– Não sou muito de ir à igreja – declarou Berrigan. – Não tenho tempo para isso, mas gosto de ouvir os sinos. – Em redor, vindas de todos os lados, soavam as badaladas da matina, tocadas nas torres e pináculos de igrejas ocultas pelos espessos bosques de Kent. Um cabriole passou por eles em grande velocidade, carregado de crianças vestidas com os seus melhores trajes domingueiros, e munidas dos seus livros de oração para a prática matinal. As crianças acenaram-lhes entusiasticamente.

À hora de início do cerimonial religioso, os sinos calaram-se. A carruagem chegou a uma aldeia cuja rua principal se encontrava deserta. Ao passarem diante da igreja local, chegou aos ouvidos de Sandman, por entre o ressoar do trote dos cavalos, a música de um violoncelo que entoava o velho hino: "Acordai a minha alma com o sol que todos os dias cumpre a sua volta." Recordava-se bem de o ter cantado com os seus homens na manhã da batalha de Salamanca, com as vozes graves e ásperas a elevar-se para um céu onde o Sol em ascensão depressa se tornou impiedoso, abrasando de calor um dia incendiado pela morte.

Mackeson conduziu a equipagem até um vau situado do lado oposto da aldeia, onde os cavalos pararam para beber, enquanto Sandman baixava os degraus do veículo a fim de permitir a Sally e a Meg descerem para esticar as pernas. Olhou interrogativamente

para Sally, que abanou a cabeça. – A tipa é mesmo casmurra – murmurou para Sandman.

Meg desceu, fitou Sandman, e em seguida inclinou-se para levar um pouco de água à boca. Depois resolveu sentar-se na margem, contemplando as libelinhas.

– Mato-te – disse a Sandman –, se descubro que as raposas comeram as minhas galinhas.

– Importas-te mais com as tuas galinhas do que com a vida de um homem inocente?

– Por mim, podem enforcá-lo à vontade. – Tinha perdido a touca, e as finas farripas do seu cabelo apresentavam-se em desordem.

– Vais ser obrigada a falar com outras pessoas em Londres – disse-lhe Sandman – e elas não se vão mostrar meigas contigo.

A rapariga não respondeu. Sandman soltou um suspiro.

– Eu sei o que aconteceu – afirmou. – Estavas no quarto da condessa naquele dia, com Corday a pintar-lhe o retrato, quando ouviste alguém a subir pela escada das traseiras. Apressaste-te então a levar Corday dali para fora pela escada principal, não foi? Deixaste ficar a tela e os pincéis no quarto e arrastaste o homem para a rua, porque um dos amantes da condessa estava a chegar, e eu bem sei de quem se tratava. Era o marquês de Skavadale.

– Meg franziu as sobrancelhas, por instantes pareceu prestes a dizer algo, mas optou por continuar a fitar o horizonte distante. – Ora o marquês de Skavadale – prosseguiu Sandman – está noivo de uma herdeira riquíssima, e precisa desesperadamente do dinheiro que esse casamento lhe proporcionará, porque a família dele se encontra praticamente arruinada. Porém, a rapariga romperia o noivado caso viesse a saber que ele mantinha um caso com a condessa, motivo pelo qual a condessa andava a chantageá-lo. Ela ganhava a vida desse modo, não era?

– Ai era? – perguntou Meg, indiferente.

– Tu eras a alcoviteira dela, não é verdade?

Meg voltou para ele os seus olhos pequeninos e amargos.

– Eu era a sua protectora e amiga de peito, e Deus sabe como ela precisava de uma amiga. Deixavase arrastar pela bondade contra os seus próprios interesses, essa é que é a verdade.

– Mas tu não a protegeste, pois não? – acusou-a Sandman rudemente. – Permitiste que o marquês a matasse, e só depois descobriste a verdade. Ainda o encontraste no quarto? Se calhar até ouviste os gritos da condessa a ser assassinada? Ou talvez tenhas mesmo assistido ao assassínio? Portanto, ele tratou de esconder-te bem longe dali e aliciou-te com promessas de dinheiro. Mas, mais dia, menos dia, Meg, ele vai fartar-se de comprar o teu silêncio. Só lhe interessa manter-te viva até o Corday ser enforcado, porque, depois disso, ninguém acreditará que o culpado foi outro.

Meg esboçou uma amostra de sorriso.

– Nesse caso, porque é que ele não me matou logo ali e agora, hem? desafiou, lançando a Sandman um olhar provocador. – Se matou a condessa, por que não haveria de matar a criada? Vá, respondame!

Mas Sandman não dispunha de qualquer resposta para essa questão. Tratava-se, de facto, da única coisa para a qual não encontrava explicação, embora tudo o resto se encaixasse perfeitamente, e ele acreditasse até que, a devido tempo, mesmo esse mistério seria desvendado.

– Quem sabe se ele não gosta de ti? – sugeriu.

Meg dirigiu-lhe um olhar incrédulo durante alguns segundos, depois soltou uma casquinada rancorosa.

– Um homem da laia dele gostar de mim? – perguntou, amarga. – Nem sonhar. – Afastou um insecto que lhe pousara na saia. – Deixou-me ir tomar conta da capoeira, nada mais. Gosto de galinhas.

Sempre gostei de galinhas.

– Capitão! – exclamou Berrigan que, do alto da boleia, perscrutava o horizonte para norte. – Capitão!

– chamou de novo. Sandman pôs-se de pé e encaminhou-se

para a carruagem, de onde por seu turno dirigiu o olhar na direcção norte. A paisagem desdobrava-se em campos de cultivo até uma colina baixa e espessamente arborizada, em cujo topo, precisamente no ponto onde a estrada para Londres se desenhava na linha do horizonte, rasgando o arvoredo, avistou um grupo de homens a cavalo. - Têm estado a observar-nos lá do alto, quais dragões franceses a tentar avaliar com quantos casacasvermelhas teriam de defrontar-se.

Sandman não dispunha de binóculos, e os cavaleiros encontravam-se a demasiada distância para poder distingui-los com clareza. Percebeu apenas que seriam uns seis ou sete, e ficou com a impressão - mas não mais do que isso - de que dirigiam a sua atenção para o coche, e que pelo menos um deles empunhava binóculos.

- Podem não ter nada a haver connosco - comentou.

- É possível - admitiu Berrigan -, só que Lord Robin Holloway aprecia trajos de montar com casaca branca, e possui um grande cavalo negro.

O homem central do grupo envergava uma casaca branca, e montava um grande cavalo negro.

- Rais parta - comentou Sandman calmamente. Teria Flossie dado à língua no Clube dos Serafins?

Teria informado os respectivos membros da intrusão de Sandman? Nesse caso, decerto que o haviam relacionado com o desaparecimento do coche, e, inquietos acerca de Meg, refugiada em Kent, bem poderiam ter enviado uma expedição para resgatá-la e impedir que Sandman a levasse para Londres. Mas, enquanto se perdia nestas conjecturas, viu o grupo de cavaleiros esporearem as montadas e desaparecerem na espessura do arvoredo. - Usa o chicote! - ordenou a Mackeson. - Sargento! Meta a Meg na carruagem! Despache-se!

Quanto tempo levariam os cavaleiros a alcançá-los? Dez minutos? Provavelmente ainda menos.

Sandman lembrou-se de inverter a trajectória da carruagem, a fim de regressarem à aldeia, de onde partiam inúmeros atalhos;

mas não havia espaço suficiente para o veículo dar a volta, de modo que, mal trancaram Meg no interior, MacKeson apressou os cavalos, e Sandman indicou-lhe que virasse no primeiro desvio da estrada. Qualquer vereda ou carreiro rural serviria para o efeito, mas, desgraçadamente, não aparecia nenhum, e, à medida que o coche avançava aos solavancos, Sandman esperava a todo o momento ver surgir junto deles o grupo de cavaleiros. Olhava em frente, atento à poeirada que os cascos dos cavalos deveriam levantar por sobre as árvores. Do mal, o menos, a região que atravessavam estava coberta de bosques cerrados, o que significava que a carruagem permaneceria oculta para os seus perseguidores praticamente até ao momento de se cruzarem. E então, quando Sandman começava já a desesperar de encontrar qualquer saída, deparou-se-lhes à direita uma estreita vereda, e ordenou a Mackeson que seguisse por ali.

– É uma velha estrada, e está em péssimo estado – avisou-o Mackeson.

– Cale-se e vire!

O coche meteu-se pelo atalho, dando a curva em equilíbrio precário e por pouco não chocando contra um nodoso ramo de carvalho ao efectuar a manobra.

– Espero bem que isto vá dar a algum lado – comentou Mackeson, em tom jocoso – porque, se não, estamos entregues aos bichos.

O coche balançava-se e dava saltos alarmantes, porque o atalho não passava de um velho trilho de carroças traçado na lama seca; porém, corria entre sebes espessas e vastos pomares, e, a cada jarda que avançavam, afastavam-se mais da estrada de Londres. Depois de percorrerem umas duzentas jardas, Sandman ordenou a Mackeson que parasse, e trepou à capota da carruagem para verificar se eram seguidos, mas não avistou quaisquer cavaleiros na sua peugada. Seria que os seus receios o haviam levado a exagerar as precauções? Foi então que Meg desatou aos gritos, e Sandman, apressando-se a rastejar da capota para baixo, ouviu o som de uma bofetada. A gritaria cessou no momento em que ele saltava para o chão. Berrigan baixou a janela, que se

encontrava intacta.

– Foi só uma maldita vespa – explicou, atirando o insecto morto para as moitas. – A avaliar pelo estardalhaço que ela fez, qualquer um julgaria que se tratava da porra de um crocodilo!

– Pois eu julguei que ela estivesse a matar-te – declarou Sandman. Preparava-se para trepar de novo para boleia, quando Berrigan o deteve com um gesto de alerta. Estacou, apurou o ouvido e chegoulhe o som de cascos de cavalos.

Mas o som desvaneceu-se na distância. O grupo de cavaleiros prosseguia o seu caminho pela estrada principal, tendo desprezado aquela estreita vereda. Sandman levou a mão ao punho da pistola enfiada no seu cinto, e recordou certo dia nos Pirinéus, quando, chefiando um pequeno esquadrão de batedores, fora surpreendido e perseguido por um grande grupo de dragões. Perdera três dos seus homens nesse dia, todos três retalhados pelo gume afiado dos sabres franceses, e ele próprio só conseguira escapar porque um oficial espanhol acorrera em seu auxílio com uma dúzia de fuzileiros que afugentaram os cavaleiros a tiro. Mas hoje não havia qualquer hipótese de lhe aparecer por ali um fuzileiro amigo. Lembrar-se-iam os cavaleiros de pesquisar o atalho? Apesar de o ruído de cascos de cavalo se ter sumido ao longe, Sandman hesitava em mandar a carruagem prosseguir caminho, por causa da barulheira das rodas; mas, reflectindo que os gritos de Meg haviam sido ainda muito mais sonoros, e, no entanto, não tinham atraído os seus perseguidores, trepou para a capota e fez sinal a MacKeson para arrancar.

– Com calma, sim? – recomendou. – Fá-la apenas rolar.

– Ora outra coisa não posso eu fazer – replicou Mackeson, apontando para a frente, onde, a curta distância, o atalho inflectia bruscamente para a esquerda. – Vou ser obrigado a sair do trilho, e, mesmo assim, será uma curva e pêras.

– Trata de ires devagarinho. – Sandman ergueu-se na boleia e inspeccionou a retaguarda, mas não havia cavaleiros à vista.

– Bem, que vamos fazer agora? – perguntou Mackeson.

– Há-de haver uma quinta por aí algures – retorquiu Sandman.

- Entretanto, na pior das hipóteses, desatrelamos os cavalos, empurramos a carruagem até ela dar a curva, e depois voltamos a atrelálos.

– Esta carruagem não foi feita para andar na estrada - observou Mackeson em tom reprovador. No entanto, deu um estalido com a língua e um toque quase imperceptível às rédeas. A vereda era estreita e a curva extremamente apertada, mas os cavalos abordaram-na serenamente. A carruagem deu uma guinada quando as rodas embateram contra os bordos da vereda, e os cavalos, sentindo o obstáculo, abrandaram o esforço. Mackeson fez estalar o chicote sobre as suas cabeças, torceu as rédeas, e, nesse preciso instante, a roda esquerda dianteira resvalou para um valado oculto pelas ervas e por um montão de folhas mortas, a carruagem inclinou-se perigosamente, Mackeson perdeu o equilíbrio, e foi Sandman quem, lá do alto, deitou a mão ao varal. Os cavalos relincharam em protesto e Meg desatou outra vez aos gritos, enquanto os raios da roda afundada na cova oculta, sobre os quais recaía agora todo o peso da carruagem, começaram a partir-se um atrás do outro, até que, como era inevitável, o próprio aro se desfez e a carruagem se enfiou de borco no valado.

Milagrosamente, Mackeson conseguira aguentar-se no seu posto. - Bem lhe disse que ela não foi feita para o campo - comentou, ressentido -, é um veículo citadino.

– Agora já não é veículo de espécie nenhuma - contrapôs Sandman, tratando de ajudar as duas mulheres a saírem do interior da carruagem, inclinada a pique.

– E o que tenciona fazer agora?

Sandman vacilava sobre a capota do coche, perscrutando o caminho atrás deles, com os ouvidos bem alerta. A roda da carruagem quebrara-se com grande estrépito, ao qual se seguira o estrondo da própria carruagem tombando na valeta. Convenceu-se de que escutava de novo um tropel de cavalos.

Sacou da pistola.

– Atenção! - rugiu baixinho. -Todos calados!

Agora já não lhe restavam dúvidas de que o que lhe chegava

aos ouvidos era realmente o som de cascos, e que o tropel se aproximava rapidamente. Engatou a pistola, saltou para o chão e aguardou.

O reverendo Horace Cotton, capelão de Newgate, dava a impressão de encolher-se no púlpito, de olhos fechados, como se estivesse a reservar todas suas energias físicas e mentais para uma suprema provação. Inspirou fundo, cerrou os punhos, e soltou um grito angustiado que ecoou na alta abóbada da capela da prisão.

– Fogo! – gemeu. – Fogo, e dor, labaredas e agonia! Aguardam-vos todos os bestiais tormentos do diabo! O fogo eterno, dores inauditas, torrentes de choro inconsolável, dentes a ranger. E, quando a dor vos parecer insuportável, quando julgarem que nenhuma alma, nem mesmo as de miseráveis como vós, seria capaz de aguentar semelhantes torturas por mais um único instante, hão-de compenetrar-se de que aquilo é só o princípio!

– Deixou a última frase a pairar por momentos na capela, antes de abaixar a voz num tom de doce compreensão, que mal passava de um murmúrio.

– É apenas o princípio da vossa agonia. Apenas o início de um castigo que vos afligirá por toda a eternidade. Mesmo depois de todas as estrelas do céu terem morrido e de novos firmamentos despontarem, heis-de continuar a retorcer-vos entre labaredas de fogo que vos retalharão as carnes como um gancho do talho, ou como um tição em brasa. – Inclinou-se sobre o púlpito, de olhos esgazeados, contemplando do alto a Bancada Negra, onde os dois condenados se encontravam sentados diante do caixão pintado de preto. – Não passareis de meros brinquedos nas mãos dos demónios – garantiu –, e eles se encarregarão de torturar-vos, queimar-vos, espancar-vos e rasgarvos as carnes, num suplício sem fim. Uma agonia interminável. Um tormento sem mercê.

O silêncio que reinava na capela foi quebrado pelo som das marteladas do cadafalso a ser erigido no exterior, e também pelos gemidos de Charles Corday. O reverendo Cotton endireitou-se no púlpito, satisfeito por ter conseguido quebrar o ânimo a um dos dois malditos. Do alto do púlpito, contemplou os bancos onde se sentavam os restantes prisioneiros, alguns aguardando a sua vez

de virem por seu turno a ocupar a Bancada Negra, outros limitando-se a passar o tempo até serem embarcados para a Austrália e para o olvido. Em seguida, o reverendo ergueu o olhar para as galerias superiores, onde, como de costume na véspera de um dia de enforcamentos, se aglomerava uma multidão ávida, composta por devotos dispostos a pagar bom dinheiro para assistirem ao serviço fúnebre dos condenados. Como a manhã estava quente, desde os primeiros momentos do cerimonial que algumas mulheres da assistência procuravam refrescar-se abanando os leques; mas o temor era geral. Toda a gente permanecia imóvel e silenciosa, subjugada pelas terríveis palavras que o capelão encadeava, qual teia mortal tecendo-se sobre as cabeças dos dois condenados.

– Não sou eu quem vos condena a esta sorte – advertiu o reverendo Cotton –, não fui eu a determinar o tormento das vossas almas. Foi Deus! O vosso destino foi decretado pelo Senhor! Por toda a eternidade, os santos hão-de reunir-se nas margens do rio de cristal, entoando cânticos de louvor a Deus, enquanto que vós jamais cessareis de soltar gritos de agonia!

Charles Corday soluçava, de cabeça baixa e com os frágeis ombros sacudidos pelos soluços, que faziam tilintar a corrente de ligação entre as grilhetas dos pés e o aro de ferro que lhe envolvia a cintura. Entretanto, o director da prisão, instalado no seu banco reservado à sua família, atrás da Bancada Negra, franzia o cenho. Não estava lá muito convencido de que aqueles famosos sermões contribuíssem para a manutenção da ordem na cadeia, dado que reduziam homens e mulheres a um estado de terror irracional, ou, em alternativa lhes despertavam desesperados ímpetos de revolta. Agradar-lhe-ia infinitamente mais um serviço fúnebre piedoso e sóbrio, debitado num murmúrio embalador; mas o que Londres esperava do capelão era um espectáculo de primeira, e Cotton sabia perfeitamente como corresponder à expectativa.

– Amanhã – tonitruou Cotton – sereis levados para o meio da rua, erguereis o olhar e contemplareis a claridade do céu divino pela derradeira vez. Em seguida, os vossos olhos serão tapados por uma venda, sentirão o nó corredio envolver-vos o pescoço, e escutarão o adejar das grandes asas do diabo, revoluteando sobre

as vossas cabeças à espera de apoderar-se das vossas almas. "Acudi-me, Senhor!", implorareis em altos gritos, "vinde em meu auxílio, Senhor!" - O bento homem agitava as mãos na direcção do tecto, como que tomando Deus por sua testemunha. - Mas já será demasiado tarde, demasiado tarde! - Foram os vossos pecados, os vossos terríveis pecados, a vossa malvadez, que vos arrastaram até àquele horrendo patíbulo, de onde penderão na ponta de uma corda, sufocando e contorcendo-se na ânsia de respirar, mas de nada vos valerá o esforço, apenas sofrerão mais e mais! E depois a escuridão abater-se-á sobre as vossas cabeças, e as vossas almas desprender-se-ão dos males deste mundo, evolando-se para o supremo tribunal onde a justiça divina vos aguarda. Deus! - Cotton voltou a erguer aos céus as suas mãos papudas, desta vez numa pose suplicante, repetindo e tornando a repetir a invocação. - O Senhor está à vossa espera, em toda a Sua majestade e misericórdia, e examinará todos os vossos actos! Sereis sujeitos ao julgamento de Deus! E Ele vai achar-vos culpados! Amanhã! Já amanhã! - Apontou o dedo a Corday, que permanecia de cabeça baixa. - Vais avistar-te com Deus. Vós dois irão defrontar-se face a face com a ira do Senhor, tão claramente como me vedes neste momento. E Deus nosso senhor, o Pai de todos nós, abanará a Sua divina cabeça em sinal de desapontamento, e ordenará que sejais levados à sua presença, porque haveis pecado. Havei-Lo ofendido a Ele, que nunca nos ofendeu a nós. Haveis traído a confiança do nosso Criador, que nos enviou o Seu próprio filho para salvar-nos, e, como castigo, sereis arrastados dos pés do Seu grandioso trono de misericórdia e mergulhados nas profundezas do inferno. Atirados às chamas, atirados ao fogo! Sofrendo eternamente as mais terríveis dores! - Foi abrandando o tom de voz até não passar de um trémulo murmúrio, e depois, ao ouvir o gemido apavorado de uma mulher na galeria, tornou à invectiva. - Condenados à dor eterna!

- bradou sonoramente, fazendo em seguida uma pausa a fim de que toda a assistência pudesse ouvir claramente os soluços da mulher. Depois debruçou-se na direcção da Bancada Negra e reduziu a voz a um áspero sussurro. - E haveis de sofrer, ó, como haveis de sofrer, e o vosso sofrimento, o vosso suplício, vai começar amanhã de manhã. - À medida que elevava o tom de voz,

ia esbugalhando cada vez mais os olhos. - Pensem nisso! À hora em que todos nós, os que merecemos viver, estaremos a tomar o nosso pequeno-almoço, vós estareis a afundar-vos na agonia.

No momento em que nós, os justos, estaremos de olhos fechados e mãos juntas, agradecendo a bondade de Deus, que nos concedeu a graça da nossa papa de aveia e dos nossos ovos com bacon, acompanhados de torradas e costeletas, iscas grelhadas, ou até mesmo... - e neste ponto o reverendo Cotton sorriu, porque gostava sempre de introduzir um toque pessoal nos seus sermões - e até mesmo, talvez, de um prato de rins à diabo - prosseguiu -, nesse preciso instante, vós começareis a gritar sob o tormento das primeiras e terríveis dores da eternidade! E, por toda a eternidade, esses tormentos hão-de tornar-se cada vez mais horripilantes, cada vez mais insuportáveis e tremendos!

Jamais haverá alívio para o vosso sofrimento, e o vosso sofrimento inicia-se amanhã! - Encontravase agora debruçado sobre o púlpito resguardado por um dossel, a tal ponto inclinado que a sua voz feria a Bancada Negra como uma lança. - Amanhã ireis ao encontro do diabo. Encontrar-vos-eis com ele face a face, e eu chorarei por vós. Porém, acima de tudo, agradecerei ao meu Deus e Salvador, Jesus Cristo, por me ter poupado às vossas dores, contemplando-me antes com o prémio dos justos, em sinal de que alcancei a salvação. - Retomou a postura erecta e cruzou os punhos fechados sobre o peito. - Alcancei a salvação! Fui redimido! Fui purificado pelo sangue do cordeiro, e abençoado pela graça d'Aquele único que detém o poder de afastar de nós o sofrimento!

Neste ponto, o reverendo Cotton fez nova pausa. Havia três quartos de hora que pregava, e competia-lhe prolongar ainda o sermão por outro tanto tempo. De olhos postos nos condenados, bebeu uns goles de água. Verificando que, enquanto um deles se desfazia em lágrimas, o outro mantinha ainda a compostura, sentiu-se na obrigação de esforçar-se mais.

Inspirou fundo, apelou a todas as suas reservas de energia, e retomou a prédica.

Não se vislumbrava qualquer cavaleiro ao fundo do atalho. Por

algum tempo, o ruído dos cascos trotando sobre a estrada de Londres continuou a ressoar ao longe, mas foi-se atenuando e acabou por desvanecer-se na atmosfera quente da manhã. Algures, a grande distância, os sinos de uma igreja tocaram a matinas.

– E agora, que tenciona fazer? – tornou a perguntar Mackeson, desta feita com uma indisfarçável nota de triunfo na voz. Convicto de que o desastre da carruagem pusera um ponto final à aventura de Sandman, comprazia-se a tirar de certa forma a desforra das humilhações a que havia sido sujeito por um dia e duas noites.

– O que eu tenciono fazer não é da sua conta – replicou Sandman –, mas o que você vai fazer é ficar aqui a tomar conta da carruagem. Sargento? Desatrele os cavalos.

– Não aguento mais aqui! – guinchou Meg.

– Então, trata de pôr os pés ao caminho – rosnou-lhe Sandman, voltando-se em seguida para ambas as raparigas. – Vocês as duas vão ter de montar os cavalos em pêlo.

– Não sei montar! – protestou Meg.

– Nesse caso, terás de caminhar a pé até Londres – replicou Sandman, com a sua perigosa cólera a subir-lhe à cabeça. – E podes crer que não me escapas! – acrescentou, arrancando o chicote das mãos de Mackeson.

– Ela vai montar o cavalo, capitão – atalhou Sally, laconicamente. E de facto, após as parelhas terem sido soltas dos varais, Meg desceu obedientemente, embora aos tropeções, os degraus da carruagem, e içou-se para o amplo dorso de um dos cavalos, onde se instalou de lado, com as pernas a baloiçar, inseguras, contra um dos flancos do animal, enquanto se agarrava com todas suas forças à ponta da fita entrançada na respectiva crina. Parecia aterrorizada, ao passo que Sally, mesmo sem sela, montava graciosamente.

– O que segue agora? – interrogou Berrigan.

– A estrada principal – replicou Sandman, que, com o auxílio do sargento, conduziu os cavalos de volta ao longo da vereda. Era arriscado retomar a estrada de Londres, mas, caso os cavaleiros persistissem ainda na sua perseguição à carruagem roubada, era

mais provável que tivessem rumado para sul. Sandman avançava cautelosamente, mas não se cruzaram com vivalma até chegarem a uma aldeia onde um cão saltou a ladrar para os cavalos, sobressaltando a montada de Meg, que, sentindo-se em risco de tombar ao chão, irrompeu em berros aflitos. Uma mulher saiu do seu casebre, empunhando uma vassoura com a qual afugentou o cão.

À saída da aldeia, um marco da estrada indicou-lhes que Londres se encontrava a quarenta e duas milhas de distância.

– Temos um longo dia à nossa frente – comentou Berrigan.

– Um dia e uma noite – replicou Sandman, sombriamente.

– Não vou conseguir aguentar aqui o resto do dia e mais uma noite lamuriou-se Meg.

– Vais mas é fazer o que te mandarem – resmungou Sandman. Mas, ao passarem pela aldeia seguinte, Meg desatou a gritar que tinha sido raptada, conseguindo assim atrair as atenções de um grupo de populaça que se pôs no encalço dos cavalos, até que o pároco da aldeia, de guardanapo ao pescoço, porque fora interrompido a meio da refeição, se decidiu a sair de casa para averiguar a causa do tumulto.

– A mulher é louca – explicou Sandman ao sacerdote.

– Louca? – O pároco ergueu o olhar para Meg, e estremeceu perante a maldade estampada no seu rosto.

– Fui raptada! – berrou a rapariga.

– Estamos a levá-la para Londres – declarou Sandman – a fim de ser examinada pelos médicos.

– Estão mas é a arrancar-me para longe do meu querido lar!

– Ela tem macaquinhos no sótão – acudiu Sally, com grande sentido de oportunidade.

– Não fiz nada de mal! – esganiçou-se Meg, enquanto se apeava e tentava fugir de Sandman, que, correndo atrás dela, não tardou a alcançá-la, dominando-a e ajoelhando-se em seguida a seu lado. – Mais uma destas e parto-te o pescoço, mulher –

sussurrou-lhe.

O pároco, um cavalheiro rubicundo, ornado de uma frondosa grenha de cabelo branco, tentou então arredar Sandman da rapariga.

– Gostaria de falar com a moça – declarou –, insisto em ouvir a versão dela.

– Primeiro leia isto – disse-lhe Sandman, que, subitamente recordado da credencial do ministro, a retirou do bolso para apresentá-la ao vigário. Pressentindo sarilhos, Meg atirou-se ao papel, mas entretanto o pároco, impressionado pelo timbre oficial do documento, afastou-se dela para examinar a folha amarfanhada. – Mas, se ela está louca – perguntou a Sandman, uma vez terminada a leitura – que é que o visconde de Sidmouth tem a haver com assunto?

– Não estou louca! – protestou Meg.

– Para ser franco consigo – disse Sandman ao vigário em voz baixa a verdade é que ela está acusada de assassínio, mas eu não quis alarmar os seus paroquianos. Mais vale pensarem que se trata de uma doente, não concorda?

– Com certeza, com certeza. – O sacerdote, alarmado, apressou-se a devolver a Sandman a sua credencial, como se receasse que o papel estivesse infectado por qualquer doença contagiosa. – Mas talvez não fosse má ideia amarrar-lhe as mãos?

– Ouviste isto? – perguntou Sandman a Meg. – O padre diz que eu devia amarrar-te as mãos, e é o que farei se voltares a fazer barulho.

Reconhecendo a derrota, Meg desatou a praguejar, o que só contribuiu para mais convencer o pároco da veracidade das alegações de Sandman. Tratou então de acenar com o seu guardanapo como uma bandeira de paz para tranquilizar as suas ovelhas e desviar-lhes a atenção da perigosa moça, a qual, por seu turno, verificando o fracasso da sua tentativa de libertação, e receando que Sandman a manietasse caso ela não se dispusesse a colaborar, se firmou numa pedra da conduta de água para voltar a içar-se para o cavalo. Praguejava ainda quando o pequeno grupo

transpôs os limites da aldeia.

Retomaram a marcha. Estavam todos exaustos e com os nervos em franja, além de que o calor, e a estrada aparentemente interminável, iam consumindo as energias de Sandman. Sentia a roupa imunda e pegajosa colar-se-lhe ao corpo, e uma bolha a formar-se no calcanhar direito. Continuava a coxear devido à entorse que sofrera ao saltar para o palco do teatro de Covent Garden, mas, tal como qualquer outro militar de infantaria, acreditava piamente que a melhor maneira de curar um tornozelo torcido era caminhar com ele. Mesmo assim, havia muito tempo que não fazia a pé uma jornada tão longa. Sally sugeriu-lhe que montasse um dos cavalos, mas Sandman, cuidando de reservar pelo menos uma montada fresca, abanou a cabeça e entregou-se à marcha automática do soldado comum, abstraindo-se da paisagem em redor, enquanto os seus pensamentos recuavam para as infindas e poeirentas estradas espanholas, por onde os seus subordinados haviam arrastado as botas, entre searas do milho que brotara dos grãos caídos das carroças saqueadas. E, mesmo nessa altura, raramente recorrera ao seu cavalo, preferindo mantê-lo fresco para uma eventual emergência.

– E como é que é, quando chegarmos a Londres? – perguntou Berrigan, quebrando o silêncio após terem ultrapassado mais uma aldeia.

Sandman pestanejou como se tivesse acordado naquele mesmo instante. Notou que o Sol estava já a pôr-se, e que os sinos da igreja mais próxima badalavam as vésperas.

– A Meg vai contar a verdade – respondeu, após uma breve pausa. Meg soltou uma risada de escárnio, e Sandman controlou o seu ímpeto de cólera. – Meg – disse-lhe gentilmente –, o que tu queres é regressar ao solar do marquês, não é verdade? Voltar para junto das tuas galinhas? – Bem sabe que sim – respondeu ela.

– Pois hás-de voltar – garantiu ele –, mas, para isso, tens de contar-me ao menos uma parte da verdade.

– Uma parte? – estranhou Sally.

– Uma parte da verdade – confirmou Sandman. Ao longo da marcha, inconscientemente, reflectira sobre o dilema com que se

defrontava, e, de súbito, a resposta surgira-lhe com total clareza. Não tinha sido contratado para descobrir o assassino da condessa, mas sim para averiguar se Corday era ou não culpado. Portanto, apenas lhe competia fornecer ao ministro a resposta a essa questão. - Não me importa saber quem assassinou a condessa - declarou a Meg. - A única coisa que me importa é o facto de tu saberes que não foi o Corday. Arrastaste-o para fora do quarto quando ela estava ainda viva e de boa saúde, e é só isso que pretendo que digas ao ministro.

Ela limitou-se a mirá-lo em silêncio.

- Foi assim que as coisas se passaram, não é verdade? - insistiu Sandman. Ela continuou calada, e ele suspirou. - Meg, está na tua mão regressares à casa do marquês. Podes fazer o que quiseres com o resto da tua vida, mas, primeiro, tens de contar-me pelo menos uma parcela da verdade. Sabes bem que o Corday está inocente, certo?

E por fim - finalmente, finalmente, ao cabo de tantas tentativas por parte de Sandman, e de mais uma longa pausa por parte dela -, Meg fez um aceno afirmativo.

- Acompanhei-o até à porta da rua - afirmou serenamente.

- E, entretanto, deixaste a condessa bem viva no quarto?

- Claro que sim - confirmou Meg. - Ela até lhe disse para voltar na tarde seguinte, mas, por essa altura, já o tinham prendido.

- E estás disposta a contar tudo isso a sua excelência o ministro do Interior?

Após uma breve hesitação, ela assentiu com a cabeça.

- Estou disposta a contar ao ministro o que lhe disse agora mesmo, mas nada mais.

- Obrigado - disse-lhe ele.

Um marco da estrada informou Sandman de que Charing Cross se encontrava dezoito milhas de distância. A fumarada londrina contaminava os céus com uma espessa neblina acinzentada, enquanto que, à sua direita, o refulgente curso do Tamisa, liso como um espelho, surgia esporadicamente entre colinas, sobre as

quais a escuridão da noite ia caindo. O cansaço de Sandman evaporou-se. Bastava uma parcela de verdade, pensou, para que, graças a Deus, pudesse cumprir a sua Missão.

Jemmy Botting, digno carrasco inglês, encaminhou-se para o Old Bailey ao entardecer, a fim de inspeccionar o cadafalso, já então completamente montado. Um ou dois transeuntes com que se cruzou, reconhecendo-o, dirigiram-lhe irónicos parabéns, mas Botting ignorou-os.

Não havia grande coisa a inspeccionar. O carrasco confiava plenamente em que as traves do patíbulo tivessem sido solidamente encaixadas, as tábuas do estrado devidamente pregadas, e os panejamentos adequadamente suspensos. Na verdade, o estrado oscilava um pouco, mas isso já era costume, e o balanço não era pior do que o que se experimentava no convés de um navio, sobre uma ondulação suave. Examinou o puxador que inibia o mecanismo do alçapão, e em seguida desceu às sombrias profundezas sob o estrado, onde pegou na corda que accionava esse mesmo mecanismo. A corda cedeu com um rangido, e a porta do alçapão desviou-se, dando entrada aos raios do Sol poente.

Aquele rangido não agradou a Botting. Não estava ninguém junto do alçapão, e, contudo, o mecanismo oferecera resistência. Portanto, tratou de abrir o saco que trazia consigo, de onde extraiu um pequeno pote de sebo, oferta do fabricante de velas seu amigo. Trepou pela armação de madeira, untou a trave do dispositivo até a sua superfície ficar perfeitamente escorregadia, e, em seguida, sem grandes cuidados, abriu a porta do alçapão e voltou a colocar a trave na posição correcta. Barafustou contra duas ratazanas que seguiam atentamente os seus movimentos. Tornou a descer até ao pátio do Old Bailey, puxou de novo pela corda, e, desta vez, o mecanismo deslizou na perfeição, e a porta do alçapão escancarou-se, chocando estrondosamente contra os dois suportes verticais.

– Uma trabalheira dos diabos, hem? – confidenciou Botting às ratazanas, nada intimidadas pela sua presença.

Voltou a colocar no devido sítio a porta do alçapão e a respectiva trave, guardou o pote de sebo no saco e, em seguida, trepou ao alto do cadafalso, onde, em primeiro lugar, testou de

novo o puxador do mecanismo, para em seguida experimentar a solidez do alçapão, avançando com um pé sobre as tábuas e atrevendo-se depois, cautelosamente, a apoiar todo o seu peso sobre a perna. Tinha a certeza de que a porta do alçapão era segura e que aguentaria com todo o peso do seu corpo, mas, ainda assim, deu-se ao cuidado de testá-la. A última coisa que lhe interessava era tornar-se no alvo da chacota de Londres, à conta de um alçapão que cedesse sob os pés de um condenado, ainda antes de lhe terem passado a corda ao pescoço. A simples ideia de semelhante eventualidade fê-lo sorrir.

Depois, convicto de que tudo estava a postos, dirigiu-se à Porta dos Devedores, e bateu sonoramente. Conforme o hábito, dar-lhe-iam de jantar na prisão, e em seguida permitir-lhe-iam dormir num pequeno quarto sobre o pátio.

– Tens algum veneno para ratos? – perguntou ao guarda que lhe abriu a porta. – É que, debaixo do cadafalso, há ratazanas do tamanho de raposas. Aquele estrado não pode ter sido montado há mais de duas horas, e, no entanto, está já infestado de bichos.

– Ratazanas há por toda a parte – ripostou o guarda, voltando a aferrolhar a porta.

No piso inferior, apesar de a noite estar quente, as catacumbas de Newgate eram percorridas por rajadas gélidas. Portanto, antes de Charles Corday e os restantes condenados serem conduzidos à cela da morte, os guardas acenderam uma pequena pilha de carvão na minúscula lareira da cela. A princípio, o espaço encheu-se de fumarada, porque a chaminé escoava mal; mas, uma vez aquecida, começou a absorver o fumo e a atmosfera aligeirou-se um pouco, embora o intenso cheiro a carvão continuasse a pairar no ar. Um vaso higiénico foi colocado num canto da cela, porém sem qualquer resguardo que proporcionasse aos seus utilizadores um pouco de privacidade.

Dois estreitos catres de ferro, providos de esteiras de palha e de delgados cobertores, foram encostados contra uma parede da cela, logo seguidos por uma mesa e várias cadeiras, destinadas ao conforto dos guardas encarregados de vigiar os prisioneiros durante a noite. Penduraram-se lampiões nos ganchos das paredes.

Ao crepúsculo, os dois condenados foram conduzidos para a cela da morte e contemplados com uma refeição composta por sopa de ervilhas, costeletas de porco e couves cozidas. O director da prisão veio visitá-los a meio da ceia e, enquanto aguardava que terminassem, meditou sobre o extraordinário contraste entre os dois homens. Enquanto que Charles Corday era uma criatura esguia, pálida e nervosa, Reginald Venables correspondia ao tipo do grandalhão abrutalhado, com uma barba negra e hirsuta e uma carantonha ameaçadora. Porém, dos dois, era Corday quem cometera um assassínio, ao passo que Venables fora parar à forca pelo simples roubo de um relógio.

Corday mal debicou a comida. Com as grilhetas dos pés a chocalhar, dirigiu-se ao seu catre, onde se estendeu e se pôs a fitar de olhos vazios as pedras húmidas da abóbada.

– Amanhã... – começou o director a discursar, assim que Venables terminou a refeição.

– Só espero que aquele maldito padre não esteja lá – interrompeu-o Venables.

– Silêncio, que o director está a falar! – grunhiu o carcereiro-mor.

– O pregador estará lá – elucidou o director –, para oferecer todo o conforto espiritual ao seu alcance.

– Fez uma pausa, aguardando que um guarda retirasse os talheres da mesa, e depois retomou a ladainha. – Amanhã sereis levados daqui para a Sala de Reuniões, onde vos quebrarão as grilhetas e vos amarrarão os braços. Antes disso já vos terá sido oferecido o pequeno-almoço, mas haverá brandy à vossa disposição na Sala de Reuniões, e aconselho-vos a tomá-lo. Em seguida, seguiremos em cortejo para a rua. Interrompeu-se de novo. Venables fuzilava-o com o olhar, enquanto que Corday parecia muito longe dali. – Faz parte dos usos da casa – prosseguiu o director – entregar uma moeda ao carrasco, porque está nas mãos dele a possibilidade de atenuar o sofrimento da vossa passagem para o outro mundo. Não é que eu, pessoalmente, aprove tal gratificação, mas, atendendo a que ele não é um empregado da prisão, mas sim um funcionário municipal, nada posso fazer para

pôr cobro a essa prática. Contudo, mesmo se não pagardes esse bónus, asseguro-vos que a vossa punição não será excessivamente dolorosa, e que terminará num instante.

– Mentiroso de um raio – rosnou Venables.

– Silêncio!

– Não se preocupe, Mr. Carlisle – disse o director ao zeloso carcereiro. – Há um certo tipo de homens – prosseguiu – que, em vez de se dirigirem de boa vontade para a forca, porfiam em dificultar o normal decurso dos trabalhos. Nada ganham com isso. Aqueles que se debatem, que oferecem resistência, que nos provocam transtornos, acabam por ir na mesma parar à forca, só que, nesse caso, com sofrimento agravado.

Mais vale cooperarem. É mais fácil para vós e para os vossos entes queridos que eventualmente estejam a assistir.

– Mais fácil para ti, é o que queres dizer – comentou Venables.

– O cumprimento do dever nunca é tarefa fácil – declarou o director, beatificamente –, sobretudo quando levado a cabo com a devida persistência. – Dito isto, encaminhou-se para a porta. – Os guardas permanecerão aqui toda a noite – acrescentou ainda. – Se sentirem necessidade de conforto espiritual, podem pedir-lhes para chamar o capelão. Desejo uma boa noite a todos.

Corday falou pela primeira vez.

– Estou inocente – afirmou, num fio de voz.

– Pois sim – replicou o director, embaraçado –, pois sim, claro. – Não lhe ocorrendo qualquer outro comentário sobre o assunto, limitou-se a acenar aos guardas. – Muito boa-noite, meus senhores.

– Boa-noite, senhor director – retribuiu Mr. Carlisle, o carcereiro-mor, assumindo uma pose vigilante até os passos do patrão se sumirem no corredor. Depois, mais descontraído, voltou-se para os prisioneiros. – Se vos apetecer conforto espiritual – aconselhou-os –, em vez de me incomodarem a mim e ao reverendo Cotton, o melhor que têm a fazer é pregarem com os vossos malditos joelhos no chão e tratarem de incomodá-Lo a Ele

lá no alto, suplicando-Lhe o raio do Seu perdão. Não é assim mesmo, George?

– perguntou aos seu parceiro –, e o trunfo é espadas, certo?

Entretanto, em Birdcage Walk, o nome por que era conhecida a passagem subterrânea que fazia a ligação entre a cadeia e as salas de audiência do tribunal, dois delinquentes aplicavam-se a manobrar pás e picaretas. Lanternas suspensas do tecto iluminavam uma pilha de lajes de granito que haviam sido arrancadas ao pavimento e encostadas a um dos lados da passagem, onde nesse momento pairava um terrível fedor, composto por uma mortífera mistura de gás, visgo e carne podre.

– Valha-me Deus! – exclamou um dos presos, recuando perante a onda de mau cheiro.

– Não é nesta catacumba que irás encontrá-Lo – comentou um dos guardas, afastando-se da zona onde o pavimento fora arrancado. Quando da construção de Birdcage Walk, as lajes haviam sido directamente aplicadas sobre a argila do subsolo londrino; mas agora, à luz vacilante das lanternas cobertas de humidade, a argila apresentava um aspecto esquisito, escurecida e sarapintada de manchas.

– Quando é que esta secção do corredor foi utilizada pela última vez? – perguntou um dos presos.

– Para aí há uns dois anos – respondeu-lhe o guarda, pouco convicto das suas próprias palavras. – É isso, há pelo menos dois anos.

– Dois anos? – escarneceu o preso. – Qual quê, ainda para aqui estão muitos que só lhes falta respirar.

– Trata mas é de despachar-te, Tom – espicaçou-o o guarda –, lembra-te de que, quando terminares, tens direito a isto. – Brandia-lhe uma garrafa de brandy diante dos olhos.

– Que Deus nos acuda – resmungou Tom, mas logo inspirou fundo e voltou a aplicar-se à sua pá.

A Missão dele e do seu camarada era a de escavarem as sepulturas dos dois homens que seriam executados na manhã

seguinte. Por vezes, os corpos dos enforcados iam parar às mesas de dissecação, mas como, a despeito do seu intenso apetite por cadáveres, os anatomistas não conseguiam dar vazão a todos, a maioria acabava por ser enterrada naquela passagem subterrânea, em sepulturas anónimas. Porém, o túnel não era suficientemente longo, de modo que, apesar de os mortos serem sepultados em cal viva a fim de se apressar a sua decomposição, e da estreita observância da regra da rotatividade na escavação dos vários troços da passagem – regra essa destinada a evitar que se remexessem sepulturas ainda frescas –, as pás e as picaretas embatiam continuamente contra ossadas e fétido barro putrefacto. O chão era todo ele altos e baixos, dando a impressão de ter sido abalado por um terramoto, efeito esse que afinal derivava apenas do desigual afundamento das lajes sobre os cadáveres em decomposição. Contudo, apesar do fedor insuportável, e da argila amalgamada com restos de corpos, continuavam a enterrar-se naquele esterco mais e mais cadáveres.

Tom, com o calcanhar bem enterrado na fossa que abrira, retirou de lá um crânio amarelado que fez rolar pelo corredor fora.

– Tem ar de estar bem-disposto, não vos parece? – gracejou, desencadeando nos dois guardas e no seu próprio companheiro um interminável surto de gargalhadas.

Mr. Botting ceou costeletas de carneiro, acompanhadas de batatas cozidas e nabos. Em seguida, o serviço culinário do director da prisão contemplou-o com um pudim de mel, e, para rematar, uma caneca de chá forte e um cálice de brandy. Nada mais restava a Mr. Botting se não entregar-se ao sono dos justos, e foi o que fez.

Entretanto, dois vigilantes montavam guarda ao cadafalso. Pouco depois da meia-noite, o céu cobriu-se de nuvens, e um aguaceiro gelado abateu-se para as bandas de Ludgate Hill. A chuvada arrancou ao sono meia dúzia de criaturas, que, desejosas de assegurar um bom posto de observação para os acontecimentos da manhã seguinte, junto da cerca que protegia o patíbulo, haviam resolvido dormir sobre as pedras da calçada. Após alguns resmungos de descontentamento, enroscaram-se ainda mais nos cobertores e trataram de voltar a adormecer.

A aurora chegou cedo. As nuvens dissiparam-se para revelar um céu de madrepérola, raiado por delgadas colunas de fumo de carvão acastanhado. Londres saltou da cama.

E, em Newgate, preparavam-se rins à diabo para o pequeno-almoço.

CAPÍTULO 07

CAVALO DE SALLY, um exemplar capado, tinha começado a coxear logo ao cair da noite de domingo. Como se isso não bastasse, a sola da bota do pé direito de Berrigan soltou-se, e resolveram então prender o cavalo manco a uma árvore, enquanto Berrigan se içava para o dorso do terceiro cavalo, e Sandman, cujas botas lá se iam aguentando, assumia o comando das montadas de ambas as raparigas.

– Se não conseguimos devolvê-los todos ao Clube dos Serafins – comentou Sandman, preocupado com a sorte do animal que haviam abandonado à beira da estrada – arriscamo-nos a ser acusados do crime de roubo de cavalos.

– E a ir parar à forca à conta disso – replicou Berrigan, disfarçando um sorriso. – Mas no seu lugar, capitão, não me preocuparia demasiado com essa eventualidade. Com tudo o que sei acerca do Clube dos Serafins, não me parece que lhes apeteça acusar-me de seja o que for.

Os três cavalos que lhes restavam estavam a tal ponto exaustos que Sandman chegou à conclusão de que o grupo avançaria mais depressa sem eles; mas, atendendo a que Meg havia finalmente acedido a contar a sua parte da verdade, não estava nada interessado em perturbá-la de novo com a proposta de uma caminhada a pé, tanto mais que ela entretanto voltara às suas lamúrias, declarando que as suas preciosas galinhas iriam certamente ser devoradas pelas raposas, e só parando com os queixumes quando Sally começara a cantar para distraí-la. A primeira canção escolhida por Sally fora uma balada muito apreciada pelos soldados, chamada O Tambor-Mor, que falava de uma rapariga a tal ponto apaixonada pelo seu soldadinho que correra a alistar-se no regimento dele com a função de tambor-mor, logrando iludir toda a gente até ao dia em que, ao banhar-se num regato, por pouco não fora violada por um camarada do amante. Conseguira fugir-lhe, mas não ocultar por mais tempo a sua verdadeira identidade, de modo que os oficiais responsáveis haviam insistido no seu casamento com o amado.

– Gosto de histórias que acabam bem – comentou Berrigan, desatando em seguida a rir quando Sally iniciou a sua segunda canção, também muito popular entre os soldados, mas desta feita acerca de uma rapariga que não escapara a tempo.

Sandman ficou um pouco chocado, embora não excessivamente surpreendido, ao verificar que Sally sabia a letra da canção de uma ponta à outra, e que Berrigan fazia coro com ela. Até Meg soltou uma gargalhada no ponto em que, chegada a vez do coronel, o homem falhava lastimosamente, e Sally gorjeava ainda quando um guarda da patrulha, até então escondido atrás de uma árvore inclinada sobre a beira da estrada, lhes saltou em cima.

Suspeitando, não sem alguma razão, que aqueles quatro viajantes de aspecto imundo haviam sido os autores do roubo dos três cavalos da equipagem do coche, o guarda montado enfrentou-os de pistola apontada. O cano da arma, bem como os botões metálicos do uniforme, composto por casaca azul sobre colete vermelho, rebrilhavam ao luar.

– Quietos, em nome do Rei! – ordenou, sublinhando a invocação de sua majestade, a fim de não ser confundido com um salteador de estradas.

– Quietos! Quem sois vós? E para onde vos dirigis?

– E quem é o senhor? – retaliou Sandman prontamente. – Nome e patente, se faz favor? Em que regimento serviu? – A patrulha montada era quase integralmente composta por antigos soldados de cavalaria: homens maduros, porque, no pressuposto de que os jovens cederiam mais facilmente à tentação, era entre ex-militares bem batidos e com provas dadas que as autoridades recrutavam os membros da corporação encarregada de manter as estradas reais livres de assaltantes.

– Quem faz aqui as perguntas sou eu – ripostou o guarda, porém algo intimidado perante a autoridade manifestamente patente no tom de Sandman. Apesar do estado lastimoso do seu traje, amarfanhado e coberto de lama, não podiam restar dúvidas de que fora um oficial superior do exército.

– Abaixe a pistola! Imediatamente, criatura! – ordenou Sandman, recorrendo deliberadamente à sua voz de comando

militar. - Encontro-me aqui em missão oficial, como delegado do ministro do Interior, o visconde de Sidmouth, e apresento-lhe a minha credencial, com o timbre e assinatura de sua excelência. Caso não saiba ler, sugiro-lhe que nos conduza imediatamente à presença do seu magistrado.

O guarda travou cuidadosamente a pederneira da arma, que em seguida enfiou num dos coldres da sela.

– Perdeu o seu coche, senhor?

– Partiu-se-lhe uma roda trinta milhas atrás - afirmou Sandman. - Bem, sempre se resolve a ler este papel ou prefere levar-nos ao seu magistrado?

– Estou certo de que está tudo em perfeita ordem, senhor. - A verdade é que o guarda não queria confessar que não sabia ler, e muito menos ir incomodar o seu magistrado superior, que, àquelas horas, deveria estar a preparar-se para uma lauta ceia, de modo que se limitou a afastar o cavalo para o lado, dando passagem a Sandman e aos seus três companheiros. Sandman tinha calculado que o homem insistiria em conduzi-los à presença do magistrado, e que nesse caso, a carta do ministro do Interior serviria para proporcionar-lhes outra carruagem, ou, pelo menos, quatro montadas frescas. Mas, como desperdiçariam assim um tempo precioso, correndo ademais o risco de abalar a frágil boa vontade de Meg, retomaram a caminhada até que, já bem depois da meianoite, alcançaram a Torre de Londres, rumando daí ao Wheatsheaf, Sally levou Meg para o seu quarto e Sandman emprestou o dele a Berrigan, indo em seguida repousar para a sala das traseiras, onde se instalou, não num dos cadeirões, mas no próprio chão de tábuas, para certificar-se de que despertaria a espaços. Quando os sinos de Saint Giles bateram as badaladas seis da manhã, arrastou-se escadas acima, acordou Berrigan e disse-lhe para ir arrancar as raparigas à cama. Depois barbeou-se, procurou a sua camisa mais limpa, escovou o casaco e limpou o melhor possível a lama e a poeira das suas esfrangalhadas botas. Eram seis e meia quando, acompanhado de Berrigan, de Sally, e de uma relutante Meg levada a reboque, se dirigiu para Great George Street, e, segundo esperava, para o termo da sua investigação.

Lord Alexander Pleydell e o seu amigo Lord Christopher Carne por pouco não vomitaram ao penetrarem no Press Yard, porque o fedor era terrível, pior que o das emanações fétidas dos esgotos a céu aberto no ponto em que Fleet Ditch despejava o seu nauseabundo conteúdo no Tamisa. O guarda prisional que os escoltava soltou um risinho de escárnio.

– Já nem reparo no cheiro, excelências – disse –, mas suponho que deve ser a modos que mau como a morte, mesmo mau como a morte. Cuidado com estes degraus, excelências, tende cuidado.

Afastando cautelosamente o lenço do nariz, Lord Alexander perguntou-lhe:

– Porque é que chamam a isto Press Yard?

– Em tempos que já lá vão, senhor, era aqui que se prensavam os prisioneiros. A gente amassavalos, meu senhor. Esmagávamos-os com pedras bem pesadas, senhor, para convencê-los a dizer a verdade. Hoje em dia já não fazemos isso, o que é pena, porque assim teimam em mentir como miseráveis indianos, senhor, como capachos da índia.

– Espremiam-nos até à morte? – indagou Lord Alexander, chocado.

– Oh não, meu senhor, não até à morte. Nunca até à morte, salvo se, por erro de cálculo, amontoássemos demasiadas pedras sobre eles! – casquinou de gozo, achando a ideia divertida. – Não, excelência, limitávamo-nos a prensá-los até eles cuspirem a verdade cá para fora. Assegurolhe que meia tonelada de pedras em cima do peito de um homem ou de uma mulher constitui um argumento de peso. – O guarda riu-se de novo. Era um homem gordo, vestido com bragas de cabedal e um gibão enodoado, e munido de um sólido cacete. – Custava-lhes um bocadinho a respirar – acrescentou, ainda perdido de riso –, custava-lhes mesmo muito.

Lord Alexander estremeceu perante o terrível fedor.

– Não há fossas sanitárias neste lugar? – perguntou.

– A prisão é muitíssimo moderna, excelência – apressou-se o guarda a garantir – do mais moderno que existe, com fossas

sanitárias e retretes tapadas. A verdade, excelência é que os estragamos com mimos, palavra de honra, mas não passam de bestas imundas, senhor, autênticas bestas.

Emporcalham o seu próprio ninho, que lhes oferecemos nas melhores condições de limpeza e higiene. - Pousou o cacete a fim de fechar e aferrolhar o portão gradeado por onde haviam entrado no pátio, que era comprido, estreito e rodeado de altos muros. Mesmo num dia seco como aquele, as pedras da calçada pareciam húmidas, como se a miséria e o pavor seculares houvessem impregnado o granito e não pudessem mais ser-lhe arrancados.

- Se deixaram de prensar os prisioneiros - quis saber Lord Alexander -, para que é que o pátio é usado agora?

- Os prisioneiros podem passear-se aqui durante o dia, senhor - explicou o guarda -, o que é mais um exemplo, excelências, da bondade com que os tratamos. Estragamo-los com mimos, repito, senhores. Em tempos que já lá vão, uma prisão era uma prisão, não uma taberna cheia de comodidades.

- Vendem-se aqui bebidas alcoólicas? - indagou Lord Alexander, acidamente.

- Deixámo-nos disso, excelência. Mr. Brown, o actual director, mandou encerrar o estaminé da pinga devido às desordens causadas pela escumalha bêbada, mas ficou tudo na mesma, porque agora mandam vir as bebidas do Lamb ou do Magpie and Stump. - Aplicou o ouvido às badaladas de um sino de igreja que assinalavam o quarto de hora. - Valha-me Deus, o sino do Santo Sepulcro está já a bater as sete menos um quarto! Se tiverdes a amabilidade de voltar agora à esquerda, excelências, podereis reunir-vos a Mr. Brown e aos demais cavalheiros na Sala de Reuniões.

- A Sala de Reuniões? - perguntou Lord Alexander, intrigado.

- É onde os prisioneiros se reúnem entre o nascer e o pôr do Sol, meu senhor - explicou o guarda -, excepto em dias feriados ou especiais como o de hoje, e, aquelas janelas que vedes à vossa esquerda são as das salgadeiras.

A despeito da sua convicta oposição à prática de enforcamento

de criminosos, Lord Alexander deu consigo a experimentar um curioso fascínio por tudo o que lhe era mostrado, e fitou atentamente as quinze janelas gradeadas.

– Sabe informar-me de onde deriva essa designação de "salgadeiras"?

– Nem de onde deriva nem onde desemboca, excelência – riu-se o guarda –, só desconfio que lhes chamam assim por estarem empilhadas como barricas de peixe salgado.

– As salga-ga-deiras são o quê? – perguntou por seu turno Lord Christopher, que, nessa manhã, se apresentava extremamente pálido.

– Com franqueza, Kit – respondeu-lhe Lord Alexander, com desnecessária severidade –, toda a gente sabe que são as celas onde os condenados à morte passam os seus últimos dias de vida.

– As salas de visita do diabo – acrescentou o guarda, abrindo a porta da Sala de Reuniões e estendendo-lhes ostensivamente uma mão de palma virada para cima.

Lord Alexander, que se ufanava do seu espírito democrático, estava prestes a forçar-se a apertar a mão do homem quando compreendeu o verdadeiro significado da palma erguida.

– Ah – murmurou, perturbado, apressando-se a vasculhar o bolso, de onde extraiu a primeira moeda em que tocou. – Muito agradecido, bom homem – disse.

– Obrigado, excelência, muito obrigado – replicou o guarda, verificando, para sua estupefacção, que havia sido contemplado com um soberano de oiro de gorjeta. Tirou precipitadamente o chapéu e enfiou os dedos na cabeleira hirsuta. – Deus o abençoe, excelência, que Deus o abençoe.

William Brown, o director da prisão, apressou-se a vir ao encontro dos seus dois novos convidados.

Embora nunca se tivesse cruzado com qualquer deles, reconheceu Lord Alexander pelo seu pé boto, de modo que lhe tirou o chapéu, inclinando-se numa vénia respeitosa.

– Brown, presumo? – perguntou Lord Alexander.

– Sim, William Brown, excelência, o próprio. O director de Newgate, excelência.

– Apresento-lhe Lord Christopher Carne – replicou Lord Alexander, indicando amigo com um vago aceno de mão. – O assassino da madrasta dele vai ser enforcado esta manhã.

O director voltou a curvar-se, desta feita na direcção de Lord Christopher.

– Espero que vossa excelência venha a sentir-se simultaneamente vingado e confortado pela experiência que vai presenciar. Permitis-me que vos acompanhe agora até junto do Ordinário de Newgate? – Conduziu-os a um recanto da sala onde um homem corpulento, ornado de uma peruca antiquada e paramentado com sotaina, sobrepeliz e bandas de Genebra, os aguardava com um sorriso estampado na face rubicunda – Apresento-vos o reverendo Horace Cotton – disse o director.

– É vossa senhoria muito bem-vinda – declarou Cotton, com uma ligeira vénia Lord Alexander. – Creio que, tal como eu, vossa senhoria tomou as santas ordens?

– É verdade – confirmou Lord Alexander –, e este senhor aqui é o meu grande amigo Lord Christopher Carne, que tenciona igualmente vir tornar-se membro do clero.

– Ah! – O reverendo Cotton uniu as mãos em sinal de graças e ergueu o olhar para as vigas do tecto.

– Considero como uma verdadeira bênção – declarou – que membros da nobreza, os genuínos chefes da nossa sociedade, assumam tão claramente os valores da cristandade. É um magnífico exemplo para a populaça, não concordais? E, quanto a vossa senhoria – prosseguiu, dirigindo-se a Lord Christopher – fui informado de que ireis assistir esta manhã à aplicação da justiça no caso de um grave atentado praticado contra a vossa família?

– Assim o espero – afirmou Lord Christopher.

– Francamente, Kit! – repreendeu-o Lord Alexander. – A vingança de que a tua família está à espera terá lugar na eternidade, infligida pelas chamas do inferno...

– Glória a Deus! – interpôs o reverendo.

– E não me parece decente, ou, sequer, civilizado, da parte de seres humanos como nós, antecipar o destino a que esses outros seres humanos estão fatalmente condenados – concluiu Lord Alexander.

O director da prisão ficou assombrado.

– Decerto que vossa senhoria não defende a abolição da pena de morte?

– Enforcar um homem – declarou Lord Alexander – equivale a privá-lo de qualquer hipótese de arrependimento. É negar-lhe a oportunidade ser dia e noite atormentado pelos remorsos da sua consciência. Na minha opinião, seria castigo suficiente deportar todos os criminosos para a Austrália, que, conforme sei de fontes seguras, é um autêntico inferno à face da terra.

– Os remorsos da consciência hão-de igualmente persegui-los no verdadeiro inferno – rebateu Cotton.

– Não duvido, senhor – admitiu Lord Alexander –, mas, ainda assim, acho preferível conceder aos criminosos a oportunidade de se arrependerem neste mundo, dado que, no próximo, não lhes resta qualquer possibilidade de salvação. Ao executarmos esses homens na forca, negamo-lhes a hipótese de jamais reconquistarem a graça de Deus.

– É a primeira vez que ouço esse argumento – redarguiu Cotton, em tom duvidoso.

Lord Christopher, que até então acompanhara o debate com a silenciosa atenção de um perdigueiro, interrompeu-os intempestivamente.

– O senhor não será por acaso parente de Henry Cotton? – perguntou ao capelão, com um olhar fulminante.

A súbita e despropositada intervenção de Lord Christopher matou instantaneamente a conversa.

Mas, recompondo-se, o capelão perguntou-lhe:

– Parente de quem, excelência?

– De Henry Cotton – repetiu Lord Christopher, aparentemente subjugado por uma violenta emoção, como se lhe fosse praticamente insuportável a ideia de encontrar-se no interior da prisão de Newgate. Estava lívido, com a testa perlada de gotas de suor e as mãos tomadas por um tremor incontrolável. – Foi em tempos leitor de g-grego em Christ Church – elucidou –, e hoje em dia é bibliotecário adjunto em Bodleian.

O ordinário recuou um passo, como que receando que Lord Christopher estivesse prestes a sofrer um ataque cardíaco.

– Tanto quanto sei, excelência – replicou – não tenho quaisquer laços de parentesco com esse cavalheiro, mas sim com o visconde de Combermere. Laços distantes, aliás.

– Henry Cotton é uma exce-ce-lente pessoa – prosseguiu Lord Christopher –, um homem admirável.

E um grande erudito.

– Um pedante – resmungou Lord Alexander. – Com que então, o senhor é da família do Combermere, ou seja, parente de Sir Stapleton Cotton? Por pouco não perdeu o braço direito na batalha de Salamanca, o que teria sido uma autêntica tragédia.

– Oh, decerto – assentiu o capelão piedosamente.

– Não costumas ter grande simpatia por militares – observou Lord Christopher, dirigindo-se ao amigo.

– Combermere tem-se por vezes revelado como um rebatedor arguto – elucidou Lord Alexander –, sobretudo à defesa de bolas lançadas com muito efeito. O senhor joga críquete, Cotton?

– Não, excelência.

– Convém saber lidar com o vento – declarou Lord Alexander, enigmaticamente. Em seguida, do alto do seu estatuto de grão-senhor, tratou de inspeccionar a Sala de Reunião, examinando as vigas do tecto, tacteando o tampo de uma das mesas, por fim espreitando o conteúdo das panelas e caldeirões suspensos sobre as brasas da lareira. – Vejo que os nossos presos não são aqui maltratados – decretou, lançando em seguida ao amigo um olhar apreensivo. – Estás a sentir-te bem, Kit?

– Claro que sim, estou óptimo – apressou-se Lord Christopher a declarar, embora o seu aspecto nada denunciasse de bom. Escorriam-lhe gotas de suor da testa, e o rosto apresentava-se mais pálido que nunca. Tirou os óculos e esfregou-os com um lenço. – Acontece apenas que a perspectiva de ver um homem ser directamente atirado para a eternidade do além suscita muita reflexão – explicou. – Dá realmente muito que pensar. Não se trata de uma experiência que possamos encarar de ânimo leve.

– Nisso concordo contigo – ripostou Lord Alexander, examinando em seguida, com a sua arrogância de grão-senhor, os restantes convidados para o pequeno-almoço, que davam a impressão de aguardarem os acontecimentos da manhã com uma jovialidade pouco cristã. Três deles, postados perto da porta, trocavam entre si piadas e gargalhadas. Lord Alexander lançou-lhes um olhar reprovador. – Pobre Corday – comentou.

– Por que motivo vos apiedais do homem? – estranhou o reverendo Cotton.

– Parece-me muito verosímil que esteja inocente – ripostou Lord Alexander –, mas igualmente verosímil que as provas da sua inocência jamais venham a lume.

– Se ele estivesse inocente, senhoria – observou o capelão, com um sorriso de superioridade nos lábios –, tenho plena confiança de que Deus nosso Senhor nos teria já revelado essa verdade.

– Está a dizer-me que tem a certeza de que nunca acompanhou à forca um único homem ou mulher inocentes? – desafiou-o Sir Alexander. – Deus nunca o permitiria – assegurou o reverendo.

– Nesse caso, oxalá que Deus esteja bem alerta esta manhã – replicou Lord Alexander, cuja atenção foi subitamente desviada para uma porta gradeada, situada no lado oposto da sala, que se escancarou de rompante, com um rangido áspero. Por momentos ninguém surgiu no limiar e dir-se-ia que todos convidados continham a respiração, mas logo se desenhou no umbral a figura de um homem notoriamente ofegante, baixo e entroncado, carregando consigo um volumoso saco de couro. O homem, de rosto sanguíneo, trajava polainas castanhas, calções pretos e um

casacão igualmente preto, tão apertado que quase estourava sobre o seu ventre protuberante. Ao avistar a selecta audiência, tirou respeitosamente o chapéu, mas não cumprimentou ninguém, tal como nenhum dos presentes na Sala de Reuniões se dignou dar mostras de ter reparado na chegada da criatura.

– É Botting, o carrasco – informou o reverendo num sussurro.

– Esquisito nome para um carrasco – comentou Lord Alexander, em voz despropositadamente elevada. – Já Ketch seria um nome apropriado para um verdugo. Mas Botting? Soa a doença de gado.

Botting lançou um olhar hostil na direcção do alto e ruivo Lord Alexander, que se manteve perfeitamente indiferente perante aquela manifestação de animosidade, ao passo que Lord Christopher recuava em pânico, provavelmente horrorizado pelo aspecto bovino do rosto do carrasco, desfigurado por verrugas, quistos e cicatrizes, e contraído por tiques que lhe arrepanhavam as feições com intervalos de poucos segundos. Após mirar os demais convidados com uma expressão mordaz, Botting afastou o banco de uma mesa, sobre a qual depositou o seu saco de couro. Consciente de que todos o observavam, abriu as fivelas do saco, do qual retirou quatro pedaços de fina corda branca, que dispôs sobre a mesa. Em seguida, extraiu do saco outras duas cordas bem mais grossas, cada qual com um nó corredio passado numa das extremidades, e um gancho amarrado na outra, e colocou-as igualmente sobre a mesa, juntamente com dois sacos de algodão.

Após recuar um passo para contemplar orgulhosamente o efeito da sua obra, cumprimentou o director da prisão.

– Bom dia, senhor.

– Oh, é você, Botting! – A avaliar pelo tom de surpresa da saudação, dir-se-ia que só nesse momento o director se apercebera da presença do carrasco. – Muito bom dia também para si.

– Um belo dia, de facto – replicou Botting. – Mal se vê uma nuvem no céu, está praticamente limpo.

Continuamos apenas com dois clientes para hoje, senhor?

– Apenas esses dois, Botting.

– Atraíram uma boa multidão – observou Botting –, nada do outro mundo, ainda assim, uma afluência considerável.

– Óptimo, óptimo – murmurou vagamente o director.

– Botting! – atalhou Lord Alexander, coxeando pesadamente sobre o pé aleijado, à medida que avançava ao encontro do carrasco, através do soalho coberto de imundícies. – Diga-me, Botting, sempre é verdade que enforcam os membros da aristocracia com uma corda de seda? – Botting não pôde ocultar o seu espanto ao ver-se interpelado por um dos convidados de honra do director, tratando-se, para mais, de uma personagem tão fantástica como o reverendo Lord Alexander Pleydell, com o seu topete de cabelo ruivo, o nariz de ave de rapina e os seus passos desengonçados. – Então?

– insistiu Lord Alexander em tom imperioso.

– é ou não verdade? Ouvi falar no assunto, mas, em matéria de forca, estou certo de que é o senhor o fons et origo da informação mais fidedigna. Não concorda?

– Uma corda de seda, senhor? – perguntou Botting, em voz sumida.

– O termo é "vossa senhoria" – corrigiu o reverendo.

– Vossa senhoria! Hã-hã! – exclamou Botting, recuperando o ânimo, e intimamente divertido com a ideia de que, possivelmente, Lord Alexander estava a contemplar a hipótese de vir a ser ele próprio executado. – Por muito que me custe desiludir vossa senhoria – declarou –, a verdade é que não saberia o que fazer com uma corda de seda. Em contrapartida, com este material – prosseguiu o carrasco, afagando carinhosamente um dos dois nós corredios dispostos sobre a mesa –, o melhor cânhamo de Bridport, e nem vossa senhoria conseguiria encontrar uma qualidade superior em parte alguma, sou capaz de lidar como com os dedos da minha mão. O magnífico cânhamo de Bridport não tem segredos para mim. Mas a seda? Isso é uma história completamente diferente, permita-me que diga a vossa senhoria, e nem saberia por que ponta pegar-lhe. Não, excelência. Se acaso algum dia tiver

o alto privilégio de enforcar um membro da nobreza, pode estar vossa senhoria certa de que usarei uma boa corda de cânhamo de Bridport, tal como faço com toda a gente.

– E fará muito bem, meu bom homem! – aprovou Lord Alexander, encantado com os instintos de rebeldia social manifestados pelo carrasco.

– Os meus parabéns! Muito obrigado!

– Vossa senhoria permite-me? – atalhou o director, sugerindo com um gesto a Lord Alexander a conveniência de afastar-se da ala central que separava as duas fileiras de mesas.

– Estou a atrapalhar o caminho? – perguntou Lord Alexander, deveras surpreendido.

– Só por uns momentos, excelência – respondeu o director, e mal tinha terminado a frase quando chegou aos ouvidos de Lord Alexander o som combinado de um tilintar de grilhetas e de passos arrastados. Os restantes convidados ergueram-se dos seus assentos e assumiram uma expressão conforme à solenidade da ocasião. Quanto a Lord Christopher Carne, mais lívido do que nunca, voltou-se na direcção da porta que dava acesso ao Press Yard.

A primeira pessoa a entrar na sala foi um guarda prisional, que, após dirigir uma espécie de continência ao director da prisão, se postou ao pé de uma pequena pilha de lascas de madeira bem arrumadas no chão. O guarda vinha equipado com um impressionante martelo e um formão metálico, utensílios sobre cuja finalidade Lord Alexander se interrogava, sem se atrever, contudo, a fazer perguntas. E, logo de seguida, os convidados que se encontravam mais perto da porta tiraram os chapéus da cabeça, saudando o delegado da Coroa e o seu adjunto, que conduziam os dois condenados para o interior da Sala de Reuniões.

– É servido de brandy, senhor? – ofereceu um funcionário do director, surgindo subitamente, de bandeja em punho, junto de Lord Christopher Carne.

– Obrigado – respondeu distraidamente Lord Christopher, sem conseguir entretanto desviar os olhos do frágil e pálido jovem que

fora o primeiro dos dois condenados a transpor a porta, arrastando as pernas amarradas por pesadas grilhetas. – Aquele é que é o Corday? – perguntou Lord Christopher ao funcionário.

– É sim, excelência.

Lord Christopher despejou o seu brandy de um trago e pegou imediatamente noutro cálice.

E, nesse momento, dois sinos – o da prisão e o da igreja do Santo Sepulcro – irromperam simultaneamente no dobre a finados.

Sandman contava que fosse um criado a atender à porta da grande mansão de Great George Street, mas, afinal, quem lha abriu foi Sebastian Witherspoon, o secretário particular do visconde de Sidmouth, que franziu o sobrolho de espanto.

– Não creio que seja uma hora apropriada para visitas, capitão? – observou Witherspoon, lançando um olhar escandalizado ao desalinho do traje de Sandman e ao aspecto lastimoso dos seus três acompanhantes. – Espero bem que não tenham vindo aqui para tomar o pequeno-almoço? – acrescentou, pleno de desdém.

– Esta mulher – atalhou Sandman, saltando sobre as formalidades dos cumprimentos da praxe – pode testemunhar que Charles Corday não é o assassino da condessa de Avebury.

Witherspoon levou aos lábios um guardanapo manchado de gema de ovo. Após uma breve mirada a Meg, encolheu os ombros, dando a entender que o testemunho dela não teria qualquer valor.

– Que grande maçada – murmurou.

– O visconde de Sidmouth encontra-se em casa? – perguntou Sandman.

– Estamos a trabalhar, Sandman – ripostou Witherspoon em tom severo. – Conforme decerto sabe, sua senhoria enviuvou recentemente, e, desde essa trágica perda, tem procurado consolo na sua aplicação ao dever. Começa de manhã cedo, acaba tarde, e não tolera interferências no trabalho.

– Isto é um assunto de trabalho.

Witherspoon tornou a olhar para Meg, e, desta vez, pareceu

atentar na sua aparência.

– Será necessário recordar-lhe – perguntou a Sandman – que o rapaz foi condenado por um tribunal e que, no devido curso da justiça, falta menos de uma hora para lhe ser aplicada a sentença? Não vejo realmente o que possa ser feito em tão tardia conjuntura.

Sandman recuou do umbral da porta para a calçada.

– Apresente os meus cumprimentos a Lord Sidmouth – disse – e comunique-lhe que vamos directamente daqui para uma audiência com a Rainha. – Não tinha qualquer certeza de que a rainha se dispusesse a recebê-lo, mas, em contrapartida, também não lhe restavam dúvidas de que nem Witherspoon nem o seu ministro estavam interessados em entrar em conflito com a realeza, atendendo a que, de momento, a coroa constituía a sua principal fonte de honrarias e abonos. – Segundo as informações de que disponho – prosseguiu Sandman – sua Majestade interessou-se particularmente por este caso, e creio que ficará perplexa ao tomar conhecimento da sua nobre atitude. Tenha um bom dia, Witherspoon.

– Capitão! – apelou Witherspoon, escancarando de novo a porta. – Capitão! É melhor fazer o favor de entrar.

Foram imediatamente conduzidos para uma antecâmara deserta. Apesar de situada numa rua luxuosa, a pouca distância do Parlamento, a casa tinha todo o aspecto de uma residência provisória.

Era obviamente o tipo de casa em que ninguém residia a título permanente, destinando-se antes a ser alugada, por breves períodos, a políticos como Lord Sidmouth, carecidos de um refúgio temporário. O mobiliário da antecâmara consistia, ao todo e por junto, num par de poltronas estofadas, ambas com o forro desbotado, e numa sólida escrivaninha, com o competente cadeirão a imitar um trono. Sobre a escrivaninha encontrava-se um livro de orações esplendidamente encadernado, lado a lado com uma desordenada pilha de jornais regionais, todos eles com artigos assinalados a tinta. Assim que ficaram a sós no desolado aposento, Sandman pôde verificar que os artigos destacados se referiam invariavelmente a perturbações da ordem pública. De uma ponta à

outra do país, o povo saía à rua para protestar contra o preço do trigo, ou contra a introdução de maquinaria nas oficinas fabris.

– Às vezes chego a pensar – comentou Sandman – que este mundo moderno é um lugar muito triste para viver.

– Tem as suas compensações, capitão – redarguiu Berrigan em tom despreocupado, lançando um olhar a Sally.

– Motins, searas queimadas – prosseguiu Sandman. – Nada disto acontecia antigamente. Malditos Franceses, que espalharam a anarquia pelo mundo inteiro!

Berrigan sorriu.

– As coisas corriam melhor nos bons velhos tempos, hem? Quando a vida era só críquete e leitecreme?

– Nos intervalos da luta contra os franciús? Pois sim, acho que a vida era bela.

– Não, capitão – contrariou Berrigan, abanando a cabeça. – O que acontecia era que, nesse tempo, o senhor abarrotava de dinheiro. Tudo se simplifica quando uma pessoa tem os bolsos recheados.

– Ámen, plenamente de acordo – assentiu Sally fervorosamente, virando-se de seguida em sobressalto ao ouvir a porta abrir-se, empurrada por Witherspoon, que introduziu o ministro na sala.

O visconde de Sidmouth envergava um roupão de seda lavrada, sobre a camisa e as calças que conservava vestidas. Estava barbeado de fresco e a sua alva cútis reluzia, dando a impressão de ter sido esticada e polida. Como sempre, o seu olhar era frio e reprovador.

– Pelos vistos, capitão Sandman – acusou, num tom ácido – resolveu importunar-nos?

– Não resolvi nada de semelhante, excelência – ripostou Sandman.

Surpreendido pela arrogância daquele tom de voz, Sidmouth franziu o sobrolho de contrariedade, desviando em seguida o olhar

para o trio formado por Berrigan e as duas raparigas. Dos fundos da casa chegava à saleta o tilintar de louça a ser levantada da mesa das refeições, o que levou Sandman a aperceber-se da intensa fome que o assaltava.

– Pois então – proferiu o ministro, agastado – quem é que o senhor me traz?

– Os meus sócios, o sargento Berrigan e Miss Hood...

– Sócios? – atalhou Sidmouth, divertido.

– É meu dever reconhecer os seus préstimos, excelência, tal como, sem dúvida, sua Majestade o fará, quando tomar conhecimento do resultado das nossas investigações.

Aquela pouco subtil insinuação provocou uma careta no ministro. Observou Meg, e por pouco não recuou de susto perante a malevolência patente nos seus olhos pequeninos, para já não falar dos dentes estragados e da pele bexigosa.

– E quem é esta senhora? – indagou friamente.

– Esta senhora é Miss Margaret Hargood – Sandman tomou a seu cargo as apresentações –, antiga aia da condessa de Avebury. Estava presente no quarto da condessa no dia em que ela foi assassinada, e acompanhou Charles Corday até à porta da rua antes de o crime ter sido cometido. Viu-o abandonar a casa, e pode testemunhar que ele não regressou. Resumindo, excelência, está em condições de provar a inocência de Corday. – Sandman debitou esta tirada com uma boa dose de orgulho e satisfação. Sentia-se exausto, faminto, o tornozelo doía-lhe e as suas roupas denotavam claramente os efeitos de uma caminhada de Kent até Londres, mas, graças a Deus, alcançara a verdade.

Os lábios de Sidmouth, já de si muito finos, comprimiram-se até se reduzirem a um risco exangue, ao interpelar Meg.

– É verdade, mulher?

Meg pôs-se de pé, muito direita, e de modo algum intimidada por sua excelência o ministro. Em vez disso, mirou-o de alto a baixo, concluindo o exame com uma fungadela.

– Não sei nada de nada – declarou.

– Perdão, creio que não a ouvi bem – retorquiu o ministro, empalidecendo perante a insolência que transparecia na voz dela.

– Aquele tipo aparece e rapta-me! – guinchou Meg, apontando para Sandman. – O que não tinha o menor direito de fazer, raios o partam! Separou-me das minhas queridas galinhas. Por mim, bem pode voltar para o buraco de onde veio, e que me importa que ela tinha sido assassinada por este ou por aquele? Que me importa quem vai pagar pelo crime?

– Meg – interveio Sandman, esforçando-se por acalmá-la.

– Tira as tuas malditas patas de cima de mim!

– Santo Deus – proferiu o visconde de Sidmouth num queixume, encaminhando-se para a porta. – Witherspoon – acrescentou –, estamos a desperdiçar o nosso tempo.

– Pudera – interveio Sally, abrindo a boca pela primeira vez. – Com tantas vespas na Austrália a suplicar a clemência do senhor ministro.

Sucedeu que nem mesmo o visconde de Sidmouth, a despeito da mesquinha tacanhez da sua mentalidade de jurista, se mostrou imune aos encantos de Sally. Ela surgiu-lhe como um raio de sol na penumbra da saleta, e, apesar de mal ter compreendido o sentido das suas palavras, o ministro abriu-se num sorriso para a jovem.

– Desculpe, o que estava a dizer-me?

– Tantas vespas na Austrália – prosseguiu Sally – e é lá que há-de ir parar esta ordinária, por ter fugido a apresentar-se como testemunha no julgamento do Charlie. Era essa a sua obrigação, mas não a cumpriu. Preferiu dar cobertura ao amante, percebe? Portanto, agora, o senhor ministro vai deportá-la, não é verdade, excelência? – Sally acompanhou esta pergunta retórica com uma graciosa mesura.

O ministro ficou atrapalhado.

– Deportá-la? Esse tipo de decisão compete aos tribunais, minha linda, não está no meu poder decidir quem... – A voz sumiu-se-lhe de repente, ao olhar para Meg, que, para sua estupefacção,

estremecia de pavor.

– Enormes, as vespas da Austrália – reforçou Sandman. – Famosas pelo seu tamanho.

– Aculeata Gigantus, é o seu nome em latim – elucidou Witherspoon, com grande sentido de oportunidade.

– Não! – gritou Meg.

– Gigantescas – contribuiu Sally, perfeitamente deliciada –, com ferrões do tamanho de alfinetes de chapéu.

– Não foi ele – berrou Meg –, e eu não quero ir para a Austrália! Sidmouth contemplava-a atónito, com uma reacção muito semelhante à do público que pasmara perante a exibição no Coliseu da mulher com cara de porco. – Está agora a afirmar – perguntou, com uma entoação gélida – que Charles Corday não foi o autor do crime?

– Não foi o marquês! Não foi ele!

– Não foi qual marquês que não fez o quê? – perguntou Sidmouth, agora completamente baralhado.

– Ela refere-se, excelência, ao marquês de Skavadale, que lhe deu abrigo na sua residência – esclareceu Sandman.

– Ele só chegou lá depois do assassínio. – Meg, apavorada pelas míticas vespas, esforçava-se agora desesperadamente por explicar tudo. – Quando o marquês chegou, já ela estava morta. Vinha muitas vezes visitá-la. E o outro ainda lá estava!

– Quem é que ainda lá estava? – inquiriu Sandman.

– Ele continuava lá!

– O Corday?

– Não! – replicou Meg, irritada. – O outro! – Calou-se por instantes, olhando ora para Sandman ora para o ministro, cuja expressão denotava ainda total perplexidade. – O enteado dela – declarou por fim –, que há meio ano andava a espetar o pau no terreno do pai.

Sidmouth esboçou uma careta de repulsa.

– O enteado?

– Lord Christopher Carne, excelência – precisou Sandman –, enteado da condessa e herdeiro do título e propriedades do pai.

– Bem o vi de faca em punho – rosnou Meg – e o marquês também. Lavado em lágrimas, lá isso estava. Aquele Lord Christopher! Odiava-a, percebem, mas, apesar disso, não conseguia manter as suas miseráveis patas longe dela. Oh, foi ele quem a matou! Não aquele pintor amaricado!

Durante o breve silêncio que se seguiu a estas extraordinárias declarações, Sandman foi assaltado por uma avalanche de dúvidas. Mas Lord Sidmouth não hesitou em vociferar as suas ordens a Witherspoon.

– Transmita os meus cumprimentos à esquadra de polícia de Queen Square – a esquadra situava-se a poucos minutos de caminho – e comunique-lhes que lhes ficarei muito grato se me fornecerem imediatamente quatro polícias e seis cavalos de sela. Mas, primeiro que tudo, Witherspoon, dê-me uma pena. Uma pena, papel, lacre e o carimbo oficial. – Virou-se para consultar um relógio colocado sobre a pedra da lareira. – E temos de despachar-nos, homem. – O ministro exprimia-se num tom agastado, como que ressentido contra a carga de trabalhos que inesperadamente lhe caíra em cima, mas Sandman sentia-se incapaz de criticá-lo. Afinal de contas, a criatura estava a cumprir o seu dever, e, para mais, com exemplar rapidez.

– Temos de despachar-nos – repetiu o ministro.

E lá foram tratar de despachar-se.

– O pé em cima do bloco, moço! Nada de engonhanços! – rosnou o carcereiro para Charles Corday, que, engolindo em seco, pousou o pé direito sobre o bloco de madeira. O guarda inseriu o formão no primeiro rebite, e aplicou-lhe toda a força do martelo. Corday soltava um gemido a cada martelada, e desatou a choramingar quando a grilheta cedeu. Lord Alexander pôde então verificar que o tornozelo do rapaz era um anel de chagas.

– O outro pé, moço – exigiu o carcereiro.

Ambos os sinos continuavam a repicar, e nenhum deles se

calaria até ao momento em que os dois cadáveres fossem soltados das respectivas cordas. Os convidados do director mantinham-se em silêncio, perscrutando os rostos dos condenados como se os seus olhos, que em breve contemplariam o além, pudessem fornecer-lhes alguma pista sobre os segredos da eternidade.

– Muito bem, moço, agora vai ter com o carrasco! – ordenou o carcereiro, e Charles Corday emitiu um fraco grito de surpresa ao dar os primeiros passos sem grilhetas nos pés. Cambaleou, mas conseguiu evitar cair apoiando-se numa mesa.

– Não sei – começou Lord Carne a dizer, mas logo se interrompeu abruptamente.

– O quê, Kit? – perguntou Lord Christopher, obsequiosamente. Lord Christopher, que nem sequer se dera conta de ter aberto a boca, estremeceu de sobressalto, mas lá conseguiu recompor-se.

– Dizes que há dúvidas acerca da sua culpabilidade? – perguntou.

– Pois há, e até bastantes, de facto. – Lord Alexander fez uma pausa para acender o seu cachimbo. – Sandman está perfeitamente convencido da inocência do rapaz, mas, segundo parece, é impossível prová-la. Uma pena, uma grande pena.

– Mas, se o verdadeiro assa-sassino for alguma vez descoberto – indagou Lord Christopher, de olhos postos em Corday, que tremia como varas verdes diante do carrasco – será que poderá ainda ser condenado pelo crime, depois de Corday ter sido considerado cul-culpado e enforcado?

– Ora aí está uma boa pergunta! – retrucou Lord Alexander vivamente. – E para a qual sou forçado a admitir que não conheço ao certo a resposta. Mas presumo – não sei se estarás de acordo comigo – que, caso o verdadeiro assassino venha a ser identificado, Corday deverá ser contemplado com uma absolvição póstuma, e resta-nos esperar que esse perdão terreno se reflicta no Além, e que o pobre rapaz seja resgatado das profundas do inferno para o paraíso.

– Quieto, moço – grunhiu Jemmy Botting para Corday. – Bebe um pouco daquilo, se achas que te serve de ajuda – acrescentou,

apontando para um frasco de brandy, mas Corday abanou a cabeça. - É lá contigo, rapaz, é lá contigo - resmungou Botting, enquanto pegava numa das quatro cordas de amarrar e a passava em torno dos cotovelos de Corday, cruzados atrás das costas, num laço tão apertado que o infeliz arqueou a espinha, projectando o peito para fora.

– Não exageres, Botting - admoestou o director.

– Nos bons velhos tempos - refilou Botting -, o carrasco dispunha de um ajudante para assisti-lo nesta tarefa. Chamavam-lhe o "Oficial da Corda", e tinha como função manietar os condenados, coisa que não faz parte das minhas incumbências. - Na verdade, o que o levara a dar as primeiras voltas da corda de uma forma tão dolorosa para Corday fora o facto de ele não lhe ter amaciado as patas com a gorjeta da praxe, mas, perante o responso, lá abrandou um pouco o aperto antes de puxar-lhe os braços para a frente, amarrando-lhe os pulsos sobre o peito.

– Isto aqui vale para nós dois - interveio o segundo condenado, o gigantesco e barbudo Reginald Venables, atirando uma moeda para cima da mesa. - Portanto, trate de aliviar as amarras do meu amigo.

Botting olhou para a moeda, e, comovido por tamanha generosidade, afrouxou ligeiramente ambas as amarras de Corday, antes de lhe passar ao pescoço o laço corredio da grossa corda com que iria realmente ser enforcado. Corday arrepiou-se ao sentir o toque do sisal, e, entretanto, o reverendo Cotton aproximou-se e pousou-lhe uma mão sobre o ombro.

– Deus é o nosso refúgio e a nossa força, meu jovem amigo - sentenciou o reverendo -, uma presença amiga que nunca nos falha nas horas de aflição. Apela ao Senhor, e Ele escutar-te-á.

Arrependes-te dos teus infames pecados, jovem?

– Não fiz nada de mal! - guinchou Corday.

– Calma, meu filho, calma - recomendou Cotton -, tem ao menos a decência de guardar silêncio enquanto meditas sobre os teus pecados.

– Não fiz nada de errado! - urrou Corday.

– Charlie – atalhou Venables –, não lhes dês essa satisfação! Lembra-te do que eu te disse, parte deste mundo como um verdadeiro homem! – Engoliu um trago de brandy, e ofereceu as costas a Botting, para que ele lhe amarrasse os cotovelos.

– Mas certamente que, após um homem ter sido con- condenado e exe-xe-cutado por determinado crime – sugeriu Lord Christopher a Lord Alexander – as autoridades não se mostrarão muito dispostas a reabrir o caso?

– A justiça acima de tudo – replicou Lord Alexander, com o espírito algures – mas essa tua observação parece-me assaz pertinente. Ninguém gosta de admitir que cometeu um erro, e os políticos ainda menos que os restantes mortais, de modo que é bem provável que o verdadeiro assassino se sinta bastante mais tranquilo a partir do momento em que Corday morra na forca.

Pobre rapaz, que desgraça. Vai ser sacrificado no altar da incompetência do nosso sistema penal, hem?

Botting passou a segunda corda sobre os ombros de Venable, ao mesmo tempo que o reverendo Cotton, distanciando-se um passo dos condenados, abria o seu livro de orações na página do serviço fúnebre.

– "Sou a Ressurreição e a Vida" – declamou – "e aqueles que crêem em Mim viverão para além da morte."

– Não fiz nada de mal! – berrou Corday, contorcendo-se para a esquerda e para a direita, como que à procura de uma via de fuga.

– Calma, Charlie – aconselhou Venables brandamente –, não percas a calma.

O delegado da Coroa e o seu adjunto, ambos revestidos da majestade das suas togas e insígnias oficiais, ambos empunhando bastões rematados com pontas de prata, e ambos manifestamente satisfeitos pelo facto de os condenados haverem sido sujeitos aos trâmites da praxe, dirigiram-se ao director da prisão, que os saudou com uma vénia cerimoniosa, entregando em seguida ao magistrado uma folha de papel. O delegado da Coroa examinou o papel, e, com um aceno de assentimento, guardou-o num dos bolsos da sua toga debruada com peles. Os prisioneiros, que até

então haviam estado sob a alçada do director de Newgate, passavam a partir daquele momento a pertencer ao delegado da Coroa, que, por seu turno, não tardaria a confiá-los à guarda do diabo. O magistrado afastou as abas da toga para extrair o seu relógio do respectivo bolsinho. Abriu a tampa e consultou o mostrador.

– Falta um quarto para as oito – declarou, virando-se para Botting. O senhor está pronto?

– Perfeitamente pronto, excelência, e inteiramente às vossas ordens – ripostou Botting. Voltou a pôr o chapéu na cabeça, pegou nos dois sacos de algodão branco e enfiou-os numa algibeira.

O delegado da Coroa fechou a tampa do relógio, ajustou as abas da toga e encaminhou-se para o Press Yard.

– Meus senhores, temos um compromisso marcado para as oito horas proclamou –, portanto, tratemos de cumpri-lo.

– Rins à diabo! – exclamou Lord Alexander. – Santo Deus, já lhes sinto o cheiro! Anda daí, Kit!

Juntaram-se ao cortejo.

E os sinos continuavam a badalar.

A distância não era grande. Uns quatrocentos metros ao longo de Whitehall e chegava-se ao Strand, daí menos de um quilómetro até Temple Bar, e depois faltava apenas percorrer um troço de pouco mais de quinhentos metros em Fleet Street, atravessar a valeta e subir por Ludgate Hill até ao desvio que, à esquerda, conduzia a Old Bailey. Uma distância, que sendo já de si insignificante, se tornou ainda mais fácil de vencer graças ao concurso dos cavalos disponibilizados pela esquadra policial de Queen Square. Tanto Sandman como Berrigan foram contemplados com montadas, tendo cabido ao sargento uma égua, que um membro da corporação lhe afiançou ser muito mansa, e a Sandman um cavalo capado e estrábico, porém supostamente mais impetuoso. Witherspoon saiu de casa a correr, brandindo o documento de revogação da sentença, que entregou a Sandman, com o lacre do timbre ainda morno.

– Que Deus o ajude a chegar a tempo – foi o voto do secretário

do ministro.

– Encontramo-nos mais tarde no sheaf, Sal! – gritou-lhe Berrigan alegremente, antes de quase perder o equilíbrio na sela quando a sua égua espinoteou, disparando no encalço do cavalo de Sandman, que rumava já a Whitehall. Três polícias montados encarregavam-se de desimpedir-lhes o caminho, um deles soprando um apito e os outros dois manejando os seus cacetes para afastar as carroças, vagões e carruagens que circulavam na rua. Um varredor saltou da via para o passeio, berrando uma praga. Sandman enfiou o precioso papel no bolso e olhou para trás para verificar que, tal como suspeitava, Berrigan esporeava impiedosamente a sua égua.

– Calma com os estribos, sargento! Calcanhares para baixo! Não puxe pelas rédeas, deixe-a correr à vontade! Ela toma conta de si! Deixaram para trás os estábulos reais, e enveredaram pela calçada do Strand. Ao passarem diante da loja de Kidman, o boticário, afugentaram dois transeuntes que correram a refugiar-se no vasto pórtico do estabelecimento, e em seguida rasaram a cutelaria de Carrington, onde Sandman adquirira a sua primeira espada, que, conforme recordou, se quebrara no decurso do assalto a Badajoz. O feito nada tivera de heróico. Sucedera apenas que Sandman, frustrado pela manifesta incapacidade do seu exército para romper as linhas francesas, perdera a cabeça e, ao arremeter à toa contra uma carroça de munições extraviada, o punho da sua espada soltara-se da lâmina. O grupo ultrapassou a galope o teatro de Sans Pareil, onde a actriz Célia Collet havia seduzido o conde de Avebury. Daí resultara o casamento entre um velho gagá e uma jovem oportunista, e, quando se tornou óbvio que o eterno amor que os unia não passava de luxúria mal correspondida por uma das partes, o casal separara-se e a jovem instalara-se em Londres, onde, a fim de manter o luxuoso nível de vida a que entretanto se habituara, recorrera aos serviços de alcoviteira da sua antiga colega das lides teatrais, Margaret Hargood. Fora assim que a condessa atraíra amantes sobre quem fora exercendo uma chantagem razoavelmente proveitosa, até ao dia em que apanhara na sua teia uma mosca bem mais gorda: o ingénuo e inocente Lord Christopher Carne apaixonara-se pela madrasta, que o seduzira, fascinara, e compelira a suplicar-lhe de

joelhos os seus favores, ameaçando-o em seguida de revelar a verdade a toda a gente, desde os curadores do legado familiar até ao seu próprio pai, a menos que ele lhe entregasse uma fatia acrescida da sua substancial mesada. Portanto, Lord Christopher, consciente de que, quando entrasse na plena posse da herança, a madrasta lhe iria exigir mais e mais, sugando-o até ao tutano, resolvera matá-la.

Sandman chegara a todas estas conclusões enquanto o visconde de Sidmouth redigia pelo seu próprio punho a anulação da sentença.

– Em rigor – comentara o ministro – é ao Conselho da Coroa que cabe emitir um documento deste tipo.

– Mas o tempo urge, excelência – redarguira Sandman. – Eu sei disso, capitão – respondeu o visconde de Sidmouth azedamente. Com o aparo de metal a arranhar o papel e a soltar minúsculas gotas de tinta, acabou de traçar a sua assinatura cheia de floreados. – Encarrego-o de entregar este documento, com os meus cumprimentos – disse, lançando areia sobre a tinta húmida – ao delegado da Coroa ou a algum dos seus adjuntos, que certamente se encontrarão junto do cadafalso. Se lhe perguntarem por que razão a ordem não vai assinada pelo Conselho da Coroa, nem lhe é entregue em mãos pelo Oficial de Registos de Londres, explique que não houve tempo para cumprir as devidas formalidades. Entretanto, terá a bondade de passar-me aquela vela e o pau de lacre?

Agora, enquanto Sandman e Berrigan se apressavam no caminho, com o selo do perdão ainda quente, Sandman meditava nos remorsos que deviam assaltar Lord Christopher, com a agravante de que o assassínio da condessa não lhe trouxera decerto grande alívio, uma vez que fora praticamente surpreendido em flagrante pelo marquês de Skavadale, cuja família se encontrava à beira da penúria, e a quem oferecera afinal, de uma penada, a solução de todos os seus problemas. Meg era a única testemunha capaz de identificar Lord Christopher como o autor do crime, de modo que, enquanto continuasse viva e sob a protecção do marquês de Skavadale, Lord Christopher não teria outro remédio se não ir-lhe comprando o silêncio. E, quando Lord

Christopher se tornasse conde, entrando na posse da fortuna do avô, seria forçado desfazer-se dela até ao último tostão. Toda a herança iria parar direitinha aos bolsos de Skavadale, enquanto que Meg, o instrumento através do qual ele se apropriaria do património dos Avebury, se deixaria alegremente subornar com um bando de galináceos.

Sidmouth enviara mensageiros para os portos do canal, bem como para Harwich e Bristol, a fim de impedirem uma eventual tentativa de fuga por parte de Lord Christopher Carne.

– E a respeito de Skavadale? – perguntara Sandman.

– Não sabemos se ele começou já a extorquir dinheiro sob o efeito de ameaças – retorquira Sidmouth friamente –, aliás, a fazer fé nas palavras da rapariga, só tencionavam iniciar a sua Missão predatória depois de Lord Christopher herdar o título e a fortuna. Podemos reprovar os seus planos, capitão, mas não puni-lo por um crime ainda por cometer.

– Skavadale ocultou a verdade! – exclamara Sandman, indignado. – Mandou chamar os polícias e disse-lhes que não conseguira identificar o assassino! Estava disposto a consentir na morte de um inocente!

– E como é que se propõe provar isso? – desafiou Sidmouth incisivamente. – Já deve dar-se por muito satisfeito por ter conseguido descobrir o verdadeiro assassino.

– E ganho as quarenta libras de recompensa – atalhou Berrigan jovialmente, o que lhe valeu um olhar fulminante por parte de sua senhoria.

Prosseguindo à desfilada, com o ruído dos cascos dos cavalos a ecoar contra as paredes da igreja de Saint Clement, Sandman viu em seguida o reflexo da sua imagem multiplicada por doze nas vidraças do talho de Clifton, e veio-lhe à ideia como lhe saberiam bem naquele momento umas costeletas de porco, acompanhadas de um bom prato de rins. Logo adiante passaram por Marble Arch, onde o espaço sob a arcada se encontrava à cunha de carroças e transeuntes. Os polícias gritavam aos condutores que desimpedissem o caminho, instando-os a usar o chicote, ao mesmo tempo que esporeavam as suas próprias montadas. Uma carreta

carregada de flores frescas atravancava a passagem, e um dos polícias arremeteu contra ela a poder de cacete, espalhando uma chuva de pétalas e folhas sobre as pedras da calçada.

– Deixem-nos em paz – berrou Sandman –, deixem-nos em paz! Ao obrigar o cavalo a desviar-se precipitadamente de uma cova, atirou ao chão um sujeito magro, ornado de um chapéu alto. Com Berrigan sempre colado à sua peugada, Sandman transpôs o arco erguendo-se sobre os estribos, e o seu cavalo seguiu à desfilada rumo a Fleet Ditch, arrancando faíscas às pedras da calçada.

Ao ouvir os sinos das igrejas começarem a repicar as oito da matina, Sandman experimentou a sensação de que a cidade inteira se encontrava envolta numa cacofonia de badaladas, tropel de cavalos, pânico e apocalipse.

Voltou a assentar-se na sela, deu uma palmada na garupa do cavalo, e galopou à velocidade do vento.

Ao transpor o arco rasgado na alta torre da Porta dos Devedores, Lord Alexander deparou-se com o sombrio e profundo fosso do patíbulo, e ocorreu-lhe que se assemelhava bastante ao fosso da orquestra dos teatros. Visto da rua, onde a multidão se aglomerava para assistir ao espectáculo, o cadafalso da forca surgia como uma estrutura pesada, fixa e sombria, envolta nos seus panejamentos negros, mas, do posto de observação de Lord Alexander, não passava de um artifício ilusório, montado sobre toscas traves de madeira. Tratava-se apenas de um palco preparado para a encenação de uma tragédia cujo desfecho era a morte. À sua direita, um lance de degraus de madeira imergia na escuridão antes de, inflectindo abruptamente para a esquerda, desembocar num pavilhão coberto, que constituía a parte traseira do patíbulo. Esse pavilhão assemelhava-se, por seu turno, aos camarotes de luxo dos teatros, onde os espectadores privilegiados podiam desfrutar da melhor perspectiva da peça que se desenrolava no palco.

Sendo o primeiro dos notáveis a emergir do alto da escadaria, Lord Alexander foi saudado por grandes vivas da assistência, não porque alguém o conhecesse ou estivesse interessado em

conhecer, mas porque o seu aparecimento prenunciava a chegada dos dois condenados, e a populaça estava cansada de esperar. Pestanejando ante a súbita irrupção da luz do dia, Lord Alexander tirou o chapéu e dirigiu uma vénia à multidão que, lisonjeada pelo gesto, riu e aplaudiu. Embora não fosse particularmente numerosa naquele dia, a turba enchia a rua até cem jardas a sul e entupia completamente o cruzamento com Newgate Street, do lado norte. Todas as janelas do Magpie and Stump haviam sido alugadas, e havia inclusivamente um punhado de espectadores empoleirados no telhado da hospedaria.

– Pediram-nos para ocuparmos as cadeiras do fundo – observou Lord Christopher, quando Lord Alexander se instalou na fila da frente.

– O que nos foi solicitado foi que deixássemos dois lugares da frente livres para o delegado da Coroa – corrigiu-o Lord Alexander – e ali estão eles. Senta-te, Kit, vá lá. Que dia maravilhoso!

Achas que o tempo irá aguentar-se? Para Budd no sábado, hem?

– O Budd no sábado? – indagou Lord Christopher, perplexo e abalroado pelos convidados que procuravam alcançar as filas de trás.

– Críquete, meu caro amigo! Conseguiu finalmente persuadir o Budd a jogar uma partida de um só wicket contra Jack Lambert, e Lambert, um óptimo sujeito, aceitou ceder o seu lugar a Sandman se este estiver de acordo! Informou-me da sua decisão ontem, à saída da igreja. Ora, é a isso que eu chamo uma partida de sonho, hem? O Budd contra o Sandman. Irás assistir, não é verdade?

A conversa à beira do cadafalso foi momentaneamente abafada pelo coro de vivas com que a multidão acolheu o delegado da Coroa e o seu adjunto, inconfundíveis no seu traje composto por calções, meias de seda, sapatos com fivelas de prata e mantos debruados com peles. Lord Christopher, aparentemente alheado da chegada dos magistrados, concentrava-se antes na trave de onde os enforcados haveriam de pender, parecendo desiludido ao verificar que não se encontrava manchada de nódoas de sangue.

Em seguida olhou mais para baixo, e sobressaltou-se perante a inesperada visão dos dois caixões que aguardavam o respectivo recheio.

– Ela era uma mulher diabólica – comentou brandamente.

– Claro que não faltarás ao jogo – prosseguiu Lord Alexander, franzindo de seguida o sobrolho. – O que é que disseste, meu caro?

– A minha madrasta. Era diabólica. – Apesar de não estar frio nenhum, Lord Alexander parecia acometido de arrepios. – Ela e aquela sua maldita criada, um autêntico par de bruxas!

– Estás a tentar justificar o assassínio?

– Ela era diabólica – repetiu Lord Christopher ainda com mais ênfase, sem dar mostras de ter escutado a pergunta do amigo. – Dizia-me que tinha direitos sobre a propriedade e que iria reivindicá-los juntos dos curadores, apenas porque eu lhe escrevera algumas cartas. Tudo mentira, Alexander, tudo mentira! – Estremeceu ao recordar-se das longas cartas em que vertera toda a sua paixão pela madrasta. Não havia conhecido qualquer outra mulher antes de se deitar na cama com ela, e ficara totalmente subjugado. Implorara-lhe que fugisse com ele para Paris e ela encorajara a sua loucura até ao dia em que, escarnecendo dele, o encurralara na sua armadilha. Ou ele lhe dava todo o dinheiro que ela quisesse, ou, segundo garantia, haveria de torná-lo no alvo da chacota de Paris, Londres e demais capitais europeias. Ameaçara-o de mandar fazer cópias das suas cartas e de enviá-las a toda a gente a fim de tornar bem pública a sua vergonha, de modo que ele não tivera outro remédio se não satisfazer as suas exigências, e ela fora-lhe exigindo somas cada vez mais elevadas, até não lhe restarem quaisquer dúvidas de que aquela chantagem jamais teria fim.

Portanto, matara-a.

Nunca se havia considerado capaz de cometer um assassínio, mas naquele dia, no quarto, quando lhe suplicara pela última vez que ela lhe devolvesse as cartas, ela troçara dele, chamara-lhe um pau mandado, dissera-lhe que ele não passava de um tolo e de um incapaz. Fora então que ele sacara da faca que trazia ao cinto. Era pouco mais que um velho canivete com que costumava rasgar as

páginas dobradas dos livros, mas, tomado de uma fúria insana, servira-lhe perfeitamente para apunhalá-la, golpeá-la e retalhar-lhe aquela pele tão bela quanto odiada. Em seguida correra para o patamar, mas defrontara-se com a criada e com um homem que o fitava do átrio do rés-do-chão. Em pânico, apressara-se a subir de novo para o quarto da condessa, onde desatara a soluçar, esperando a cada instante ouvir o som de passos na escada. Mas ninguém aparecera, e ele obrigara-se a si próprio a recuperar a calma e reflectir. Ao fim e ao cabo, apenas permanecera um segundo no patamar, decerto não o tempo suficiente para ser reconhecido! Pegara então num dos utensílios aguçados que figuravam no estaminé do pintor, espetara-o no cadáver raiado de sangue, e, após revolver a escrivaninha da defunta condessa, fugira pela escada das traseiras munido das preciosas cartas, que se apressara a queimar mal chegara a casa. Escondera-se a tremer sob o travesseiro, receando que a qualquer momento o viessem prender, mas, no dia seguinte, soubera que quem havia sido detido pela polícia fora o pintor.

Lord Christopher rezava por Corday. A sua morte seria certamente uma injustiça, mas, por outro lado, não conseguia convencer-se de que ele próprio merecia morrer pelo assassínio da madrasta.

Consagraria toda a sua fortuna em prol do bem! Dedicar-se-ia à caridade! Pagaria mil vezes pelo seu crime e pelo sacrifício de Corday. Quando Sandman surgira como uma ameaça contra esse piedoso exercício de arrependimento, Lord Christopher conferenciara com o seu lacaio de confiança, e, garantindo-lhe que Rider Sandman empreendera uma vendeta contra ele e que tencionava processar os curadores da herança, levando-a assim a ficar retida às ordens da Chancelaria, persuadira-o a anunciar uma recompensa de mil guinéus para quem livrasse a propriedade de semelhante perigo. Por seu turno, o lacaio contratara outros homens, a quem Lord Christopher pagara generosamente por uma simples tentativa de atentado à vida de Sandman. Mas afigurava-se-lhe agora que não seriam necessárias mais despesas, uma vez que Sandman fracassara obviamente na sua Missão. Corday estava prestes a ser enforcado, e, após a sua morte, ninguém quereria admitir a responsabilidade de ter enviado um inocente para a dança

do palco de Botting.

– Mas certamente que a tua madrasta não dispunha de quaisquer direitos sobre a propriedade da tua família – redarguiu Lord Alexander, após uma reflexão sobre o comentário do amigo –, a menos que o vínculo atribuísse especificamente uma parte da herança à viúva do teu pai. É esse o caso? Lord Christopher pareceu confundido pela pergunta, mas, com um grande esforço, lá conseguiu apreender o sentido da interrogação do amigo.

– Não – esclareceu –, o património está integralmente consignado ao herdeiro do título. Ou seja, a mi-mim.

– Nesse caso, virás a tornar-te num homem prodigiosamente rico, Kit observou Lord Alexander –, e desejo-te as maiores felicidades com essa fortuna. – A sua atenção foi desviada do amigo por um tremendo aplauso, o maior da manhã, com que a multidão saudava a chegada do carrasco ao cadafalso.

– "A minha boca permanecerá como que amordaçada" – recitava o reverendo Cotton em crescendo, à medida que subia as escadas atrás do primeiro condenado –, "enquanto me encontrar na presença dos ímpios..."

Um guarda encabeçava a procissão, seguido de Corday, que, ainda não reacostumado a caminhar sem grilhetas, avançava aos tropeções, chocando contra Lord Alexander, que o segurou pelo cotovelo.

– Calma, aguente-se aí, bom homem – disse-lhe Lord Alexander.

– Abaixo os chapéus! – urrou a turba contra os espectadores da primeira fila. – Abaixo os chapéus! – O coro subiu de tom à medida que a multidão se comprimia contra o baixo gradeamento de madeira que circundava o patíbulo. Os homens da guarda municipal, postados rente às grades, ergueram os seus bastões e lanças em sinal de advertência.

Lord Alexander sentiu-se agredido pela gritaria que ecoava contra a fachada de granito da prisão.

Era uma perfeita imagem da política inglesa, reflectiu, conceder à populaça um ligeiro gosto a sangue, na esperança de

que, assim apaziguada, abdicasse de maiores exigências. Uma criança encavalitada aos ombros do pai berrava obscenidades a Corday. Este chorava abertamente, angariando assim o desprezo da multidão, que valorizava a coragem dos homens e mulheres capazes de se encaminharem destemidamente para a morte. Lord Alexander foi acometido por um súbito impulso de aproximar-se do jovem, consolá-lo, rezar com ele, mas conteve-se e permaneceu quieto e calado na sua cadeira, porque o reverendo Cotton se encontrava já ao lado de Corday.

– "Revelai-nos o número dos nossos dias" – entoava o capelão na sua ladainha –, "a fim de que possamos enveredar os nossos corações pelos caminhos da sabedoria."

Neste ponto, Corday esbarrondou-se, e a multidão irrompeu em gargalhadas de escárnio. Botting chegara a meio do escadote e preparava-se para pendurar num dos ganchos da forca a outra extremidade da corda passada em torno dos ombros do condenado, quando as pernas de Corday se transformaram em geleia. O reverendo Cotton deu um salto para trás, o guarda prisional precipitouse para a frente, mas Corday não conseguia manter-se de pé. Todo ele tremia, sacudido por soluços.

– Acaba com esse miserável, Jemmy! – gritou um homem da multidão.

– Preciso de um ajudante – resmungou Botting para o delegado da Coroa –, e de uma cadeira.

Um dos convidados de honra dispôs-se a levantar-se e a oferecer ao carrasco a sua cadeira, que, sob a intensa luz do sol, foi transportada para junto da porta do alçapão. Compreendendo que iria assistir a uma execução fora do comum, a assistência regozijou-se. Com o auxílio do guarda, Botting içou Corday para o assento, e em seguida, com grande destreza, desatou a corda que amarrava os cotovelos do preso e serviu-se dela para amarrá-lo à cadeira. Agora já estava em condições de ser enforcado. Botting trepou os restantes degraus do escadote, colocou uma ponta da corda num gancho da trave, voltou a descer e passou brutalmente o nó corredio da outra ponta pela cabeça de Corday.

– Ó meu sacana choramingas – sibilou, enquanto lhe apertava a

corda ao pescoço -, vê lá se consegues morrer como um homem. - Retirou do bolso um dos sacos de algodão branco, e enfioulho na cabeça.

Lord Alexander, agora remetido ao silêncio, observava o saco a dilatar-se e contrair-se, ao sabor da respiração de Corday. Como a cabeça do rapaz lhe descaíra sobre o peito, o movimento do saco sob a sua boca era o único sinal de que se encontrava ainda vivo.

- "Mostrai aos Vossos servos a Vossa obra" - ia lendo o reverendo Cotton - "e aos seus filhos a Vossa glória."

Ao chegar ao topo dos degraus, Venables foi contemplado com uma saudação quase indiferente por parte da turba, que esgotara praticamente todo o seu entusiasmo à conta de Corday. No entanto, o gigante não deixou de agradecer com uma vénia ao seu público, encaminhando-se em seguida com a maior das calmas para a porta do alçapão, aguardando pela corda e pelo saco. O estrado do patíbulo rangeu sob o seu peso.

- Fá-lo depressa, Jemmy - pediu em voz bem audível -, e trata de fazê-lo bem.

- Vou cuidar de ti - prometeu-lhe o carrasco -, vou tratar-te o melhor possível. - Retirou o outro saco de algodão branco da algibeira e enfiou-o na cabeça de Venables.

- "O que o Senhor nos deu, o Senhor nos leva" - proclamava o reverendo Cotton.

Lord Alexander, horrorizado por estas últimas cenas, mal se apercebeu de uma agitação que entretanto despontava para as bandas do estreito término sul da rua do Old Bailey.

- "Louvado seja o Senhor!" - prosseguia, imperturbável, o capelão.

- Rais partam isto! - barafustou Sandman, ao deparar-se com o caminho bloqueado por um ajuntamento de tráfego, na confluência entre Farringdon Street e Ludgate Hill. À sua direita, o esgoto de Fleet Ditch tresandava sob o sol matinal. Uma carroça de carvão encalhara na curva para Fleet Street, e uma dúzia de transeuntes oferecia os seus conselhos sobre a melhor forma de lhe dar a volta, enquanto que um advogado, deslocando-se num

coche de aluguer, ordenava ao respectivo condutor que chicoteasse os cavalos do carregador de carvão, alheio ao facto de não restar ao homem qualquer espaço de manobra, dado que, entretanto, uma carroça ainda maior, transportando toros de carvalho, chocara contra a dele. Os polícias da escolta montada de Sandman, que, em vez de o precederem, vinham já atrás dele, chegaram à embrulhada do cruzamento apitando e brandindo os seus cacetes. Sandman atirou com um peão para o passeio, puxou violentamente pelas rédeas a fim de desviar-se para a esquerda, praguejou contra o advogado cujo coche lhe barrava o caminho, e, por fim, viu o freio do seu cavalo ser agarrada por um cidadão bem-intencionado, convencido de que ele estava a fugir dos polícias.

– Tire imediatamente as suas malditas patas de cima de mim! – berrou-lhe Sandman, mas, numa fracção de segundo, Berrigan postava-se a seu lado e arremetia contra a cabeça do honesto cidadão, esmagando-lhe o chapéu e levando-o a libertar o cavalo de Sandman, que, uma vez solto, pregou no dito chapéu um coice que o fez voar para a carroça dos toros de carvalho.

– De nada lhe adianta pressa! – comentou o carroceiro. – Isto é, se o que pretendia era ir assistir aos enforcamentos. A estas horas já os trouxas estão a balançar na corda! – De facto, todos os sinos da cidade haviam já cessado de bater as oito badaladas que assinalavam a hora fatal, tanto os que soavam pontualmente como os mais preguiçosos estavam já calados, mas, como a igreja do Santo Sepulcro continuava a dobrar a finados, Sandman alimentava uma réstia de esperança de que Corday se encontrasse ainda vivo, de modo que, furando por entre o emaranhado de trânsito, esporeou o cavalo na direcção da Catedral de São Paulo, que, com a sua escadaria, colunas e cúpula, ocupava todo o cume da colina de Ludgate.

A meio da subida da colina, virou para Old Bailey, e, por alguns metros, ao longo da parte da rua para onde davam as salas de audiência do tribunal, encontrou o caminho abençoadamente desimpedido, mas, passado o grande pátio da prisão de Newgate, onde a via se alargava, deparou-se subitamente com a multidão efervescente que atravancava por completo a rua, impedindo-o de

avançar. Ao ver a trave da forca desenhada no céu e, sob ela, a sombria plataforma do patíbulo, não hesitou em investir com o cavalo contra a multidão. Ergueu-se sobre os estribos, aos brados, tal como as tropas inglesas, escocesas e irlandesas haviam feito ao acometer contra os franceses que haviam acabado por aniquilar em Waterloo.

– Abram caminho! – gritava Sandman. – Abram caminho! – Do ponto onde se encontrava, podia avistar os dois enforcados e pareceu-lhe que, estranhamente, um deles estava sentado numa cadeira, e avistou também sobre o patíbulo um padre, bem como um punhado de espectadores ou funcionários, e a turba, irrompendo em protestos contra a sua bárbara investida, ofereceu-lhe resistência, e ele desejou ardentemente ter consigo qualquer arma com que pudesse afastar aquela gente, mas logo se lhe juntaram os polícias da escolta, abrindo caminho à cacetada.

Mas, nesse momento, perpassou pela assistência uma espécie de suspiro, e Sandman já não avistava ninguém se não o padre, sobre a negra plataforma do patíbulo que ocupava metade do trecho mais largo da rua.

O que significava que a porta do alçapão já fora aberta.

E os sinos da igreja do Santo Sepulcro dobravam a finados.

Venables praguejou contra o capelão e amaldiçoou o director da cadeia, mas coibiu-se bem de dirigir qualquer insulto a Jemmy Botting, porque sabia perfeitamente que estava nas mãos do carrasco o poder de apressar-lhe e suavizar-lhe o fim.

– Pára com a choradeira – recomendou a Corday.

– Não fiz nada de mal! – protestou o pintor.

– Julgas que vais ser o primeiro inocente a morrer aqui em cima? – apostrofou-o Venables. – O primeiro, ou, mesmo, o centésimo? Isto é a forca, Charlie, e a forca não sabe distinguir entre culpados e inocentes. Estás aí, Jemmy? – Com o capuz branco a tapar-lhe os olhos, Venables não pudera aperceber-se de que o carrasco deslizara para um dos cantos do estrado, a fim de soltar o manípulo de segurança. – Estás aí, Jemmy?

– Já não falta muito, rapazes, tenham paciência – sossegou-os

Jemmy, antes de sumir-se pelas escadas traseiras.

– É o Rider! – exclamou Lord Alexander, pondo-se de pé, para grande aborrecimento dos convidados sentados atrás dele. – O Rider chegou!

Entretanto, os membros da assistência começavam finalmente a aperceber-se de que algo de estranho se passava. O primeiro indício foi-lhes sugerido pela alta e estrambólica figura de Lord Alexander, erguendo-se no pavilhão e acenando freneticamente na direcção da colina de Ludgate, e depois, ao voltarem as cabeças, repararam nos polícias montados que se esforçavam por abrir caminho entre a multidão.

– Deixem-nos passar! – gritaram algumas pessoas.

– O que é que está a acontecer? – grunhiu Venables, da porta do alçapão. – O que é que se passa?

– Tenha a bondade de voltar a sentar-se, senhor – recomendou o delegado da Coroa a Lord Alexander, que ignorou por completo a recomendação.

Jemmy Botting soltou uma praga porque, ao puxar pela corda da tranca do alçapão, tão cuidadosamente ensebada, a tranca dera de si, mas não se movera.

– Raios te partam, maldita! – gritou ele para a tranca. Voltou a pegar na corda e deu-lhe um segundo puxão, tão violento que, desta feita, a tranca deslizou instantaneamente e Botting foi atirado para trás, tombando de costas e deparando-se com um quadrado de céu azul que se abria ante os seus olhos. A porta do alçapão abriu-se, e os dois corpos ficaram suspensos no vazio do poço do patíbulo. Venables dançava na corda, asfixiando aos poucos, enquanto que as pernas de Corday embatiam convulsivamente contra as pernas da cadeira.

– Magistrado! Senhor magistrado! – gritava Sandman, aproximando-se do cadafalso. – Senhor delegado da Coroa!

– Trata-se de um perdão? – urrava Lord Alexander. – É a suspensão da sentença?

– Sim!

– Kit! Ajuda-me aqui! – apelou Lord Alexander, coxeando o mais depressa que o pé boto lhe permitia para acudir a Corday, que, suspenso da corda, se contorcia e vomitava. – Ajuda-me a içálo!

– Largue o homem! – berrou o delegado da Coroa, no momento em que Lord Alexander lançava a mão à corda.

– Não interfira, excelência! – exigiu, por seu turno, o reverendo Cotton. – Não é um procedimento apropriado!

– Tire imediatamente as mãos de cima de mim, seu grande idiota! – rosnou Lord Alexander, afastando Cotton com um empurrão. Pegou na corda, puxou por ela num esforço desesperado para içar de novo Corday para o estrado, mas estava longe de possuir a força suficiente para o efeito. O saco de algodão branco que cobria a cabeça de Corday agitava-se de forma alarmante diante da sua boca.

Entretanto, Sandman conseguira desviar do caminho as poucas pessoas que ainda lhe faziam frente, e impelira o seu cavalo contra a barreira protectora. Vasculhou as algibeiras à procura do papel do perdão, por um momento de pesadelo convenceu-se de que o tinha perdido, mas lá o achou e estendeu-o na direcção do patíbulo, mas o delegado da Coroa não se dispôs a aproximar-se da cerca para recebê-lo.

– É uma revogação de sentença! – berrou Sandman.

– Kit, ajuda-me! – Apesar de estar a aplicar todas as suas débeis forças à corda de Corday, Lord Alexander não lograva fazer subir o moribundo um centímetro que fosse, e por isso apelava a Lord Christopher. – Kit! Acode-me aqui! – Porém, Lord Christopher, de olhos esgazeados por detrás das suas espessas lunetas, permaneceu imóvel.

– Que raio é que julga que está a fazer? – berrou Jemmy Cotting a Lord Alexander, dos fundos do cadafalso. Em seguida, para assegurar-se de que não falharia uma morte, trepou pelas vigas laterais até se encontrar em posição de agarrar as pernas de Corday e puxá-las para baixo – Não vais apanhá-lo! – guinchou lá de baixo para Lord Alexander. – Não vais apanhá-lo! Este homem é meu!

Pertence-me a mim e só a mim!

– Pegue nisto! – exigiu Sandman em altos berros ao delegado da Coroa, que persistia na sua recusa de inclinar-se sequer um milímetro para aceitar o papel do perdão das mãos daquele emissário. Mas, nesse preciso instante, um homem trajado de negro postou-se ao lado de Sandman.

– Entregue-mo a mim – disse o recém-chegado que, sem esperar pelo consentimento de Sandman, lhe arrancou o papel das mãos, correu para a cerca que protegia o patíbulo, e, com um salto prodigioso, catapultou-se para a beira do estrado do cadafalso. Por instantes, as suas botas pretas debateram-se entre as pregas do negro reposteiro, em busca de um apoio firme, mas o respectivo dono não tardou a conseguir segurar-se numa das bordas do quadrado deixado em aberto pelo deslizamento da porta do alçapão, içando-se em seguida para o estrado. Tratava-se do irmão de Sally, vestido de preto da cabeça aos pés e com uma fita preta a amarrar-lhe a negra cabeleira, e, de repente, a assistência irrompeu numa grande ovação, porque os frequentadores habituais do espectáculo, que o haviam reconhecido, lhe votavam uma profunda admiração. Era Jack Hood em pessoa, o moderno Robin Hood – o homem que todos os magistrados e polícias de Londres desejavam ver dançar no palco de Jemmy Botting, e que os cobria de ridículo ao comparecer regularmente nos enforcamentos de Newgate. Agora, finalmente instalado no patíbulo, atirou o perdão de Corday à cara do delegado da Coroa. – Pegue nele, diabos o levem! – gritou-lhe Hood, e o magistrado, atónito perante a desfaçatez do jovem, acabara mesmo por pegar no papel.

Hood acorreu em seguida em auxílio de Lord Alexander, juntando forças com ele para puxar pela corda; mas, entretanto, receoso de que a sua presa lhe fosse roubada no último instante, Jemmy Botting resolvera apoiar os seus próprios pés no colo de Corday, aumentando assim a pressão sobre o nó que estrangulava o pescoço da vítima.

– Este homem é meu! – urrou lá de baixo para Lord Alexander e para Hood. – É meu e só meu! – A respiração ofegante de Corday perdia-se no ruído da manhã. Hood puxava pela corda com todas as suas forças, mas não lograva vencer o peso combinado de

Corday e de Botting. – O homem é meu!

Meu, muito meu! – berrava Botting.

– O senhor aí! – Sandman dirigia-se a um dos membros da Guarda Municipal. – Ceda-me o seu sabre! Imediatamente!

O homem, perplexo, mas sobretudo intimidado pelo tom de comando de Sandman, retirou nervosamente do cinto a curta e curva lâmina, mais vocacionada para efeitos ornamentais do que propriamente para finalidades práticas. Sandman arrancou-lha das mãos, e foi imediatamente atacado por um dos vigilantes do patíbulo, convencido de que Sandman se preparava para arremeter contra o delegado da Coroa.

– Pira-te daqui, desgraçado! – invectivou-o Sandman, ao mesmo tempo que Berrigan aplicava um bom murro na careca do homem.

– Larga o sabre! – ordenou a Sandman o chefe da Guarda Municipal.

– Hood! – apelou Sandman, firmando-se sobre os estribos. – Hood! Várias mãos se ergueram numa tentativa de apeá-lo da sela, mas, entretanto, já conseguira atrair a atenção do salteador de estradas, a quem atirou o sabre. – Corta-lhe a corda, Hood! Corta-lhe a corda!

Hood apanhou habilmente o sabre lançado pelos ares. Os polícias que haviam escoltado Sandman e Berrigan desde Whitehall tratavam agora de arredar os homens da Guarda Municipal. Lord Christopher Carne, de olhos esgazeados e boca escancarada, fitava com horror Rider Sandman, que finalmente se deu conta da presença de sua senhoria.

– Senhor polícia – disse Sandman ao membro da escolta montada que se encontrava mais próximo – é aquele o homem que deve prender. Aquele ali! – reforçou, apontando para Lord Christopher, que, entretanto, voltava já as costas, numa tentativa de fuga. O óbice era que as escadas do pavilhão apenas conduziam aos subterrâneos da cadeia.

Jemmy Botting passara os braços em torno do pescoço de Corday, envolvendo-o como um amante, ao mesmo tempo que

aplicava todo o peso do seu corpo saltitante sobre o colo do enforcado.

– És meu – cantarolava –, todo meu. – Ouviu a garganta do rapaz arrepanhar-se, e, logo de seguida, o ruído da lâmina do sabre com que Jack Hood lhe serrava a corda. – Não! – uivou Botting. – Não! – Mas, a despeito de ter sido supostamente fabricada com o melhor cânhamo de Bridport, a corda cedeu como um cordel de embrulho, e, de súbito, Corday e Botting, ainda enlaçados no seu odioso abraço, precipitaram-se no fundo do alçapão, enquanto as pernas da cadeira se espatifavam contra as pedras, e a ponta solta da corda ondulava ao sabor da brisa londrina.

– Temos de cortar-lhe a corda – declarou o delegado da Coroa, após se ter por fim dignado ler o documento do perdão.

A multidão, volúvel como sempre, dava agora vivas porque a vítima que há pouco fora alvo do seu desprezo conseguira afinal levar a melhor sobre o carrasco. O homem continuaria a viver, seria libertado, voltaria a pintar.

Sandman apeou-se do cavalo e confiou as rédeas a um polícia. Outros elementos da corporação tratavam de dar uso ao escadote preparado para os elementos do público desejosos de tocar a mão de um enforcado, e que agora tentavam apoderar-se da mão de Lord Christopher Carne. Sandman viu que sua senhoria chorava, e não sentiu qualquer compaixão. Pior ainda, chegava-lhe aos ouvidos o arfar de Venables, no seu sufoco final, e avistava a corda do enforcado balouçando-se sobre a plataforma contornada por panejamentos negros. Afastou-se cabisbaixo, tentando, sem êxito, encontrar algum consolo no facto de, nessa manhã, pelo menos uma alma ter sido arrebatada à forca.

– Obrigado, sargento – disse a Berrigan.

– Portanto, está tudo acabado – ripostou Berrigan, apeando-se por seu turno do cavalo.

– Tudo acabado – assentiu Sandman.

– Rider! – chamou-o Lord Alexander, ainda de pé no patíbulo. – Rider! Sandman virou-lhe as costas.

Lord Alexander coxeava em torno do buraco aberto pela queda do alçapão.

– Rider! Não estarás disposto a jogar uma partida de um só wicket? No próximo sábado?

Atónito, Sandman fitou o amigo por instantes, mas logo desviou o olhar para Hood.

– Muito obrigado! – gritou-lhe, mas as palavras perderam-se no ulular da multidão. Sandman fez uma vénia. – Obrigado! – gritou de novo.

Hood correspondeu à vénia, mas, logo de seguida, acenou-lhe com um único dedo da mão.

– Foi só um, capitão – gritou, por seu turno –, apenas um, e eles hão-de enforcar mais um milhar antes que o senhor consiga voltar a roubar-lhes outra presa.

– Terás como adversário o Budd! – berrou Lord Alexander. – Rider, estás a ouvir-me? Rider! Onde é que vais?

Sandman voltara-lhe outra vez as costas, passando agora um braço sobre os ombros de Berrigan.

– Se quiseres tomar o pequeno-almoço no sheaf – explicou ao sargento –, mais vale apressares-te, antes que a multidão invada a sala de refeições. E transmite a Sally os meus agradecimentos, está bem? Sem ela, não teríamos conseguido.

– Quanto a isso, não me restam dúvidas – concordou Berrigan. – E o senhor? Para onde vai agora?

Arrastando o tornozelo magoado, Sandman afastou-se da forca, ignorado pela multidão que agora reclamava a comparência de Corday, o seu novo herói, no alto do cadafalso.

– Eu, Sam? – replicou Sandman. – Vou ter com um sujeito para negociar um financiamento, a fim de que tu e eu possamos ir a Espanha comprar alguns charutos.

– Tenciona ir pedir um empréstimo com as botas nesse estado? – ironizou Berrigan.

Abaixando-se para examinar as botas, Sandman pôde

comprovar que ambas tinham as solas soltas.

– Vou pedir a esse homem um empréstimo – declarou –, e também a mão da sua filha em casamento, e aposto consigo o preço de um par de botas novas em que ele acederá a ambos os pedidos. O cavalheiro em causa não vai arranjar um genro rico, Sam, terá mesmo de contentar-se comigo.

– Sorte a dele.

– Sorte a sua, Berrigan – lembrou-lhe Sandman –, sua e de Sally. – Sorria ao descer o caminho do Old Bailey, lado a lado com Berrigan. Deixavam para trás Venables, que sufocava lentamente enquanto que, sobre a sua cabeça, Corday pestanejava à luz do sol de um novo dia. Chegado ao cruzamento de Ludgate Hill, Sandman voltou-se uma última vez para contemplar a forca, que lhe pareceu tão negra como a alma do diabo. Mas depois virou a esquina, e tudo desapareceu.

NOTA HISTÓRICA

AO ESCREVER ESTE ROMANCE, procurei respeitar, tanto quanto foi possível, a verdade histórica. Existiu de facto, a dada altura, um Investigador especial, encarregado de averiguar as circunstâncias que envolviam determinados casos de condenação à pena capital, e quem o destacou para essa função foi o homem que, em 1817, ocupava o cargo de ministro do Interior: Henry Addington, primeiro visconde de Sidmouth.

Esta nomeação coincidiu com um dos períodos de maior azáfama para as forcas de Inglaterra e do País de Gales (então, como agora, a legislação escocesa era diferente). O chamado "código sangrento" inspirou-se na convicção de que formas de punição extremas e brutais contribuiriam para desencorajar a criminalidade, de modo que, por volta de 1820, a lei contemplava com a pena de morte mais de duzentas espécies de delitos. Embora a lista fosse maioritariamente composta por atentados contra o património (roubo, fogo posto e burla), incluía também o homicídio, a tentativa de homicídio e a violação entre os crimes puníveis pela forca – tal como, aliás, a sodomia (no período compreendido entre 1805 e 1832, em Inglaterra e no País de Gales, 102 pessoas foram executadas pelo crime de violação e 50 por sodomia). Mas o assalto à mão armada permanecia como a principal causa de enforcamento (938 casos nesse mesmo período), com o assassínio a figurar em segundo lugar (395 casos). No conjunto, de 1805 a 1832, 2028 pessoas foram enforcadas nos patíbulos de Inglaterra e do País de Gales, incluindo mulheres e pelo menos uma criança de quatorze anos de idade. Isto corresponde a uma média anual de cerca de 75 execuções, um quinto das quais levadas a cabo em Newgate, e as restantes em Horsemonger Lane ou em condados providos de tribunais de primeira instância. Mas a média estatística oculta o facto de, em certos anos, a forca ter estado particularmente activa: entre 1816 e 1820, o período mais intenso, o ritmo ascendeu a cem execuções anuais. No entanto – e este ponto é crucial – apenas cerca de dez por cento das pessoas condenadas à forca pelo poder judicial morreram no cadafalso; a grande maioria viu a sua sentença comutada, quase sempre para

uma pena de deportação para a Austrália. Assim, as 5853 condenações à morte, decretadas pelos tribunais ingleses e galeses entre 1816 e 1820, resultaram em apenas 518 enforcamentos.

Como se justifica esta colossal discrepância? Por um sentimento de compaixão? Mas a compaixão não estava na moda na altura, pelo contrário, e os arquivos da época denunciam um perverso controlo social levado a cabo pelas classes dirigentes. Os amigos e parentes de uma pessoa condenada à morte dirigiam, quase invariavelmente, uma petição de clemência à coroa (ou seja, na prática, ao ministro do Interior), esforçando-se ao máximo por incluir entre os signatários destacados membros da sociedade, como aristocratas, políticos e figuras proeminentes do clero, uma vez que uma petição assinada por tais nomes tinha muito maiores hipóteses de ser atendida. E assim se formavam laços de gratidão subserviente. Embora esta prática nunca fosse claramente assumida, a sequência do processo de condenação-petição-perdão encontrava-se de tal forma enraizada nos hábitos e, por assim dizer, institucionalizada, que não pode haver outra explicação para a referida discrepância entre o número de condenados e número de execuções.

Mas os muitos infelizes cujas petições eram rejeitadas, ou que não logravam sequer apresentar uma petição, viam a sua morte transformada num espectáculo grotesco. Em Londres, as execuções costumavam ter lugar na famosa forca de Tyburn, conhecida pela "árvore de três ramos", instalada no sítio onde fica hoje Marble Arch, até que, em finais do século xviii, o patíbulo foi transferido para Old Bailey. No primeiro e último capítulos do presente livro, esforcei-me por reconstituir, com a maior exactidão possível, passados que são duzentos anos, o cenário dos enforcamentos em Newgate, com todos passos e particularidades do processo, recorrendo, para tal, a nomes verdadeiros de intervenientes que nele realmente participaram: é o caso do director da prisão de Newgate, William Brown (que na verdade servia "rins à diabo" aos seus convidados para assistir à execução), do capelão Horace Cotton e do carrasco James ("Jemmy") Botting, que, em 1817, requisitou um ajudante. Charles Corday é, obviamente, uma personagem de ficção, mas, caso tivesse existido, seria bem possível que conseguisse sobreviver ao enforcamento.

Aconteceu a muitos, geralmente por lhes cortarem a corda antes de tempo; só muito depois daquela data se viria a adoptar o método da "queda livre", que garantia uma morte praticamente instantânea. Quero aqui expressar a minha dívida de gratidão para com Donald Rumbelow, autor de, entre muitas outras obras excelentes, Tlie Triple Tree, pelo seu contributo para me ajudar a destrinçar os confusos pormenores do funcionamento de Newgate na época da Regência. Apresento também os mais sinceros agradecimentos a Elizabeth Cartmale-Freedman, que me auxiliou na pesquisa, bem como a James Hardy Vaux, um homem que aproveitou o seu involuntário exílio na Austrália para compilar e publicar, em 1812, o seu Vocabulary of the Flash Languecige (dicionário de calão).

A ideia de escrever "A Pena Capital" (The Gallows Thief) foi-me inspirada pela leitura de um livro da autoria de V.A.C. Gatrell, The Hanging Tree (Oxford,

1994). Trata-se de um relato erudito e académico das práticas de execução em Inglaterra e no País de Gales no período compreendido entre 1770 e 1868, em que porém o autor deixa transparecer, numa linguagem elegante e contida, a sua profunda indignação contra a pena capital. A própria capa do livro, baseada num desenho de Gericault representando uma cena de enforcamento público em Inglaterra, constitui um libelo impressionante contra a barbaridade daquela forma de punição. Registo aqui a minha profunda gratidão para com o Professor Gatrell, ressalvando contudo que a responsabilidade de quaisquer erros eventualmente contidos no presente livro não lhe deve ser imputada a ele nem a qualquer outra fonte, mas sim, e exclusivamente, ao autor.



JÚLIO CESAR

facebook

https://www.facebook.com/juliocwmaciel

juliocwmaciel@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho dispónivel)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -